

1

2

3

4

5

6

7

8

9

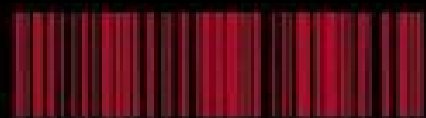
10

11

12

HÁ 5 ANOS, EU MORRI.

178 MINUTOS DEPOIS, ACORDEI.



REBOOT

AMY TINTERA



Galera

AMY TINTERA

# REBOOT

Tradução de  
FABIANA COLASANTI

1ª edição

— **Galera** —

Rio de Janeiro | 2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

T497r

Tintera, Amy

Reboot [recurso eletrônico] / Amy Tintera ; tradução Fabiana Colasanti. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2015.

recurso digital

Tradução de: Reboot

Formato: ePUB

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-10389-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Colasanti, Fabiana. II. Título.

15-19820

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:

REBOOT

Copyright © 2013 by Amy Tintera

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Adaptação de capa por Renata Vidal.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,  
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

---

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10389-5

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002.

*Para minha irmã, Laura.*

# UM

Eles sempre gritavam

Meu alvo gemeu enquanto escorregava na lama, virando a cabeça para ver se eu a estava alcançando.

Eu estava.

Seus pés bateram no piso, e ela partiu em disparada. Meus pés roçaram o chão na perseguição, minhas pernas curtas vencendo sua tentativa desesperada de correr.

Puxei seu braço. Ela caiu no chão. O som que escapou de sua boca era mais animal do que humano, enquanto ela tentava desesperadamente se levantar.

Eu odiava aqueles gritos.

Puxei dois pares de algemas do meu cinto e os coloquei em seus pulsos e pés.

— Não, não, não, não — implorou ela, ao mesmo tempo que eu prendia a correia às algemas. — Não fui eu.

Enrolei a correia na minha mão e ignorei os protestos dela; coloquei-a de pé e arrastei-a pela rua, passando pelos barracos de madeira caindo aos pedaços.

— Não fui eu! Eu não matei ninguém!

Seus movimentos se tornaram selvagens, quase convulsivos, e eu me virei para encará-la.

— Ainda há algo de humano em você, não é? — perguntou ela, esticando o pescoço para ver o número acima do código de barras no meu pulso.

Ela congelou. Seus olhos correram do 178 impresso na minha pele para o meu rosto, e ela soltou outro guincho.

Não. Não havia mais nada de humano em mim.

Os gritos continuavam enquanto eu a guiava até a aeronave e a jogava lá dentro com os outros membros de sua gangue. As barras de metal se fecharam com estrondo assim que eu me afastei, mas ela não tentou fugir. Mergulhou entre dois humanos ensanguentados no fundo.

Longe de mim.

Eu me virei, os olhos percorrendo a favela. A estrada de terra deserta se estendia diante de mim com barracos mal construídos. Um deles estava tão torto para a esquerda que pensei que poderia tombar ao menor sopro de vento.

— Wren 178 — falei, ajustando a câmera do capacete para apontar direto para a frente. — Alvo preso.

— Dê assistência a Tom 45 — ordenou uma voz do outro lado do comunicador. — Em perseguição na Rua Dallas, esquina com a Main Street.

Saí pela estrada de terra e entrei em um beco; o fedor de lixo podre pairando no ar úmido estava tão espesso que eu queria afastá-lo do meu rosto a pauladas. Respirei fundo e segurei o ar nos meus pulmões, tentando bloquear o cheiro da favela.

O 45 passou zunindo pelo beco na rua pavimentada à minha frente, suas calças pretas rasgadas batendo nas pernas magras. Ele deixou um rastro líquido que eu presumi ser sangue.

Disparei pela rua e passei correndo por ele; o som das minhas botas fez o humano à nossa frente se virar. Ele não gritou.

Ainda.

Tropeçou no piso irregular, e uma faca caiu de sua mão e escorregou pelo asfalto. Eu estava perto o bastante para ouvir o pavor em sua respiração quando ele se jogou para pegá-la. Estiquei o braço para alcançá-lo, mas ele ficou de pé em um pulo, virando-se e cortando minha barriga com a lâmina.

Pulei para trás com o sangue escorrendo do meu corpo. Os lábios do humano se contorceram em um sorriso, como se ele tivesse saído vitorioso.

Resisti ao impulso de revirar os olhos.

Tom 45 se jogou em cima do humano parrudo, levando os dois ao chão. Eu não havia treinado o 45, e isso era óbvio. Descuidado e impulsivo, ele era apenas um pouco mais rápido do que o humano.

Antes que eu pudesse interceder, o Parrudo agarrou o pescoço do 45, tirou o capacete dele com um tapa e enfiou a faca na testa do garoto. Eu me retraí quando o 45 murmurou, seus olhos dourados e brilhantes ficando vazios enquanto ele caía no chão.

O humano levantou-se rapidamente, dando pulos e gritos de comemoração.

— É! Mostre do que é capaz, lourinha.

Ajustei meu comunicador, ignorando a tentativa irritante do humano de que eu mordesse a isca.

— Wren 178. O 45 foi pego.

O sorriso do Parrudo sumiu do rosto ao ouvir meu número.

— Continue. — A voz que vinha do comunicador era inexpressiva, desinteressada.

Encarei o Parrudo. Eu queria que ele corresse, queria chutar suas pernas e esfregar na poeira aquele olhar triunfante.

Dei uma olhada rápida no 45.

Eu queria que doesse.

O Parrudo girou e correu, impulsionando os braços flácidos o mais rápido que conseguia. Contive um sorriso enquanto o observava ir. Deixaria que ele tivesse uma pequena vantagem.

A caçada era a minha parte favorita.

Pulei por cima do corpo do 45, e o humano olhava para trás conforme eu me aproximava. Agarrei sua camisa, e ele tropeçou com um gemido, seu rosto batendo no chão. Arranhou desesperadamente o cascalho, mas era tarde demais. Enfiei o pé nas costas dele e puxei as algemas. Prendi-o pelos tornozelos.

Ele gritou, é claro.

— Wren 178. O alvo do 45 foi pego.

— Apresente-se na aeronave — disse a voz no meu ouvido.

Enrolei uma correia nos pulsos do Parrudo, apertando-a até ele gemer de dor, e o arrastei até o corpo de Tom 45. Ele era um garoto, tinha uns 14 anos, recém-saído do treinamento. Evitei seus olhos vazios ao passar a correia nos pulsos dele.

Arrastei os dois pelos tristes barracos da favela e de volta para a aeronave. O sangue coagulava na minha barriga à medida que meu ferimento cicatrizava. Joguei o Parrudo na caixa preta com os outros humanos, que se encolheram só de olhar para mim.

Dirigi-me a outra aeronave, parando para tirar a faca da cabeça de Tom 45. A porta se abriu, e os Reboots me fitaram de seus assentos por um instante para logo desviar o olhar para o 45.

Afastei a voz que me perturbava dizendo que eu deveria ter sido capaz de salvá-lo e coloquei-o cuidadosamente no chão. Dei uma olhada rápida na aeronave e encontrei minha mais nova estagiária, Marie 135, afivelada ao assento. Eu a examinei, procurando sinais de lesões, mas não vi nenhuma. Ela havia sobrevivido à sua primeira missão solo. Não que eu esperasse outra coisa.

Seus olhos foram de mim para o 45 e de volta para mim. Ela havia ficado calada durante a maior parte do treinamento, portanto, eu não a conhecia mais do que em seu primeiro dia como novata, mas achei que a expressão em seu rosto era de gratidão. Meus alunos tinham a melhor taxa de sobrevivência.

Entreguei a faca para o oficial da aeronave, que me lançou um olhar solidário. Leb era o único oficial que eu conseguia tolerar. O único humano que eu conseguia tolerar, na verdade.



Tomei um dos pequenos assentos enfileirados da nave preta e sem janelas, puxando o cinto de segurança para baixo do peito ao me recostar. Olhei de soslaio para os outros Reboots, mas todos fitavam o 45 com tristeza. Uma até enxugou lágrimas do rosto, espalhando sangue e terra pela bochecha.

Os números mais baixos quase sempre choravam. O 45 provavelmente teria chorado. Ele só ficou morto por 45 minutos antes de ressuscitar. Quanto menos tempo se ficasse morto antes de voltar como um Reboot, mais humanidade ficava retida.

Eu fiquei morta por 178 minutos.

Não chorei.

Leb andou até a frente da aeronave e agarrou a beira da porta aberta enquanto olhava para dentro.

— Pronto — disse para o piloto.

Ele puxou a porta para fechá-la, e ouvi o trinco entrando no lugar. Nós decolamos quando Leb se acomodou no assento.

Fechei os olhos até sentir a aeronave aterrissar com um solavanco. Os Reboots se enfileiraram silenciosamente para subir no terraço, e resisti ao impulso de olhar mais uma vez para o 45 quando entrei no fim da fila.

Eu me juntei a eles e tirei minha blusa preta de mangas compridas, revelando uma camiseta branca fina. O ar frio me fez cócegas quando joguei a blusa por cima do ombro, abri as pernas e estendi os braços como se fosse voar.

Vi um Reboot voar uma vez. Ele pulou do alto de um prédio de 15 andares com os braços abertos, bateu no chão e tentou arrastar o corpo quebrado para a liberdade. Avançou talvez meio metro antes de lhe meterem um tiro na cabeça.

Um guarda, um humano que cheirava a suor e fumaça, me revistou rapidamente. Ele mal conseguia disfarçar a careta, e eu me virei para olhar os prédios atarracados da favela. Os guardas odiavam tocar em mim. Acho que tiravam na sorte.

Ele balançou a cabeça em direção à porta, enxugando as mãos nas calças como se pudesse lavar a morte.

Não podia. Eu tentei.

Um guarda segurou a porta aberta para mim, e entrei. Os andares mais altos da instalação eram ocupados por escritórios, e eu descí vários lances de escadas no escuro até chegar ao oitavo andar: o alojamento dos Reboots. Os dois andares inferiores também podiam ser acessados regularmente, mas os abaixo destes eram em sua maioria laboratórios de pesquisa médica que eu quase não visitava. Eles gostavam de nos examinar de vez em quando, mas usavam o espaço principalmente para estudar doenças humanas. Reboots não ficam doentes.

Mostrei meu código de barras para o guarda na porta. Ele o escaneou e assentiu. Minhas botas faziam pouco barulho no chão de concreto enquanto eu passava pelo corredor. Todas as garotas na minha ala estavam dormindo ou fingindo dormir. Eu podia ver dentro dos quartos através das paredes de vidro. Privacidade era um direito dos humanos, não dos Reboots. Duas garotas por quarto, uma em cada cama encostada na parede. Havia uma cômoda na beira das camas e um guarda-roupa comum no fundo do quarto. Era isso o que nós chamávamos de lar.

Parei na frente do meu alojamento e esperei que o guarda desse a ordem a alguém no andar de cima para abrir a porta. Só os humanos podiam abrir as portas depois que eram trancadas à noite.

A porta deslizou para o lado, e Ever rolou na cama quando entrei. Ela não vinha dormindo muito nas últimas semanas. Parecia estar sempre acordada quando eu voltava depois de uma tarefa.

Seus olhos grandes e verdes de Reboot brilharam na escuridão, e ela ergueu as sobrancelhas, perguntando baixinho como fora a missão. Falar depois do toque de recolher era proibido.

Ergui quatro dedos de uma das mãos e cinco da outra, e ela soltou um pequeno suspiro. Seu rosto se fechou com uma emoção que eu não conseguia mais provocar em mim mesma, e me virei de costas para afrouxar a correia do capacete. Coloquei-o em cima da cômoda com minha câmera e meu comunicador e me despi. Vesti depressa um moletom — eu estava com frio, sempre com frio — e fui para minha cama minúscula.

O lindo rosto da Ever 56 ainda estava contorcido de tristeza, e eu rolei para ficar de frente para a parede, desconfortável. Éramos colegas de quarto havia quatro anos, desde que tínhamos 13, mas nunca me acostumei com a forma como as emoções humanas transbordavam dela.

Fechei os olhos, mas os gritos humanos pulsavam na minha cabeça.

Eu odiava os gritos. Os gritos deles eram os meus. A primeira coisa que me lembrei depois de acordar como um Reboot foi do berro estridente e perturbador zumbindo nos meus ouvidos. *Quem é o idiota que está fazendo esse barulho?*, eu havia pensado.

Era eu. Eu, berrando como um viciado em crack que não se drogava havia dois dias.

Um tanto constrangedor. Sempre me orgulhei de ser aquela que resiste calada a todas as situações. A que agia calmamente cada vez que os adultos surtavam.

Mas, aos 12 anos, quando acordei na Sala dos Mortos do hospital, 178 minutos depois de levar três tiros no peito, eu gritei.

Gritei quando eles me marcaram no pulso com meu código de barras, meu número e meu nome humano, Wren Connolly. Gritei enquanto me trancavam em uma cela, me escoltaram até

a aeronave e me colocavam na fila com as outras crianças recém-renascidas. Gritei até chegar às instalações da Corporação de Repovoamento e Avanço Humano, ou CRAH. Lá, eles me disseram que gritar significava morte. Agir como se eu ainda fosse uma criança humana significava morte. Desobedecer a ordens significava a morte.

E então eu fiquei em silêncio.

# DOIS

— Você acha que vai ter algum gostoso desta vez? — perguntou Ever enquanto eu alisava minha blusa preta para baixo.

— Você não achava o 72 gostoso? — perguntei, me virando para lançar a ela um olhar divertido. Ela gostava quando eu parecia estar me divertindo.

— Ele é meio babaca — disse ela.

— Concordo.

— Parece que estamos na maior seca.

Amarrei as botas, sentindo uma alegria genuína pulsando dentro de mim. Novos Reboots chegavam a cada seis semanas aproximadamente, um momento que muitos viam como uma oportunidade de renovar as opções de pretendentes.

Não tínhamos permissão para namorar, mas o chip contraceptivo que injetavam no braço das mulheres logo no primeiro dia sugeria que eles sabiam que havia chances de essa regra ser quebrada.

Para mim, novos Reboots significavam apenas um novo ciclo de treinamento. Eu não namorava.

O trinco da porta do nosso quarto fez um clique, como em todas as manhãs às sete horas, e a porta transparente deslizou.

Ever saiu, dando um nó no cabelo longo e castanho enquanto aguardava. Ela quase sempre me esperava para irmos juntas para o refeitório. Eu achava que era uma coisa de amigas. Outras garotas faziam o mesmo, então continuei com isso.

Juntei-me a ela no corredor, e uma humana pálida parada ali se encolheu ao me ver. Ela puxou a pilha de roupas que carregava mais para perto do peito, esperando que fôssemos embora para arrumar nosso quarto. Nenhum humano que trabalhava na CRAH queria entrar em um espaço pequeno e fechado comigo.

Ever e eu descemos o corredor, olhando para a frente. Os humanos haviam construído paredes de vidro para ver todos os nossos movimentos. Já os Reboots tentavam dar uns aos outros um pouco de privacidade. Os corredores ficavam silenciosos pela manhã — talvez os únicos sons fossem burburinhos ocasionais e o zumbido do ar-condicionado.

O refeitório ficava no andar de baixo, atrás de grandes portas vermelhas que advertiam sobre os perigos ali de dentro. Entramos na sala, que era ofuscante de tão branca, a não ser pelo vidro transparente na parte superior de uma das paredes. Oficiais da corporação estavam posicionados no outro lado, atrás das armas apoiadas no vidro.

A maioria dos Reboots já estava lá, centenas deles sentados em banquinhos redondos de plástico ao longo das mesas compridas. As fileiras de olhos que saltavam brilhantes da pele clara pareciam um fio de lâmpadas contornando as mesas. O cheiro de morte pairava no ar, fazendo com que a maioria dos humanos que entrava torcesse o nariz. Eu quase nem percebia mais.

Ever e eu não comíamos juntas. Depois de pegar a comida, ela ia com sua bandeja para a mesa dos -60, e eu me sentava à mesa dos +120. O único que chegava perto do meu número era Hugo, com 150.

Marie 135 balançou a cabeça para mim quando me sentei, assim como alguns outros, mas Reboots com mais de 120 minutos de morte não eram famosos por suas habilidades sociais. Raramente havia conversas. O restante da sala era barulhento, contudo; as conversas dos Reboots enchiam o refeitório.

Enquanto eu mordia um pedaço de bacon, as portas vermelhas abriram e um guarda entrou marchando, seguido pelos novatos. Contei 14. Ouvi rumores de que os humanos estavam trabalhando em uma vacina para evitar a reinicialização. Parecia que ainda não haviam obtido êxito.

Não havia adultos entre eles. Reboots com mais de 20 anos eram mortos assim que reinicializavam. *Se* reinicializassem. Era bem raro.

“Eles têm problemas”, dissera uma professora uma vez quando perguntei por que matavam os adultos. “Os garotos não estão mais lá por completo, mas os adultos... Eles têm problemas.”

Mesmo de longe, eu podia ver que alguns novatos tremiam. Havia desde crianças de 11 e 12 anos, até adolescentes mais velhos; no entanto, o terror que irradiava deles era o mesmo. Devia fazer menos de um mês desde que reinicializaram, e a maioria levava muito mais tempo para aceitar o que lhes acontecera. Eles eram deixados em uma ala no hospital de suas cidades natais durante algumas semanas para se adaptarem até a CRAH lhes designar uma cidade. Continuávamos a envelhecer como humanos normais, portanto, Reboots com menos de 11 anos

eram mantidos nas alas até alcançarem idade útil.

Eu fiquei apenas alguns dias na carceragem, mas foi uma das piores partes da reinicialização. O prédio em que éramos mantidos não era ruim, era basicamente uma versão menor de onde eu morava. No entanto, o pânico era constante, avassalador. Todos sabíamos que, se morrêssemos, haveria uma boa possibilidade de reinicializarmos (era quase certo nas favelas), mas a realidade ainda era aterrorizante. Pelo menos no início. Depois que o choque passou e eu concluí o treinamento, percebi que estava muito melhor como Reboot do que jamais estivera como humana.

A reinicialização em si era apenas uma reação diferente ao vírus KDH. O KDH matava a maioria das pessoas, mas em outras — os jovens, os fortes — funcionava de forma diferente. Mesmo os que morriam por causas diversas podiam reinicializar, se houvessem contraído o vírus alguma vez na vida. Ele reinicializava o corpo após a morte, trazendo-o de volta mais forte, mais poderoso.

Mas também mais frio, sem emoção. Uma cópia maligna do que costumávamos ser, diziam os humanos. Muitos preferiam morrer completamente a ser um dos “sortudos” que reinicializavam.

Os guardas mandaram os novatos se sentar. Todos fizeram isso rapidamente, já informados de que, se não obedecessem às ordens, levariam uma bala no cérebro.

Os guardas saíram, apressados, batendo as portas. Nem os mais durões gostavam de ficar na presença de tantos Reboots de uma vez.

As risadas e as brigas começaram de imediato, mas voltei minha atenção para o café da manhã. O único novato que me interessava era meu próximo aluno, mas só seríamos divididos em pares no dia seguinte. Os Noventa gostavam de dar trote neles. Considerando a velocidade com que nos curávamos, eu não via problema em pegar um pouco pesado com os novatos. Era melhor começar a endurecê-los logo de início.

Os 90 estavam mais turbulentos do que o normal. Enfiei o último pedaço de bacon na boca enquanto a gritaria chegava a um nível irritante. Larguei minha bandeja em cima da lata de lixo e me dirigi para a saída.

Um borrão de cor varreu o chão branco, parando aos meus pés com um guincho. Era um novato, jogado pelo ladrilho escorregadio como um brinquedo. Por pouco não pisei em sua mão com a bota.

Sangue escorria do nariz, e um hematoma havia se formado embaixo de um dos olhos. Suas pernas compridas e esguias estavam abertas no chão, a camiseta branca fina colada na silhueta de um ex-humano subnutrido.

Seu cabelo preto cortado rente combinava com os olhos, tão escuros que eu não discernia

as pupilas. Talvez fossem castanhos. Olhos castanhos normalmente adquiriam uma espécie de brilho dourado após a morte, mas eu gostava da negritude dele. Era um contraste gritante com o branco do refeitório, com o brilho dos olhos dos outros Reboots.

Ninguém se aproximou dele uma vez que ele entrou no meu espaço, mas gritaram “22!” e riram.

Vinte e dois? Não podia ser o número dele. Eu não via ninguém abaixo de quarenta havia alguns anos. Bem, houve uma 37 ano passado, mas ela morreu em um mês.

Cutuquei o braço dele com a bota para ver seu código de barras. Callum Reyes. Vinte e dois.

Ergui as sobrancelhas. Ele só ficou morto por 22 minutos antes de reinicializar. Era praticamente um humano. Meus olhos voltaram para o rosto dele e notaram um sorriso se formando nos lábios. Por que estava sorrindo? Não parecia uma boa hora para sorrir.

— Oi — falou, apoiando-se nos cotovelos. — Parece que me chamam de 22.

— É o seu número — respondi.

Ele deu um sorriso mais largo. Eu queria lhe dizer para parar de fazer aquilo.

— Eu sei. E o seu?

Puxei a manga e virei o braço para mostrar o *178*. Os olhos dele se arregalaram, e eu senti uma onda de satisfação quando seu sorriso fraquejou.

— Você é a 178? — perguntou ele, levantando-se em um pulo.

Até os humanos já tinham ouvido falar de mim.

— Sou.

— Sério? — Seus olhos passearam por mim rapidamente. O sorriso havia voltado.

Franzi o cenho diante da dúvida, e ele riu.

— Desculpe. Achei que você seria... Sei lá... Maior?

— Não posso controlar minha altura — respondi, tentando crescer uns três ou quatro centímetros.

Não que isso ajudasse. Ele era muito mais alto, e eu tinha que levantar o queixo para fitá-lo nos olhos.

Ele riu, apesar de eu não fazer ideia do quê. Minha altura era engraçada? A risada dele era alta, genuína, e ecoava pelo refeitório então silencioso. Aquela risada não pertencia àquele lugar. Ele não pertencia àquele lugar, com os lábios cheios se curvando para cima de tanta felicidade.

Dei um passo para o lado para ir embora, mas ele agarrou meu pulso. Alguns Reboots arfaram. Ninguém tocava em mim. Eles nem se aproximavam, exceto Ever.

— Não vi seu nome — disse ele, virando meu braço para ver e ignorando o fato de que

isso era algo estranho de se fazer. — Wren — leu e me soltou. — Eu sou Callum. É um prazer conhecê-la.

Franzi o cenho para ele por cima do ombro enquanto me dirigia para a porta. Não sabia como era conhecê-lo, mas prazer não era uma palavra que eu teria escolhido.

O dia dos novatos era o meu preferido. Mais tarde, naquela manhã, quando fui ao ginásio com os outros treinadores, o entusiasmo inflava meu peito. Eu quase sorri.

Quase.

Os novatos estavam sentados no chão brilhante de madeira no centro do grande aposento, ao lado de vários colchonetes pretos. Eles viraram de costas para o instrutor para olhar para nós, os rostos congelados de medo. Parecia que ninguém tinha vomitado ainda.

— Não olhem para eles — rosnou Manny 119.

Ele era responsável pelas disputas dos novatos em seus primeiros dias na corporação. Fazia isso desde antes de eu chegar, e eu achava que ele era assim porque se ressentia de ter perdido por um minuto a oportunidade de ser treinador.

Todos os novatos concentraram sua atenção em Manny, a não ser o 22, que me dirigiu aquele sorriso estranho antes de se virar.

A equipe médica da CRAH estava enfileirada na parede atrás de Manny, segurando suas pranchetas e um equipamento tecnológico que eu não conhecia. Havia quatro deles naquele dia, três homens e uma mulher, todos vestindo jalecos brancos, como de costume. Os médicos e cientistas sempre apareciam para observar os novatos. Mais tarde, levariam todos para um dos andares médicos abaixo para serem cutucados e examinados.

— Bem-vindos à Rosa — falou Manny, os braços cruzados e as sobrancelhas franzidas, como se estivesse tentando ser assustador. Não me enganava. Nem naquele momento nem quando eu tinha 12 anos e era uma novata. — Vocês serão escolhidos pelos treinadores amanhã. Hoje eles vão observá-los — continuou. Sua voz ecoou pelo ginásio. Era um aposento enorme e vazio, com paredes brancas encardidas que haviam sido manchadas de sangue muitas vezes.

Manny começou a listar os números, apontando-os para que nós pudéssemos identificá-los. O mais alto era o 121, um adolescente mais velho e musculoso que provavelmente parecia intimidador mesmo quando humano.

A CRAH cobijava os números altos. Eu, acima de todos. Meu corpo teve mais tempo do que a maioria para se adaptar à mudança, por isso eu me regenerava e me curava mais rápido do que qualquer um no complexo. A reinicialização só ocorria depois que todas as funções corporais cessavam. O cérebro, o coração, os pulmões, tudo tinha que parar antes de o



processo começar. Eu já tinha ouvido se referirem ao tempo de morte como um “descanso”, um período em que o corpo se reagrupa, se refresca e se prepara para o que vem a seguir. Quanto maior o descanso, melhor a reinicialização.

Naquele dia não era diferente. Manny formou duplas de novatos e ordenou que brigassem, dando-lhes uma chance de nos impressionar. O 121 entrou em combate rapidamente e deixou o parceiro todo ensanguentado em minutos.

Callum 22 passou mais tempo no chão do que de pé na frente de seu adversário mais baixo e mais jovem. Ele era desajeitado e seus membros compridos iam para todos os lados, menos para onde ele queria. Movia-se como um humano — como se nunca tivesse reinicializado. Os números mais baixos não se curavam tão depressa e eram muito influenciados pela emoção humana remanescente.

Quando os humanos começaram a se levantar da morte, eles foram chamados de “milagre”. Os Reboots eram a cura para o vírus que dizimara grande parte da população. Eram mais fortes e mais velozes e quase invencíveis.

Então, quando ficou claro que um Reboot não era o humano que haviam conhecido, mas sim uma espécie de cópia fria, alterada, eles nos chamaram de monstros. Os humanos expulsaram os Reboots, baniram-nos de suas casas e acabaram chegando à conclusão de que a única coisa a se fazer era executar cada um deles.

Os Reboots resistiram, mas estavam em número menor e perderam a guerra. Então nos tornamos escravos. O projeto Reboot começara havia quase vinte anos, alguns anos depois do fim da guerra, quando a CRAH percebeu que nos colocar para trabalhar era muito mais útil do que simplesmente executar cada humano que revivia. Nós não ficamos doentes. Podemos sobreviver com menos comida e água do que um humano. Temos mais tolerância à dor. Podemos ser monstros, mas ainda somos mais fortes, mais rápidos e muito mais úteis do que qualquer exército humano. Bem, pelo menos a maioria. Os números mais baixos tinham mais chances de morrer em campo, tornando o treinamento deles uma perda do meu tempo. Eu sempre escolhia o mais alto.

— Dou seis meses para o 22 — disse Ross 149 ao meu lado.

Ele raramente dizia alguma coisa, mas eu tinha a sensação de que gostava de treinar tanto quanto eu. Era emocionante a possibilidade de moldar um Reboot assustado e inútil em algo muito melhor.

— Três — rebateu Hugo.

— Maravilhoso — murmurou Lissy, baixinho. Com 124, ela era o número mais baixo entre os treinadores e, portanto, escolhia o novato por último. O 22 ia ser problema dela.

— Talvez, se você os treinasse melhor, todos os seus novatos não tivessem as cabeças

decepidas — disse Hugo.

Ele fora meu aluno havia dois anos e estava terminando seu primeiro ano como treinador. Ele já tinha um histórico excelente em manter seus novatos vivos.

— Só um teve a cabeça decepada — respondeu Lissy, apertando as mãos contra os cachos rebeldes que pulavam de sua cabeça.

— Os outros levaram tiros — falei. — E o 45 levou uma facada na cabeça.

— O 45 era incorrigível — cuspiu Lissy. Ela ficou olhando fixamente para o chão, provavelmente por não ter coragem de se virar para me encarar.

— Cento e setenta e oito! — gritou Manny, fazendo um gesto para eu me aproximar.

Atravessei o ginásio até o meio do círculo que os novatos haviam formado no chão. A maioria evitou contato visual.

— Voluntários? — perguntou Manny a eles.

A mão do 22 levantou. O único. Duvido que ele tivesse se oferecido como voluntário se soubesse o que ia acontecer.

— De pé — disse Manny.

Ele se levantou, com um sorriso ignorante colado no rosto.

— Seus ossos quebrados vão levar de cinco a dez minutos para se recuperar, dependendo do seu tempo pessoal — falou Manny. Ele balançou a cabeça para mim.

Peguei o braço dele, torci para trás das costas e o quebrei com um golpe ágil. Ele soltou um grito e sacudiu o braço para longe, aninhando-o no peito. Os olhos dos novatos estavam arregalados, me observando com uma mistura de horror e fascínio.

— Tente dar um soco — ordenou Manny.

O 22 olhou para ele, a dor gravada por todo o seu rosto.

— O quê?

— Dê um soco nela — repetiu Manny.

O 22 deu um passo hesitante na minha direção. Ele desferiu um golpe sem força, e eu me inclinei para trás, desviando. Ele se dobrou de dor, um gemido discreto escapando de sua garganta.

— Vocês não são invencíveis — disse Manny. — Não importa o que ouvirem quando eram humanos. Vocês sentem dor; podem se machucar. E, em campo, cinco a dez minutos é tempo demais para ficar incapacitado. — Ele fez um gesto para os outros treinadores, e os rostos dos novatos ficaram lívidos quando perceberam o que ia acontecer.

Os estalidos reverberaram pelo ginásio conforme os treinadores quebravam os braços deles.

Nunca gostei muito desse exercício. Gritos demais.

O objetivo era aprender a afastar a dor e lutar com ela. Cada osso quebrado doía tanto quanto o último; a diferença era como um Reboot aprendia a lidar com isso. Um humano se deitaria no chão, soluçando. Um Reboot não dava atenção à dor.

Olhei para o 22, que havia desabado no chão, o rosto franzido de dor. Ele ergueu os olhos para mim e achei que fosse gritar. Eles normalmente gritavam comigo depois que eu quebrava seus braços.

— Você não vai quebrar o resto, vai? — perguntou ele.

— Não. Não agora.

— Ah, mais tarde, então? Ótimo. Vou esperar ansiosamente. — Ele se retraiu enquanto olhava para o braço.

Manny apontou para os treinadores voltarem para a parede e gesticulou para que os novatos se aproximassem dele.

— Você deve se levantar — falei para o 22.

Ignorando o olhar de Manny, o 22 ficou de pé lentamente, erguendo uma sobrancelha para mim.

— Vamos quebrar minha perna a seguir? — perguntou. — Posso receber um aviso da próxima vez? Um breve “ei, vou quebrar seu osso com as mãos agora, prepare-se”?

Um dos treinadores atrás de mim fungou, e Manny estalou os dedos com impaciência.

— Venha para cá, 22, e sente-se. Em silêncio.

Eu me juntei aos treinadores, dando uma olhadela no 22 enquanto ele desabava no círculo. Ainda estava me observando, os olhos brilhando, e eu rapidamente desviei o olhar. Que novato estranho.

# TRÊS

Olhei de soslaio novamente para o fim da fila ao pegar minha bandeja no almoço. O 22 estava lá, esquadrinhando o refeitório com o olhar. Ele me encontrou, e eu rapidamente me virei de costas quando começou a acenar.

Concentrei minha atenção na humana atrás do balcão que jogava o filé na minha bandeja. Havia três pessoas enfileiradas atrás do balcão de vidro — duas mulheres e um homem. Os Reboots também faziam o serviço na CRAH, até que os humanos começaram a ficar insatisfeitos com a falta de empregos e a corporação criou mais alguns cargos para deixá-los felizes. Ainda assim, não pareciam nada entusiasmados em servir Reboots.

Deixei que eles enchessem minha bandeja e fui para o outro lado do refeitório pegar meu lugar de sempre ao lado de Hugo. Espetei o filé com o garfo e enfiei um pedaço na boca. A CRAH contava uma historinha para os pais dos Reboots a respeito de como estaríamos muito melhor sob a custódia da corporação (não que os pais tivessem escolha). Nós seríamos úteis, diziam eles. Poderíamos ter algo parecido com uma vida. Eu não sabia se estávamos melhor, mas com certeza éramos mais bem alimentados. Um Reboot podia sobreviver com menos comida, mas atingíamos o ápice do nosso desempenho se fôssemos bem alimentados, e regularmente. Ficaríamos fracos e inúteis como um humano, se não recebêssemos comida.

— Posso me sentar aqui?

Ergui os olhos e vi o 22 de pé na minha frente, com a bandeja na mão. Sua camisa branca estava ensanguentada, provavelmente porque um dos 90 aproveitou uma segunda oportunidade de quebrá-lo. Isso duraria por alguns dias, até os guardas se cansarem da comoção.

— Os -60 ficam ali — falei, apontando para a mesa de Ever.

Eles estavam conversando e rindo, um garoto gesticulando loucamente com os braços.

Ele se virou para olhá-los.

— Isso é uma regra?

Fiz uma pausa. Era? Não, nós mesmos havíamos começado com isso.

— Não — respondi.

— Então posso me sentar aqui?

Não podia pensar em outro motivo para negar, apesar de ainda me parecer uma má ideia.

— Está bem — falei, hesitante.

Ele se jogou no assento à minha frente. Muitos dos +120 se viraram para mim, com uma combinação de confusão e irritação nos rostos. Marie franziu a testa, alternando o olhar entre mim e o 22. Eu ignorei.

— Por que vocês fazem isso se não é uma regra? — perguntou ele, gesticulando para o refeitório.

— Números mais próximos têm mais em comum — falei, dando uma mordida no filé.

— Isso é idiotice.

Franzi o cenho. Não era idiotice. Era a verdade.

— Não vejo como o tempo que você ficou morto afeta sua personalidade — observou ele.

— É porque você é um 22.

Ele ergueu uma sobrancelha antes de voltar sua atenção para a carne. Cutucou-a como se tivesse medo que ela fosse pular e revidar se ele a mordesse. Torceu o nariz e ficou observando enquanto eu mastigava um pedaço.

— É bom? — perguntou. — Parece esquisito.

— É, é bom.

Ele olhou para a carne, em dúvida.

— O que é?

— Filé.

— Vaca, então?

— É. Nunca comeu carne, não é?

Era difícil conseguir qualquer tipo de carne nas favelas, a não ser que o humano conseguisse um emprego na CRAH. Eles controlavam as fazendas, e caçar costumava ser um esforço infrutífero. A caça exagerada acabara com a maior parte dos animais selvagens do país havia anos. Um coelho ou esquilo aparecia de vez em quando, mas não eram vistos com frequência. Os Reboots comiam melhor do que a maioria dos humanos, o que só os fazia nos odiar ainda mais.

— Não — respondeu o 22. Sua expressão sugeria que ele não tinha nenhum interesse em mudar isso.

— Experimente, você vai gostar.

Ele levou um pedaço até os lábios e o enfiou na boca rapidamente. Mastigou devagar e

engoliu com uma careta. Baixou os olhos para o pedaço grande de carne que ainda havia em seu prato.

— Não sei, não. É esquisito.

— Coma logo e pare de reclamar — explodiu Lissy, alguns assentos adiante. Ela não tinha muita paciência com novatos. O 22 não seria exceção.

Ele olhou para ela brevemente e de volta para mim. Lissy franziu o cenho para o desprezo dele em relação a ela.

— Ela é meio rabugenta, não é? — disse ele, baixinho, para mim.

*Sempre.* Eu quase sorri quando vi Lissy esfaqueando a carne como se ela estivesse tentando fugir.

Hugo ergueu a faca por cima de seu filé com uma careta, imitando-a. Ross 149 piscou duas vezes para ele, o que para mim era sua versão de um sorriso.

— Todo mundo está dizendo que ela vai ser minha treinadora — comentou o 22.

Lissy levantou a cabeça do prato e apontou a faca para ele enquanto falava.

— Todo mundo está certo. Então cale a boca e coma isso.

A expressão provocadora do 22 era diferente de qualquer outra que eu tinha visto. Seu sorriso não desaparecia; só mudava para uma versão zombeteira, desafiadora. Ele largou o garfo e se reclinou na cadeira. Não precisava dizer *me obrigue*. Estava claro.

Lissy enfiou o resto da comida na boca e levantou-se em um pulo, resmungando para si mesma. Lançou um olhar para o 22 e passou pisando duro.

— Espero que você morra rápido para eu não ter que aguentá-lo por muito tempo — rosnou.

— Acho que essa é a estratégia que ela usa com todos os seus novatos — disse Hugo com uma risadinha, observando enquanto Lissy empurrava o 51 para fora do caminho e passava voando pela porta de saída.

— Ela deveria transformá-los em bons Reboots — falei, me lembrando de quando tirei a faca da cabeça do 45.

— Então talvez você devesse fazer isso — disse o 22, se animando. — Você pode escolher, não pode?

— Posso. E não treino números tão baixos.

— Por que não?

— Porque eles não prestam.

Marie 135 deu uma risada curta, e o 22 lançou um olhar divertido para ela e para mim.

— Talvez porque eles não têm você. Além do mais, me senti insultado. — O sorriso não sugeria isso.

Cutuquei meu prato com um garfo. Ele podia ter razão. Os mais baixos dos grupos de novatos nunca tinham a menor chance. Seria por causa do número? Ou por causa de Lissy, que treinava berrando com eles? Ergui os olhos para o 22, sem saber o que dizer. Nunca havia pensado nisso.

O sorriso dele sumiu, claramente tomando meu silêncio como rejeição. Não era o que eu pretendia, mas fiquei de boca fechada quando ele começou a comer.

Depois do almoço, perambulei até o sexto andar. Costumava ficar entediada nos dias entre ciclos de treinamento, sem saber como me ocupar. Não podia me imaginar como um Reboot de número baixo, um dos muitos não adequados para se tornarem treinadores. Eles não tinham muito com o que preencher seus dias, especialmente porque a corporação considerava a maioria das formas de entretenimento desnecessária para um Reboot.

Espiei a pista coberta de atletismo e vi vários Reboots correndo, alguns apostando corrida ou perseguindo outros. Passei para a sala seguinte, a galeria de tiro, que, como sempre, estava cheia. Era um dos passatempos favoritos. Reboots em cada cabine apontavam suas armas para os homens de papel enfileirados na parede oposta. A maioria atingia o alvo escolhido — a cabeça — todas as vezes. A CRAH não nos confiava balas de verdade, então usávamos de plástico.

Enfieei as mãos nos bolsos das calças pretas e andei até a última porta, a do ginásio. Eu a abri e olhei para os grupos de Reboots espalhados. Alguns estavam só conversando; outros faziam tentativas tímidas de lutar para evitar os gritos dos guardas.

Ever estava no canto, um dos homens de papel da galeria de tiro preso com fita adesiva na parede em frente a ela. Ela saltou de um pé para o outro, com uma faca na mão, estudando seriamente o alvo. Uma garota alta estava ao lado dela, Mindy 51, observando a faca voar de sua mão e parar na parede, no meio da cabeça do homem de papel.

Ever chegou mais perto e se inclinou para falar com a 51 enquanto eu andava na direção delas. Os Reboots costumavam jogar dardos nesse canto do ginásio, mas a corporação havia colocado um fim nisso. O arremesso de facas também era um jogo, só que parecia mais um treinamento. Eu não participava, mas alguns -60 marcavam quantos arremessos acertavam na cabeça em uma única sessão. Ever estava entre os três primeiros, na última vez que fiquei sabendo.

Ever começou a passar a mão pelo braço da 51, mas me viu e logo se afastou dela, colando um sorriso no rosto conforme eu me aproximava.

— Ei.

— Oi — cumprimentei, olhando para a 51.

Ela enxugou os olhos com dedos trêmulos, e eu desejei não ter me aproximado. As emoções dos -60 me deixavam desconfortável. Recuei um pouco, pronta para usar uma desculpa e ir embora, quando a 51 começou a dar alguns passos para longe de nós.

— Tenho que ir — falou. — Ever está com 42 arremessos.

Eu assenti e me virei para Ever, que puxava a faca cega da parede de cortiça. Estendeu-a para mim, e balancei a cabeça. Ela voltou ao seu lugar no ginásio e apertou os olhos para o alvo enquanto virava a faca nas mãos.

— Você deixou Callum se sentar ao seu lado hoje no almoço — comentou, erguendo uma sobrelanceira para mim antes de jogar a faca. Acertou bem no meio da testa.

— Ele pode se sentar onde quiser — respondi, lembrando-me daquele olhar desafiador que ele havia lançado a Lissy.

Ever riu enquanto puxava a faca da parede.

— Sei. Porque você sempre come com os -60.

Eu dei de ombros.

— Ele perguntou. Não consegui achar um bom motivo para dizer não.

Ela riu de novo e tomou seu lugar a alguns metros do homem de papel.

— É justo. — Seus olhos se acenderam quando ela olhou para mim. — Você gosta dele?

— Não.

— Por que não? Ele é gatinho.

— Todo mundo aqui é.

De fato, todos os Reboots eram atraentes, de certa forma. Depois da morte, quando o vírus tomava o controle e o corpo reinicializava, a pele clareava, o corpo tonificava, os olhos ficavam mais brilhantes. Era uma beleza com um toque de demência.

Embora o meu toque seja mais como uma porção generosa.

Ever olhou para mim como se eu fosse um cachorrinho fofo que havia se aproximado procurando atenção. Nunca gostei daquele olhar.

— Não tem problema achar que ele é gatinho — falou. — É natural.

Natural para ela. Eu não tinha sentimentos desse tipo. Eles não existiam.

Dei novamente de ombros, evitando seu olhar. Ever ficava meio aflita quando eu lhe dizia que não tinha as mesmas emoções que ela. Achei melhor me calar.

Ela virou de costas e trocou o pé de apoio, soltando a respiração enquanto se preparava para arremessar de novo. Parou e se concentrou no alvo, a faca aprumada no ar, pronta para ser arremessada. Quando Ever a soltou, uma bota saiu do chão e seu corpo se moveu para a frente com o esforço. Ela sorriu para a faca cravada na parede.

Jogou-a muitas outras vezes, até atingir a marca dos cinquenta arremessos e se virar para



olhar para mim.

— Sobre o que vocês falaram? — perguntou ela. — Eu o vi tentando puxar conversa com você, aquela alma corajosa.

Um sorriso repuxou os cantos dos meus lábios.

— Comida, na maior parte. Ele nunca tinha comido carne.

— Ah.

— E me pediu para treiná-lo.

Ever fungou e se virou de costas para mim.

— Pobre sujeito. Não posso imaginá-la treinando um 22. Você provavelmente quebraria o cara ao meio.

Eu assenti, observando a faca que voava de novo. Ever era só 56 e era uma boa Reboot. Ou uma Reboot adequada, pelo menos. Conseguiu se manter viva por quatro anos, obedecendo a ordens e completando suas tarefas com êxito.

— Quem foi seu treinador? — perguntei. Não prestava muita atenção em Ever quando ela era novata, embora dividíssemos o mesmo quarto. Ela viera para a CRAH quase um ano depois de mim, quando eu ainda não era treinadora.

— Marcus 130 — disse ela.

Assenti. Lembrava-me vagamente dele. Morrera em campo havia muitos anos.

— Eu era o número mais baixo no meu grupo de novatos, então ele teve que ficar comigo. — Ela deu de ombros. — Mas ele era bom. Graças a Deus Lissy ainda não estava aqui. Eu provavelmente teria morrido na primeira semana.

Muitos dos alunos de Lissy haviam passado perfeitamente bem pelo treinamento, mas uma série de alunos ruins acabou por cimentar sua reputação de assassina de novatos. Talvez fosse merecida. Talvez o 22 fosse a próxima vítima do azar dela.

Ergui os olhos para Ever enquanto ela afundava a faca na parede outra vez.

— Quantas são agora? — perguntou ela.

— Cinquenta e duas.

— Caramba.

Não pude conter um sorriso quando ela deu uma risada para o alvo. Talvez os -60 não fossem todos incorrigíveis.

# QUATRO

Manny fez os novatos marcharem até o ginásio para a seleção na manhã seguinte. Eles o seguiram pela porta em uma fila reta, os rostos tensos de medo e exaustão.

Foram seguidos por alguns médicos de jaleco. Os exames e os raios X continuaram naquele dia, contribuindo para o cansaço dos novatos. Eu me lembrava de ter que correr em uma esteira com inclinação íngreme conectada a todo tipo de engenhoca. Os médicos continuaram aumentando a velocidade até eu finalmente cair.

Grupos de Reboots se aglomeraram atrás dos treinadores, curiosos para saber quem ficaria com qual. Ever estava no canto à minha esquerda com vários -60, encostada na parede, observando os novatos se enfileirarem diante de nós.

Eu me virei, e meu olhar imediatamente pousou em 22. Ele fitava Lissy, mas, quando fui flagrada, um sorriso se abriu no rosto dele, seguido por um beicinho.

*Por favor?*, articulou com a boca.

Não adiantava implorar. Alvos humanos imploravam o tempo inteiro: “Por favor, não me leve.” “Por favor, não me toque.” Ou “Por favor, não me mate”. Não funcionava.

Aquele sorriso, no entanto... Quase deixei que um se formasse no meu rosto também.

Não. Isso era ridículo. Eu não podia deixar que esse garoto estranho e sorridente me convencesse a fazer algo idiota. Eu era a melhor treinadora; só pegava os melhores novatos.

*Talvez eles sejam os melhores porque você os deixa assim.* O pensamento vinha me incomodando desde a noite anterior.

A porta se abriu com um baque, e o ginásio ficou em silêncio enquanto o oficial Mayer, comandante das cinco instalações da CRAH, atravessava o aposento a passos largos. Ele parou perto da equipe médica e cruzou os braços por cima da barriga protuberante. Mayer passava a maior parte do tempo em Rosa, a maior das cinco instalações, e frequentemente aparecia para observar os novatos. Ele os estudava durante todo o processo de seis semanas,

a fim de detectar os bons e arrancar qualquer um que pudesse ser um problema.

— Cento e setenta e oito — anunciou Manny.

Voltei meu olhar para o 121, que assentiu para mim. Ele já sabia que eu o escolheria. Os outros Reboots haviam lhe contado.

Olhei para o 22. Quanto tempo ele tinha com Lissy? Os Reboots estariam em campo em algumas semanas, e, com o histórico de Lissy, ele estaria morto dentro de dois meses.

Ele retribuiu meu olhar. Poucas pessoas me encaravam. Os humanos não queriam olhar para mim de jeito nenhum, e os Reboots ou tinham medo ou achavam que eu era superior.

E aquele sorriso. Aquele sorriso era estranho aqui. Novatos não chegavam sorrindo, e sim apavorados e infelizes.

Ele era definitivamente estranho.

— Cento e setenta e oito? — repetiu Manny, olhando para mim com expectativa.

— O 22. — Saiu da minha boca antes que eu pudesse mudar de ideia. Um largo sorriso se espalhou pelo rosto dele.

Os treinadores olharam perplexos a fila. O humor de Lissy já havia melhorado.

— O 22? — repetiu Manny. — Callum?

— Sim — confirmei.

Passei os olhos pelo ginásio e vi o oficial Mayer esfregando o queixo, a boca retorcida com algo beirando a decepção. Achei que ele reclamaria, me obrigaria a escolher um número mais alto, mas o agente permaneceu em silêncio.

— Está bem — disse Manny. — Cento e cinquenta?

Hugo abriu a boca, fechou e se virou para mim com as sobrancelhas franzidas.

— Tem certeza?

O 22 riu, e Manny fez um gesto para que ficasse quieto.

*Não.*

— Sim — respondi.

— Eu... O 121, então — disse Hugo, olhando para mim como se eu fosse protestar.

Não protestei. Fiquei ali parada enquanto os outros treinadores escolhiam seus novatos e se separavam para começar a discutir o processo. Estarrecida com a minha decisão, esperei o 22 vir até mim, as mãos enfiadas nos bolsos das calças pretas.

— Você gosta de mim então — falou.

Franzi o cenho. Eu não tinha certeza disso. Estava curiosa. Intrigada. Mas gostar? Isso era forçar a barra.

— Ou talvez não — disse ele com uma risada.

— Pensei no que você falou. Sobre eu não treinar os números mais baixos.

— Ah. Então não é por minha causa.

Ele sorriu, e eu tive a impressão de que ele não acreditava em nenhuma palavra que havia acabado de sair da minha boca. Desconfortável, mudei o pé de apoio. Queria me contorcer, e eu nunca me contorcia.

— Você é um bom corredor? — perguntei rapidamente.

— Duvido.

Suspirei.

— Vamos nos encontrar na pista coberta todos os dias às sete.

— Está bem.

— Tente não gritar quando eu quebrar seus ossos. Isso me incomoda. Você pode chorar se quiser, não tem problema.

Ele caiu na gargalhada. Eu não sabia que aquilo era tão engraçado.

— Entendi — falou, tentando sem sucesso cobrir o sorriso. — Gritar, não. Chorar, sim.

— Já usou alguma arma?

— Não.

— Habilidades?

— Sou bom com tecnologia.

— Tecnologia? — repeti, confusa, um vinco se formando entre as sobrancelhas. — Onde você viu computadores nas favelas?

— Eu não sou da favela. — Ele baixou a voz ao dizer isso.

Eu pisquei.

— Você é do *rico*?

Ele riu um pouquinho.

— Ninguém chama assim. É só Austin.

Ninguém do *rico* chamava assim. Do lado de fora, nas favelas, nós usávamos a palavra espanhola para nos referir ao lado abastado das cidades.

Dei uma olhada rápida pelo ginásio. Havia alguns Reboots do *rico*, mas certamente eram minoria. Eu nunca havia treinado um. Minha última aluna, Marie 135, morava nas ruas em Richards, e havia sido mais durona por causa disso. A vida nas favelas formava Reboots melhores, mais fortes. O 22 estava duplamente ferrado. Não sei se o teria escolhido se soubesse disso.

— Como você morreu? — perguntei.

— KDH.

— Achei que haviam praticamente erradicado o vírus na parte rica da cidade — falei.

— Quase. Sou só um dos poucos felizardos.

Fiz uma careta. O KDH era uma maneira horrível de morrer. Batizaram o vírus com o nome da cidade onde a epidemia começou, Kill Devil Hills, na Carolina do Norte. Era uma estirpe diferente de um vírus respiratório comum em crianças e matava a maioria dos humanos em poucos dias.

— Meus pais me levaram para um hospital da favela porque não tinham dinheiro para os remédios — continuou ele.

— Isso foi burrice. — Todo mundo sabia que o KDH era violento nas favelas. Ninguém estava sendo tratado ali.

— É, bem, eles estavam desesperados. E não perceberam...

— Você só vai ao hospital da favela para morrer e ser classificado.

— Sim. Como você morreu?

— Levei um tiro — respondi. — Alguma outra habilidade?

— Acho que não. Espere, quantos anos você tinha quando morreu?

— Doze. Não estamos falando sobre mim.

— Quem atiraria em uma criança de 12 anos? — perguntou ele com a inocência de quem só podia vir de uma vida inteira dentro de muros onde nada de mal acontecia.

— Não estamos falando sobre mim — repeti.

Qual era o propósito, de qualquer modo? Como eu explicaria uma vida de pais viciados e barracos sujos, e as brigas e os gritos de quando eles passavam tempo demais sem se drogar? Um garoto rico nunca entenderia.

— Novatos! — gritou Manny, fazendo um gesto para que se juntassem a ele perto da porta do ginásio.

— Não vamos começar agora? — perguntou o 22.

— Não, vocês têm mais testes para fazer — retruquei, fazendo um gesto para a equipe médica. — Vamos começar amanhã.

Ele soltou um suspiro enquanto passava a mão pelo rosto.

— Sério? *Mais* testes?

— Sim.

Ele olhou de mim para os outros novatos que já haviam se juntado a Manny.

— Está bem. Vejo você amanhã, então.

— Vinte e dois! — berrou Manny. — Ande!

Fiz um gesto para ele ir. O 22 correu pelo ginásio e desapareceu porta afora. Todos os treinadores me fitavam ao sair. Hugo e Lissy pararam na minha frente, com expressões igualmente confusas.

— O que há de errado com você? — perguntou Lissy. Estava com as mãos nos quadris, as

sobrancelhas franzidas.

— Ele é especial ou algo assim? — perguntou Hugo.

Lissy revirou os olhos.

— É. Ele é muito especial, Hugo.

Eu dei de ombros.

— Talvez eu possa melhorá-lo.

— Não conte com isso — resmungou Lissy. Ela saiu pisando duro. Hugo me dirigiu outro olhar confuso e a seguiu.

Virei-me para sair, e meu olhar encontrou o de Ever. Ela estava sorrindo, a cabeça inclinada para o lado, então acenou como se dissesse *bom para você*.

# CINCO

Um som me acordou no meio da noite.

Eu pisquei até que o sonho no qual estivera perdida se apagasse, soltando o lençol que estava agarrando com todas as forças. Estava no canto de um apartamento minúsculo, observando meus pais gritarem com as pessoas na sala. No sonho, eles gritavam algo a meu respeito. Na realidade, não tenho certeza de que gostavam de mim o suficiente para esse tipo de atenção.

Rolei e vi Ever sentada na cama, seus dentes à mostra enquanto ela soltava um rosnado baixo. O barulho ficou mais alto conforme ela se balançava para a frente e para trás no colchão.

— Ever — falei, sentando.

Violação das regras, mas eles certamente iam querer que alguém a acordasse e parasse com aquele barulho.

Ela se virou para mim. Seus olhos brilhantes não deram sinais de que me reconheciam. Na verdade, ela rosnou.

— Ever — chamei novamente, jogando minhas cobertas para o lado e pisando no chão frio. Estiquei a mão para tocar seu ombro, e sua cabeça virou para mim. Ela abriu a boca, e os dentes arranharam a pele da minha mão.

Eu a puxei para trás. *Que merda era essa?*

Segurei a mão perto do peito, meu coração batendo estranhamente. Eu estava nervosa, acho. Raramente ficava nervosa.

Meus olhos dispararam para o corredor. Através da parede de vidro na frente da nossa cela eu podia ver um guarda se aproximando, a lanterna mirando na nossa direção. Ele parou diante do nosso quarto e espiou, esticando a mão para seu comunicador. Virou de costas enquanto falava, e eu olhei de volta para Ever, que estava se balançando na cama e rosnando.

Eu queria tapar sua boca para conter o barulho, para fazer o guarda ir embora antes que ela arrumasse problema.

Ouvi o barulho dos passos e me virei a tempo de ver um cientista de jaleco branco vindo rapidamente pelo corredor. Respirei fundo ao vê-lo falar freneticamente com o guarda, as volumosas sobrancelhas enrugadas de preocupação enquanto observava Ever.

Humanos não se preocupavam com Reboots. Eles não corriam para ajudá-los.

O cientista puxou uma seringa do bolso, e meu estômago se revirou quando entendi o que estava acontecendo.

Eles fizeram alguma coisa com ela e naquele momento perceberam que haviam ferrado tudo. Que haviam ferrado Ever.

Ela pulou da cama atingindo uma altura e velocidade que eu nunca tinha visto e bateu com o corpo contra a parede. Eu arfei, cambaleando para trás até minhas pernas tocarem a cama.

Ever deu uma cabeçada no vidro, um fio de sangue escorrendo pelo rosto quando se endireitou. Mostrou os dentes para os humanos e os dois pularam para longe, o cientista quase deixando sua seringa cair.

— Cento e setenta e oito.

Virei os olhos para o guarda que gritava do outro lado da parede.

— Domine-a.

Ever começou a bater com a mão na parede, uma martelada lenta e rítmica.

Tum.

Tum.

Tum.

Com uma expressão determinada, ela olhou para os humanos como se fosse arrancar seus rostos se tivesse meio segundo.

— Eu disse para dominá-la, 178. Jogue-a no chão. — O guarda olhou fixamente para mim.

Eu me levantei lentamente da cama, cerrando os punhos, quando percebi que estava tremendo.

*Não estou com medo.*

Repeti na minha cabeça. Não havia motivo para ter medo de uma 56. Ela não podia me machucar.

Ou podia? Eu nunca tinha visto um Reboot agir daquela maneira. Não havia nenhum vestígio da Ever que eu conhecia.

*Não estou com medo.*

Estiquei a mão para pegar seu braço, mas ela foi mais rápida, disparando para o outro lado do quarto e pulando em sua cama. Quicou de um pé para o outro em cima do colchão,



olhando para mim como se aceitasse meu desafio.

— Ever, está tudo bem — falei.

O que havia de errado com ela?

Ela se lançou para fora da cama e aterrissou em cima de mim. Caí com força no chão, a nuca batendo no concreto. Pisquei para parar de ver pontos brancos enquanto ela segurava meus pulsos acima da minha cabeça e abria a boca, curvando-se para baixo como se quisesse morder um pedaço do meu pescoço.

Sacudi as pernas, tirando Ever de cima de mim, e ela voou contra a cama com um grunhido. Pulei em cima dela, pressionando meu corpo em suas costas enquanto ela se debatia e rosnava.

A porta se destrancou com um clique e deslizou para o lado; os passos dos dois humanos ecoaram no quarto.

— Mantenha ela no chão — ordenou o guarda.

Cerrei os dentes, aproximando o rosto do ombro de Ever para que o homem não visse o olhar enojado que eu queria lançar sobre ele.

O cientista se ajoelhou e enfiou a seringa no braço dela. Seus dedos tremiam.

O que aquele idiota estava fazendo? Nós não precisávamos de remédio.

— Vai ajudá-la a dormir — falou, olhando para mim. — Ela só está tendo um pesadelo.

Não a ajudaria a dormir nada. Os Reboots processavam tudo depressa demais. O corpo dela iria metabolizá-lo antes que ele tivesse a chance de funcionar.

Ever ficou mole, e eu olhei surpresa para ela. Quando me virei para os humanos, os dois me dirigiram expressões duras, com a intenção de me assustar.

É difícil ficar com medo de alguém quando eu podia quebrar seus pescoços antes que percebessem que eu estava de pé.

— Não deve contar a ninguém sobre isso — falou o cientista severamente. — Entendeu?

Não. Eu não entendia. *O que eles tinham dado a ela?*

*O que deram a ela antes?*

*O que fizeram com ela?*

Os humanos olharam para mim para confirmar que eu acreditei naquela explicação ridícula.

*Reboot idiota — seu cérebro não funciona direito.*

Um guarda disse isso para mim uma vez.

Eu assenti.

— Entendi.

Eles saíram do quarto, e a porta se fechou. Saí de cima de Ever e estudei o rosto dela. Os

olhos estavam fechados, a respiração profunda e regular.

Dormindo. Eu raramente a vira dormir nos últimos tempos.

Eu a rolei gentilmente, levantei-a por debaixo dos braços e a coloquei na cama. Coloquei o edredom sobre suas pernas e o puxei sobre o corpo.

Sentei-me na minha cama, incapaz de parar de olhar para ela.

Eu não dormi. Em vez disso, passei a noite alternando entre olhar para Ever e para o teto. Quando ela começou a se agitar, eu me apressei em vestir minhas roupas de corrida e disparei porta afora, escondendo o rosto quando achei que ela se virou para olhar para mim.

O 22 estava me esperando na pista de corrida coberta, olhando os outros Reboots correndo pela sala.

— Bom dia — cumprimentou, animadamente.

Só acenei, porque não era um bom dia. Eu não conseguia pensar em nada além de Ever e seus olhos zangados e vazios. Será que ela voltaria ao normal naquele momento? Será que se lembraria?

Recebi ordens de não dizer nada.

Eu nunca havia desobedecido.

— Vamos — falei, pisando na borracha preta.

A pista coberta era uma das partes que eu menos gostava nas instalações da CRAH: um círculo de quatrocentos metros com um guarda no meio, isolado em uma caixa de plástico à prova de balas. As janelas podiam ser baixadas rapidamente para deter uma briga com uma bala no cérebro.

Destruir o cérebro. A única maneira de matar um Reboot.

A luz fraca iluminou minha pele pálida, dando-lhe um tom verde-vômito. A pele morena do 22 parecia basicamente a mesma, quase bonita sob o brilho. Desviei o olhar, afastando pensamentos sobre como meu cabelo louro devia parecer ali dentro.

O 22 mal conseguia correr quatrocentos metros sem parar, o que não era nada bom para escapar de humanos zangados. Com sorte, evitaríamos isso por algum tempo.

Alguns outros Reboots estavam na pista conosco, incluindo Marie 135, que olhou por cima do ombro dando uma risada enquanto passava voando por nós, o cabelo escuro balançando. Ela era uma das alunas mais velozes que eu já tivera.

— Vamos fazer dois minutos de caminhada e um de corrida — sugeri. Soltei um suspiro quando o ritmo do 22 diminuiu para uma corridinha insuportavelmente lenta.

Ele assentiu, ofegante. Eu tinha que admitir: não estava a fim de correr esta manhã. Uma folga era bem-vinda.

— Você era boa corredora quando veio para cá? — perguntou ele quando recuperou o

fôlego.

— Era decente. Melhor do que você.

— Bem, isso não é difícil. — Ele sorriu para mim. — Quantos anos você tem?

— Dezesete.

— Eu também. Quanto tempo ficamos aqui? Há uma instalação para adultos em algum lugar? Não vi nenhum Reboot mais velho.

— Não sei. — Eu duvidava. Quando os Reboots se aproximavam dos 20 anos, paravam de voltar das missões. Talvez fossem transferidos para outra instalação.

Talvez não.

— De onde você é?

— Austin.

— Eu também. — Ele sorriu como se tivéssemos algo em comum.

— Não somos da mesma Austin — falei, secamente.

Ele franziu o cenho.

— Como disse?

— Você é do *rico*. Eu sou da favela. Não somos da mesma Austin. — Eu nunca tinha visto o *rico* de Austin, com exceção das luzes que brilhavam sobre o muro que nos separava, mas vira algumas outras Cidades Unidas do Texas. Nova Dallas. Richards. Bonito (uma ironia, pois era tudo menos isso). Alguns quilômetros no meio do Texas era só o que restava do grande país que meus pais haviam conhecido quando criança. A CRAH conseguiu salvar apenas o Texas do vírus e dos ataques dos Reboots que se seguiram.

— Ah. Eu nunca estive nas favelas de Austin — disse o 22. — Quero dizer, exceto quando meus pais me levaram para o hospital. Mas, àquela altura, eu estava delirando demais para me lembrar. Acha que vão me mandar para alguma tarefa lá? Eu gostaria de ver meus pais. E meu irmão. Você viu seus pais depois que reinicializou?

— Meus pais morreram comigo.

— Ah, sinto muito — disse ele, o rosto ficando sério. — Eles... Eles também levaram tiros?

— Levaram — falei, ríspida, sem interesse em conversar sobre os meus pais. — E você não quer ver os seus. Eles não mandam Reboots para as cidades natais. Deixa as pessoas confusas.

— Alguma vez os Reboots saem e vão até lá mesmo assim?

Fechei a cara para ele.

— É claro que não. Mesmo que quisessem, você recebe um rastreador na carceragem. Eles sempre sabem onde você está.

Ele esticou os braços na frente do corpo.

— Onde? Eu não me lembro disso.

— Essa é a questão. Não sabemos onde fica.

— Ah — disse ele, com uma pontada de tristeza. — Mas você viu as outras cidades?

— Vi.

— Isso é bom, certo? Nunca veríamos nada além de Austin se não tivéssemos reinicializado.

— Você vai a trabalho — falei. Os novatos sempre tinham perguntas sobre viagens para outras cidades. Era uma das únicas vantagens de se tornar um Reboot: viajar ocasionalmente para outros lugares para tarefas especiais. Anos antes, a corporação instituiu uma política de proibição de viagens para deter o alastramento do vírus KDH, e isso ainda estava em vigor. Mas as perguntas dele eram demais esta manhã. Faziam minha cabeça girar. — Aumente o ritmo — ordenei, começando a correr.

O 22 não conseguia falar enquanto corria, mas, quando diminuímos a velocidade para uma caminhada, ele voltou com mais perguntas.

— Acredita na teoria da evolução?

*Talvez.* Eu lhe dei um olhar cortante.

— Não.

— Mas meio que faz sentido, não é? Que os Reboots sejam apenas humanos evoluídos? Encontramos uma imunidade para o vírus. Uma forma de não morrer. Ouvi teorias sobre o KDH ser um vírus criado em laboratório e acho...

— Vinte e dois! — explodi. A CRAH tinha câmeras de um lado ao outro. Eles ouviam e viam tudo o que fazíamos e não toleravam esse tipo de conversa. — Já chega.

— Mas...

— Pode parar com as perguntas, por favor? — O pedido soou mais cansado e triste do que eu pretendia, e ele me olhou com preocupação.

— Ah. Sim, claro. Desculpe.

— Só estou cansada — falei. Eu não lhe devia uma explicação. Não deveria ter dito aquilo.

— Desculpe. Vou ficar quieto. — Abriu um sorrisinho solidário. Algo que eu não podia identificar fisgou meu peito. Culpa? Era isso?

Ele ficou em silêncio durante o restante da corrida — os únicos sons emitidos eram os arquejos da respiração. Quando terminamos, balancei a cabeça para ele e fui embora. Passei no quarto para pegar as roupas e me dirigi ao chuveiro.

Apertei o bolo de roupa e a toalha contra o peito e entrei no cômodo enfumaçado, os sons

de risos e gemidos enchendo meus ouvidos. Os chuveiros ficavam mais barulhentos após a chegada de uma nova fornada de Reboots, e a festa estava com tudo naquela manhã. Duas Reboots passaram correndo por mim — uma mal se cobria com a toalha e guinchava de entusiasmo. Um Reboot segurou a cortina do chuveiro aberta e uma das meninas entrou lá com ele.

Os chuveiros eram primeiro para sexo. Depois, banho.

Tecnicamente, não eram mistos, mas o chuveiro dos homens ficava bem ao lado e não havia nada além de uma cortina para separar os dois. De vez em quando, os guardas entravam e expulsavam os garotos, mas, em geral, eles não se importavam. Os Reboots faziam quase tudo que mandavam, exceto isso.

Para um humano, sexo estava ligado a amor. Minha mãe não era muito de falar sobre qualquer coisa importante, mas eu me lembrava vagamente da conversa. Sexo e amor andavam juntos.

Não aqui. Os hormônios adolescentes ainda vigoravam, mas as emoções haviam sumido. A atitude geral era a de que nada daquilo importava. Nós nem éramos humanos.

O ladrilho estava escorregadio, então, passei cuidadosamente pelas cortinas fechadas e me enfiei em um dos últimos chuveiros, ainda vestida. Antigamente me lançavam olhares estranhos por isso, mas, depois, todo mundo ficou sabendo. Eu não ficava perambulando de toalha. Não tinha o menor interesse em sexo. Certamente não queria ser tachada de aberração.

Algumas meninas tinham cicatrizes da morte humana, mas não como as minhas. Fiquei morta por tanto tempo que, quando resolveram costurar os três buracos do tiro, meu corpo achou que era assim que minha pele deveria ficar. Resultado: tenho quatro grampos prateados e feios agarrando a pele no meio do peito e duas cicatrizes esgarçadas em direções opostas — uma se estendia por cima do meu seio esquerdo e havia ficado ainda mais disforme depois que meus seios cresceram.

Ninguém precisava ver meu peito horivelmente mutilado. Não que alguém fosse me abordar para transar mesmo.

Ninguém queria tocar uma 178. Mutilada ou não.

# SEIS

Ever estava pálida quando voltei ao quarto um pouco antes do jantar. Eu estivera evitando-a, mas naquele momento achava difícil desviar os olhos de sua pele sem cor e das mãos trêmulas. Se ela fosse humana, eu teria achado que estava doente.

Ela ergueu o olhar para mim enquanto eu ia até a cômoda pegar um moletom.

— Olá. — Ela tentou sorrir, mas eu desviei o olhar para o outro lado. Ela não sabia. *Ela não deveria saber?*

Eles disseram para não falar nada. Era uma ordem.

Parei no vão da porta, hesitando quando ela só ficou sentada na cama, torcendo os lençóis brancos em volta dos dedos.

— Você vem? — perguntei.

Ela ergueu os olhos para mim, com um sorriso maior no rosto. Ever me esperava; eu nunca esperava por ela. Parecia que ela tinha gostado.

Suas pernas tremeram quando ela ficou de pé, e eu quis perguntar se ela estava bem. Pergunta idiota. Não estava. A corporação fizera alguma coisa com ela.

Descemos a escada em silêncio até o refeitório. Depois de enchermos nossas bandejas, tive a ideia maluca de me sentar com ela. Mas Ever se dirigiu para o outro lado do refeitório, enfiando um pedaço de filé na boca. Eu me arrastei para a mesa dos +120.

Observei Ever desabar na cadeira em frente a Callum 22, que ergueu os olhos e sorriu para mim. O sorriso foi sumindo conforme ele observava Ever enfiar desesperadamente a carne na boca. Ele torceu o nariz, olhando para mim e para Ever, como quem diz *o que há de errado com ela?*

Eu não fazia ideia.

Ele fez um gesto para eu me aproximar, mas eu não podia fazer isso.

Bem, podia. Não era uma regra. Mas seria estranho.

O 22 deu uns tapinhas no assento ao lado dele. Eu franzi o cenho e balancei a cabeça. Ever virou-se para ver quem ele estava chamando, os olhos saltando em direção à mesa dos +120. Ela riu, e eu me virei: todos os treinadores olhavam para mim com expressões confusas.

Lissy abriu a boca, e eu me levantei, pegando minha bandeja. Não queria mais perguntas ou olhares esquisitos. Não havia nenhuma regra dizendo que eu tinha que me sentar com eles. Eu podia me sentar onde quisesse.

Atravessei o refeitório a passos largos, colocando a bandeja ao lado de Ever na mesa. O 22 me fitou, os olhos escuros brilhando.

— Ah, que bom ver você, Wren.

Ever olhou surpresa para mim enquanto eu me jogava na cadeira. Na bandeja do 22, não vi nada além de um pedaço intocado de pão e um brownie.

— O que é isso? — perguntei. — Você já comeu um jantar de verdade?

Ele baixou os olhos para a comida.

— Não. Não estou com muita fome. Pelo menos, acho que não. É difícil dizer.

— Você vai perceber se passar fome por muito tempo — acrescentei. — Não é divertido. — Os sinais de fome dos Reboots não apareciam tão rápido quanto nos humanos, mas, quando apareciam, eram intensos. Nossos corpos podiam sobreviver indefinidamente sem comida, mas não era bom. Eu comera muito pouco nos meus primeiros dias na ala; depois acordei tão fraca e faminta que quase rastejei até o refeitório.

— Você obviamente está com fome — disse o 22 para Ever com uma risada, apontando para suas bochechas enormes.

Parecia que ela havia tentado enfiar todos os pedaços de carne do prato de uma só vez na boca. Ela esboçou um sorriso enquanto engolia.

Eu devo ter parecido preocupada, porque ela olhou para a bandeja vazia e depois para mim.

— Estou me sentindo estranha — falou, baixinho, a angústia transparecendo em sua voz.

— Estranha como? — perguntei.

— Com muita fome. E meio tonta. — Ela fez uma careta. — Não posso estar doente, né?

Ela olhou para mim com expectativa, mas eu não disse nada. Ever voltou a fitar o prato, decepcionada.

— A comida faz eu me sentir um pouco melhor. Menos trêmula — acrescentou.

Senti uma pontada, talvez aquela culpa de novo, e deslizei minha carne para o prato dela. Ela ergueu os olhos e sorriu com gratidão para mim.

— Pode ficar com a minha comida também — disse o 22, começando a empurrar sua bandeja para perto dela.

Agarrei a borda da bandeja e a puxei de volta, lançando um olhar de advertência para ele.

— Pelo menos coma um pouco. Precisa de força para o treinamento.

— Por que você pode? — perguntou ele, apontando para onde a minha carne estava antes.

— Porque eu lhe digo o que fazer, não o contrário.

Ever deu uma risadinha ao jogar um pedaço gigantesco de carne dentro da boca.

— Eu prefiro a carne mesmo.

— Em algum momento vou poder lhe dizer o que fazer? — perguntou.

— Duvido. — Peguei minha bandeja e me levantei.

— Não, por favor, não vá. — Foi Ever quem falou, seus olhos arregalados e suplicantes.

Ela parecia a menina de 13 anos que eu conhecia havia anos, sentada na cama, absolutamente apavorada por ser colega de quarto de uma 178. Ela não trocou nenhuma palavra comigo por um mês. Um dia simplesmente mandou um “Eu sou de Nova Dallas, e você?” e continuou falando como se tivéssemos sido amigas desde sempre. Ela tinha quatro irmãs em casa, e acho que acabou decidindo me adotar como uma espécie de substituta, senão enlouqueceria.

Ainda assim, eu nunca tinha pensado em mim mesma como um tipo de conforto para ela. Queria me recostar e curtir a sensação de ser necessária, sentir que alguém gostava de algo em mim, além do meu número e da minha habilidade em capturar criminosos.

Eu me sentei. Assim que o fiz, me pareceu a decisão mais correta. Ever sorriu com gratidão, e eu também. O 22 parecia tão encantado que fitei meu prato e me concentrei em comer o feijão.

Um rosnado grave me acordou no meio da noite. Eu me virei no colchão, piscando no escuro. Ever estava de pé ao lado da minha cama.

Sentei-me com um pulo, meu coração batendo furiosamente. O rosnado cessou e seus olhos brilhantes se voltaram para mim.

— Ever? — sussurrei.

Ela se lançou sobre mim; pulei para fora da cama e atravessei o quarto. Ever mostrou os dentes enquanto se virava para me procurar.

Pressionei as costas na parede conforme ela se aproximava. Meu coração batia mais rápido do que quando vinte habitantes da cidade me perseguiram com tochas acesas e facas de cozinha. Eu fora esfaqueada diversas vezes antes de conseguir fugir, mas, de alguma forma, Ever, desarmada e rosnando, era mais assustadora.

— Ever! — chamei, mais alto desta vez, e passei por baixo do seu braço enquanto ela tentava avançar para cima de mim novamente.



Corri por cima de sua cama e mergulhei para apertar o botão de chamada. Apertei repetidas vezes freneticamente, até Ever se jogar em cima de mim. Seus dedos se fecharam em torno do meu pescoço, e eu arfei, empurrando-a para longe com toda a minha força.

Ela bateu na parede de vidro e logo ficou de pé, inclinando a cabeça como se examinasse sua presa. Fechei os punhos. O calor da briga começou a explodir pelo meu corpo. Ever investiu contra mim, e eu caí de joelhos, agarrando um dos tornozelos dela.

Ever caiu no chão com um urro, e eu torci sua perna até quebrar. Ela soltou um grito que deve ter acordado a ala inteira. Veio para cima de mim de novo, tentando se equilibrar na outra perna, então eu quebrei essa também.

Ela caiu estatelada de costas, soltando um gemido. Eu me sentei na minha cama, olhando para a porta. Os humanos deviam estar a caminho.

Mas, quando as pernas de Ever se curaram, eles ainda não tinham chegado. Eu as quebrei de novo antes que ela pudesse ficar de pé e cobri meus ouvidos quando ela começou a uivar.

Eles nunca vieram.

Eles deviam saber. Aqueles humanos cretinos deviam saber que Ever estava enlouquecendo, que havia me atacado, que eu teria que ficar acordada a noite toda, de novo, para observá-la, mesmo depois que ela desmaiasse.

Os humanos sabiam e não estavam ligando.

Eu não deveria ter ficado surpresa — Reboots eram propriedades, não pessoas —, mas senti a raiva apertando meu peito mesmo assim. Sempre me concederam um pouco mais de folga, um pouco mais de respeito por causa do meu número e do meu histórico.

Mas eles não se importavam conosco.

As pessoas das favelas sabiam que a corporação não dava a mínima para elas. Eu sabia disso desde criança. A CRAH podia ter sido uma “salvadora” para a última geração, para os humanos que ajudaram a lutar na guerra contra os Reboots, mas não para aqueles que passavam fome e morriam nas favelas.

Depois que reinicializei, eles me alimentaram e me vestiram, então achei que me respeitavam porque era a melhor. Achei que talvez não fossem mais tão ruins.

Talvez eu estivesse errada.

Quando amanheceu, saí do quarto antes que Ever se mexesse, mas, quando fui tomar banho depois da corrida, me peguei procurando por ela no mar de Reboots. Alguns me olharam de forma estranha, o que ignorei. Eu precisava falar com ela, e esta era a única maneira.

Ever não ia saber que eu havia quebrado suas pernas quatro vezes na noite anterior. Também não ia saber o que haviam feito com ela.

A não ser que eu lhe contasse.

Ela saiu do vestiário usando apenas uma toalha. Parou e olhou para mim curiosamente. Indiquei que ela continuasse, e ela obedeceu, entrando em um dos chuveiros e puxando a cortina.

Dei uma olhada rápida em volta para me assegurar de que ninguém estava olhando e entrei com ela.

Ever se virou e ergueu uma sobrancelha para mim, um sorrisinho no canto da boca. Corei enquanto dava um passo para trás, batendo na cortina.

— Oi — falou. Soou mais como uma pergunta, e o sorriso aumentou quando ela puxou a toalha mais para cima do peito.

— Há algo errado com você — soltei.

— Como assim? — O sorriso sumiu.

— Você... Você está tendo pesadelos ou alguma coisa assim. Tem gritado à noite e me atacou.

Um arquejo escapou de sua garganta um pouco antes de ela cair no chão. Soluços enormes sacudiam seu corpo. Fiquei ali congelada, sem saber o que pensar daquela reação. Parecia um tanto exagerada.

A não ser que ela soubesse o que estava acontecendo.

Eu me ajoelhei ao lado dela.

— Ever.

Ela continuou a chorar, balançando-se para a frente e para trás, de joelhos, com as mãos no rosto. O som me deixou desconfortável, apertou meu peito. Não gostei daquela sensação.

— Ever — repeti. — Você sabe o que está acontecendo?

Ela recuperou o fôlego e tirou as mãos do rosto.

— São... — Irrompeu em soluços novamente, se jogando em cima de mim.

Eu quase a empurrei. Não costumava consolar ninguém, nunca o fizera (a não ser que eu contasse as vezes em que minha mãe havia se apoiado em mim quando estava alucinada demais para andar). Para começar, era um momento constrangedor, ela quase nua e tudo o mais, no entanto, sufoquei o ímpeto de afastá-la.

Em vez disso, dei tapinhas embaraçosos em suas costas. Ela apertou o rosto no meu ombro e chorou como uma humana.

— São... eles — falou de um modo engasgado. — Eles fazem alguma coisa com a gente.

— Com quem? — perguntei.

— Com os -60. — Ela respirou fundo e se aprumou. Seus olhos verde-claros estavam avermelhados.

— Começaram a nos dar injeções, e isso nos torna...

Ela não precisava dizer. Eu sabia no que as injeções os tornavam.

— Achei que talvez tivesse escapado porque sou quase 60. Eles devem ter me dado a injeção enquanto eu dormia e você estava em missão. — Ela fungou.

— Por que faziam isso? — perguntei.

Ela deu de ombros, enxugando o nariz.

— Não sabemos. Começou há algumas semanas. Um grupo de pessoas disseram que se tornam mais fortes, mas outras ficam esquisitas e hostis.

“Esquisitas” e “hostis” eram eufemismo.

— A 51 estava começando a surtar na semana passada — continuou Ever. — Mas disse que lhe deram outra injeção e ela voltou ao normal. Todo mundo acha que estão fazendo alguma experiência conosco.

Todo mundo? Quem era todo mundo? Eu nunca tinha ouvido falar disso.

— Não falamos sobre isso com os +60 — disse ela, baixinho, obviamente percebendo a minha expressão. — Não devemos falar. Eles dizem aos colegas de quarto que não podem falar nada. — Ela inclinou a cabeça. — Mandaram você não me contar?

— Mandaram.

Isso provocou uma nova onda de lágrimas, apesar de eu não saber exatamente por quê. Acho que ela disse um *obrigada* engasgado, mas era difícil saber.

Comecei a me levantar, mas ela agarrou meu braço.

— O que eu fiz? Machuquei você?

— Não. Você gritou muito. Me atacou. E eu quebrei suas pernas várias vezes ontem à noite. Sinto muito por isso.

Ela olhou para as pernas.

— Ah. Tudo bem.

— Eles lhe deram uma injeção anteontem à noite, mas na noite passada nem apareceram.

— Sinto muito — sussurrou ela. — É por isso que você parecia tão cansada. — Ela enxugou o rosto com a ponta da toalha. — O que devo fazer?

Dei de ombros, impotente.

— Não sei.

— E se eu machucar você?

— Eu sou mais forte.

Ela fechou os olhos e assentiu ligeiramente, lágrimas frescas correndo por suas bochechas. Aparentemente, aquilo não foi uma coisa reconfortante de se dizer.

# SETE

O 22 bateu no colchonete e fez como eu tinha pedido: não gritou.

Ele pressionou o rosto no plástico preto e apertou a camisa, mas não chorou. Sua tarde havia sido cheia de ferimentos, mas ele estava fazendo um trabalho decente, sem gritar ou chorar.

Eu me ajoelhei e descobri a perna dele. O osso perfurava a pele.

— Você tem que empurrá-lo de volta para dentro — falei.

Ele gemeu e balançou a cabeça.

— Você tem que fazer isso. Tem que colocar o osso perto de onde ele deveria ficar ou não vai colar direito. A pele vai se fechar em volta do osso, e aí eu vou ter que rasgá-la novamente.

— Isso é tão nojento — resmungou ele contra o colchonete.

— Sente-se.

Ele lentamente endireitou o corpo para se sentar, fazendo uma careta. As equipes de treinamento à nossa volta se viraram para olhar. Do outro lado da sala, Hugo estava sufocando uma risada com a mão.

— Só empurre de volta para dentro. — Eu me concentrei no 22 de novo.

— Só isso? — exclamou ele. — Empurrar para dentro?

— Me dê sua mão. — Eu estendi a minha.

Ele encostou a mão na minha. Ela era quente, mas não tão perfeita quanto eu havia imaginado. Eu achava que gente rica teria mãos macias e sem marcas. Eles não tinham que fazer trabalhos braçais como as pessoas das favelas. Eu tinha certeza de que Callum nunca havia construído uma cerca ou trabalhado em uma lavoura de algodão na vida.

Mas as mãos dele eram mais ásperas do que as minhas, e, quando virei a palma para cima, vi pequenas cicatrizes em seus dedos. As cicatrizes da vida humana nunca desaparecem.

— Assim — falei, colocando a palma da mão dele no osso. Empurrei o osso com força, e ele colocou a outra mão na boca para conter um grito.

Callum desabou no colchonete novamente, e um gemidinho escapou da sua garganta. Senti uma pontada de culpa. Aquela culpa de novo. Eu não sabia se gostava daquilo.

Não queria ter quebrado a perna dele. Era uma boa forma de aprendizado, e ele precisaria passar por isso de qualquer modo, mas havia sido um efeito colateral infeliz por ele não ter se movido tão rápido quanto eu instruíra.

— Vai ter que aprender a ser mais veloz. — Acho que falei isso como um pedido de desculpas. Não saiu direito. — Quero dizer, eu não... — Espere. Eu não pedia desculpas a novatos. Estava ali para ensinar. Ele precisava saber como colocar o osso no lugar.

Ele rolou de costas e olhou de forma divertida para mim. Bem, divertida com uma pincelada de dor lancinante.

— Se pedir desculpas toda vez que me machucar, não vai fazer muito mais do que isso.

Uma gargalhada borbulhou no meu peito, e eu me virei rapidamente para que ele não pudesse ver o sorriso no meu rosto.

— Levante-se — falei, erguendo-me com um pulo.

— Minha perna ainda está quebrada.

— Não interessa. Levante-se. Se ficar deitado em campo, eles vão quebrar a outra perna e, aí sim, você está ferrado.

Ele ficou de pé sem muita firmeza.

— É realmente assim tão ruim lá fora? — perguntou, tentando manter todo o seu peso na perna boa.

— Depende — respondi.

— De quê?

— De quem é. Se você só está extraíndo uma pessoa doente, é razoavelmente fácil. Se for um criminoso com uma família grande, pode cair em uma emboscada. Depende do quanto estejam com medo, se são arrogantes e acham que podem se rebelar.

— E se eles não tiverem feito nada?

— O quê?

— Qualquer que seja o crime pelo qual os estamos prendendo. E se eles não tiverem feito?

— Eles sempre dizem que não fizeram nada. É nosso trabalho trazê-los para cá. A corporação cuida do resto.

— Mas eles são soltos se forem inocentes? — indagou.

Eu hesitei. Como uma Reboot, nunca havia sido informada sobre o que acontecia com os humanos que capturava. Como uma garota da favela, eu sabia a verdade. Depois que eles

levavam uma pessoa, ela nunca voltava.

— Eles têm certeza de que são culpados antes de os levarem — respondi.

— Como?

— Não é da nossa conta.

— Por que não? — perguntou ele. — Somos nós que estamos capturando todas essas pessoas.

— Nosso trabalho termina aí.

— Para onde eles vão?

Eu já havia pensado naquilo uma vez. Alguma espécie de prisão? Eu duvidava.

— Não sei.

Ele franziu o cenho.

— Eles contam a alguém? Às famílias?

Fazia sentido que o menino rico não fizesse ideia de como isso funcionava. Eu tinha uma missão na área rica da cidade para cada cem que realizava na favela.

— Não. Pelo menos acho que não.

— Mas...

— Como está a perna? — interrompi.

Ele olhou para baixo, sacudindo-a.

— Quase boa.

— Levante os braços, então. Vamos continuar.

Ele olhava nos meus olhos quase todas as vezes que eu o atacava. Eu não sabia bem o que pensar sobre isso, era como se ele estivesse intrigado. As pequenas palpitações que essa atitude me causava me distraíam.

— Vamos parar por hoje — falei, depois que o maxilar de 22 havia se recuperado da segunda fratura do dia.

O jantar seria servido em dez minutos; todos os outros estavam saindo do ginásio.

Estiquei a mão para ajudá-lo a se levantar do colchonete, e ele a pegou. Ao ficar de pé, colocou a mão de leve no meu braço e chegou tão perto do meu ouvido que sua respiração fez cócegas na minha bochecha.

Meu primeiro instinto foi me afastar. Ninguém se aproximava tanto de mim. Mesmo quando humana, não me lembrava de ter acontecido algo assim, de sentir o calor da pele de outra pessoa. Mas ele começou a falar, tão baixo que eu não conseguiria ouvir se me afastasse.

— Eles nos escutam o tempo inteiro aqui dentro? — perguntou.

— Não sei — sussurrei. — Sei que escutam em campo. Há câmeras por todos os lados aqui, então é bem provável.

Ele se endireitou, mas não se afastou. Eu pretendia me distanciar um pouco, mas me distraí com a forma como ele sorria para mim. Sempre vivi em um mundo em que tinha que olhar para cima, mas, pela primeira vez, queria ficar nas pontas dos pés para aproximar o meu rosto do dele.

Ouvi alguém pigarrear e dei logo um grande passo para trás. Quer eles pudessem ou não nos ouvir, com certeza podiam nos ver. O guarda no canto, as câmeras na parede, os outros Reboots passando, eles podiam nos ver muito bem.

— Boa noite — falei, me virei e rapidamente me afastei.

# OITO

— Você só vai observar desta vez — falei para o 22 na noite seguinte, enquanto estávamos no terraço da CRAH. — Lembre-se disso.

Ele assentiu. Não parava de esfregar as mãos para cima e para baixo nos braços e quicar nos calcanhares. Os novatos sempre ficavam nervosos, mas eu achava que ele ia passear pelo terraço com o sorriso de sempre. Ele não fez isso, e eu quase senti saudades.

Havia dez Reboots no terraço da CRAH, no escuro, esperando pela aeronave. Cinco eram novatos com seus treinadores. Lissy lançou um olhar desdenhoso para o 22 ao vê-lo se balançando, depois fitou presunçosamente o seu 43.

O 43, com seus bracinhos minúsculos e um tique facial estranho, não parecia um grande motivo para ela ficar arrogante.

— Não fale a não ser que falem com você — continuei, ignorando Lissy. — Faça tudo o que os oficiais mandarem. Senão eles vão atirar em você.

Ele assentiu novamente enquanto a aeronave aterrissava no terraço com um baque, a rajada de vento levantando o meu rabo de cavalo. A porta lateral se abriu, e Leb apareceu ali, com as mangas pretas enroladas até os cotovelos, apesar de ser uma noite fria. Ele era um cara alto e musculoso, e frequentemente parecia desconfortável no uniforme rígido da CRAH.

Acenou e fez um gesto para que embarcássemos. Entramos, e o metal fez barulho sob nossas botas. Como éramos dez, estávamos em uma das naves de porte médio. Os pequenos assentos de plástico preto enfileiravam-se na lateral, de frente para a cadeira maior, do oficial. A porta que levava ao assento do piloto ainda estava aberta, e eu vislumbrei a parte de trás da cabeça de um humano. Os pilotos nunca saíam da nave, sob circunstância alguma, e não interagiam com os Reboots.

O 22 ficou imóvel ao meu lado, como eu havia instruído, e Leb agarrou seu braço e o virou para ver seu código de barras. Ele deu uma risadinha, e as rugas em seu rosto duro e quadrado



ficaram mais pronunciadas.

— Ouvi dizer que você escolheu o 22 — disse ele. — Tinha que ver com meus próprios olhos.

Eu não fazia ideia de como reagir a isso. Assenti ligeiramente, e ele sorriu, o único guarda que sorria para qualquer Reboot, especialmente para mim. Ele era um humano estranho.

— Sentem-se — ordenou, fechando a porta do piloto e jogando-se em seu assento.

Ele nem havia tirado a arma do coldre. Era um dos poucos oficiais que a deixavam no quadril quando Reboots entravam na aeronave. A maioria a enfiava na nossa cara, tentando não deixá-la tremer.

Eu me sentei primeiro e o 22 fez o mesmo, puxando o cinto por cima do peito e atrapalhando-se para prendê-lo. Ele estava tremendo. Os novatos sempre tinham medo da aeronave; quando humanos, nunca estiveram dentro de nada que andasse tão rápido ou saísse do chão. A maioria disfarçava o medo. Só o 43 demonstrou abertamente seu terror, a respiração pesada e irregular. Lissy deu um tapa na cabeça dele.

Fiquei olhando para o 22 enquanto decolávamos. Ele fechou os olhos. Parecia quase humano com seus olhos pretos fechados. Ainda não desenvolvera velocidade ou agilidade, nem a natureza de predador que definia um Reboot. Ele ainda tinha muitos traços humanos desajeitados. Ainda assim, quando esticava as pernas e passava as mãos pelas coxas, eu podia ver o Reboot nele — o movimento lento, controlado, como ele parecia ocupar cada centímetro de um aposento com sua postura. Era uma diferença sutil, entre humanos e Reboots, porém inconfundível.

Leb me pegou fitando-o e ergueu as sobrancelhas. Eu foquei depressa o olhar nas minhas mãos.

— Podem falar abertamente — disse ele.

O 22 continuou calado enquanto os outros novatos sussurravam para seus treinadores, seus dedos agarrando a parte de baixo do assento toda vez que sacudíamos.

— Não há razão para sentir medo — falei. — Mesmo se cairmos, temos grandes chances de ficar bem.

— A não ser que sejamos decapitados.

— Bem, é mesmo. Mas é improvável.

— Ou se o teto cair e esmagar nossas cabeças. — Os olhos dele se fixaram no metal preto acima de nós.

— Confie em mim quando digo que um acidente com a aeronave é a menor das suas preocupações esta noite.

— Obrigado. Me sinto muito melhor. — Ele se virou para Leb. — Há quanto tempo você

faz isso? Alguma vez já...

— Callum 22 — interrompi.

Ele olhou para mim, e eu balancei a cabeça. A aeronave havia ficado em silêncio novamente.

— Que foi? Ele disse que podíamos falar livremente.

— Mas não com ele.

O 22 revirou os olhos, e eu senti uma centelha de raiva no peito.

— Ele pode puni-lo por isso — expliquei, fitando Leb. Olhei para o cassetete ao lado de sua mão. Nenhum oficial da aeronave jamais o havia usado comigo.

— Quer que eu faça isso? — perguntou Leb, olhando para o 22. Mas não se moveu para pegar o cassetete.

Respirei fundo. Ele nunca havia punido nenhum dos meus novatos — nunca precisara. Todos faziam exatamente o que eu mandava.

Mas pedir permissão para bater no meu novato era estranho. Eu sabia disso. Os outros treinadores também.

— Não — repliquei. Todos os Reboots na nave olharam para mim. Eu me concentrei no 22 de novo.

— Devo me sentir insultado por você ter hesitado? — perguntou ele com um sorriso.

— Ainda posso mudar de ideia.

— Como vai dizer a ele? Ele parou de falar. Aparentemente isso significa que só temos permissão para conversar um com o outro de novo.

— Vou achar um bastão e bater em você por conta própria quando aterrissarmos.

— Promete?

Ouvi um som parecido com uma risada vindo da direção de Leb e olhei surpresa para ele. Ele baixou a cabeça tentando esconder. O 22 abriu um sorriso largo para mim.

— Concentre-se, 22 — falei.

— Não pode me chamar de Callum?

— Concentre-se, Callum — repeti em voz baixa, firmemente.

— Desculpe — replicou ele, ficando com a expressão mais séria.

A aeronave aterrissou, e Leb gesticulou para que levantássemos. Ele deslizou a porta, abrindo-a, e nós marchamos para a escuridão. Uma brisa suave agitava meu rabo de cavalo.

Eles batizaram a cidade de Rosa em homenagem à mulher que a construiu. Sempre gostei do nome, até fiquei entusiasmada ao saber que meu posto seria em Rosa.

O 22 ficou olhando, boquiaberto, o pescoço pulsando estranhamente. Seu terror era palpável, mas, quando eu me virei, não vi nada incomum.

— O que foi? — perguntei.

— O que é isso? Onde estamos?

— Rosa — falei, olhando para trás como se para me assegurar. É claro que era Rosa.

— Mas... é uma favela?

— É.

— São todas assim? — perguntou, a voz tensa.

— Assim como?

Ele fez um gesto, e eu olhei de novo. A favela de Rosa era parecida com a favela de Austin, talvez um pouco pior.

Talvez muito pior. Rosa era uma cidade construída pelos doentes. Era uma surpresa que eles tivessem sobrevivido depois de fugirem de Austin. Pelo que eu havia entendido, até o lado *rico* de Rosa não era grande coisa se comparado às outras cidades do Texas.

Os prédios eram estruturas de madeira erguidas depois da guerra. As casas pequenas ficavam bem perto umas das outras — um andar e dois quartos — e quase desabavam em alguns casos. Os humanos tinham sorte por morar em casas. Os apartamentos do outro lado da cidade não eram tão bons.

— Somos sortudos por termos um teto sobre nossas cabeças — dissera minha mãe no dia em que fomos expulsos de mais um apartamento. Acabamos dormindo em um prédio abandonado até eles conseguirem juntar dinheiro para um apartamento compartilhado. Nunca tivemos uma casa.

Olhei de relance para o meu novato e fiquei tentada a horrorizá-lo ainda mais com aquela história, mas seus olhos ainda estavam voltados para a frente. Segui o seu olhar.

A maioria das ruas era de terra, mas as duas principais eram pavimentadas. Eram cheias de buracos, contudo, e foram abandonadas depois que ficou claro que a favela não passava de um terreno fértil para a produção de Reboots e um local dominado pelas doenças.

O lixo se acumulava na calçada, e o fedor de comida podre e dejetos humanos preenchia o ar. O sistema de encanamento em Rosa era uma obra em andamento.

— Não são todas tão ruins assim, são? — perguntou ele.

— Não tão ruins. Mas parecidas.

— Em Austin? — perguntou ele. Pergunta idiota, já que era óbvio que ele sabia a resposta.

— Sim. Já esqueci muita coisa. Mas, é, era assim.

— E você cresceu...

A expressão solidária no rosto dele me irritou. A última coisa que eu precisava era da compaixão de um garoto *rico*.

— Olhe no mapa — falei, cortante. — Precisa se familiarizar com Rosa.

Ele puxou o mapa do bolso, e eu não pude deixar de pensar que ele estava aliviado por olhar para qualquer outro lugar que não fosse eu.

— Em que direção? — questionei.

Ele apontou a direção errada.

— Isso é o Norte.

— O Norte está errado?

Eu suspirei.

— Está.

— Desculpe.

Ele se atrapalhou com o mapa, deixando um lado cair enquanto seu rosto corava. Uma pontada de solidariedade me atingiu. Eu não era boa em ler mapas quando novata. Humanos não precisavam de mapas. Suas vidas transitavam no mesmo espaço de 15 a 25 quilômetros.

— Você está aqui — falei, apontando para o mapa. — Estamos indo para cá.

Ele olhou para mim e sorriu.

— Está bem. Obrigado.

Saí andando pela rua, e o 22 saltitou para me acompanhar. Ele olhou além de mim, e eu me virei e vi Leb encostado na aeronave, os olhos fixos em algo distante.

— Ele fica ali? — perguntou o 22.

— Fica. Os oficiais ficam com a aeronave a não ser que percam a recepção de áudio ou vídeo de um Reboot. Aí eles saem para procurá-lo. Mas não espere que o ajudem com a sua missão. Eles só estão aqui para nos controlar.

Viramos uma esquina, e eu me arrastei pela grama seca e irregular até a porta do nosso alvo, Thomas Cole. Ele havia matado o filho.

Eles sempre me davam os assassinos de crianças.

Eu não reclamava.

Não estava descrito na ficha da missão, mas havia uma grande chance de ele ter matado o filho porque a criança tinha morrido e reinicializado. Uma vez que um humano se tornava um Reboot, eles eram propriedade da CRAH, e, apesar de a corporação não hesitar em nos matar depois, um humano não tinha permissão para tomar essa decisão. Mesmo que se tratasse do próprio filho. Alguns pais tomavam a atitude oposta, tentando esconder seus filhos reinicializados da CRAH, mas isso também levava à prisão.

Eu achava que a maioria dos pais não se incomodava quando os filhos reinicializados eram levados. Ficavam felizes em se livrar de nós.

— Primeiro? — perguntei, virando a cabeça para o 22.

— Bata.

Assenti. Isso lhes dava a chance de vir por vontade própria. Raramente funcionava.

Bati e ergui o punho para o 22, contando com os dedos até cinco.

Então derrubei a porta com um chute.

Todos os móveis que Thomas Cole possuía estavam empilhados na frente da porta. Não era a primeira vez que um alvo bloqueava a entrada, mas, definitivamente, foi uma das piores tentativas.

Empurrei a mobília velha e caindo aos pedaços para fora do caminho e pulei por cima do resto. As pessoas que faziam barricadas em casa não tinham para onde ir. Nenhum amigo. Nenhum parente. Nenhum humano tocaria nelas.

Um sorriso cruzou meus lábios. Fiquei séria novamente enquanto o 22 subia nos móveis. Ele pensaria que eu era louca sorrindo em um momento como esse.

Duas balas me atingiram no ombro e rajadas vinham do corredor. Era proibido aos humanos terem armas. Muitos tinham mesmo assim.

Apontei para que o 22 saísse do caminho. Ele tropeçou em uma cadeira, os olhos fixos nos buracos no meu ombro. Abaixei-me enquanto outro tiro passava por cima do meu capacete, e o 22 encostou na madeira podre da parede.

Fui direto para o corredor, usando o braço para cobrir o rosto. Dependendo da arma que o humano estivesse usando, meu capacete poderia não me proteger de um tiro direto.

Mas ele era péssimo atirador. Senti outro tiro no meu peito e mais um arranhar o meu pescoço; os estampidos zuniam em meus ouvidos. Quando me virei e fiquei cara a cara com ele, ele errou a um metro de distância.

O humano ficou sem balas com aquele último tiro.

— Vinte e dois! — gritei. Missão educativa.

Cole enfiou o pé direito no meu estômago. Soltei um arquejo e bati de costas na parede com um estalo alto.

Ele saiu correndo para a porta dos fundos enquanto eu me levantava. Sentia pontadas de dor em vários lugares — quantos tiros ele havia acertado? Quatro, talvez. Só dois haviam atravessado, contudo. Eu teria que tirar os outros dois com uma faca quando chegasse em casa.

— Vamos! — gritei para o 22 e parti atrás do humano.

Tive apenas um breve vislumbre do terror em seu rosto pouco antes de começar a correr a toda velocidade em busca de Cole. Suas pernas compridas chutavam a poeira ao voar pela rua de terra.

Aumentei a velocidade, os passos do 22 ecoando atrás de mim. Pelo menos ele conseguia me acompanhar agora.

Pulei a lata de lixo que Cole jogou no meu caminho, e ele desapareceu em uma esquina.

Era mais rápido do que um humano normal.

A perseguição me fez bem.

Virei a esquina e desviei de seu golpe antes que seu punho tocasse meu rosto.

Eu adorava quando eles ficavam arrogantes e paravam de correr.

*Que mal aquela lourinha pode me fazer?* Nenhum humano jamais havia me dito isso, mas eu via nos olhos deles.

Dei um soco curto em seu maxilar como resposta.

Ele cambaleou, e eu o soquei de novo. Sangue nas minhas mãos dessa vez.

Chutei suas pernas e preendi as algemas nos seus pulsos. Ele soltou um grito zangado e esperneou, tentando chutar a minha barriga. Preendi seus tornozelos.

Depois de amarrar a correia, olhei para o 22. Seu peito subia e descia tão depressa que achei que algo podia explodir dentro dele. O rosto estava vermelho, talvez mais por raiva do que pela corrida.

— Prenda os pés, se forem corredores — orientei, apontando. — Principalmente se forem rápidos.

Cole cuspiu nos meus sapatos, então eu lhe dei um chute na boca. Não era necessário. Mas foi bom.

— Wren 178 com 22 — falei no meu comunicador. — Alvo preso.

— Voltem para a aeronave.

Olhei para o 22.

— Você lembra como voltar?

A respiração dele ficou mais lenta. O pânico, no entanto, havia aumentado. O 22 sorridente, o garoto na aeronave dez minutos antes havia sumido e fora substituído pelo Reboot apavorado que me fitava. Seus olhos passaram dos ferimentos de bala, ainda jorrando sangue por todo o meu corpo, para o homem que eu amarrara aos meus pés.

Todos eles pareciam apavorados na primeira vez; eu deveria ter imaginado que com o 22 seria pior.

Apontei na direção certa, mas ele não se mexeu. Arrastei Cole pela terra e passei por 22, dando um puxão em seu braço.

— Vamos.

Ele não disse nada; tive que olhar para trás para ver se ele realmente estava me seguindo. Ele estava, arrastando-se com o rosto voltado para o chão.

— Ei! Ei! Me ajude! — gritou Cole.

Virei e vi um humano agachado ao lado de um prédio, os braços em volta de suas calças marrons finas. O 22 parou, e o humano caiu para trás, deixando escapar arquejos de pânico. O

olhar do humano encontrou o meu, e eu vi um lampejo de reconhecimento. Muitos humanos em Rosa me conheciam depois dos meus cinco anos cumprindo missões. Nunca ficavam felizes em me ver.

O 22 deu uma arfada trêmula ao olhar de mim para o humano apavorado.

— Violação do toque de recolher — falei no comunicador.

O humano soltou um berro, atrapalhando-se para ficar de pé.

— Deixe para lá — disse a voz do outro lado.

Balancei a cabeça para o 22, mas ele observava o humano lançar olhares aterrorizados por cima do ombro enquanto corria.

— Eles nos mandaram deixar para lá — comentei, puxando a correia de Cole novamente. Eu me virei, e o 22 me seguiu alguns segundos depois.

Joguei Cole na aeronave dos humanos e andamos em silêncio para a nossa. Eu achava que deveria dizer alguma coisa, apesar de não fazer ideia do quê. Tinha um discurso que normalmente fazia nesse momento — seja mais duro, aceite sua vida, fica mais fácil —, mas não conseguia lembrar. O rostinho triste dele não me incentivou a dizer nada.

Entramos na aeronave dos Reboots, e Leb fez um gesto para que nos sentássemos. Só Hugo e seu novato haviam retornado, então não havia nada para preencher o silêncio enquanto afivelávamos os cintos de segurança.

Os outros Reboots foram chegando aos poucos, Lissy e seu novato por último. O 43 estava com os dois olhos roxos, e lágrimas corriam por seu rosto ensanguentado. Parecia que tinham pegado um humano durão, e Lissy não havia se esforçado muito para tirar o novato do caminho. O 22 me deu o menor dos sorrisos de gratidão. Podia ter sido ele. Eu esbocei um sorrisinho.

— Sente-se — disse Leb, virando-se de costas e fechando a porta do piloto.

O 43 ficou ali, parado. Lissy puxou-lhe a camisa, e ele girou, sua mão batendo bem no rosto dela. Ela arfou e ficou de pé, empurrando-o pelos ombros com tanta força que ele cambaleou.

Leb atravessou a aeronave e agarrou o 43 pelo colarinho. Jogou-o com brutalidade no assento e ordenou que Lissy fizesse o mesmo. Ela ficou olhando fixamente para seu aluno enquanto prendia o cinto.

A respiração do 43 ainda estava pesada, os olhos dourados fixos em Leb. O oficial não percebeu. Ele se sentou e ficou olhando para as mãos, perdido em pensamentos.

A boca do 43 se contorceu, o ódio jorrando de cada poro. Eu já vira novatos terem reações parecidas depois da primeira missão, apesar de a maioria conseguir disfarçar melhor. O ódio pelos humanos, especialmente pelos oficiais da corporação, era compreensível para

um Reboot novo. Eles enfiavam as armas nas nossas caras e gritavam para que fizéssemos o trabalho sujo deles. Isso não me incomodava mais, mas eu me lembrava da sensação de quando era novata. Entendia que o meu treinador não tinha mais escolha do que eu. Eram os humanos que nos obrigavam.

Tentei atrair o olhar de Lissy, para fazê-la controlar o seu novato antes que Leb percebesse, mas ela estava ocupada roendo as unhas, fitando a parede da aeronave.

O 43 enfiou a mão no bolso. Vi apenas o brilho prateado quando ele pulou de seu assento, mas sabia que era uma faca. O grito ecoou pela nave enquanto ele corria na direção de Leb, com a lâmina apontada para o peito dele.

Joguei o cinto para longe e fiquei de pé. Leb estava de olhos arregalados, com a mão ainda longe da arma. Entrei na frente dele quando o 43 o atacou com a faca. Ela deslizou para dentro da minha barriga como se eu fosse um belo pedaço de filé malpassado.

O 43 puxou a lâmina vermelha, que tremia em sua mão. Eu chutei sua perna e agarrei com facilidade a faca enquanto ele caía. O novato ficou de joelhos, soluços balançavam o seu corpo. Seria eliminado por trazer uma arma para a aeronave, portanto, eu quase podia entender as lágrimas.

Alguns oficiais poderiam tê-lo matado na hora, mas Leb era do tipo que deixava o oficial Mayer lidar com as punições mais permanentes.

— Ótimo — resmungou Lissy, baixinho, sem nem se mexer para ajudar o 43.

Limpei o sangue que pingava da lâmina nas minhas calças e entreguei a faca para Leb. Ele ainda estava sentado ali, o pobre e lento humano. Olhou para mim, e eu ergui as sobrancelhas, segurando a faca um pouco mais perto. Ele a pegou.

— Obrigado — disse, baixinho.

Franzi o cenho diante da reação. Leb abaixou a cabeça, e eu queria ter assentido ou respondido. Não esperava um agradecimento. Nem tinha certeza de por que ele fizera aquilo. Acho que era meu oficial favorito, mas isso era mais ou menos como ter um legume favorito. Não eram lá muito interessantes.

Voltei para meu assento e coloquei a mão na barriga. A camisa estava ensopada de sangue.

A cabeça do 22 estava em suas mãos. Fiquei olhando para o chão, feliz por não ter que encarar o terror e o pânico naqueles olhos novamente.



# NOVE

O 22 estava caído sobre o café da manhã, cutucando a aveia com a colher. A mão descansava na bochecha e os olhos estavam virados para baixo. Sua cabeça quase tocava a mesa do refeitório.

Ever e eu estávamos sentadas na frente dele, e ela me lançou um olhar preocupado quando viu sua expressão taciturna. Ever parecia um pouco melhor naquele dia. Não havia rosnado na noite anterior. Eu até consegui dormir.

— Você está bem? — perguntou ela ao 22. Desejei que não tivesse feito isso. Ele, obviamente, não estava bem. Os novatos raramente ficavam bem depois da primeira missão.

— Não adianta — resmungou ele.

— O que você quer dizer? — perguntou Ever.

O 22 olhou para mim.

— Está perdendo seu tempo comigo. Você deveria ter escolhido o 121. Nunca vou conseguir fazer isso.

Ever olhou de mim para ele, as sobrancelhas franzidas de preocupação.

— Depois melhora — falou. Dava para perceber que ela estava mentindo.

O 22 também notou. Fez uma careta para ela, depois virou a cabeça para o outro lado, os olhos escuros severos e zangados.

— Aquele cara atirou quatro vezes em você — comentou ele. — Você nem piscou. Foi como se não estivesse nem aí.

— Já levei muitos tiros. Você se acostuma — respondi.

— *Você* se acostuma. Eu não.

— O treinador atirou nela várias vezes — disse Ever, baixinho, e eu enrijei. — Ela também tinha medo, então, ele e os guardas atiraram nela até que o perdesse.

Era verdade, mas franzi o cenho para Ever por ter contado. As balas me paralisavam no

começo, pois me faziam lembrar a minha morte humana, e meu treinador achava isso inaceitável. Instruiu os guardas a atirarem em mim até que eu me tornasse insensível.

Um pouco da raiva havia desaparecido do rosto do 22 quando ele se virou para mim.

— Quem foi seu treinador? — perguntou, com nojo em cada palavra. Ele não deveria ficar assim. O único motivo para eu estar viva naquele momento era ter contado com um bom treinador.

— O 157. Ele morreu em campo alguns meses atrás. — Foi isso que Leb me contou, de qualquer modo. Ele estava com quase 20 anos.

— Uma pena eu não ter conhecido esse cara — resmungou, cruzando os braços.

— O fato é que melhorou para ela — disse Ever, ignorando meu rosto carrancudo. — Vai melhorar para você também.

— Não quero que melhore. Não quero fazer isso de jeito nenhum. — Ele parecia uma criança de três anos com os braços cruzados e um beicinho. Era quase fofo.

— Você não tem escolha — argumentei.

— Eu deveria ter. Nada disso é culpa minha. Não pedi para morrer e ressuscitar.

Passei os olhos pelo aposento. Esperava que os humanos não estivessem ouvindo. Era por esse tipo de comentário que eles eliminavam Reboots.

— Controle-se — disse, baixando a voz. — A primeira vez é a mais difícil. Você vai se acostumar.

— Não vou me acostumar. Não quero me transformar em um monstro que gosta de caçar pessoas.

Nesse momento, ele fez um gesto para mim.

Uma faca atravessou meu peito. Eu pisquei, sem saber o que pensar da dor. As palavras dele ecoaram nos meus ouvidos e, de repente, ficou difícil respirar.

*Um monstro que gosta de caçar pessoas.* Não gostei das palavras, não queria que ele pensasse em mim dessa maneira.

Desde quando eu me importava com o que os meus novatos pensavam de mim?

— Por que você simplesmente não cai fora? — A voz da Ever, dura e fria, me fez olhar para cima. Ela fitava o 22, agarrando o garfo como se considerasse usá-lo como uma arma.

Ele pegou a bandeja e se levantou. Observei-o e notei confusão e surpresa em seu rosto. Não sabia bem de onde viera nenhuma das duas emoções. Ele abriu a boca, olhou para Ever e pareceu pensar melhor. Virou de costas e fugiu.

Ever exalou, soltando o garfo.

— Isso é mentira. Você sabe disso, não sabe? Totalmente mentira.

— O quê? — Eu ainda estava com dificuldade para juntar ar nos pulmões. As palavras

dele não paravam de circular pelo meu cérebro, zombando de mim.

— Você não é um monstro que gosta de caçar pessoas.

Franzi o cenho. Aquela avaliação parecia justa; eu conseguia entender a opinião dele.

— Ei. Wren. — Olhei para Ever, e ela colocou a mão em cima da minha. — Ele está errado. Está bem?

Assenti, deslizando a minha mão para debaixo da dela. A pele de Ever era quente, muito mais quente do que a minha, e isso piorou o aperto no meu peito.

— Ainda não acredito que você tenha escolhido Callum — disse ela, enfiando uma garfada de aveia na boca.

— É um desafio, eu acho — respondi.

— Mas você sempre escolhe o número mais alto — comentou ela. — Você sempre faz as coisas exatamente do mesmo jeito.

Voltei meu olhar para ela, que me encarava intensamente. Ever vinha me dando esse olhar desde a nossa conversa no chuveiro. Não parecia saber direito o que pensar de mim.

— Ele me pediu para escolhê-lo.

— Só isso? Ele pediu e você o escolheu?

— Ele precisava mais de mim.

Ela ergueu as sobrancelhas e abriu um sorriso.

— Verdade. — Comeu um pedaço de bacon. — Além do mais, ele é bem gatinho quando não está sendo babaca.

— Ele... — Eu não sabia aonde queria chegar com aquilo. Não podia *negar*. Não era verdade. Qualquer um podia ver que ele era bonito. Qualquer um podia ver aqueles olhos e aquele sorriso.

Senti meu rosto esquentar. Eu estava corando? Nunca tinha pensado em um garoto desse jeito.

Ever ficou boquiaberta. Estava brincando em relação ao “gatinho”. Obviamente não esperava que eu concordasse. Ela caiu na gargalhada, abafando-a com a mão.

Dei de ombros, envergonhada por ter me entregado. Envergonhada por sentir aquilo tudo.

Mas é claro que Ever gostou. Parecia mais feliz do que estivera em dias, e eu correspondi ao sorriso.

— Boba — provocou ela, baixinho.

Entreí no ginásio e vi o 22 sozinho em um canto, de costas para os outros treinadores e novatos. Ainda estava com a mesma expressão infeliz.

Surpreendi-me com a raiva que atravessou o meu corpo. Vê-lo fez meu coração bater de

um jeito engraçado, arrepiou a minha pele. Que direito ele tinha de se sentir infeliz quando era ele quem estava *me* chamando de monstro? Eu queria sacudi-lo e dizer aos berros que ele não tinha o direito de me julgar.

Queria bater no seu rosto até que ele retirasse aquilo.

Ele ergueu os olhos quando me aproximei pisando duro, e sua expressão se suavizou um pouco.

— Wren, eu...

— Cale a boca e fique em posição.

Ele não ficou em posição. Continuou plantado no lugar e estendeu a mão para me tocar. Dei um passo rápido para trás.

— Sinto muito, eu não queria...

— Levante os braços! — gritei tão alto que ele pulou. Não gostava daquele sorriso hesitante que ele dirigia para mim.

O 22 não levantou os braços, então dei um soco curto e violento direto no seu rosto. Ele cambaleou e caiu de bunda.

— Fique de pé e levante os braços — falei severamente. — Bloqueie o próximo.

Ele parecia tonto e tinha sangue escorrendo do nariz, mas ficou de pé e botou os braços na frente do rosto.

Dei propositadamente socos que ele não conseguia bloquear. Fortes, rápidos, raivosos. Meu peito queimava de um modo que eu nunca havia sentido. Minha garganta doía com o aperto que crescia.

Ele caiu no colchonete pela décima vez; seu rosto havia se tornado uma massa ensanguentada quase irreconhecível. Não se levantou dessa vez; desabou, respirando pesado.

— Você tem razão — revelei. — Eu deveria ter escolhido o 121. Mas agora estou presa a você, então sugiro que pare de reclamar e se controle. Não há opção, garoto rico. É isso aqui, para sempre. Pode se acostumar.

Virei e saí como um vendaval do ginásio, todos os outros treinadores e novatos olhando para mim.

— Bom trabalho, 178 — disse um guarda, balançando a cabeça.

Uma sensação de enjoo tomou conta de mim. Ouvira essas palavras muitas vezes em meus cinco anos na corporação, mas dessa vez não me sentia orgulhosa ou satisfeita.

Dei uma guinada para dentro dos chuveiros e corri para a pia. Espalhei o sangue do 22 na torneira enquanto a abria desajeitadamente.

A água correu vermelha pelos meus dedos. Apertei os lábios e virei o rosto. Nunca fui sensível à visão de sangue, mas dessa vez era diferente. Eu via o rosto dele no vermelho.

Lavei minhas mãos quatro vezes. Quando terminei, fitei o meu reflexo. Não conseguia me lembrar da última vez em que me vi no espelho. Fazia anos.

As lembranças humanas se apagavam mais depressa quanto mais jovem o Reboot morresse. Eu me lembrava de pinceladas de acontecimentos da minha vida antes dos 12 anos, mas os detalhes eram indistintos. No entanto, eu me lembrava dos meus olhos. Na minha cabeça, meus olhos tinham o mesmo tom azul-claro de quando eu era humana.

O reflexo era diferente. O azul era brilhante, penetrante, não natural. Inumano. Eu achava que meus olhos eram mais assustadores. Frios e insensíveis. Mas eles eram... bonitos? Parecia estranho me descrever daquela maneira. Meus olhos eram grandes e tristes, e o azul profundo, na verdade, era bem bonito.

À primeira vista, eu não era intimidante. Era bonitinha, até. Eu era mais baixa do que a maioria, muitas vezes mais baixa do que os novatos de 13 e 14 anos. Uma mecha loura saía do meu rabo de cavalo, cabelo que eu mesma havia cortado acima dos ombros.

Não parecia tão assustadora quanto imaginara. Mal parecia assustadora, para ser sincera. E certamente não parecia um monstro que gostava de caçar pessoas.

# DEZ

O ar noturno estava parado quando abri a porta da escada e pisei no terraço da instalação. Os humanos esperavam por mim perto da beirada e andei na direção deles, ajeitando o capacete para que ficasse reto na minha cabeça.

— Confio em você, 178. — O oficial Mayer colocou as mãos nos quadris largos e me lançou um olhar como se esperasse uma resposta.

— Obrigada — respondi automaticamente. O oficial Mayer dizia que confiava em mim sempre que me via, como se tentasse se convencer. Eu era o único Reboot a ter contato regularmente com o comandante.

Duvidava que alguém sentisse inveja.

Eu o encontrava com frequência, já que Rosa era a maior instalação e ele tinha um escritório lá. Mas a mulher ao lado dele, Suzanna Palm, eu via muito raramente. Ela era a presidente da CRAH, e eu não sabia bem o que ela fazia, mas sua presença naquela noite não podia ser uma boa coisa.

— Acredito que tenham lhe dito que esta missão é confidencial? — perguntou Suzanna.

Ela apertava os olhos para mim de um modo que parecia desaprovador. Talvez só estivesse desconfortável em seus saltos ridículos. Ou talvez aqueles cachos castanhos e selvagens com fios grisalhos voando para todos os lados a irritassem. Teriam me irritado.

Assenti no momento em que a aeronave pousava no terraço. O oficial Mayer se afastou quando a porta se abriu e me lançou um olhar que deveria ser encorajador. Mas eu não me senti encorajada. A última coisa que eu queria fazer naquela noite era sair em uma missão solo de surpresa. Embora precisasse admitir que esperava que o alvo fosse um corredor. Não me importaria de arrebentar a cabeça de um humano naquele dia.

A imagem do rosto ensanguentado do 22 passou pelos meus olhos, e eu afastei-a. Mas ela não desapareceria por um bom tempo. Eu a via e sentia o peso no meu peito o dia inteiro.

Queria ordenar que meu cérebro deixasse de ser burro. O 22 já tinha se recuperado fazia horas; não era como se eu tivesse causado algum dano permanente.

Leb torceu as mãos quando eu entrei na pequena aeronave e mal olhou para mim. Seu evidente desconforto quase me deixou nervosa. As missões solo do oficial Mayer dificilmente eram boas, mas Leb quase sempre era o oficial em serviço. Eles “confiavam” nele também, aparentemente.

Só tínhamos pegado uma aeronave naquela noite, portanto o prisioneiro voltaria conosco. Tomei um dos quatro assentos pequenos na frente de Leb e puxei os cintos por cima do corpo, tentando ignorar a ansiedade no rosto dele. Não gostava daquele olhar. Em vez disso, concentrei-me na ficha da missão, que só dizia *Milo, cerca de 30 anos, 1,80m - 1,85m, cabelo castanho*. Não mencionava o motivo de sua prisão. Eles sabiam que eu não perguntaria.

O comentário do 22 sobre como nós deveríamos saber o que os humanos fizeram para justificar a captura passou pela minha cabeça. Eu o afastei. Podia pensar sobre crimes dos humanos o quanto quisesse, mas a corporação nunca daria essa informação a um Reboot.

Voamos em silêncio sobre Rosa até a aeronave aterrissar. A porta deslizou, revelando o coração da favela, e soltei meu cinto para ficar de pé. Uma rua de terra serpenteava em torno de casinhas minúsculas de madeira, todas escuras e silenciosas, já que passava da hora do toque de recolher.

Paramos muito perto da casa do alvo. O oficial Mayer não arriscava, não gostava da perseguição como eu.

A casa era tão triste e caindo aos pedaços quanto as outras, com uma exceção notável. As janelas. Duas janelas quadradas, na frente da casa, sem cortinas. Qualquer um podia passar e ver tudo lá dentro. A maioria das casas em Rosa não tinha janelas ou, se tinham, eram pequenas e tapadas. Havia muitos assaltos. Janelas eram um convite.

Aquele humano era um completo idiota.

Saí da aeronave e corri pelo chão de terra até os degraus da frente da casa. As tábuas rangiam sob meus pés à medida que eu me aproximava da porta. Parei, inclinando a cabeça na direção da casa. Era silenciosa, o único som era o farfalhar de folhas da árvore ao lado.

Nas missões especiais do oficial Mayer, bater à porta do alvo não era uma exigência, então a chutei com toda a força e ela se abriu, revelando escuridão.

Entreí, passando os olhos pela esquerda, onde podia ver ligeiramente a silhueta de um sofá e algumas cadeiras. Havia um corredor logo depois da sala de estar, mas não avistei sinais de vida nos outros aposentos da casa. Talvez eu tivesse dado sorte, e o humano estivesse em um sono pesado.

Minhas botas fizeram barulho na madeira do piso quando eu me esgueirei pelo sofá e desci

o corredor. A primeira porta à esquerda estava aberta: um banheiro. A porta seguinte ficava bem em frente. Pressionei as pontas dos dedos nela enquanto, com a outra mão, segurava a maçaneta, que rangeu quando a girei; estremeci com o som.

Empurrei a porta e apertei os olhos na escuridão, fitando a cama à minha frente. Estava vazia.

Vislumbrei um borrão de movimento pelo canto dos olhos e enterrei os dedos dos dois lados da moldura da porta.

Nenhuma janela neste quarto. Eu o havia encurralado.

A luz foi acesa, e eu pisquei, surpresa. O humano — Milo, presumi — estava ao lado da cama usando nada além de uma camiseta, cuecas samba-canção e meias.

Tinha um sorriso largo no rosto.

Inclinei a cabeça, confusa com aquela reação. O olhar dele passeou pelo meu corpo, e ele sorriu ainda mais, segurando alguma coisa. Era um cano de metal, de aproximadamente cinco centímetros de comprimento.

— Cento e setenta e oito, algeme-o! — gritou o oficial Mayer pelo comunicador.

Um som estridente horrível perfurou meu ouvido; perdi o fôlego e rapidamente puxei o aparelho. Esfreguei a orelha, franzindo o cenho para Milo.

— Quem é o oficial da aeronave? — Ele atravessou o aposento, vindo na minha direção. Dei um passo para trás, erguendo os braços para me defender. Ele fez um som exasperado. — Quer parar? Estou do seu lado.

Meu lado? Que lado era esse?

Eu me virei ao ouvir o som de passos, e Leb apareceu no canto, com os olhos arregalados e em pânico. Olhou para mim e para Milo, e eu logo estiquei a mão para pegar minhas algemas, incapaz de pensar em uma explicação para ainda não ter prendido o alvo.

Milo ergueu um equipamento prateado para Leb, e o rosto do oficial mudou do pânico para a raiva.

— O seu também não está funcionando, certo, Leb? — perguntou Milo.

Congelei. O humano o conhecia.

Leb abriu a boca, mas tornou a fechá-la e se virou para mim. Estava preocupado. Com medo. De mim? Leb nunca parecera ter medo de mim.

Ele soltou um suspiro, pressionando o osso do nariz com dois dedos.

— Você derrubou todos os vídeos e comunicações. Até na aeronave.

— Legal — disse Milo, largando o aparelho na cama. — Eu gostaria de ter recebido uma advertência, sabe.

— Não tive tempo — falou Leb. — Recebi a missão há meia hora.



Milo suspirou.

— Foi inteligente da parte deles, eu acho. Quer me compensar, deixando que eu vá embora? Você pode dizer que eu fugi.

— Ela não deixa as pessoas fugirem — disse Leb.

Isso era verdade. E por que Leb o deixaria?

— Em que diabos você estava pensando? — continuou Leb, zangado. — Eles vão saber por que você derrubou a comunicação. Vão matá-la. E a mim, talvez.

Pisquei, deixando meu comunicador cair, e Leb me lançou um olhar de desculpas enquanto eu o pegava. Por que me matariam? Eu havia seguido as ordens.

— Entre na aeronave — disse Leb para Milo. — Cento e setenta e oito, algeme-o.

— O quê? — gritou Milo quando eu dei um passo na direção dele. — Qual é, cara, você não pode me entregar!

— Não tenho escolha — falou Leb, fazendo um gesto para que o seguissemos. — Se não entrarmos naquela aeronave agora e voltarmos para a corporação, eles vão matar a mim e a ela, e provavelmente vão caçá-lo alguns dias depois de qualquer maneira.

— Mas... — Milo desviou o olhar para Leb, e então para as algemas na minha mão.

O alvo disparou pelo corredor, empurrando Leb para fora do caminho. Estiquei a mão para agarrá-lo, mas só consegui pegar o pano da sua camiseta. Ele se contorceu, soltando-se, e disparou pela porta, escorregando no chão por causa das meias.

— Ah, é, boa ideia, Milo — disse Leb secamente. — Fuja da 178.

Corri para a sala de estar e me joguei sobre Milo. Caímos juntos no chão, e ele grunhiu, contorcendo-se embaixo de mim. Estiquei a mão para pegar as algemas enquanto ele tentava agarrar a beirada do sofá.

— Quer parar? — explodiu Leb, suas botas aparecendo ao meu lado. — Só deixe que ela o algeme.

Milo grunhiu, mas parou de se contorcer por tempo suficiente para que eu prendesse as algemas em seus pulsos. Eu o ergui, e ele soprou algumas mechas de cabelo para longe dos olhos ao se virar para olhar Leb.

— Mas eu acho...

— Apenas cale a boca até entrarmos na aeronave — disse Leb, parando no vão da porta com a mão na maçaneta. — Entendeu?

Milo assentiu mal-humorado, e Leb abriu a porta. O piloto estava de pé ao lado da porta da aeronave, o rosto curioso.

— Está tudo bem — falou Leb para ele enquanto abria a porta. — Vamos voltar.

O oficial assentiu e pulou para o assento do piloto. Gesticulei, ordenando que Milo

entrasse. Os alvos humanos eram trancados em um compartimento separado nos fundos da aeronave, um modo de proteger o oficial em serviço. Milo passou pela pequena abertura, e eu fechei a porta.

Acomodei-me no assento, fitando Leb. Ele claramente evitava o meu olhar.

— Pode me ajudar? — Milo começou a falar o mais rápido que conseguia, a testa pressionada no compartimento de vidro. — Talvez durante o transporte. Você poderia me deixar fugir quando me despacharem para Austin, certo?

— Talvez — disse Leb.

— Ou talvez até mesmo esta noite. Conhece algum jeito de sair? Você...

— Pode me dar um minuto para pensar? — Leb franziu o cenho para ele e inclinou-se para a frente, descansando os cotovelos nos joelhos e passando as mãos pelo cabelo escuro.

O silêncio preencheu a aeronave; o único som era o zumbido do motor. Os olhos de Milo alternavam entre mim e Leb, o rosto curioso.

— Ela fala? — perguntou Milo depois de vários instantes de silêncio.

Leb não respondeu nem deu sinais de que o tivesse escutado.

— Você faz muitas missões solo com a 178? — perguntou Milo. — Tony teria gostado de saber desse detalhe. Já explicou as coisas para ela? Talvez ela possa me ajudar. Ou nos ajudar, em algum momento.

Leb levantou a cabeça e encarou Milo.

— Houve algum progresso com Adina?

— Não. Eles perderam mais três rebeldes dentro da CRAH no mês passado só em Austin e pararam de tirar Reboots por enquanto.

Os rebeldes. Eu ouvira sussurros sobre eles quando criança. Humanos nas favelas que formavam grupos para enfrentar a corporação, destruir os muros entre o *rico* e a favela e trazer de volta um governo gerido pelos cidadãos. Uma garota na escola alegara que seu pai fazia parte de uma equipe que atacaria as instalações da CRAH em Austin. A família inteira sumiu alguns dias depois.

Meus olhos se arregalaram, e Leb viu minha expressão. Ele soltou um longo suspiro, resmungando alguma coisa para si mesmo.

— O que quer dizer com *pararam de tirar Reboots por enquanto*? — perguntei.

— Ah, qual é? — disse Milo, dando uma olhada para Leb. — Você realmente não contou nada a ela?

— Não vou ajudá-los até tirarem Adina, então, realmente não vi motivo para fazer isso — respondeu Leb. — E agora você arriscou que eles a eliminassem, logo, não tem nenhuma importância.

Eu queria que Leb parasse de dizer aquilo. O enjoo no meu estômago estava começando a subir para a garganta, e eu tive que engoli-lo.

— Por favor — disse Milo, revirando os olhos. — Eles não vão fazer nada com sua preciosa 178. Acham que ela não passa de uma casca vazia mesmo. — Ele fez uma careta. — Desculpe, magrinha.

— É Wren — falei, fechando a cara. Casca vazia? Eu não sabia disso. Não era emoção pura, como uma -60, mas havia algo aqui dentro.

Eu tinha quase certeza de que havia algo aqui dentro.

— Escute — disse Milo, levantando a voz para que eu pudesse ouvir pelo vidro. — Reboots fogem.

Isso era ridículo. Eu lhe dirigi um olhar desconfiado, sem saber bem que tipo de jogo ele estava jogando.

— Eles fogem e formam uma reserva no norte do Texas, perto da fronteira. Sabe aqueles que dizem terem morrido em campo, mas misteriosamente não conseguem encontrar os corpos? Eles não morreram.

Eu não vi o corpo do meu treinador quando ele morreu.

Virei-me para Leb, meus olhos arregalados.

— O 157? — perguntei.

— Sim. Ele fugiu. — Leb se remexeu desconfortavelmente.

— Como?

Ele não me olhou nos olhos.

— Consegui pôr as mãos em um localizador da corporação e o tirei quando ele estava em uma missão.

— Por que você faria isso? — Por que qualquer humano ajudaria um Reboot? Nós éramos o maior inimigo da humanidade.

— Porque eles prometeram ajudar minha filha — continuou ele. — Ela é uma Reboot nas instalações de Austin e os rebeldes disseram que, se eu ajudasse a resgatar um número alto, alguém que a corporação achasse que nunca tentaria fugir, eles a resgatariam em troca. — O olhar dele ficou sério, então encarou Milo. — Eles mentiram.

— Não mentimos! — protestou Milo. — Mas acabamos de perder três pessoas, e, desculpe, mas resgatar uma 39 não é nossa maior prioridade no momento.

— Vocês ajudam os números mais altos a fugirem? — perguntei. Eu ainda não conseguia entender o motivo.

— Priorizamos os números mais altos porque eles são mais úteis para a corporação — disse Milo. — Mas temos números baixos também.

— Por quê? — perguntei.

— Se um dia tivermos a oportunidade de nos livrarmos da CRAH, vamos precisar de ajuda. Ajuda de verdade, treinada em combate. E pensamos que nem todos vocês iriam recusar a chance de fugir.

— Mas...

Não éramos humanos. Eu não queria contar para o cara, mas, se alguém tivesse me ajudado a fugir, eu provavelmente teria ido embora. Não ia ficar para ajudar um bando de humanos. Achava difícil acreditar que havia uma reserva de Reboots, muito menos uma reserva aliada aos rebeldes humanos.

— Ou, no mínimo, eles precisam que você vá embora para que tenham uma chance — falou Leb, como se soubesse o que eu estava pensando.

A aeronave começou a descer, e Milo olhou para Leb com olhos arregalados.

— Você pode me ajudar, certo? Pode me tirar dessa?

— Talvez — disse Leb, passando uma das mãos pelo rosto. — Posso tentar armar alguma coisa quando você for transferido para Austin. Mas estão com Suzanna Palm em Rosa esta noite. Você vai ter que aguentar o interrogatório por enquanto.

A cor sumiu do rosto de Milo, mas ele concordou.

— Mas pode me tirar mais tarde, certo? Porque...

— Falei que vou tentar — vociferou Leb. Ele se virou para mim. — Vão lhe perguntar o que aconteceu durante o silêncio. Você precisa dizer a verdade, mais ou menos.

Eu pisquei, confusa. Todos os humanos haviam enlouquecido.

— Uma versão da verdade. Diga que Milo começou a tagarelar sobre a reserva de Reboots e pessoas fugindo. Diga que ele falou que o 157 fugiu. E que ele queria ajudá-la. Diga que você acha que ele é louco. Que, mesmo que não fosse, você não iria. Faça daquele jeito: você fica impassível, como se não tivesse nenhum sentimento.

— Acho que é só o meu rosto.

— Tudo bem. Você tem que dar algo a eles. Nunca vão acreditar que ele ficou calado enquanto o seu comunicador estava com defeito. — Ele olhou para mim, suplicante. — Mas, por favor, não lhes conte sobre mim ou Adina. Pode só dizer que eu a mandei ficar calada? Tenho outros dois filhos e minha mulher morreu. Não posso ser pego.

A aeronave balançou até aterrissar, e eu assenti. Ele não parecia inteiramente convencido de que eu não iria entregá-lo.

— E não pode contar a nenhum outro Reboot sobre isso — sussurrou Leb, as palavras saindo apressadas. — Não posso tirar mais nenhum deles neste momento. Cheguei muito perto de ser pego da última vez. Não vou arriscar de novo. — Ele se virou para olhar Milo. —

Especialmente quando certas pessoas não cumprem sua palavra.

Milo o encarou também enquanto a porta deslizava revelando o oficial Mayer no terraço, as mãos nos quadris, a raiva irradiando pelo corpo gorducho. Suzanna estava ao lado dele, com a raiva sob controle, se é que sentia alguma. Simplesmente ergueu as sobrancelhas para mim. Um canto de sua boca se levantou ao olhar para Milo.

Não culpei o humano por se encolher.

— Leve-o para que seja interrogado por Suzanna — latiu o oficial Mayer para Leb, fazendo um gesto para Milo. — Então desça para a sala de relatórios e espere por mim. Você, venha cá! — gritou a última frase para mim, e eu disparei para fora da nave.

Ele me agarrou pelo braço e me arrastou escada abaixo como se eu fosse uma criança que havia fugido. Só me largou quando chegamos ao seu escritório no nono andar, para enfiar a chave na fechadura.

Bateu a porta ao passar e virou-se para me encarar, o rosto tão perto que eu podia sentir o hálito azedo.

Ele gritou algo para mim. Eu não fazia ideia do que era.

Sério. Todos os humanos haviam enlouquecido.

— Desculpe-me, não entendi, senhor. — Tentei parecer calma.

Ele suspirou em alto e bom som.

— Por que desligou o comunicador? — perguntou, entre dentes, apontando para o aparelho ainda na minha mão.

— Guinchou no meu ouvido. Está com defeito. — Eu o estendi para ele. Ele deu um tapa para afastar a minha mão, e o aparelho de plástico escorregou no chão de ladrilho e parou debaixo da longa mesa de vidro.

— E a câmera? — Saliva voava no meu rosto enquanto ele falava, e eu resisti ao ímpeto de limpar as bochechas.

— Não sei. Não está funcionando? — perguntei, inocentemente.

— O que aconteceu naquela casa?

— O criminoso começou a tagarelar sobre uma reserva de Reboots. Falando bobagens sobre querer resgatar todos nós. O oficial entrou, já que havíamos perdido contato, e juntos nós levamos o alvo para a aeronave.

Ele passou uma das mãos em volta do pulso. Achei que podia estar se preparando para me dar um soco.

— E?

— Ele continuou falando na aeronave. Disse que o 157 não morreu; que fugiu.

— E? — rosnou ele.

— Só isso. O oficial pediu que eu não falasse. O humano continuou gritando sobre uma reserva de Reboots.

— Ele disse onde ficava?

— Não. — Não exatamente, de qualquer maneira. O norte do Texas não era uma descrição detalhada. Tudo ao norte era um terreno baldio, até onde eu sabia.

— Ele falou que iam ajudá-la a fugir?

— Sim, mencionou que queria me ajudar. Mas eu acho que ele simplesmente estava maluco, senhor.

O oficial Mayer franziu os olhos para mim, bufando e arquejando, os únicos sons na sala durante vários segundos.

— Você acha que ele estava maluco — falou, lentamente.

— Reboots não fogem. Eu os vi tentar. Eles são mortos. Mesmo que fugissem, não há para onde ir.

— E quanto à reserva de Reboots?

— Acho difícil acreditar nisso, senhor. — Não era mentira. Eu não conseguia imaginar. Como eles viviam? Onde conseguiam comida? Por que os humanos os deixariam em paz?

Ele olhou fixamente para mim, procurando por uma mentira em meu rosto.

— Eu não sabia que ia ficar tão difícil. Mas eu a enviei porque confio em você. — Ele respirou fundo, dando um passinho para trás. — Essas pessoas... Sei que você pode não entender isso, mas nós as salvamos. Somos o único estado que sobreviveu, porque fechamos nossas fronteiras cedo e paramos com todo o deslocamento de civis. E essas pessoas acham que podem ir aonde quiserem e fazer o que quiserem. Nós criamos essas regras por um motivo! Nós os protegemos, e esses rebeldes — ele cuspiu a palavra — acham que estão em uma espécie de missão para salvar o mundo. Estão nos matando mais rápido. Viajando de uma cidade à outra, infringindo as leis! Este lugar — ele apontou para a sala — é para proteger os humanos. É isso o que você faz. Sabe disso, não é?

*Proteger* não é a palavra que eu usaria, mas quase conseguia entender seu ponto de vista. Os humanos escolheram deixar os Reboots mais jovens viverem para que eles ajudassem a limpar as cidades. Acabar com os criminosos e os doentes sem correr o risco de se infectarem e espalharem ainda mais o vírus.

— Sei — respondi.

Ele deu um passo para a frente, tão perto de mim que eu senti vontade de bater no peito dele e jogá-lo para o outro lado da sala.

— Vou observar cada movimento seu. Diga uma palavra sobre isso para qualquer um e está morta. Entendido?

Eu assenti.

Isso em nada se parecia com confiança para mim.

# ONZE

Quando voltei aos meus aposentos naquela noite, me arrastei para a cama e fiquei de frente para a parede. Achei que havia uma boa chance de o oficial Mayer estar me observando naquele exato momento e não tinha certeza de que meu rosto não traía meus pensamentos.

Fugir?

Era ridículo. A CRAH havia planejado as instalações para tornar isso impossível. Éramos monitorados constantemente e cercados por guardas armados; o lugar onde nossos rastreadores ficavam era segredo; e todos os humanos nas cidades estavam mais do que dispostos a nos entregar para a corporação se nos vissem.

Bem, não todos os humanos, aparentemente.

Puxei meus joelhos até o peito e franzi as sobrancelhas, tentando entender aquilo. Minha primeira reação instintiva era achar que os rebeldes estavam criando uma armadilha para nós. Ajudar Reboots a fugir usando uma história sobre uma reserva e então matá-los. Mas eu não conseguia entender o sentido disso. Se realmente quisessem se livrar dos Reboots, por que não simplesmente matá-los quando estavam fora, em missão? Criar uma estratégia elaborada para tirá-los da corporação parecia estúpido, até mesmo para um humano.

Mas se não estavam armando para nós, se estavam realmente nos ajudando com a esperança de que prestássemos assistência, era um esquema inteligente. Era um tanto otimista da parte dos humanos contar com a cooperação dos Reboots, mas era um plano sólido se desejavam se livrar da CRAH.

Franzi o rosto. Não tinha uma opinião formada sobre a união de humanos e Reboots. Ficava mais difícil odiá-los quando eles começavam a introduzir bom senso na equação.

Mal dormi naquela noite, e, quando virei de lado na manhã seguinte, Ever estava encolhida, os dedos tremendo, com as cobertas até o queixo. Eu me sentei e deixei as pernas na beira da cama, desviando rapidamente o olhar quando ela percebeu que eu a estava



encarando.

Queria conversar com ela sobre o que havia acontecido na noite anterior, mas parecia cruel. Se alguém precisava sair dali era ela, e Leb havia deixado claro que não estava interessado em ajudar nenhum de nós. O que eu diria mesmo? *Alguns Reboots conseguem fugir, mas parece que não vai ser nem você nem eu?*

Deslizei para fora da cama e vesti minha roupa de corrida, dando outra olhada nela antes de sair do quarto e descer o corredor. O 22 estava esperando na pista, os olhos grandes e redondos cheios de arrependimento.

— Wren, eu...

— Vamos só correr — interrompi, evitando seu olhar.

Fiquei me sentindo culpada de novo e não queria que isso acontecesse quando era ele quem achava que eu era um monstro.

Saí correndo, e ele me seguiu; permanecemos em silêncio enquanto percorríamos a pista. Ele ficou calado durante toda a corrida e o treinamento posterior naquela tarde. Continuava me olhando como se quisesse pedir desculpas, mas eu o ignorei, falando com ele apenas sobre o treinamento.

— Eu o encontro no terraço daqui a uma hora — falei, quando terminamos o treinamento do dia.

Tínhamos uma missão de extração de doente naquela noite, e eu estava grata pela folga. Extrair humanos doentes para entregá-los ao hospital era uma missão fácil, dificilmente surgiam complicações. E raramente envolvia violência.

O 22 assentiu, e eu me virei para sair quando vi Leb encostado na parede do ginásio, os olhos fixos em mim. Deixei o 22 ir na frente e andei mais devagar ao me aproximar da porta, parando com metade do corpo para fora.

— Obrigado — sussurrou Leb, a cabeça baixa como se estivesse falando com o chão.

— Você ainda tem? — perguntei, meu rosto virado na direção da porta — O localizador?

— Não. Devolvi para que eles não suspeitassem que alguém de dentro havia ajudado.

Agarrei a beirada da porta, o corpo trêmulo de Ever passando na frente dos meus olhos.

— E realmente não pode...

— Não.

— Mas...

— Não. — Os olhos dele fitaram a câmera na parede. — Vá. Mayer vai perceber que você está conversando comigo.

Ele estava certo, e eu suspirei ao empurrar a porta e entrar no corredor. Talvez nem fosse uma boa ideia tentar ajudar Ever a sair. Ela não estava em sua melhor forma, e eles certamente

mandariam na mesma hora oficiais da corporação atrás de um Reboot fugido. Era muito arriscado para qualquer Reboot, especialmente para uma 56 que não estava numa boa fase. Mesmo que eu achasse um jeito de ir com ela, suas chances de sobreviver eram poucas. Talvez ela estivesse melhor aqui.

Enfiei o capacete na cabeça e apertei a faixa debaixo do meu maxilar, lançando um olhar nervoso para Ever.

Ela ajustou o comunicador com as mãos trêmulas, muito mais agitadas do que esta manhã.

— Você precisa de ajuda? — perguntei.

Ela balançou a cabeça, preparando o comunicador na frente da boca.

— Callum está melhor?

— Está ótimo — resmunguei.

— Ele está se sentindo muito mal, sabe. Talvez você possa pegar leve com ele. As primeiras semanas aqui são difíceis.

Dei de ombros, apesar de achar que ela podia estar certa. A imagem dos olhos grandes e tristes do 22 surgiu na minha cabeça, e eu soltei um suspiro.

Ever se levantou, e suas pernas cederam imediatamente. Ela desabou no chão, arfando.

— Você está... — Hesitei quando ela levantou a cabeça e fixou seus olhos vidrados em mim.

Ela ficou de pé em um pulo e voou para cima de mim. Caímos, e ela bateu com meus ombros no chão, prendendo-me com seu corpo.

Agitei as pernas, mas ela não se mexeu, só mostrou os dentes e rosnou para mim.

Dois humanos apareceram do lado de fora do nosso quarto, um segurando uma prancheta. A cabeça de Ever girou, e ela disparou sobre eles. O médico com a prancheta rapidamente apertou o botão para trancar.

Eu me levantei lentamente, mantendo o olhar baixo em vez de dirigi-lo aos humanos.

Tum.

Tum.

Tum.

Fechei os olhos, ouvindo a pulsação de Ever. Eu não queria fazer isso naquela noite. Queria a verdadeira Ever de volta, a que fazia eu me sentir melhor e que gostava de ir até o refeitório comigo.

Eu sentia falta dela.

Abri os olhos e soltei um suspiro. Ever virou-se devagar, fazendo uma careta para mim como se isso a tivesse ofendido.

— Tome cuidado, 178 — gritou o médico do lado de fora.

*Ah, obrigada, humano. Isso ajuda muito.*

Ela pulou em cima de mim como um animal, agarrando a minha blusa enquanto eu tentava me esquivar. Ouvi quando ela rasgou o pano nas costas, segurou o que sobrara e me puxou para si, passando um braço em volta da minha barriga. Senti os dentes dela arranharem meu pescoço e dei uma cotovelada na lateral do seu corpo, desvencilhando-me dela.

Pulei para a minha cama, mas ela foi rápida demais. Seus dedos envolveram meu pulso, torcendo-o enquanto ela me puxava para o chão. Ever pulou outra vez em cima de mim e prendeu os dedos em torno do meu pescoço.

Um gemido minúsculo escapou da minha boca. Apertei os lábios, envergonhada, e esperei que os humanos não tivessem ouvido.

Mas Ever ouvira. Seus olhos clarearam, e ela soltou meu pescoço de repente, o terror tomando conta do seu lindo rosto.

— Sinto muito — falou, afastando-se. Olhou para os humanos do lado de fora, seus olhos se enchendo de lágrimas.

— Tudo bem — falei com a voz meio rouca, sentando-me e apoiando as costas na cama. Meu braço estava pendurado de um jeito estranho. — Pode colocar no lugar?

Ever agarrou meu braço e o encaixou, mantendo a cabeça baixa enquanto lágrimas começavam a escorrer por suas bochechas.

— Sinto muito — sussurrou ela novamente quando os humanos entraram.

— Está tudo bem, Ever. Sério. — Sorri, mas ela não estava olhando para mim.

— Está se sentindo cansada? — perguntou o médico com uma voz gentil, como se não fosse ele quem tivesse feito isso com ela.

Ela assentiu em silêncio, e ele esticou uma seringa, indicando o braço dela.

— Isso vai ajudar. — Injetou o líquido e deu tapinhas na cabeça dela.

Ela fechou os olhos e respirou algumas vezes.

— Está melhor? — perguntou ele. — Acha que pode sair em missão esta noite?

Ela concordou, enxugando as bochechas com os dedos.

O humano mordeu o lábio, pensando por um momento.

— É só extração de doente, não é?

— É — respondeu Ever.

— Está bem. — Ele apontou para mim. — Troque de blusa. Está rasgada na parte de trás.

Eles saíram do quarto, e eu me levantei, puxando minha blusa preta e vestindo uma idêntica. Coloquei-a por cima da camiseta, ajeitando meu capacete e a câmera.

— Está pronta? — perguntei, oferecendo minha mão a Ever.

Ela manteve a cabeça baixa até o terraço, alheia aos muitos olhares que eu lhe lançava. Não podíamos conversar sobre aquilo naquele momento, com os comunicadores ligados e os humanos escutando cada palavra.

O 22 e os outros Reboots já estavam na aeronave, afivelados. Hugo e seu novato eram a única outra equipe de treinamento que ia sair esta noite; os outros eram Reboots veteranos. Eram na maior parte os -60, exceto Marie 135, que estava em sua segunda missão solo desde o fim do nosso treinamento. Missões de extração de doentes não exigiam muita habilidade. Olhei para os -60 ao entrar na nave, procurando sinais da insanidade que eu havia acabado de ver em Ever. Mas os olhos deles estavam desalentados, as expressões vazias.

Dois oficiais estavam no canto da aeronave. Um rapaz chamado Paul e outro que eu não conhecia. O estranho deu um sorriso de escárnio para nós e apontou a arma diretamente para mim, mostrando os dentes amarelos.

— Sente-se — ordenou.

Dois oficiais não eram um bom sinal.

Escorreguei para o assento ao lado do 22 e ignorei seus esforços para atrair meu olhar. Não estava no clima.

Viajamos para o coração da favela, em silêncio, formando fila para sair da nave quando Dentes Amarelos rosnou a ordem. A favela estava mais quente naquela noite, sem a brisa gelada dos últimos dias.

— Está com o mapa? — perguntei ao 22, entregando-lhe a ficha da missão enquanto a porta da aeronave se fechava atrás de nós.

Ele assentiu, levantando-o para mim.

— Missões de extração de doentes são mais fáceis — falei, ao vê-lo estudando o mapa. — Só vamos extrair os doentes que estão contaminando a cidade.

— Por que eles se importam? — perguntou, fazendo um gesto para a aeronave.

— Estão tentando livrar a população humana das doenças. Não podem fazer isso se esses humanos andarem por aí infectando todo mundo. Estão prevenindo uma segunda epidemia em massa.

Ele franziu o cenho, mas não disse nada.

— Por ali? — apontou.

— É.

Descemos uma rua de terra cercada de pequenas casas e barracos. Aquela área da cidade ainda não fora completamente edificada, com alguns humanos vivendo em locais improvisados até construírem algo mais consistente. Era a pior das favelas, e o cheiro de morte e doença fazia meu nariz coçar. O clima quente piorava o fedor, apesar de não ser nem de perto tão ruim

quanto no verão, quando ficava tão forte que eu tinha que prender a respiração.

Parei na frente de um barraco construído com alguma espécie de plástico. Não era particularmente firme; na verdade, estava tão cheio de furos que eu duvidava que oferecesse muito abrigo. Os galhos de árvore que o sustentavam pareciam trêmulos, na melhor das hipóteses.

— Bell Trevis — chamei.

Ouvi uma tosse no lado de dentro; as laterais do barraco se abriram e uma moça saiu. Seu cabelo oleoso estava emaranhado na cabeça, os olhos fundos e pretos. Manchas vermelhas salpicavam seu queixo, provavelmente de quando ela tossiu sangue.

Ela esticou os braços para a frente. Os doentes raramente lutavam.

— Eu a peguei — disse o 22, segurando-a no colo.

— Você precisa algemá-la — falei.

— Por quê? O que ela vai fazer? Correr? — Ele olhou para a humana. — KDH?

A humana assentiu, a cabeça balançando de um lado para o outro como um recém-nascido. Ele a ajeitou cuidadosamente em seu peito.

— Não fale com ela, 22.

Ele só franziu o cenho em resposta e virou de costas, dirigindo-se para a aeronave.

— Vinte e dois! — Soltei um suspiro exasperado e falei no comunicador: — Wren 178 com 22. Estamos com o alvo.

— Voltem para a nave. Controle seu novato, 178.

Corri para alcançar o 22, que estava com a cabeça baixa, conversando com a humana.

— Vai chegar um momento em que você não vai sentir nada — disse ele.

— Vinte e dois!

— Fica tudo dormente. Nem vai perceber quando morrer... prometo.

— Você não pode conversar com os humanos — falei, agarrando o braço dele, que parou e me encarou.

Puxou o braço para longe, mas ficou em silêncio em seguida. Colocou a mulher gentilmente na aeronave com os outros doentes, fingindo não perceber minha expressão irritada enquanto nos arrastávamos para a nossa própria aeronave.

Os outros Reboots estavam em fila, e nós nos juntamos a eles. Senti meu estômago se revirar quando os oficiais fecharam a cara para nós. Algo estava errado. Olhei para Ever, mas ela estava com os olhos baixos, inexpressivos.

— Temos Reboots trazendo itens de campo e ameaçando oficiais — disse Paul. — Temos que revistar antes de embarcar agora.

Tirei minha camisa e abri os braços, como sempre.

— Tudo — falou Paul, balançando a mão. — Camiseta de baixo também. Puxem os bolsos para fora e abaixem as calças. Deixem as roupas de baixo, não precisamos ver isso.

Os outros Reboots seguiram a ordem imediatamente, camisas foram tiradas e calças caíram no chão com um silvo suave.

Passei o dedo no botão das minhas calças, olhando o peito nu dos Reboots na fila. Ninguém parecia perturbado pela ordem. Provavelmente já tinham visto uns aos outros de roupa de baixo. Pelo canto do olho eu podia ver que até o 22 havia obedecido.

Ninguém jamais me vira sem roupa.

— Ei.

Ergui os olhos e vi Dentes Amarelos apontar a arma para mim. Ele balançou a cabeça, indicando que eu obedecesse.

Meus dedos tremiam tanto que eu não conseguia abrir o botão das calças. Não conseguia passá-lo pela casa. E essa nem era a parte ruim. As calças, tudo bem.

Mas a blusa. Eu não podia tirar a blusa.

— Quem é esta? — perguntou Dentes Amarelos.

— É a 178 — disse Paul.

Eu não deveria ter que tirá-la. Salvei Leb. Não fui eu quem puxou a faca para um oficial.

— O que há de errado com você? — perguntou Paul, enfiando a arma nas minhas costas.

Todos os Reboots na fila se viraram para mim. Marie 135 franziu o cenho, quase preocupada, enquanto acenava com a cabeça para que eu seguisse as ordens deles.

*Eu o salvei.* Queria gritar isso para eles.

— Ei — vociferou o 22, agarrando o cano da arma. Soltei um arquejo minúsculo. — Quer parar com isso? Ela não deveria ser obrigada se não quiser fazer isso.

Paul puxou a arma e bateu com o cano na cabeça do 22. Eu me encolhi quando ele cambaleou e puxei o botão da calça novamente. Paul se afastou de mim, a arma então apontada para o 22.

Dentes Amarelos soltou um suspiro irritado e colocou a arma no coldre, indo a passos largos até mim. Ele me puxou pelo cós da calça, passou o botão pela casa e arriou-a.

— Qualquer outro teria levado um tiro no cérebro — resmungou, agarrando a bainha da minha camisa e puxando-a pela cabeça.

Apertei os braços contra meu sutiã branco e fino e tentei respirar, mas meus pulmões não cooperaram. Meu peito subia e descia depressa demais, minha garganta se apertava dolorosamente.

— Pelo amor do Texas — falou Dentes Amarelos, completamente exasperado, puxando meus braços para o lado. — Parece até que você é uma novata.

Dentes Amarelos fez uma careta ao ver as cicatrizes feias que se estendiam pelo meu peito e rapidamente desviou o olhar.

Mas os Reboots, não. Todos ficaram olhando fixamente.

Virei a cabeça para o outro lado, tentando não deixar meus braços tremerem. Não consegui.

O 22 não olhou para mim. Seu rosto estava virado para o lado, de forma que eu não pudesse ver nada além de sua nuca. Ele não havia olhado.

— Muito bem, vistam-se de novo. Para seus assentos — ordenou Paul.

Agarrei minhas duas blusas e as puxei por cima da cabeça o mais rápido possível, meus olhos no 22 — em Callum — o tempo inteiro. Ele ainda não havia olhado para mim.

Abotoei as calças e me sentei ao lado dele, afivelando imediatamente o cinto. Minhas mãos tremiam quando as coloquei no colo, virei para o lado e vi Callum fitando-as. Eu as apertei com força uma contra a outra para fazer o tremor parar, mas não funcionou.

Ever atraiu minha atenção quando levantei a cabeça e me lançou um olhar solidário que fez a pressão no meu peito piorar, não melhorar. Mantive o olhar no colo.

Quando a aeronave aterrissou, saí por último, atrás de Callum. Minhas pernas trêmulas não estavam mais funcionando direito. Fiquei para trás enquanto os outros Reboots marchavam pelo terraço e desciam a escada.

Callum ficou parado no alto da escada e esperou, segurando a porta aberta para mim. Agarrei o corrimão, cambaleando escada abaixo com minhas perninhas idiotas.

Senti algo quente na minha mão livre e baixei os olhos. Callum entrelaçou seus dedos nos meus. Sua pele era agradavelmente quente contra a minha carne fria e morta, e eu agarrei a mão dele em agradecimento, tentando sorrir. Seus olhos grandes cintilaram de preocupação e solidariedade, mas ele retribuiu o sorriso.

Descemos lentamente a escada e atravessamos o oitavo andar. Eu não queria soltá-lo, mas a ala dos homens era para a esquerda, e a das mulheres, para a direita. Ele apertou minha mão e eu a puxei, enfiando-a no bolso para tentar manter o calor.

Quando cheguei ao quarto, evitei os olhos de Ever ao despir minhas roupas de campo e vestir um moletom.

— Wren, não é nada... — começou ela.

Franzi as sobancelhas para ela enquanto subia na cama, e Ever parou de falar. Puxei as cobertas para cima da cabeça e me encolhi até a escuridão me engolir.

# DOZE

— Você perdeu a corrida hoje de manhã. É UMA PENA, porque eu me saí incrivelmente bem.

Callum abriu um sorriso largo para mim enquanto eu atravessava o ginásio e parava na frente dele. Aquele sorriso grande e cintilante havia voltado.

— Desculpe — respondi, meu olhar percorrendo o ginásio. Alguns Reboots me encaravam. — Dormi demais. — Concentrei-me em Callum outra vez, corando ao ver aquele sorriso. — Obrigada por ir mesmo assim. Isso é muito bom.

Ele deu de ombros.

— É, claro.

Peguei Hugo olhando para mim do outro lado do ginásio, cruzei os braços e fixei o olhar no chão brilhante de madeira. Eu queria rastejar para o canto, esconder meu rosto e nunca mais ter que ver aquelas pessoas.

— Você vai bater em mim ou o quê? — perguntou Callum.

Uma gargalhada escapou da minha boca, e eu logo pigarreei para disfarçá-la. Mas era tarde demais; ele tinha ouvido, e o seu rosto foi tomado por um deleite.

— Hmm, vou — retruqueei, corando ao encará-lo de novo.

Callum colocou os punhos na frente do rosto, e eu lhe dei um soco de leve que foi facilmente bloqueado. Dei um soco mais forte, chegando para trás antes de tocar o maxilar dele.

— Mais rápido — falei. — Eu quase acertei você.

— Talvez você tenha que aceitar que eu nunca vou ser bom nisso — devolveu, abaixando-se conforme meu punho voava em sua direção.

— Não.

— Não? — Ele pulou enquanto eu tentava chutar suas pernas.

— Bom.



— Obrigado. Não? Você não aceita?

— Não. Todos os meus novatos são bons. Nunca perdi nenhum durante o treinamento. Só dois, depois.

— De quantos? — questionou ele, dando um soco fraco do qual eu me desviei facilmente.

— Você estava tentando mesmo? — perguntei, incapaz de impedir que a minha boca esboçasse um sorrisinho.

— Um pouco. — Ele quicou nos pés.

— Tente muito.

Deu um soco mais forte, mas eu desviei com facilidade de novo. Pelo menos foi melhor.

— Quantos? — perguntou ele novamente.

— Vinte? Vinte e cinco? Por aí. — Atacamos um ao outro com mais força, meu punho passando de raspão pelo seu queixo.

Peguei seu braço quando ele investiu contra mim, puxando-o com tanta força que ele caiu de bunda. Callum imediatamente tentou desestabilizar minhas pernas, como eu o havia ensinado, e um sorriso se espalhou pelo meu rosto.

— Isso é engraçado? — perguntou Callum, desistindo, depois que pulei para fora do caminho.

— Não, foi bom — respondi, baixando a cabeça para que ele não pudesse ver um sorriso maior se espalhando pelo meu rosto.

Seus dedos subitamente agarraram meu pulso, e eu cambaleei. Meus joelhos bateram em sua barriga quando caí por cima dele. Callum soltou um gemido misturado com riso.

— Ganhei — chiou.

— Você chama isso de ganhar?

Quando comecei a me levantar, Callum agarrou minha mão, apoiando-se nos cotovelos de modo que seu rosto ficou ainda mais próximo do meu.

— Chamo.

Olhei para nossas mãos entrelaçadas e não para seus olhos escuros e felizes, tentando lutar contra o calor que se espalhava pelo meu corpo. Meu corpo inteiro enrubesceu. Maravilhoso.

— Sinto muito pelo que eu disse — falou, baixinho, e eu ergui os olhos para ele. — Não quis dizer aquilo.

Afastei minha mão da dele e a deslizei para cima do chão frio. Ele podia se desculpar, mas certamente quis dizer aquilo.

— Tudo bem.

— Não — insistiu ele, sentando-se e inclinando-se para perto de mim para conversar em particular. — Eu não deveria ter dito que você gosta de caçar pessoas só porque você é boa

nisso...

— Eu gosto mesmo — interrompi. — De certa forma. A perseguição, em especial. Mas...

— Eu não via como ele poderia entender... não àquela altura.

— Mas o quê?

— Não é como se eu tivesse escolha — falei, baixinho. — Mal me lembro da minha vida humana, e o que lembro é muito ruim. Isso aqui é tudo o que conheço. É tudo em que sou boa. Então, sim, às vezes eu gosto.

— Faz sentido. — Ele até soava como se fosse verdade.

— Eu não sinto coisas. Não da mesma forma. Sou uma 178. É verdade que eu realmente não tenho emoções.

— Isso é mentira — retrucou ele, com divertimento na voz.

— Não, não é.

Callum inclinou-se mais para perto, até eu poder sentir o aroma fresco de sua pele. Ele tinha um cheiro limpo e vivo, igual ao de um 22, e eu queria me enrolar em algo para esconder meu fedor de morte.

— É, sim. Você me enfiou a porrada no outro dia. Aquilo foi raiva. E o seu olhar quando falou sobre a sua vida humana, isso é tristeza. — Pude sentir o calor da sua respiração contra meu rosto quando ele inclinou a cabeça mais para perto da minha. Um sorriso passou por seus lábios quando tentei suprimir um arquejo minúsculo de surpresa. — Você sente o suficiente.

— Cento e setenta e oito! Vinte e dois! Voltem ao trabalho! — Ergui a cabeça em um estalo e vi um guarda olhando para nós. Levantei-me rapidamente, esticando a mão para Callum. Ele a pegou e ficou de pé em um pulo.

— Você me perdoa? — perguntou ao posicionar os punhos. Seus olhos eram grandes e redondos, como um cachorrinho implorando por comida.

— Perdoo — falei com uma gargalhada.

— Faça de novo — disse ele, pulando de alegria.

— Fazer o quê?

— Rir.

— Vamos combinar o seguinte: se você conseguir me dar um soco, eu rio.

— Você é tão estranha.

Liberei Callum para jantar depois que o ginásio começou a ficar vazio aquela noite. Eu o acompanhava até a porta do ginásio quando vi Ever entrar e marchar para a área de treino com faca. Ela pegou uma das lâminas cegas e deu vários passos para trás, o corpo imóvel enquanto ela se preparava para lançar.

Ever arremessou a faca, que rebateu na parede e caiu no chão.

Callum olhou para mim com expectativa, segurando a porta do ginásio, e eu fiz um sinal para ele ir.

— Vá em frente. Chego lá em um minuto. — Fui até Ever e parei ao lado dela.

Ela olhou para mim ao se esticar para pegar a faca com dedos trêmulos.

— Ei. Você está bem?

— Vim lhe perguntar a mesma coisa.

Ever deu um passo para trás e arremessou a faca. Bateu na parede a uns bons 20 centímetros do alvo.

— Simplesmente fabulosa.

Observei ela fazer várias outras tentativas, errando cada uma delas. Na maioria das vezes, a faca nem ficava presa. Ela estava pálida e desequilibrada, e o que quer que tivessem lhe dado na noite anterior não parecia ter durado muito.

— Nossa, por que será que eu não consigo hoje? — Sua voz saiu carregada de sarcasmo enquanto ela se curvava para pegar a faca depois de mais um arremesso malsucedido. — Isso não é estranho?

Cruzei os braços, esforçando-me ao máximo para lhe lançar um olhar solidário. Eu não sabia direito como havia me saído. Queria dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas não conseguia pensar em palavras que não soassem suspeitas a um oficial da corporação que estivesse escutando.

— Eu pensaria — grunhiu ela ao jogar a faca de novo — que isso é exatamente o contrário do que eles querem. — A faca se alojou na barriga do homem de papel. Ela inclinou a cabeça. — Hmm. Bem, acho que vai fazer com que ele vá mais devagar.

— Ever...

— Cento e setenta e oito! — Virei ao ouvir a voz do oficial. — O oficial Mayer gostaria de vê-la no escritório.

Eu assenti, mantendo o rosto impassível, embora meu estômago se revirasse. Isso não parecia nada bom.

Lancei um olhar de desculpas para Ever antes de sair do ginásio e subir as escadas. O corredor branco do nono andar estava gelado, e desci as mangas ao parar na frente do escritório do oficial Mayer.

A porta se abriu, e o comandante olhou para mim de sua mesa de vidro gigantesca. Seus dedos gordos passaram pela tela, e ele inclinou a cabeça na direção de uma cadeira.

— Sente-se.

Sentei-me, as costas eretas. Será que ele sabia sobre a minha conversa com Ever? Ou,

pior, será que ele sabia sobre Leb e Milo?

— Escolha interessante de novato — observou, recostando-se na cadeira e dobrando as mãos em cima das coxas.

Tentei não suspirar de alívio.

— Importa-se de explicar? — perguntou ele.

— Queria ver se podia melhorar um número baixo.

Ele aquiesceu, balançando-se para a frente e para trás em sua cadeira.

— Não está indo bem?

— Acabamos de começar.

— Ele não recebe bem as ordens. Respondeu aos oficiais ontem na aeronave.

— Ele é novo.

— Ele a ignora. — O oficial Mayer franziu seu rosto vermelho. — Ou faz piada, como se você estivesse de brincadeira. Eu vi vocês dois no ginásio.

Fixei meu olhar em sua mesa, esfregando nervosamente as palmas das mãos. Nunca havia sido repreendida pelo treinamento de um novato.

— Os números mais baixos frequentemente são... difíceis, mas ele é uma fraude. Estou surpreso que só o tenha surrado uma vez. — Ele se inclinou para a frente, batendo com a cadeira no chão. — E soube que você também criou problemas na aeronave ontem.

Limpei a garganta.

— Eu...

— Tudo bem. — Ele acenou. — Não acho que você deva desobedecer às ordens, mas mandei os oficiais não fazerem as meninas tirar a roupa de baixo. Não somos animais, pelo amor do Texas.

Concordei.

— Obrigada — falei, baixinho. Eu até estava sendo sincera, mais ou menos.

— Disse a eles que você, provavelmente, só estava frustrada com seu novato, o que compreendo. Você deveria estar frustrada. Eu estou.

Engoli o caroço na minha garganta e olhei nos olhos dele. *Frustrado* não era uma boa palavra na língua de Mayer.

— Não vamos eliminá-lo ainda. Já tive que eliminar o 43 por tentar matar um oficial. Obrigado, por falar nisso. Leb foi muito elogioso.

Eu assenti novamente, torcendo os dedos. Não iam eliminá-lo *ainda*.

— Mas ele precisa tomar jeito. Faça com que ele obedeça às ordens ou não terei opção. Sinta-se à vontade para lhe dizer que fui eu que mandei.

Meu peito havia se contraído a tal ponto que a minha visão periférica começava a

escurecer por falta de oxigênio. Eles não podiam eliminá-lo. Eu não podia deixar isso acontecer. Tinha que melhorá-lo.

O oficial Mayer focou sua atenção na mesa novamente, pressionando os dedos contra o vidro.

— É só isso. Pode ir.

Eu me levantei, pronta para fugir, mas parei quando ele disse meu número.

— Estou falando sério sobre a eliminação. Não gosto de vê-la perdendo seu tempo. Ele deve melhorar imediatamente ou está fora.

# TREZE

Eu preciso que você melhore.

*Preciso que você seja bom.*

As palavras passaram pela minha cabeça enquanto eu me aproximava das portas vermelhas do refeitório. Os meus novatos nunca haviam sido ameaçados de eliminação antes. Eu não sabia como ter essa conversa.

*Preciso que você não morra.*

Empurrei a porta e fui recebida por uma barreira de barulho. Os guardas raramente deixavam que fizéssemos bagunça, mas parecia que haviam aberto uma exceção naquele dia. Alguns Reboots desinteressados continuavam às suas mesas — todos os +120 e alguns dos -60 —, mas outros se aglomeravam no canto do refeitório. Alguns aplaudiam, outros se socavam, mas todo mundo tentava abrir caminho aos empurrões para ver o que estava acontecendo.

Callum. Meus olhos dispararam pelo aposento, mas eu não consegui encontrá-lo. Achei Ever, pálida e trêmula, sozinha em uma mesa, e ela apontou o dedo para a multidão.

Atravessei o refeitório a passos largos, com a raiva queimando no peito. Eu não tinha tempo para as bobagens dos 90. Não podia me dar ao luxo de deixar que o oficial Mayer visse Callum apanhar de outros Reboots.

— Saiam — falei, empurrando alguns Reboots para o lado para chegar ao centro da multidão.

Eles começaram a se aquietar quando perceberam a minha presença, e muitos correram para suas mesas quando me viram.

Empurrei um 90 para fora do caminho e olhei para o motivo de seus gritos.

Era o 22, com um Reboot pequeno. Treze anos, mais ou menos. O menino estava enlouquecido, debatendo-se e tentando desesperadamente morder Callum. Ele já conseguira várias vezes, considerando os braços ensanguentados do 22.

Eu não sabia o número do garoto, mas podia adivinhar. Era um -60. E recebera injeções recentemente.

Callum tentava desesperadamente fugir, mas a multidão o encurralara. O garoto atacou e enfiou os dentes no braço dele, arrancando um pedaço de carne.

Callum o puxou para longe com um olhar de absoluto horror e perplexidade. Seus olhos percorreram o círculo e pararam em mim; seu alívio foi evidente. Eu não tinha certeza de que algum dia alguém havia ficado feliz em me ver.

— Ei! — gritei.

Os Reboots começaram a se dispersar imediatamente, e eu agarrei a camisa do garoto quando ele se lançou contra Callum de novo. Dei um soco no rosto dele, com força, e o joguei no chão, na direção da porta. Os guardas não viriam pegá-lo? Simplesmente o deixariam ali dentro assim?

Alguns dos -60 foram até o garoto, então eu me virei para Callum, ajoelhando ao lado dele. Abri a boca para gritar, para perguntar por que ele não havia batido no menino menor e mais fraco que tentava devorá-lo, quando ele passou os braços em volta da minha cintura e me abraçou.

— Obrigado — falou, a respiração ainda pesada e apavorada.

Enrijeci com o calor do abraço. Era confortável demais. E eu nem lembrava mais por que queria gritar com ele.

— Desculpe — pediu, afastando-se e levando os braços ao peito. — Estou sujando você de sangue.

O refeitório estava silencioso demais. Todos os olhares, voltados para nós, então eu baixei a voz.

— Você está bem?

Espere. Não era isso que eu queria dizer. Eu ia gritar.

— Aquele garoto tentou me comer. — Ele olhou para os braços. — Olhe só para isso! Ele me comeu mesmo!

Havia grandes pedaços arrancados. Engoli em seco, tentando não demonstrar nojo. Aquele garoto realmente o mordera, como se fosse um animal.

O que estavam fazendo com eles?

— Por que você não contra-atacou? — perguntei. Minha voz saiu mais firme do que eu me sentia. Eu precisava que ele ficasse calmo, e melhor, sem se apavorar com a atual experiência da CRAH.

— Eu... eu não sei. Ele é só um menino. E eu fiquei um pouco distraído com o fato de ele querer me comer.

— Deveria ter contra-atacado.

— Eles me encurralaram! — Ele espiou atrás de mim antes de baixar a voz quase para um sussurro. — Além do mais, ele tem a mesma idade do meu irmão caçula.

— Ele não é seu irmão.

— Eu sei, mas mesmo assim...

— Preciso que você seja melhor — falei.

— Não está mesmo preocupada por ele ter me comido? — perguntou ele, esticando os braços mais uma vez.

— Vai sarar em um minuto.

— A questão não é essa. Estou traumatizado.

— Preciso que você seja melhor — repeti.

— Eu...

Um grito ecoou pelo refeitório, e vi o menino enlouquecido pulando para atacar um guarda que havia acabado de passar pela porta. Não era natural pular tão alto, mesmo sendo um Reboot.

O garoto abocanhou o pescoço do humano antes que qualquer um pudesse reagir, e eu empurrei a cabeça de Callum para baixo. Ouvi outros Reboots se jogarem no chão. As armas estavam se movendo.

O corpo de Callum estremeceu quando várias armas atiram, disparando dez ou 15 balas antes de voltar ao silêncio. Fiquei abaixada mais um instante, até ter certeza de que havia acabado, então ergui lentamente a cabeça. Tanto o garoto quanto o guarda estavam mortos, embora o humano provavelmente tenha morrido no minuto em que sua garganta foi dilacerada.

— O quê... — Os olhos de Callum estavam arregalados e assustados. — O que havia de errado com ele?

— Ele enlouqueceu. — Eu não sabia de que outra maneira explicar. Certamente não podia lhe contar a verdade no meio do refeitório, onde a corporação ouviria cada palavra.

Ele não falou nada, mas seus olhos dispararam para a mesa dos -60. Obviamente ele já ouvira alguma coisa sobre isso.

— Callum.

O 22 se virou para mim. Sua expressão estava séria, mas gostei de como ela se suavizou ligeiramente quando ele me olhou. Como se olhar para mim fosse diferente de olhar para todos os outros.

— Preciso que você seja melhor. De verdade. Preciso que siga ordens e se esforce mais. Eles não toleram que saiam da linha aqui. — Balancei a cabeça na direção do Reboot morto, e Callum engoliu em seco. Ele entendia. — Está bem?



— Está bem.

Ever estava encolhida em sua cama quando voltei ao quarto antes do toque de recolher. Seu corpo inteiro tremia. Os olhos estavam vazios, sem esperança, mas ela ainda era ela. Uma versão trêmula e triste de si mesma.

Sentei-me na minha cama, e ela ergueu a cabeça, seu olhar penetrante e zangado.

— Eu estou morta.

— Todos nós estamos — disse, tentando abrir um sorriso.

Uma risada seca escapou de sua garganta, a surpresa cruzando seu rosto.

— Você acabou de fazer uma piada?

— Uma piadinha. Não muito boa.

— Eu gostei. — Ela apertou os lábios, balançando as pernas, e tive a impressão de que estava tentando não chorar. — Mas estou morta de verdade desta vez. Eles ainda não me mataram, mas eu já morri.

Abri a boca e a fechei de novo, olhando ao redor. Os humanos provavelmente gravavam cada palavra que dizíamos. Talvez estivessem escutando naquele exato momento.

— Você não está morta — acrescentei, bem baixinho.

— Levi estava morto — continuou ela. — Antes de tentar comer Callum. Estava morto havia dias. Ainda andava por aí, mas não restava mais nada lá. Era só uma casca maluca. — Ela agarrou as mangas da blusa, puxando-as com tanta força que achei que fossem rasgar. — E quando foi para cima do Callum, eu compreendi. Ele tem um cheiro tão bom. Parecido... — Seu rosto se contorceu, e ela sussurrou: — Parecido com carne.

Meu estômago se embrulhou, e eu fixei o olhar nos meus pés, esperando que ela não visse meu desconforto.

— Vai passar. Provavelmente é só...

— Desculpa se eu atacar você esta noite — disse ela, ficando de pé em um pulo, os punhos fechados ao lado do corpo, e gritou para nossa parede de vidro: — MAS NÃO É MINHA CULPA!

— Ever! — Olhei, nervosa, para o lado de fora.

— Por que eles se importariam? — cuspiu ela, jogando o edredom na cama enquanto rastejava para debaixo dele. — Eles me mataram.

— Você ainda está aqui — sussurrei.

— Quase nada.

# CATORZE

Ever enfiou um dedo na boca, empurrando para dentro o bife pendurado. As bochechas estavam infladas com a comida, as pálpebras quase fechadas ainda que ela tivesse dormido a noite inteira.

Eu havia ignorado a mesa dos +120 e me sentara ao lado dela assim que entrei no refeitório na hora do almoço e vi como era grande a pilha de carne que ela pusera na bandeja.

— Você está bem? — perguntou Callum enquanto dava uma mordida em seu sanduíche de manteiga de amendoim.

Ela engoliu um pouco de comida.

— Sou uma casca maluca.

Callum olhou confuso para mim, mas eu evitei seu olhar e espetei o garfo no meu almoço.

Eu não podia explicar nada. Não com o oficial Mayer observando cada gesto meu.

Ever agarrou a mesa ao engolir seu último pedaço de carne e ergueu o olhar da bandeja vazia com olhos ensandecidos e cegos.

Suas narinas se dilataram quando ela se virou para Callum, mostrando os dentes e soltando um rosnado baixo. Ela agarrou o pulso dele, que largou o sanduíche e olhou para ela, os olhos arregalados.

— Ever — falei, arrancando sua mão do braço dele enquanto Ever se curvava para dar uma mordida. — Pare.

Ela investiu contra ele novamente, e Callum deu um pulo para trás, levando os braços à frente do peito para se proteger. Eu a agarrei pela cintura e ela tentou se jogar para o outro lado da mesa. Ela se debateu contra mim, e eu a segurei com um braço, usando o outro para pegar meu bife e enfiá-lo em sua boca.

Ever mordeu meus dedos, mas engoliu o bife com um pequeno suspiro de alívio.

— Tome — disse Callum, deslizando seu bife pela mesa também.

Eu o enfiei pelos dentes de Ever, que mastigou freneticamente, pedaços caindo da boca aberta. Assim que terminou, começou a bater os dentes para Callum de novo.

— Ever — falei, apertando meu braço em volta de sua cintura. — Por favor, pare.

Ela ficou imóvel ao ouvir meu sussurro em seu ouvido. Afrouxei cautelosamente meu braço, e ela se virou, os olhos brilhando com lágrimas e preocupação.

— Sinto muito — sussurrou, passando os olhos pela bagunça de bandejas vazias e pedaços de comida na mesa.

Ela cambaleou e saiu correndo do refeitório, seu andar vacilante e desequilibrado.

Callum a observou sair e, quando se virou para mim, seus olhos estavam arregalados e interrogativos. Dei de ombros e olhei para a câmera na parede. Ele entendeu a dica e se concentrou no sanduíche.

Fomos para o ginásio depois do almoço e ocupamos nosso lugar de sempre no tatame. Coloquei as mãos nos quadris enquanto olhava para ele. Estava na hora de ele melhorar.

— Vamos ficar aqui hoje até você me bater — anunciei.

— O quê?

— Você nunca conseguiu encostar em mim. Já deveria ser capaz de me bater a esta altura. Vamos ficar aqui até você fazer isso.

— Mas eu... — Um sorriso envergonhado se espalhou por seu rosto, e ele encolheu os ombros. — Eu não quero bater em você.

— Não é uma opção. Eu sou sua treinadora. — Franzi o cenho para ele. — Não tem dado tudo de si?

— Tenho. Na maioria das vezes, pelo menos.

— Não existe mais *na maioria das vezes*. Nós dois vamos ficar aqui até você conseguir bater em mim. E eu não vou baixar a guarda.

Callum olhou para mim com desconfiança. Ele não acreditava nisso.

— Vamos lá — chamei, gesticulando para ele se aproximar.

Ele deu um passo cauteloso para a frente, e o sorriso sumiu quando ergueu as mãos na frente do rosto. Mas não fez nenhum movimento para o meu lado.

— Vá em frente — ordenei.

Seu punho veio na minha direção, mas desviei facilmente.

— O que eu falei? Rápido. Não pare com um soco. Eu não tentei bater em você. O que você deveria ter feito?

— Tentar acertar você de novo.

— Isso. Confunda-me. Surpreenda-me. De novo.

Ele lançou um golpe atrás de outro sobre mim, e nenhum deles sequer chegava perto. Ele era lento e desajeitado, os pés se moviam para um lado enquanto os braços iam para o outro. Eu praticamente podia ver seu cérebro funcionando e me peguei evitando golpes quase ao mesmo tempo em que ele decidia dar um.

— Pare — exigi com um suspiro. Ele abaixou os braços e me olhou como se pedisse desculpas.

— Sinto muito, estou tentando...

— Eu sei que está.

Puxei uma mecha de cabelo para trás da orelha e franzi o cenho para o chão enquanto um pensamento me ocorria.

— O que foi? — perguntou Callum.

— Estou fazendo algo errado? — perguntei, baixinho, com vergonha de que outros treinadores ouvissem. Eu era a melhor. Não devia estar fazendo nada errado.

— Você é a única que está fazendo certo. Eu é que sou uma droga.

— Devo estar explicando errado. Ou não estou treinando você direito. Quer outro treinador?

— Não — respondeu ele imediatamente.

— Tem certeza? Não quero que fracasse por minha causa.

— Você sabe que não é por sua causa — falou Callum, exibindo os olhos grandes novamente. — Por favor, não me dê para outra pessoa.

— Então diga o que estou fazendo errado.

Ele hesitou.

— Sei lá. Não há uma coisa errada, exatamente... Eu que não entendo como devo me mover tão rápido. É como se estivesse tentando me lembrar de todas essas coisas que devia estar fazendo, mas não conseguisse, e meu corpo não acompanha o meu cérebro. É mais ou menos como quando você aprende a dançar e seus pés estão em todos os lugares e nada faz sentido.

Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Você sabe dançar?

— É claro — disse ele, olhando para mim de um jeito estranho. — Era exigido.

— Exigido por quem?

— Pelas escolas. É um conhecimento básico. Eles não fazem isso nas favelas?

— Não. Definitivamente não. — Revirei os olhos. *Ricos*. — Tinham sorte se conseguissem manter um professor de história por alguns meses.

— Ah.

Estiquei os braços para a frente, uma ideia me ocorrendo.

— Me ensine a dançar.

Agora foram as sobrancelhas dele que se ergueram.

— O quê?

— Me ensine a dançar.

— Não temos música.

— E daí? Finja. — Sacudi os braços para cima e para baixo com impaciência. — Vamos lá.

Ele deu um passo para a frente e passou um braço em volta da minha cintura. Senti o calor nas minhas bochechas no mesmo instante, mas o formigamento que seu toque causava nas minhas costas foi inesperado. Suas mãos estavam quentes contra a minha blusa e produziam pequenas ondas de entusiasmo no meu corpo.

— Sua mão fica aqui — disse ele, colocando-a em seu ombro. A mão grande dele cobriu completamente a minha quando ele pegou a outra, e eu quis entrelaçar meus dedos nos dele e puxá-lo mais para perto de mim.

Pisquei ao pensar nisso, baixando meu olhar para o peito dele. Queria pressionar minha bochecha ali, sentir o calor no meu rosto e respirar seu cheiro fresco e vivo.

— Você é tão baixinha.

Olhei para cima e vi um sorriso surgindo em seus lábios. Era uma declaração estranha, mas eu também sorri mesmo assim.

— Já percebi.

— Desculpe. É adorável.

*Adorável* parecia ser a palavra errada para me descrever. Combinava mais com ele.

— Não estamos dançando — observei.

— Muito bem. Vou dar um passo para trás. Dê um comigo. — Ele olhou para baixo quando eu pisei no pé dele. — Tem que esperar por mim. Eu estou guiando.

— Por que você está guiando?

— Porque você não sabe o que está fazendo.

— É justo.

Ele deu um passo para trás.

— Vai ter que ser mais rápida do que isso — disse ele enquanto eu permanecia parada ali.

Eu ri. Os olhos dele desceram para os meus lábios, e um sorriso enorme se espalhou por seu rosto.

— Teríamos dançado antes se eu soubesse que faria você rir.

Dei um passo na direção dele, correspondendo ao sorriso.

— Agora dê um passo para trás — pediu ele, baixinho, seus olhos queimando nos meus.

Fiz o que ele mandou, quase tropeçando em meus próprios pés quando ele apertou o braço em volta da minha cintura. Teria sido tão fácil passar meus dois braços em volta do pescoço dele e pressionar meu corpo inteiro contra o dele, me perder dentro daquele abraço.

Ergui os olhos e vi a alegria cintilando nos dele. Talvez ele soubesse exatamente o que eu estava pensando.

Pisei acidentalmente em seu pé de novo, e ele deu uma risadinha.

— Pelo menos você não é boa em tudo.

— O que vocês estão fazendo? — A voz áspera de um guarda quebrou o encanto, e eu pulei para longe de Callum.

— Treinando — respondi, esperando que minhas bochechas não estivessem vermelhas demais.

O guarda franziu as sobrancelhas. Seu bigode era tão grosso que cobria a boca inteira; tentei não torcer o nariz de nojo.

— Não parece.

— Estamos experimentando algo novo. Ele precisa de métodos diferentes.

— Acho que sim — resmungou o guarda. — Tudo bem. Mas não quero ver isso continuar por muito tempo.

Assenti, e ele saiu pisando duro, assumindo seu posto ao lado da porta novamente.

Fiz um gesto para Callum se aproximar de mim.

— Venha, vamos continuar.

Ele chegou mais perto e me puxou tão rápido que eu arfei.

— Onde está essa velocidade quando estamos lutando? — perguntei quando começamos a nos mexer de novo.

— Gosto mais disso — disse ele, baixinho.

Eu deveria ter dito que isso não importava. Mas só balancei a cabeça.

— Vou girá-la — avisou, dando um passo para trás e levantando o braço.

Desisti de tentar não sorrir. Era fácil demais me perder nele. Eu queria me mover assim com ele para sempre, deslizando pelo chão do ginásio ao som de uma música inexistente. Deixei que continuasse por mais tempo do que havia planejado, me permiti esquecer que estava encontrando uma maneira de torná-lo um caçador melhor, um matador melhor.

Finalmente, dei um passo para fora de seus braços e lancei o punho na direção dele, puxando de volta antes de fazer contato com seu rosto. Ele parou, e eu balancei a cabeça, apontando para seus pés.

— Continue a movê-los. E então ataque.

Ele riu.

— Dança zangada.

Ataquei de novo, e ele bloqueou, movendo os pés como se ainda estivéssemos dançando. Não consegui evitar sorrir para ele.

— Bom — elogiei.

Continuamos a dança estranha por um bom tempo, circulando, atacando, mexendo de uma maneira que fazia com que um calorzinho engraçado se agitasse na minha barriga. Meus olhos não paravam de passear pelo corpo dele, observando a forma como os músculos saltavam de seus braços quando ele fechava o punho; o contorno das coxas contra as calças pretas; o olhar intenso que ele adquiria quando bloqueava um soco.

Ele não pareceu notar os outros Reboots saindo para jantar, não reclamou por estar fazendo aquilo por tantas horas e poucas pausas. Seus olhos estavam fixos em mim, intensos, concentrados, e eu adorei. Eu me sentia como se não houvesse mais nada no mundo, nada além dele, nada que não fossem seus punhos vindo na minha direção.

Fui tomada pelo ímpeto de agarrá-lo pelos punhos, puxá-los para suas costas e beijá-lo. Eu nunca havia beijado ninguém, mas juro que podia sentir seus lábios nos meus toda vez que olhava para eles.

Quando ele quebrou o encanto me soltando e dando um passo para trás, tive que piscar várias vezes para dissipar a névoa que se acumulava em volta dele. Por um breve instante achei que podia ser real. Mas pisquei de novo, e ela sumiu. Não havia nada além dele e um ginásio vazio e silencioso. Meus olhos encontraram o relógio. Eram 23h16.

Ele estava com a respiração pesada, e fiquei olhando para seu peito subindo e descendo, apertando a camiseta branca como se quisesse irromper por ela.

— Tem que continuar até me acertar — falei. Minhas palavras soaram mais firmes do que imaginei.

Eu esperava que minha voz vacilasse e entregasse o fato de que realmente não me importava mais se ele ia me bater ou não.

Mas eu me importava. Se ele não me acertasse, se não melhorasse, seria eliminado. A ideia de Callum morrer me fez apertar tanto os punhos que chegou a doer.

Ele não disse nada. Colocou as mãos nos quadris e franziu o cenho para o chão por tanto tempo que cheguei a ficar preocupada que estivesse planejando uma espécie de rebelião silenciosa.

Mas acabou erguendo os braços e fez um gesto para que eu fosse para cima dele. Seu rosto estava duro e determinado, embora eu tenha visto uma pontada de derrota passar por seus olhos.

A diferença não era perceptível de cara. Levei alguns minutos para perceber que estava me movendo mais rápido, desviando e bloqueando ao mesmo tempo. O encanto anterior havia se quebrado, e eu estava lutando, defendendo, movendome de uma forma que só fazia em campo.

Quando vi seu braço esquerdo vindo para cima de mim, minha mão ainda estava na metade do caminho para bloqueá-lo. Ele agarrou meu pulso, e senti seu gancho de direita na minha bochecha.

O soco foi mais forte do que eu esperava. Meus joelhos bateram no tatame e eu passei rapidamente a mão no nariz, esperando que ele não tivesse percebido o sangue.

Ele estava de costas para mim, as mãos entrelaçadas na nuca, os cotovelos dobrados para a frente por cima do rosto.

— Callum — falei. Ele não se moveu. — Isso foi muito bom.

Ele abaixou os braços para cruzá-los por cima do peito e se virou para mim. Pensei que talvez estivesse chorando, mas seus olhos estavam limpos. Limpos, tristes, zangados.

— Sinto muito — disse ele, baixinho.

— Não peça desculpas — declarei enquanto me levantava. — Eu o forcei a fazer isso.

— Ainda assim parece errado não pedir desculpas — murmurou ele, olhando para os pés.

— Venha. Vou acompanhá-lo até seus aposentos, para que eles não encrenquem com você.

Ele se arrastou atrás de mim, ignorando todas as vezes que olhei para ele. Tive o súbito impulso de perguntar se ele estava zangado comigo.

A resposta era sim, independentemente do que saísse de sua boca. Eu não deveria me importar mesmo. Meus novatos sempre ficavam zangados comigo. Era difícil não ficar irritado com alguém que passava a maior parte do tempo enfiando a porrada em você. Mas era estranho alguém chateado por *me* bater.

— Treinamento — expliquei, quando passamos pelo guarda do alojamento dos meninos. Ele assentiu de leve.

Paramos na frente de um quarto, e eu dei uma rápida olhada para dentro. Parecia exatamente igual ao meu, exceto pelo garoto dormindo em uma das camas.

— Boa noite. — Minha voz tremeu um pouco. Por quê? Meu peito parecia pesado, como se eu estivesse... triste. Não sabia o que pensar. Com raiva, medo, nervosismo, eu sabia lidar. Mas tristeza?

Eu não gostava muito de tristeza.

Callum finalmente me encarou. Seus braços também estavam em volta de mim, puxando-me para mais perto do que eu jamais estivera dele. Seus dedos roçaram levemente a pele que ele havia acabado de bater, e o peso foi tirado do meu peito. Ele deixou uma trilha de fogos de artifício pela minha bochecha e pelo meu pescoço e por dentro do meu cabelo, e meus olhos



se fecharam antes que eu pudesse impedi-los.

— Não me obrigue mais a bater em você, está bem? — sussurrou ele.

Assenti, abrindo os olhos.

— Mas você tem que bater em outras pessoas.

Quando ele riu, seu peito se moveu contra o meu, e eu não queria nada além de beijá-lo.

Mas não podia. O que o guarda faria? O que Callum faria? Talvez ele nem quisesse uma  
178 pressionando seus lábios frios e mortos contra os dele.

— Combinado — respondeu ele, inclinando a cabeça para baixo de tal maneira que nossas testas quase se tocaram.

Talvez ele quisesse.

Mas meus dedos dos pés não me obedeceram. Eles deveriam ter tomado a iniciativa, aqueles dez dedos traidores. A iniciativa de me erguer da minha pobre estatura baixa para alcançar aqueles lábios.

Eles não se mexiam. Callum me soltou, e eu puxei uma mecha de cabelo para trás da orelha, sem saber direito o que mais fazer.

— Eu o vejo de manhã — murmurei, virando-me para ir embora.

— Ei, eu melhorei, não é?

*Você é ótimo do jeito que é.*

Afastei o pensamento, porque ele não era. Ele estaria morto se não melhorasse.

— É. Você melhorou.

Só que eu ainda não tinha certeza de que fora o suficiente.

# QUINZE

Olhei de soslaio para Ever e vesti um suéter por cima da minha camiseta. Ela parecia mais normal naquele dia. Equilibrada, calma, enquanto amarrava os sapatos.

Calma demais.

Achei que ela não tivesse dormido na noite anterior. Estava acordada quando voltei para o quarto, e sentada com as costas eretas quando acordei. Continuava na mesma posição, olhando para a parede, quando voltei da corrida com Callum.

— Está pronta? — perguntei, indo até a porta.

Ela estava me assustando. Seus olhos estavam escuros e gélidos, e eu meio que esperava que ela desse um pulo e dilacerasse a minha garganta.

Ela se levantou lentamente, soltando um pequeno suspiro quando nossos olhos se encontraram.

Então deu um passo para a frente e me abraçou.

Eu enrijei, esperando a pegadinha, a verdadeira razão para o abraço, mas ela só apertou mais forte.

Passei lentamente os braços em torno de suas costas, pressionando de leve as mãos contra o algodão macio de sua blusa.

Ela estava quente — não quente como Callum, mas certamente mais do que eu, apesar de seu corpo tremer com a intensidade de alguém que estava morrendo de frio.

Ela se afastou e respirou fundo, tentando dar um sorriso em meio às lágrimas que encheram seus olhos.

— Sinto muito — sussurrou.

Ouvi o estalido primeiro. Caí no chão antes de perceber que ela enfiara o pé no meu joelho, quebrando a rótula.

— Ever, o q... — Apertei os lábios para deter um grito enquanto ela agarrava meu

tornozelo e quebrava a outra perna com um giro horrível.

Releguei a dor a uma parte do meu cérebro que eu não reconhecia. Ela me fez cócegas, recusando-se a ser completamente ignorada, mas eu era mestre em anestésias meu corpo.

Ever lançou um olhar de desculpas para mim e saiu correndo pela porta. Ela estava consciente. Por que faria isso então?

Agarrei o colchão e me esforcei para ficar de pé. Um grunhido escapou da minha boca conforme um novo tipo de dor corria pelas minhas pernas. Tive que me segurar na beirada da cama para ficar ereta.

Tiro.

Minha cabeça girou para a porta, e vi os Reboots que estavam passando congelarem.

Silêncio.

Silêncio nunca era bom ali.

Soltei a cama e caí imediatamente no chão, minhas pernas quebradas incapazes de aguentar meu peso. Enfiei os dedos no azulejo frio e rastejei até o corredor, virando a cabeça para um lado e para o outro.

O guarda no fim do corredor estava morto — esparramado no chão, uma bala na cabeça. O coldre estava vazio.

— Quem fez isso? — Arfei, apesar de saber a resposta.

A jovem Reboot de pé a alguns metros de distância olhou tristemente para mim.

— Ever.

Agarrei sua mão, e ela pulou, os olhos arregalados de medo, enquanto eu a usava como apoio para ficar de pé.

Meus ossos estavam começando a colar, mas eu ainda cambaleava.

Abri a boca para perguntar se ela me ajudaria a andar quando outro tiro soou. Ela se livrou da minha mão e disparou em outra direção.

Não dava para me escorar na parede, então, apoiei as costas nela, arrastando-me pelo corredor. Reboots passavam voando por mim, todo mundo na direção contrária do barulho. Outros tiros ressoaram e eu abri a porta para a escada. Podia andar mais rápido segurando firme no corrimão, e manquei escada abaixo o mais depressa que pude.

— Ei — falei, agarrando o braço de Hugo, que subia correndo a escada. — Onde está ela?

— Estava indo para o refeitório — respondeu ele, a testa enrugada enquanto me analisava.

— O que há de errado com você?

Senti uma das rótulas entrar no lugar à medida que terminava de cicatrizar e desapareci escada abaixo, arrastando a outra perna.

— Aonde você vai? — gritou Hugo. — Ela está matando guardas, você vai levar um tiro!

A advertência dele foi sumindo conforme eu corria para o sétimo andar. Tiros explodiram, e eu olhei freneticamente da esquerda para a direita.

Havia dois guardas mortos no chão. Ever estava no vão da porta do refeitório, o capacete de um deles em sua cabeça. Várias balas a haviam atingido e a camiseta branca dela estava coberta de sangue.

Um guarda voou pela curva, e Ever girou para encará-lo, a arma apontada. Ela disparou antes que ele pudesse reagir. Seu rosto estava duro, seus lábios, franzidos, os olhos esquadrihavam a área atrás de outra ameaça.

Mas ela ainda estava consciente.

Levantou a mão e soltou o capacete, deixando-o cair no chão ao pressionar a mão na porta do refeitório.

O que estava fazendo? Eles a matariam no minuto em que ela entrasse.

Minhas pernas haviam cicatrizado e saí correndo, tentando gritar seu nome, enquanto ela abria a porta. Minha voz não funcionou.

— Wren! — Senti um puxão no braço, virei-me e vi o rosto preocupado de Callum. Soltei-me e disparei atrás de Ever, que entrava no refeitório.

— Wren, pare! — Callum me seguiu.

Irrompi pela porta, e vi Ever subindo em uma mesa. Ela jogou a arma de lado e fez um gesto para os oficiais da salinha acima do refeitório como se dissesse, *o que estão esperando?*

Corri para ela, esticando o braço para pegar sua mão.

— Ever, abai... — Minha voz se perdeu em uma barragem de tiros.

Senti o sangue dela espirrar em meu rosto.

Sua cabeça voou para trás.

E aí eu estava no chão, os braços de alguém apertados em volta de mim, o corpo me protegendo. Acho que ele estava falando, mas suas palavras soavam deturpadas. Seu cheiro era familiar.

Callum.

— Esvaziem o refeitório. — O som do interfone me fez pular, a voz humana inexpressiva perfurando a névoa.

Os braços dele se afastaram, mas eu não conseguia me mover.

*Esvaziem o refeitório.* Eu tinha que andar.

Eu não conseguia andar. Não conseguia me mover.

Callum me agarrou pelos braços e me colocou de pé. Senti um pano no meu rosto; abri os olhos e o vi usando sua camisa para limpar o sangue de Ever.

— Ande — disse ele.

Pisquei e tentei colocar um pé na frente do outro. Tropecei.

Callum passou um braço em volta da minha cintura e me segurou contra seu corpo, arrastando-me pela porta rumo ao corredor.

Ele me puxou para dentro do banheiro dos meninos e me escorou ao lado de uma pia, tirando lentamente o braço da minha cintura. Encostei-me na parede fria de ladrilhos e fechei os olhos, me apoiando na beirada da pia.

Senti algo quente e molhado no meu rosto e pescoço e, quando abri os olhos, ele estava me limpando com um pano.

— Está usando uma camiseta por baixo?

Eu não conseguia compreender a pergunta. Toquei minha blusa e minha mão voltou molhada, vermelha. Respirei profundamente.

Ele levantou minha blusa nas costas para verificar. Estava. Sempre.

Callum tirou a blusa preta de cima e a descartou, esfregando meus dedos ensanguentados até eles ficarem limpos. Jogou o pano no lixo.

Esticou os braços para mim, e eu o empurrei. Achei que poderia gritar se ele me abraçasse, se me desse um abraço apertado como Ever fizera alguns minutos antes.

Nada de gritos. Essa era a minha própria regra.

Ele tocou as minhas bochechas e me fez encarar seus olhos negros.

— Sinto muito — sussurrou, quase chorando.

Eu devia estar quase chorando. Ever estaria. Um humano estaria aos prantos.

Chorar era a coisa normal a fazer. Ela merecia lágrimas.

Sacudi as mãos, pressionando a palma na minha boca para deter o grito se formando em meu peito. Eu não podia desmoronar na frente dele.

Saí correndo do banheiro, mantendo a mão na frente dos lábios enquanto subia a escada aos pulos e me dirigia ao alojamento. Encolhi-me na cama, puxando as cobertas por cima do rosto para não ver a de Ever vazia.

Mas, ainda assim, nenhuma lágrima veio.

# DEZESSEIS

Callum e eu recebemos uma missão naquela noite.

Por pouco eu não fui. Queria rastejar para a cama de novo e esperar para ver se eles teriam pena de mim e designariam um Reboot diferente para a missão idiota.

Mas eu nunca vira a corporação ter pena de alguém e não parecia certo desertar Callum. Então me vesti, enfiei o capacete na cabeça e me arrastei pelas instalações.

A CRAH encontrara um Reboot adulto morando em Rosa e precisava que ele fosse trazido imediatamente. Não nos deram dados específicos, mas eu suspeitava que iriam utilizá-lo para testes e depois o matariam. Os hospitais se asseguravam de que os adultos não reinicializassem, mas, se um adulto morresse na cidade e reinicializasse, nós tínhamos que pegá-lo antes que ele começasse a matar as pessoas.

Lissy e o 93 nos encontraram no terraço. Quatro Reboots adolescentes para um adulto. Era necessário.

— Como ele está indo? — perguntou Lissy para mim, apontando para Callum.

Pisquei para ela. Não conseguia falar. Tudo à minha volta parecia de mentira, muito distante, como se eu me esticasse para tocar e minha mão fosse cair no meio do caminho.

Lissy olhou para mim como se eu fosse uma idiota. Quando a aeronave se aproximou, senti a mão de Callum no meu braço e percebi que ele estava preocupado. Ele havia me olhado daquele jeito o dia todo durante o treinamento enquanto trocávamos socos desanimadamente. Ele podia ter me atingido várias vezes, se quisesse. Eu não conseguia me concentrar, não conseguia ficar no presente. A porta da nave se abriu, e nós formamos a fila, sentando quando Leb fez um gesto para que o fizéssemos. Prendi meu cinto de segurança e me recostei, deixando que meus olhos se fechassem.

*Sinto muito.*

Respirei fundo e abri os olhos de repente, ao som da voz de Ever. Quase esperei que ela

estivesse ali, a voz era tão clara, mas só Leb olhava para mim.

Ele estava de pé bem na minha frente, e eu franzi o cenho diante de sua proximidade. Por que ele não estava no assento?

— Você está bem, 178? — perguntou, baixinho.

Callum pairava ao lado. Os assentos de Lissy e do 93 estavam vazios. Nós havíamos aterrissado.

Leb se ajoelhou e desafivelou o cinto para mim. Eu me levantei lentamente, confusa com o passar do tempo. Nada fazia sentido.

Cambaleei para fora da aeronave, voltando meu olhar para o chão quando vi a irritação nos rostos de Lissy e do 93.

Callum puxou seu mapa e apontou para oeste. Lissy e o 93 viraram-se para mim, para confirmar.

Eu não fazia ideia.

Lissy ergueu as sobrancelhas e espiou por cima do ombro de Callum. Ela assentiu e começou a andar para oeste com o novato. Eles nos deixaram na Main Street, e Lissy saiu da rua pavimentada e desapareceu na estrada de terra atrás de uma casinha.

Callum entrelaçou seus dedos quentes nos meus, e eu comecei a olhar para eles enquanto os seguíamos. Lembrei bem a tempo e levantei a cabeça rapidamente, antes que minha câmera gravasse aquilo. O oficial Mayer não aprovaria.

— Há alguma coisa que eu deveria saber? — perguntou ele, apertando a minha mão. — Sobre esta noite?

Eu não sabia o que ele queria dizer.

— Lutar contra um Reboot adulto. — Ele olhou para a ficha da missão. — Gregor, Reboot adulto.

Senti uma emoção apertando meu peito e dessa vez sabia exatamente o que era. Culpa. Eu deveria tê-lo preparado. E não ficar ali, muda, escutando a voz de Ever na minha cabeça.

— Ele não vai correr como um humano; vai ficar e lutar se nos aproximarmos dele — falei, minha voz funcionando pela primeira vez no dia inteiro. — Em um adulto, a reinicialização causa insanidade e agressividade extrema. Temos ordens para capturá-lo se pudermos, matá-lo se precisarmos. A força dele vai depender de como era sua força quando humano, porque ele provavelmente não é um Reboot há muito tempo. Mas ele vai ser rápido. Os reflexos de Reboot começam a funcionar imediatamente. Não tente falar com ele. Não se pode argumentar com um Reboot adulto. Quem quer que ele tenha sido antes já era.

— Por que os adultos são diferentes? — perguntou ele.

— Dizem que tem a ver com o fato de nossos cérebros não estarem completamente

desenvolvidos. O cérebro de um adulto não aguenta a reinicialização como o de um jovem. — Dei de ombros. — Sei lá. Acho que tem mais a ver com mudança.

— Mudança?

— Meus pais sempre começavam a gritar um com o outro quando alguma coisa mudava. Como quando tínhamos que nos mudar ou se a corporação impusesse outra vacina que eles não podiam pagar. Mas eu sempre aceitava. Acho que nós nos adaptamos melhor.

A sombra de um sorriso cruzou o rosto dele.

— Faz sentido.

Lissy parou na frente de uma casa com um telhado torto e lençóis cobrindo as duas janelas da frente. Larguei depressa a mão de Callum quando ela se virou. Senti falta do calor no mesmo instante e quis que ela apontasse sua câmera para outra direção, para que eu pudesse passar meus dedos pelos dele de novo.

— Vocês dois vão pelos fundos — disse ela. — Nós cuidamos da frente.

Assenti e contornei a casa, esticando-me para pegar a mão de Callum assim que estávamos fora de vista. Ele manteve o rosto apontado diretamente para a frente, mas me puxou mais para perto, até meu ombro encostar em seu braço.

Fechei meus olhos brevemente, deixando o calor formigar pela minha pele. Eu podia ver Ever na escuridão, sentir sua mão pressionando as minhas costas.

*Sinto muito.*

Meus olhos se abriram de repente quando soltei um arquejo minúsculo. Callum me encarava, cheio de preocupação, e eu rapidamente desviei o olhar.

— Esteja preparado para lutar — falei, limpando a garganta e tentando afastar a voz de Ever da cabeça.

Minha mão estava posicionada na maçaneta da porta dos fundos quando ouvi Lissy gritar.

— Cento e setenta e oito! — berrou o 93.

Saí correndo, com Callum logo em seguida, chegando à frente da casa em segundos.

Gregor era enorme, tão grande que Lissy parecia uma boneca pendurada em suas costas, os braços dela em volta do pescoço. Os olhos dele não focavam direito, como todos os Reboots adultos que eu vira, e sua boca ficava caída, mesmo quando ele não estava rosnando. Ele brandiu uma grande faca, tentando loucamente acertar Lissy a suas costas.

O 93 pulou em cima dele, e Gregor girou a faca na direção do novato.

Vi a cabeça do 93 voar para trás quando a lâmina entrou, mas tapei os olhos antes de vê-lo desabar no chão.

— Lissy, aba... — As palavras de Callum foram interrompidas pelo grito dela, então houve outro baque.



*Tire as mãos dos olhos.*

*Mexa-se.*

Meu cérebro não se comunicava com meu corpo, não fazia nada do que eu mandava. Enfiei os dedos na pele, tentando soltar minhas mãos, mas eu estava congelada.

Um grunhido do Callum quebrou o feitiço. Larguei as mãos e o vi arrancar a faca da mão de Gregor e jogá-la o mais longe possível. Lissy e o 93 permaneceram imóveis no chão, e Callum cambaleou por cima do 93 quando Gregor lhe deu um soco no maxilar.

Callum olhou para mim ao se levantar, sua expressão clara.

*Me ajude.*

Meus pés funcionaram, mas o restante não. Corri pelo chão de terra e enfiei o pé na barriga de Gregor. Ele mal cambaleou, seus olhos escuros de Reboot cintilando com o desafio da luta.

Descobri que tinha isso em comum com os Reboots adultos: eles pareciam gostar de lutar, ansiosos para liberar a agressividade e a raiva reprimidas. Eu entendia isso. Mas naquela noite eu não conseguia encontrar essa energia.

Gregor deu um soco. Eu me abaixei, mas outro se seguiu imediatamente. Ele fora treinado para combate quando humano.

Seu punho bateu no meu rosto, e eu caí no chão com um grunhido.

Queria me levantar mais rápido e me refestelar no fogo de uma luta queimando dentro de mim, mas meus membros eram de chumbo, movendo-se como se eu fosse uma humana.

Eu mal havia conseguido ficar de joelhos quando ele me chutou de novo.

O alvo ergueu o pé para mais um, mas Callum se lançou com tudo para cima dele, e os dois caíram. Tentou prendê-lo no chão, mas o alvo agarrou sua camisa e o jogou do outro lado do gramado.

Consegui me levantar antes que Gregor chegasse até mim, erguendo os punhos para me defender. Tinha que ser mais ligeira do que ele. Ele era mais forte, então eu tinha que ser mais ágil.

Quando Gregor atacou, corri atrás dele, dando um chute forte no traseiro. Ele bateu com os joelhos. Estiquei a mão para pegar minhas algemas, o alívio tomando conta de mim.

Puxei um braço para trás de suas costas, mas ele virou e agarrou meu tornozelo, jogando-me no chão. Gregor enfiou o pé no meu capacete, destruindo a câmera.

— Cento e setenta e oito! — gritou o oficial Mayer no meu ouvido. — Perdemos a visão da sua câmera.

Dois braços agarraram a minha cintura, arrastando-me para longe enquanto Gregor se lançava novamente sobre mim. Callum me contornou e deu um soco direto no rosto do alvo.

— Cento e setenta e oito! — berrou Mayer outra vez.

— Ele... ele a quebrou — arfei. O mundo girava quando me levantava.

Callum virou-se ao ouvir minha voz, e Gregor desferiu um soco pesado em sua barriga e puxou a sua cabeça. O 22 conseguiu tirar o capacete, jogando-o para o lado com um rosnado.

— Cento e setenta e oito! Coloque aquele capacete de volta na cabeça do 22! Só estamos vendo o chão!

Corri até eles, lutando contra o impulso de arrancar o comunicador do ouvido. Joguei-me entre os dois e fiz Gregor soltar Callum. Estava desordenada, em pânico, meus olhos procurando meu novato para saber se ele estava bem. Não vi os golpes que estavam por vir. Só senti o estalido quando ele esmagou meu nariz.

Meu rosto estava no chão de novo. Eu não conseguia lembrar por que deveria me levantar.

— Cento e setenta e oito!

A voz de Mayer estava distante dessa vez. Apertei os olhos e vi meu comunicador no chão.

— Cento e setenta e oito, relate...

Bati com o punho, o aparelhinho de plástico fazendo um estalido agradável. Quase sorri, mas a mão de alguém agarrou o colarinho da minha blusa, e esfreguei os olhos para ver Gregor se preparando para desferir outro golpe.

Eu não me importava.

Callum agarrou o punho, e Gregor me soltou. Caí de volta no chão. Callum socou Gregor, o soco mais forte que eu já tinha visto meu novato dar. O alvo cambaleou, e Callum o acertou de novo.

— Quer calar a boca? — berrou Callum. Considerando que nem Gregor nem eu havíamos dito uma palavra, eu podia adivinhar com quem ele estava falando.

Ele ia dar o terceiro soco, mas Gregor agarrou o seu braço e o quebrou.

Callum nem se encolheu. Empurrou o osso para o lugar certo enquanto chutava Gregor na barriga. O alvo se dobrou de dor, e Callum deu uma joelhada no rosto dele.

Gregor caiu com um grito, e Callum passou as algemas e as tornozeleiras nele. Seus pés se debateram, mas ele não ia a lugar algum.

Callum ajoelhou-se ao meu lado, e eu me forcei a sentar, passando a manga no meu rosto ensanguentado.

— Sinto muito — sussurrei, incapaz de olhar para ele.

— Vinte e dois! — Eu podia ouvir o oficial Mayer gritando em seu ouvido. — O que está acontecendo?

Senti a mão de Callum na minha bochecha e ergui os olhos para seu rosto machucado. Ele me deu um sorrisinho. Abriu a boca para dizer alguma coisa, mas logo depois franziu as

sobrancelhas quando Mayer começou a gritar de novo.

Removi gentilmente o comunicador de seu ouvido e o coloquei no chão.

— Que rebelde — disse ele, baixinho. Callum chegou mais perto e me pegou em seus braços. Eu me senti como uma criancinha de colo, mas quando pressionei meu rosto em seu peito e senti o cheiro de sua pele fresca através das roupas, não me importei.

— Sinto muito — repeti. — Eu fui inútil...

— Não, não foi — falou ele, passando os dedos debaixo do meu capacete e pelo meu cabelo. Eu gostava de seus dedos quentes ali, gostava das sensações que mandavam pelo meu pescoço abaixo. — Sinto muito pela Ever. Ela era sua melhor amiga?

Nunca havia pensado nela desse jeito.

— Era — respondi.

Ele passou os dois braços pela minha cintura, me abraçando apertado. Eu podia ouvir os berros abafados do oficial Mayer no comunicador a alguns metros de distância. Fechei os olhos e bloqueei o som. Ninguém podia nos ver ou ouvir. Em todos os minutos dos últimos cinco anos eu estivera sob a vigilância de um guarda ou oficial da corporação.

Eu me sentia livre.

Era uma liberdade falsa, é claro, já que o rastreador entregava minha localização exata, mas me afundei em Callum e aproveitei o momento.

Quando me afastei, ele tentou me puxar de volta, mas eu balancei a cabeça e apontei para o comunicador.

— É melhor você colocá-lo — falei. — Se não se apresentar, eles vão mandar mais Reboots. Vai ser ruim se mandarem mais e nós estivermos vivos.

Ele suspirou e enfiou relutantemente o comunicador no ouvido.

— Callum 22 com 178. Alvo preso. Lissy 124 e Raul 93 estão mortos. — Ele escutou e olhou em volta. — Está bem. — Colocou o capacete na cabeça e ajustou a câmera. — Está vendo? Ela está bem. Seu comunicador só foi esmagado. — Callum piscou para mim. Ele sabia exatamente como aquilo havia acontecido.

Parou por um momento, então olhou, triste, para mim.

— Não podem mandar... — suspirou. — Está bem. — Ele acenou com a cabeça na direção do 93 e da Lissy. — Querem que os levemos de volta.

Concordei, sufocando o nojo.

— É procedimento padrão quando Reboots morrem em campo. Eu os levo.

— Eu posso fazer isso, Wren...

— Tudo bem — disse, prendendo uma correia nos pulsos do 93 e nos de Lissy. — Leve ele.

Callum prendeu Gregor, uma careta cruzando seu rosto enquanto ele tentava levantar o Reboot.

— Não.

Franzi o cenho, confusa.

— Não — repetiu ele, no comunicador.

— O que estão dizendo? — perguntei.

— Nada. Tem certeza de que pode levá-los? Eu posso levar um.

— Está tudo bem. Estão mandando você fazer alguma coisa?

— Não. Vamos. — Ele empurrou Gregor para a frente.

— Callum, você não pode ignorá-los.

Ele lançou um sorriso divertido para mim.

— Vamos, está tudo bem.

Eu duvidava, mas fui atrás dele, arrastando os dois Reboots mortos atrás de mim.

Leb dobrou a esquina correndo, parando quando nos avistou. Ele estremeceu quando seu olhar me alcançou, e eu encontrei sangue ao limpar o rosto.

— Onde está seu equipamento? — perguntou ele.

— Destruído — respondi.

Ele puxou seu walkie-talkie do bolso e o levou até os lábios, virando-se de costas para nós.

— Estou com o 22 e a 178. Equipamento destruído. Voltando agora.

Callum e eu empilhamos o Reboot adulto, Lissy e o 93 na aeronave de carga e fomos para a nossa. Desabamos nos assentos, e Leb se acomodou na nossa frente quando a nave decolou.

Callum soltou um suspiro irritado, dando um empurrão em seu capacete de tal forma que a câmera apontou para o teto. Ele tirou o comunicador do ouvido e sentou-se em cima dele.

— Eles não calam a boca — reclamou, diante de nossos olhares horrorizados.

— O que eles estão... — hesitei, olhando para Leb enquanto a nave decolava.

— Não há nenhuma outra câmera ou equipamento de áudio aqui, se o seu não funciona. Só os dele — disse Leb. Ele acenou para o comunicador no bolso. — Não podem ouvir tudo no meu. Ele fica mudo a não ser que eu o esteja usando.

Callum olhou de Leb para mim, surpreso.

— O que eles estão dizendo? — perguntei, ignorando o olhar.

— Me mandaram matar Gregor.

Arfei, tapando a boca para deter a onda de náusea que me abateu.

— Não deveria ter feito isso, garoto — explicou Leb. — Eles não pareciam felizes.

O tom solidário do Leb fazia as pancadas no meu estômago piorarem. Obriguei-me a tirar

a mão da boca e agarrei o assento.

— Não pode simplesmente desobedecer a uma ordem — falei, com a voz tremendo.

— Posso e desobedeci. Não podem me obrigar.

— Mas você sabia! Eu lhe disse que era uma missão do tipo capture-se-possível, mate-se-necessário.

— Não era necessário. Ele estava preso. O único momento em que é necessário matar é em legítima defesa. Eles não podem me fazer matar alguém.

— Mas...

*Mas eles vão matar você.*

Não consegui dizer isso a ele.

— Sei o que podem fazer comigo — disse ele, baixinho. — Não vou matar ninguém para eles.

Pulei do assento, sem saber o que pretendia fazer até dar um tapa na cabeça dele. Callum ergueu os braços para se defender enquanto eu o atacava novamente. A raiva por sua idiotice me queimava por dentro.

Eu queria gritar com ele, perguntar como podia ser tão imprudente quando eu havia acabado de perder Ever, mas nenhuma palavra saiu da minha boca. Minha garganta havia se contraído dolorosamente.

— Sinto muito — declarou ele, tentando segurar minhas mãos enquanto eu batia desanimadamente nele.

— Cento e setenta e oito — disse Leb. Senti seu toque nos meus braços, puxando-me para longe, e deixei que meus ombros desabassem.

— Sinto muito — repetiu Callum, os olhos grandes e suplicantes. — Não fique zangada. Eu simplesmente não podia.

Virei-me de costas, observando Leb se sentar com um suspiro em seu assento.

Seu olhar encontrou o meu e ele respirou fundo, balançando a cabeça quase imperceptivelmente.

Ele sabia o que eu estava pensando.

Abaixei-me diante dele e coloquei as mãos nas laterais do assento do Leb. Ele se espremeu contra a parede.

— Pode nos ajudar? — sussurrei.

— Não — respondeu automaticamente.

Pelo canto do olho vi Callum se inclinando para a frente, tentando nos ouvir, então lhe lancei um olhar. Ele se afundou de volta no assento.

— Pode ajudar só a ele?

— Não.

— Por favor. Eles vão matá-lo.

Uma careta se formou no rosto dele.

— Sinto muito, mas, mesmo que quisesse ajudar, eu precisaria de mais tempo. Tempo que ele não parece ter.

— Acho que posso convencer o oficial Mayer a deixá-lo continuar o treinamento. Eu assumo a culpa. Direi que não o preparei direito.

— Então ele vai ficar bem.

— Não, não vai — sussurrei. — Quanto tempo você acha que ele tem aqui, de verdade? Ele vai desobedecer de novo, e eles vão eliminá-lo.

Ou um humano iria matá-lo. Ou a corporação começaria a lhe aplicar injeções.

O olhar do Leb se voltou para Callum por um momento.

— Não posso. É arriscado demais.

— Por favor. Faça o que você quiser. Diga o que quer.

O cenho franzido sumiu ao mesmo tempo em que algo passava por seus olhos. Prendi a respiração enquanto ele pensava a respeito, mas o semblante de antes voltou, e ele baixou os olhos.

— Não — falou firmemente, a aeronave atingindo o chão. — Vá para seu assento.

É claro que não. O que eu tinha para barganhar mesmo? Não conseguia pensar em nada que um humano pudesse querer de um Reboot.

Eu me sentei enquanto a porta da nave se abria, revelando o oficial Mayer furioso.

— Vocês dois, no meu escritório. Agora.

# DEZESSETE

O oficial Mayer olhou para nós de sua cadeira, o rosto vermelho.

— Sentem-se — ordenou, e nós obedecemos. — Você. — Ele olhou para mim. — Esta foi a sua pior missão em campo. Juro que, em alguns momentos, achei que você só estava ali olhando.

Engoli, sem saber direito o que dizer, já que isso era inteiramente correto.

— Você. — Voltou-se para Callum. — Você desobedeceu a uma ordem direta e retirou seu comunicador dentro da aeronave. Havia algo que você queria falar e não queria que nós escutássemos?

— Não, só estava cansado de ouvir vocês gritando comigo — resmungou Callum.

O oficial Mayer bateu com o punho na mesa.

— Você não pode ficar cansado! Se eu quiser gritar com você, eu vou gritar com você! Sua treinadora não o mandou entrar na linha? Ela não disse que você tinha que obedecer todas as ordens?

— Sim — respondeu Callum.

— Então por que eu não deveria eliminá-lo?

— Não quero matar ninguém — falou Callum, baixinho.

— Eu não pedi que você matasse uma pessoa; pedi que você matasse um Reboot. Um Reboot louco que matou dois dos seus amigos. Achei que ficaria feliz em fazê-lo.

Callum fez que não com a cabeça.

— Então devemos eliminar você. — Ele balançou a cabeça, como se estivesse decidido, e senti como se alguém tivesse acabado de colocar a mão em volta do meu pescoço.

— Não, isso não é...

— Eu não estava falando com você. — O oficial Mayer explodiu comigo antes de se voltar para Callum. — Você foi advertido e optou por não seguir um comando direto. Não

vejo nenhuma melhora e, infelizmente, não há lugar aqui para Reboots que não tenham bom desempenho.

— Mas ele melhorou — argumentei, ignorando o olhar que o oficial Mayer me lançou quando falei fora da vez de novo. — Foi ele quem finalizou a missão esta noite. Se não fosse por ele, eu provavelmente estaria morta e o alvo teria escapado.

O oficial Mayer apertou os lábios, olhando para Callum, e senti uma minúscula centelha de esperança em meio ao meu pânico.

— E eu não o preparei adequadamente para uma missão de assassinato — continuei.

— Por que não?

— Não estou acostumada a treinar um número tão baixo. Não pensei que ele fosse ser tão emocional em relação a isso. — A mentira escorregou com facilidade da minha boca. Se tivesse pensado um pouco mais, eu saberia que Callum não ia concordar em matar. — A culpa é minha.

— Não é...

— Fique calado até falarem com você — vociferou o oficial para Callum. Ele se virou para mim novamente. — Devo eliminá-la, em vez dele?

Engoli em seco, ainda que aquele comentário não fosse inteiramente inesperado, considerando que eu acabara de confessar que havia feito bobagem.

— Acho que, se continuarmos treinando, ele vai passar a seguir ordens.

— Então, não acha que eu deveria eliminá-la. — Mayer tinha um sorrisinho no rosto, e fui tomada pelo súbito impulso de tirá-lo de lá no tapa. Ele estava gostando de me ver sofrer.

— Eu preferiria que não o fizesse, senhor.

Ele deu um longo e exagerado suspiro ao se recostar novamente na cadeira e cruzar os braços. Olhou para mim e para Callum por vários segundos agonizantes, o único barulho no aposento era o zumbido do computador.

Finalmente, fez um gesto com a mão.

— Está bem. Vinte e dois, vá para os seus aposentos. Cento e setenta e oito, fique um minuto.

Dei um suspiro de alívio quando Callum saiu porta afora. O oficial Mayer se levantou, juntando alguns papéis e seu computador.

— Vou mandar vocês dois em uma missão de assassinato assim que localizarmos o outro Reboot adulto — continuou. — Estamos rastreando há vários dias, portanto, não deve demorar. Se o 22 se recusar a realizar a missão novamente, você vai eliminá-lo.

Um lampejo de raiva me atingiu com tanta força que eu quase arfei. Meu peito queimou tão forte que fechei os punhos, e fiquei olhando para o meu colo para não pular e quebrar o



pescoço dele.

*Eu iria eliminá-lo?*

— Você precisa fazer isso em campo. Esta instalação está... inquieta esta noite, depois que aquela garota maluca foi morta.

*Aquela garota maluca.* Minha melhor amiga.

Eu podia ouvir na minha cabeça o estalo que iria fazer. *Tec.*

Mayer fez um gesto para que eu me levantasse, e eu obedeci, as pernas tremendo. Ele abriu a porta do escritório.

— Diremos que foi um humano. A última coisa de que precisamos é outra eliminação. Tivemos muitas ultimamente.

*Tec.*

*Tec.*

*Tec.*

O oficial Mayer fez um gesto para que eu o seguisse ao entrar a passos largos no corredor.

— Você fez o melhor que podia — disse ele, virando-se para seguir na outra direção. — Mas ele também está prejudicando você. Precisamos acabar com essa bobagem.

Observei suas costas enquanto ele descia o corredor. Eu podia fazê-lo tão rápido. Ele estaria morto antes de chegar ao chão. E aí eu estaria morta alguns minutos depois. Talvez só alguns segundos depois, dependendo de quão longe estivessem os guardas.

Forcei-me a andar para o lado oposto. Certamente não poderia ajudar Callum se estivesse morta.

Abri a porta da escada e parei ao lado de Callum, que estava sozinho no escuro.

*Tum.*

*Tum.*

*Tum.*

Virei-me na direção do barulho, que vinha do andar de baixo. O andar onde os Reboots dormiam.

— O que é isso? — perguntou Callum.

Desci a escada, fazendo um gesto para que ele viesse comigo. Empurrei a porta para abri-la e entrei no oitavo andar.

*Tum.*

*Tum.*

*Tum.*

Vinha da minha direita, da ala das meninas.

— Por que elas estão fazendo isso? — sussurrou Callum.

— Ever fez isso — respondi. — Quando ela...

Quando ela enlouqueceu.

Eles drogaram todas? De que serviam Reboots se estavam todos completamente loucos?

— Vão para seus aposentos — rosnou um guarda.

Eu entrei na ala das meninas e parei. Em quase todos os quartos as garotas estavam fora da cama, batendo metodicamente na parede.

Seus olhos me acompanharam enquanto eu andava até o meu quarto.

Elas não estavam drogadas.

Estavam se rebelando.

# DEZOITO

Sentei-me na lateral da pista e observei Callum correrna manhã seguinte. Mesmo depois que as batidas cessaram, eu mal dormi, pois não conseguia parar de olhar para a cama vazia de Ever. Não podia correr naquele dia.

Fiquei imaginando se um humano tivesse ajudado Ever a sair, será que ela teria sobrevivido? Será que ficaria melhor fora da corporação? Ou teria piorado?

Fugir nunca fora uma alternativa atraente para mim, mesmo quando soube dos rebeldes e da suposta reserva Reboot. O mundo exterior era cheio de humanos que nos odiavam e um governo determinado a nos escravizar ou nos matar. Do lado de fora, como humana, eu havia passado fome, pegado várias doenças e acabei levando um tiro. Do lado de dentro, era alimentada regularmente, tinha o que vestir e um lugar para dormir.

Mas, naquele momento, só conseguia pensar em fugir.

Rosa era rodeada por uma cerca eletrificada. Mesmo que um Reboot pudesse achar e se livrar do rastreador, ele ainda tinha que encontrar um jeito de passar por ela.

Pular a cerca seria um pouco doloroso.

Quero dizer, se conseguíssemos chegar até lá. Guardas armados patrulhavam os limites da cidade e havia franco-atiradores posicionados nas torres estrategicamente colocadas a cada oitocentos metros aproximadamente.

Meu plano até aquele momento era correr como uma louca, esperar não levar um tiro na cabeça e escalar uma cerca eletrificada.

Não era o melhor plano.

Fiquei olhando Callum percorrer a pista à minha frente, sua respiração regular. Ele havia melhorado em quase todas as áreas. Estava mais rápido, mais forte, mais confiante. Seu corpo estava mais rijo, seus movimentos precisos e controlados.

Mas eu deveria saber que ele nunca atingiria os padrões da corporação. Mesmo que

superasse seu maior obstáculo — seus pobres 22 minutos —, ele não fora feito para seguir ordens. Tinha perguntas demais. Opiniões demais.

Não fazia ideia de como salvá-lo sem me livrar de nossos rastreadores. E não havia como encontrar o rastreador sem um localizador da corporação. Eu nunca nem vira um desses. Ficaria surpresa se eles o guardassem no mesmo prédio que os Reboots.

Precisava de alguém que soubesse onde esses localizadores estavam. Precisava do Leb.

Depender de um humano fazia meu estômago se contrair. Não havia motivos para ele me ajudar e não havia motivos para eu confiar nele.

Pressionei a mão na testa e forcei meus olhos a se afastarem de Callum. Eu não conseguia pensar direito quando olhava para ele. Eu não passava de um emaranhado de emoções e não conseguia pensar no que Leb precisava, no que ele queria, o que um humano não podia...

Sua filha.

Ele queria sua filha.

*Prometeram ajudar a minha filha, dissera. Eles mentiram.*

Levantei-me lentamente, o entusiasmo se revirando no meu estômago e subindo até meu peito. Eu tinha que encontrá-lo. Naquele momento.

— Pare! — gritei para Callum.

Seu peito subia e descia quando ele parou na pista e me lançou um olhar curioso.

— Venha — chamei, acenando.

Corri porta afora e pelo corredor, com Callum em meu encalço. Leb estava de serviço no ginásio naquele dia, e eu precisava falar com ele o mais depressa possível. O oficial Mayer encontraria uma missão de assassinato para nós em breve. Eu não tinha muito tempo.

Fiz a curva e empurrei a porta do ginásio para abri-la, esquadrinhando o aposento com o olhar para encontrar Leb. Ele estava encostado em uma parede, fingindo que não havia percebido minha presença.

— Flexões — ordenei para Callum, apontando para o chão.

Ele se abaixou sem fazer comentário algum, mas seus olhos me seguiram enquanto eu avançava rumo a Leb. O guarda balançou ligeiramente a cabeça. Não queria que eu falasse com ele.

Que pena.

Dei uma olhada rápida pelo ginásio. Hugo e Ross estavam do outro lado, ocupados exercitando seus novatos. O restante dos Reboots estava treinando ou conversando. Cheguei um pouco mais perto de Leb.

— É, ele está melhorando — disse alto. Esperava que quem quer que estivesse assistindo à câmara não percebesse que Leb na verdade não me fizera nenhuma pergunta.

Ele olhou com uma expressão severa para mim. Não ia brincar.

Virei-me para ficar de frente para Callum.

— Ele está muito mais ágil agora — continuei para Leb. Olhei o chão. — Sua filha — sussurrei.

O silêncio se estendeu por tempo demais. Havia cerca de dez outros Reboots no ginásio e durante vários segundos não houve nada além do som de punhos batendo em corpos.

— O que tem ela? — resmungou Leb finalmente.

— Eu posso tirá-la.

Ele não disse nada. Estava tão calado que espiei por cima do ombro e vi seu rosto assolado, quase horrorizado. Poderia muito bem ter sido uma reação a eu ter dito que ia matar sua filha em vez de resgatá-la.

— Eles já tentaram — gaguejou ele.

— Sou mais bem preparada do que qualquer humano. Fui treinada para isso. Se você quer sua filha, precisa de mim.

Ele fez uma pausa, olhando para mim com os olhos arregalados.

— Como vou saber se vai manter sua palavra depois que sair daqui?

— Confiança? — Seu rosto deixou claro que isso não era uma opção.

Ficamos em silêncio novamente, e Leb olhou para o chão com as sobrancelhas franzidas. Afinal perguntou:

— Você quer ir para a reserva, certo?

— Se realmente existir.

— Existe.

— Já estive lá?

— Não, mas os Reboots que se encontram com os rebeldes dizem que existe. — Ele parecia quase entusiasmado ao falar. — Eu podia instruir os rebeldes em Austin para não lhes darem o mapa para a reserva até você aparecer com Adina. Você faria isso?

A reserva não era minha maior preocupação — tirar Callum da corporação, sim —, mas Leb não precisava saber disso.

— Sim. Mas você tem que me arrumar um localizador da corporação com o qual eu possa ficar. Não posso trazê-la sem isso.

Leb assentiu, e meu coração pulou de esperança. Isso podia realmente dar certo.

— Seja rápido — falei, afastando-me. Balancei a cabeça para Callum. — Você pode ir tomar banho.

Callum me lançou outro olhar curioso, que eu ignorei enquanto nos separávamos em direção a nossos respectivos chuveiros. Meu peito estava batendo forte com a expectativa,

mas eu não conseguia decidir se queria dizer alguma coisa para ele. E se eu alimentasse suas esperanças e tudo desse errado?

Agarrei uma toalha e entrei em um reservado, fechando a cortina atrás de mim. Joguei a toalha por cima da parede lateral e agarrei a bainha da minha blusa.

— Wren?

Virei e vi a silhueta de alguém de pé do outro lado da cortina.

— Callum?

Ele abriu a cortina e entrou no reservado, divertindo-se ao ver meus dedos ainda segurando firme a bainha da minha blusa.

Eu a larguei rapidamente e alisei o tecido por cima da barriga. Ele ficou parado. Eu deveria fazer alguma coisa? Será que ele viera achando que eu ia querer transar? De repente minhas mãos estavam tremendo, e eu estava aliviada por ele não ter pulado em cima de mim imediatamente.

E talvez um pouco decepcionada.

— Sobre o que você andou conversando com o Leb? — perguntou ele.

Cruzei os braços e sufoquei a onda de decepção por ele não ter vindo me beijar.

— Planos — falei.

— O que isso quer dizer?

Eu queria contar que o tiraria dali. Queria pedir que aguentasse firme, que fosse bonzinho só mais um pouco até eu conseguir decidir tudo. Eu sabia que ele me lançaria um olhar de felicidade, esperança e entusiasmo. Mas tinha medo de que ele ficasse arrasado se tudo desse errado.

— Planos tipo ele nos ajudar a fugir? — indagou.

— Não sei.

Seus olhos já estavam esperançosos. Isso é que era não alimentar suas esperanças.

— Pode, por favor, obedecer às ordens até eu saber? — perguntei.

Ele hesitou. Foi breve, mas confirmou.

— Posso.

Eu esperei. Aquele *posso* não tinha convicção.

O *posso* era uma mentira.

— Dentro do razoável — concluiu.

Ali estava a verdade.

— Eles vão nos mandar em uma missão de assassinato a qualquer momento — revelei, baixo. — Se acontecer, preciso que você faça.

— Não.

— Callum...

Ele sorriu.

— Gosto do jeito como você me chama de Callum agora.

— Você precisa fazer.

— Não, não preciso. — Ele esticou a mão, tentando puxar um dos meus braços para longe do peito.

Eu o afastei.

— Leb não pode nos ajudar se você estiver morto.

— Eles não podem me fazer matar alguém.

— É um Reboot adulto. Nem é uma pessoa mais.

Ele baixou os olhos para mim, uma careta cruzando seu rosto.

— Os humanos não diriam a mesma coisa sobre nós?

— Sim, mas é verdade com um adulto, eles...

— Você não sabe. Isso é só o que a corporação diz. Eu desconfio.

— Você viu Gregor ontem à noite — disse. — Ele estava louco. E todo mundo que reinicializou adulto é assim. Eles não conseguem nem mais falar, Callum.

— Nós estávamos lá para a CRAH realizar experiências com ele. Eu também lutaria. E, além disso, fiquei histérico depois que voltei. Você não?

— Fiquei.

— Então talvez...

— Não interessa — interrompi, exasperada. — Ou você mata o próximo ou a corporação vai eliminá-lo.

— Você matou mesmo tantas pessoas assim?

— Matei — respondi, baixando os olhos. Sem nem pensar sobre o assunto. Nunca me havia ocorrido que eu podia recusar.

— Humanos também?

— Sim.

— Eles a obrigaram a fazer isso?

— Algumas vezes, eu me ofereci. — Ergui os olhos enquanto ele respirava fundo diante da confissão.

— Por que você faria isso? — perguntou ele, a voz meio embargada.

— Quando o alvo matava meus colegas Reboots, eu me oferecia.

— Então foi porque estava zangada.

Fiz uma pausa, apertando os braços com mais força.

— Acho que sim. — O rosto dele revelava confusão, horror e talvez até um pouco de nojo.

Uma pedra havia se formado em cima do meu peito e eu fechei os olhos, tentando afastá-la. — Eu só tinha 12 anos quando morri. Estou aqui há muito tempo e achei que tinha que fazer tudo... o que mandam. Quero dizer, eu tenho que fazer tudo o que mandam. Elas eram más, as pessoas que matei, e eu não...

— Não estou julgando você — interrompeu Callum, sua expressão suavizando ao chegar mais perto de mim. — Bem, eu estava, mas não deveria. Desculpe. Só estou aqui há algumas semanas e você... Não consigo me imaginar aqui por cinco anos. — Um sorriso. — Talvez eu não precise ficar. Você e o Leb pareciam bem sérios hoje.

— Ou você não vai ficar aqui por cinco anos porque vai desobedecer a ordens de novo e eles vão matá-lo amanhã.

— Ou isso — concluiu, dando tapinhas na minha cabeça com uma risadinha. Aparentemente, sua própria morte o incomodava muito pouco.

— Sou eu, Callum. Se você não realizar a missão, sou eu quem deve matá-lo.

— Ah. — Ele olhou para mim com uma expressão questionadora.

— Não vou fazer isso — disse, a irritação transparecendo na voz.

— Mas então...

— Então eles provavelmente vão me eliminar também.

— Droga, Wren... — Ele bufou, colocando as mãos atrás da cabeça. — Não é justo.

— É a verdade.

— Não, eles não vão fazer isso. Você é a preciosa 178. O oficial Mayer só vai gritar e mandar outra pessoa me matar.

— Sou um Reboot como qualquer outro — falei. — Eles vão me matar se eu começar a me rebelar.

— Então, ou eu mato essa pessoa ou faço você morrer. Que ótimo. Que opção maravilhosa você me apresentou.

— Não quero que você morra.

— Agora você está puxando meu saco. — Ele agarrou a minha cintura, tentando me aproximar dele. Eu deixei, pressionando a palma da mão em seu peito quente. — Só não quero ser...

— Eu? — sugeri.

— Não. Não quero que eles me transformem nessa pessoa. Em alguém que mata.

Eu não tinha nada a dizer, pois já era uma pessoa assim. Apertei os lábios e olhei para ele de forma suplicante.

— Esse olhar — gemeu ele, acariciando as minhas bochechas. — Não me olhe assim.

— Você vai fazer? Por favor?



Ele suspirou e deixou as mãos caírem.

— Tenho que decidir agora?

— A missão pode aparecer a qualquer minuto.

— Eu... posso tentar, acho. — A derrota na voz dele fez minhas entranhas reviraram.

— Obrigada. — Dei um passo para trás, uma indicação de que estava pronta para que ele fosse embora.

— Certo, vou deixá-la tomar banho. — Ele agarrou a beira da cortina e hesitou, o humor de volta aos seus olhos. — Ou também poderia ficar.

Um gritinho escapou da minha boca enquanto eu pressionava meus braços no peito.

— Eu... hmm...

*Sim. E não.* Eu me sentia enjoada.

— Desculpe — pediu ele com uma risadinha, erguendo as mãos. — Você parece horrorizada. Eu estava brincando, basicamente.

— Não, não estou horrorizada — falei, forçando-me a relaxar. Ele me deu um último sorriso antes de puxar a cortina e sair.

Uma -60 se inclinou para a frente e espiou pela cortina antes que eu pudesse fechá-la. Uma pequena multidão havia se formado, e as garotas estavam com um sorriso divertido no rosto.

— Ah, nós sabíamos que você ia acabar cedendo — disse a -60. — Ele é muito gatinho.

Fechei a cortina com um puxão e soltei um longo suspiro ao encostar a testa no azulejo frio.

Eu não deveria ter gaguejado ou resmungado daquele jeito. Não deveria ter parecido horrorizada. Eu queria... Bem, eu não sabia exatamente se queria tirar a roupa e tomar banho com ele, mas gostava de seus braços em volta de mim. Achava que teria gostado de beijá-lo. Apesar de não poder ter certeza, nunca tendo beijado ninguém.

Ever teria gostado disso. Ela teria ficado animadíssima se eu pudesse lhe contar tudo. Seus olhos se iluminariam com a esperança de que eu fosse uma pessoa de verdade afinal. Ela teria dito algo reconfortante e humano, embora eu não fizesse ideia do quê.

Eu sentia falta dela.

Naquela noite, depois do jantar, desci o corredor e diminuí a velocidade quando vi uma humana sair do meu quarto. Ela percebeu meu olhar e apontou para dentro.

— Roupa limpa — falou e se afastou rapidamente.

Olhei, confusa, para as roupas bem dobradas na minha cama. Eu recebera roupas limpas ontem.

Peguei um moletom preto. Era grande demais.

Mas havia um pedaço de papel dobrado embaixo.

Larguei o moletom na cama e segurei o papel perto do peito, de costas para a parede transparente, desdobrando-o o mais discretamente possível.

Era um mapa. Um mapa das cinco cidades do Texas, com uma rota em azul traçada de Rosa até Austin. Ele circulava o cruzamento de Nelson com Holly em Rosa, a alguns quarteirões de onde a aeronave costumava aterrissar, e escrevera as palavras *encontre-me aqui*. Havia uma estrela na fronteira de Rosa, bem entre duas torres. Onde deveríamos sair da cidade, talvez? A linha azul se estendia pelos quilômetros de árvores entre as duas cidades e parava na palavra *túnel* rabiscada na beira do lado *rico* de Austin.

Minha respiração ficou presa no meu peito, e o mapa tremeu só um pouquinho quando eu li as palavrinhas escritas na parte de baixo:

*Eu topo.*

# DEZENOVE

A missão de assassinato veio no dia seguinte.

Eles me deram uma arma e disseram para entregá-la a Callum para matar o Reboot ou usá-la no novato eu mesma. Eu não ganhava uma arma para usar em campo havia alguns meses, e ela parecia fria e pesada no meu quadril.

Eu estava com o mapa no bolso, embora duvidasse de que Leb tivesse conseguido pôr as mãos em um localizador da corporação em um dia. Eu não ia fugir sem remover nossos rastreadores primeiro. Não fazia sentido.

Se Leb não fosse bem-sucedido naquele dia, Callum teria que realizar a missão de assassinato.

Ele olhou para a arma quando me juntei a ele no terraço. Uma brisa fria soprava, trazendo o fedor da favela, e eu o vi franzir o nariz. Se era por causa do cheiro ou pela arma, eu não sabia.

A aeronave aterrissou ao terraço com um baque, e a porta se abriu revelando Paul à nossa espera. Se Leb não estava nessa missão, talvez estivesse com o localizador, esperando por nós no ponto de encontro.

Eu não conseguia respirar. O ar havia sumido e meu peito doía. Esta podia ser minha última missão. Minha última vez na aeronave. O último dia no lugar que eu chamara de casa durante os últimos cinco anos.

Paul fez um gesto para nós nos sentarmos, e eu tropecei a caminho do meu assento.

Callum estava tremendo ao afivelar o cinto de segurança. Eu queria lhe dizer que estava tudo bem, que ele não teria que cumprir a missão, mas não tinha certeza disso.

A nave ficou em silêncio quando nos dirigimos para a favela. Paul enfiou a mão no bolso e retirou quatro balas, estendendo-as para mim.

— Antes de embarcar na aeronave, tire qualquer uma que não tiver sido usada — advertiu-

me enquanto eu pegava as balas.

Assenti e segui Callum para fora, em direção ao ar frio da noite. Ele fitava a arma e eu carregava as balas. Não queria dar pistas para os oficiais da corporação que assistiam à nossa transmissão de vídeo. Eles tinham que acreditar que estávamos seguindo ordens pelo maior tempo possível.

Estendi a arma para Callum, mas seus braços permaneceram ao lado do corpo.

— Callum — disse, baixinho.

Ele passou os dedos em torno da arma, segurando-a longe de si como se estivesse contaminada. Seu olhar encontrou o meu.

— Sou obrigado? — perguntou, a voz tensa.

*Não.*

— É. — Limpei a garganta e balancei a cabeça para a direita. — Vamos por ali. É um atalho.

Callum franziu a testa para o mapa e a ficha da missão, e então ergueu os olhos para mim, a boca aberta, talvez para me dizer que estávamos na direção errada. Ele a fechou conforme foi compreendendo, e me virei de costas para que a corporação não visse a esperança ali.

Eu o guiei para o cruzamento da Holly com a Nelson, virando a cabeça para todos os lados à procura de Leb.

Nada.

A noite estava silenciosa, havia apenas o som do vento nas árvores e alguns grilos durante o tempo que ficamos no meio da estrada de terra cercada por barraquinhas.

Talvez ele não viesse naquela noite.

— Posso ver o mapa? — perguntei, para enrolar.

Callum o entregou para mim, e fingi olhar para as ruas retas que representavam as ruas de Rosa. Não tínhamos muito tempo até que os oficiais comesçassem a desconfiar. Eu raramente precisava olhar o mapa.

Dei outra espiada furtiva em volta, mas não havia ninguém além de mim e Callum. Soltei um longo suspiro.

— É melhor irmos por ali — falei, tentando ao máximo evitar a derrota na voz.

O rosto de Callum desabou, e ele baixou os olhos para a arma em suas mãos.

— Então tenho que dar um tiro na cabeça dela, certo? Matar uma da minha própria espécie? — Ele checou o papel da missão. — Danielle. Eu assassino a Danielle?

Estremeci com a escolha da palavra, e a raiva desferida em cada sílaba. A CRAH certamente tinha ouvido.

— Sim — respondi. — Mire na testa, não no rosto. Você quer destruir o cérebro. Dois

tiros é melhor, para garantir.

— E depois o quê? Eu a arrasto de volta para a aeronave?

— Ou eu arrasto. — Dei as costas, incapaz de olhar em seus olhos acusadores.

Ele podia estar mais zangado com a CRAH, mas também havia o bastante para mim ali. Será que um dia seria capaz de me perdoar se eu o obrigasse a fazer aquilo?

— Eu... — Um guincho agudo no meu ouvido me interrompeu, e tanto eu quanto Callum fizemos uma careta e arrancamos nossos comunicadores.

— O que foi isso? — perguntou Callum, esfregando a orelha.

Meus olhos dispararam pela área. A esperança enchia tanto o meu peito que ficava difícil respirar.

Um homem espiou pela beirada de uma barraca, uma figura larga vestida de preto. Levantou-se e correu até nós, empurrando a aba do boné para cima ao parar na minha frente.

Leb. Ele segurava uma faca em uma das mãos e, com a outra, puxou um objeto preto do bolso. Callum deu um passo à frente, a arma semierguida para nos defender. Balancei a cabeça para Callum, que lentamente a abaixou, os olhos ainda grudados na faca de Leb.

— Fique parada — disse Leb, erguendo o objeto preto na frente do meu peito. Era um aparelhinho mais ou menos do tamanho da palma da mão dele, e uma luz vermelha se acendeu quando Leb o passou no alto do meu braço direito.

— Tire a jaqueta — ordenou.

— Como o conseguiu tão rápido? — perguntei, enquanto tirava o casaco.

— Pegá-lo não é o problema — murmurou ele. — O problema é a merda que vai dar quando descobrirem que sumiu.

Ergueu a faca e deu um talho alguns centímetros acima do meu cotovelo, usando a ponta da faca para jogar um aparelhinho de metal no chão. Passei os dedos em volta da ferida ensanguentada. Não era tão profunda a ponto de ser dolorosa, mas meus dedos ainda tremiam quando eu os encostava na pele.

Olhei para o rastreador prata ensanguentado. Liberdade. Podia fugir naquele momento e ninguém saberia onde estava. O que estava fazendo. O que estava dizendo.

Leb fez um gesto para Callum se aproximar, mas ele ficou parado, olhando para o sangue que escorria do meu braço. Parecia chocado, à beira da alegria, como se não conseguisse acreditar.

— Quer andar logo? — vociferou Leb, agarrando-o pelo braço e passando o localizador ao longo do corpo dele. — O oficial da aeronave provavelmente já está a caminho.

Leb girou Callum e passou o localizador por suas costas até ele ficar vermelho. Ergueu a camisa e cortou uma linha curta pelas costas logo abaixo da omoplata. Pegou o rastreador e o

colocou cuidadosamente no chão.

O oficial saiu correndo pela rua, fazendo um gesto para que o seguíssemos. Corremos por dois quarteirões e paramos atrás de uma casa às escuras, com uma variedade de lixo e brinquedos quebrados no quintal dos fundos.

Enfiou alguma coisa na minha mão, e, quando baixei os olhos, vi alguns papéis, o localizador e um mapa das favelas de Austin. Eu achava que não precisava de mapa — lembrava-me das favelas bem o bastante —, mas ele marcara um local específico no meio de uma área residencial.

— O nome dela é Adina — disse, prendendo um envelope e uma fotografia de uma Reboot de cabelos escuros abaixo do mapa. — Ela está de serviço às terças e quartas à noite. A aeronave normalmente aterrissa no fim da Rua Guadalupe. Entreguem esta carta a ela. Marquei o endereço dos rebeldes no mapa. Se pegarem Adina, vão para lá e eles lhes dirão como chegar à reserva.

— Está bem — falei, enfiando tudo no bolso de trás. — Tem alguma bala? Nós só temos quatro.

Ele puxou a arma e esvaziou o pente na minha mão.

— Eles são combativos a respeito de manter essa localização secreta para a CRAH. Vá à noite. Não chamem atenção. — Largou a faca na minha outra mão.

— Fiquem com isso também. Vão.

— Obrigada — respondi, enquanto Leb se virava para correr. Ele acenou ligeiramente para mim por cima do ombro antes de desaparecer por um beco.

Eu estava congelada. Leb dissera para *irmos*. Para que lado? Para onde? Para alguma reserva Reboot mitológica que provavelmente nem existia?

O pânico tomou conta de mim quando eu percebi o que havia feito. Eu estava na favela, cercada de humanos, e não ia voltar para a CRAH.

Eu não ia para casa.

— Wren. — Ergui os olhos e vi o rosto entusiasmado de Callum me espiando. Ele tirou a câmera do meu capacete, pegou o comunicador da minha mão fechada e jogou os dois no chão. — Acho que é melhor a gente correr.

# VINTE

Agarrei a mão de Callum e saímos em disparada por um beco escuro, rumo a um barracão abandonado. Nos anos após a guerra, eles foram construídos para ajudar os humanos a se recuperarem. Quando os traficantes de drogas e as gangues tomaram Rosa, a CRAH os fechou com tapumes.

Estávamos nos limites de Rosa, no coração da favela. A CRAH ficava do outro lado da cidade, depois das lavouras, mas não levariam muito tempo para enviar oficiais. Em termos de esconderijo, este não era o melhor lugar. As casas eram minúsculas e os barracos na rua seguinte dariam ainda menos cobertura.

Um alarme perfurou o silêncio e um refletor varreu a área. Corri para os fundos do barraco, encostando-me na madeira podre. Callum fez o mesmo e olhou para o céu enquanto o holofote da aeronave inspecionava a área. A luz desceu a rua, e ele olhou para mim.

— Devemos continuar? — sussurrou ele.

*Sim. Talvez?* Eu não tinha certeza. Quase todas as decisões que havia tomado durante os últimos cinco anos não foram realmente minhas. Eu conhecia as regras da corporação e as seguia.

A luz chegou perto de nós, e Callum agarrou a minha mão quando corremos pela grama irregular que cercava o barraco. Ouvei o som das balas antes que várias delas perfurassem meus ombros e ricocheteassem no meu capacete.

— Por aqui — gritei, largando a mão de Callum e atravessando a estrada de terra. A luz do holofote nos perdeu enquanto eu ziguezagueava pelo meio das casas e disparava por gramados, mas eu podia ver os oficiais ao longe, um grupo enorme se dispersando pelas ruas.

Parei nos fundos de um barraco velho e puxei a porta com tanta força que a construção balançou como se fosse desabar. Cambaleei, mas a porta se abriu com facilidade e entrei só para recuar na mesma hora, chocando-me contra Callum.

Pessoas. Humanos, por todos os lados. Eles tinham cheiro de lixo, imundície e infecção. Eu conhecia aquele cheiro.

Reconheci os humanos amontoados em seus cantinhos, alguns usando apenas roupas ou gravetos para demarcar o território. Vi as marcas de picadas em seus braços, as mãos trêmulas, o desespero em seus rostos.

Quando criança, morei em um lugar assim durante meses, no tempo em que meus pais estavam intensamente chapados, usando uma droga com efeito tão longo que raramente chegavam a ficar sóbrios antes de a injetarem novamente. Os invasores nos prédios abandonados eram os moradores mais miseráveis das favelas, os que davam cada centavo para os traficantes e criminosos que impediam o progresso de Rosa.

Eu não lembrava mais a época em que invadia esses prédios com meus pais, mas tinha recordações do cheiro e de como costumava segurar o cobertor na frente do nariz à noite para bloqueá-lo ao dormir.

Callum engasgou, o que atraiu alguns olhares interessados. Alguns humanos piscaram e ficaram encarando, chapados demais para reconhecer os dois Reboots parados diante deles. Outros, no entanto, não estavam tão alucinados assim.

Ergui os dedos até os lábios, implorando por silêncio, mas foi inútil. Um humano normal era ruim, mas essas pessoas eram piores.

Eles gritaram, e fui tomada pelo impulso de sacar minha arma e começar a atirar. Havia uns trinta deles. Quanto tempo levaria?

— Podemos sair por ali.

A voz de Callum cortou meus pensamentos, e eu olhei surpresa para ele. Quase havia esquecido que estava ali.

Ocorreu-me que ele ficaria horrorizado se eu começasse a matar gente. Ele me olharia daquele jeito, como se eu fosse um monstro. Estivera disposto a morrer porque se recusava a tirar uma vida.

Mas eu... eu estava pensando em atirar em todo mundo.

— Wren — falou ele, dando um puxão no meu braço.

Deixei que me arrastasse porta afora, para a escuridão. Corremos na direção oposta do holofote.

Esqueci que odiava humanos. Tinha sido clínica em relação às missões; era assim que éramos treinados. Mas eu os odiava, mesmo quando era uma.

Sujos, nojentos, violentos, egoístas, impulsivos. E agora eu tinha que passar dias — semanas — perambulando no meio deles para encontrar Adina e essa mítica reserva Reboot.

Eu queria odiar Callum por isso, mas meu cérebro apenas se desesperou. Eu, a que nunca



conseguia fazer com que Callum seguisse as regras. Eu, que não conseguia treiná-lo bem o bastante para sobreviver dentro da CRAH. Eu, que o trouxera para essa loucura, em que ele muito provavelmente acabaria morto mesmo.

Balas crivaram o chão enquanto corríamos, perfurando os tornozelos de Callum e fazendo jorrar sangue pela terra. Isso fez com que ele diminuísse a velocidade, então eu passei na frente e agarrei seu braço para puxá-lo.

As casas eram mais próximas umas das outras, e a noite ficava mais silenciosa conforme atravessávamos a melhor área da favela. As balas vindas de cima cessaram, e eu achei que talvez eles tivessem nos perdido.

Mas a equipe de solo havia nos encontrado. Os oficiais, seis, sete — não, nove deles, vieram correndo por uma esquina, as armas posicionadas.

— Abaixem-se — ordenei, empurrando a cabeça dele para baixo enquanto atiravam.

Eu o deixei no chão e voei para cima dos soldados. Reconheci alguns rostos através das máscaras, apesar de o terror estampado neles ser novo.

Bati com o pé no peito de um oficial quando ele tentava atirar na minha cabeça, desviando do tiro e arrancando a arma de sua mão. Os outros tentaram me agarrar, mas eu saí em disparada, mais rápido do que seus olhinhos humanos podiam acompanhar.

Levantei a arma. Um, dois, três. Atingi cada um no peito, ignorando as balas que rasgavam meu casaco e ricocheteavam no meu capacete.

Um dos soldados soltou uma granada na minha direção, errando por vários metros.

Callum.

A granada passou por ele e atingiu a casa logo atrás. Ele mergulhou no chão e a explosão mandou pelos ares os fundos do barraco de madeira, engolfando o gramado, e ele, em chamas.

O cano de uma arma foi pressionado na minha testa. O pânico se alastrou apenas por um momento, mas depois chutei as pernas dele enquanto a bala raspava a minha orelha. Meus dedos apertaram minha pistola e disparei em seu peito.

Outra explosão fez o chão tremer, e eu arranquei uma granada do cinto do oficial morto e a lancei nos homens que corriam atrás de mim.

Um continuou correndo, e eu me virei para vê-lo mirando em Callum, que estava no chão tentando apagar as chamas das pernas.

Atirei três vezes. A mira estava meio confusa por causa do medo, que assumia o controle. O último soldado caiu após o terceiro tiro, e eu mergulhei para chegar até Callum, pulando em cima dele e nos fazendo rolar pela grama. Apaguei as chamas restantes e puxei-o para que ficasse de pé.

Ele balançou, as mãos tremiam quando ele as ergueu para verificar o estrago. Sua pele

estava vermelha, chamuscada em alguns lugares. A camisa fora quase totalmente consumida, e as calças não passavam de fiapos queimados.

— Você está bem? — perguntei, dando uma olhada rápida ao redor.

— Estou — gaguejou ele. — Eu... sinto muito, tentei fugir, mas assim que apaguei o primeiro fogo eles jogaram outra e...

— Tudo bem — falei, pegando a mão dele com gentileza. — Você consegue correr?

Ele assentiu, encolhendo-se ao partirmos. Só deveríamos percorrer um quarteirão; eu estava indo para o esconderijo mais próximo em que conseguia pensar.

A grande caçamba quadrada tinha uma pilha de lixo alta demais, como sempre, e não ficava muito longe do muro de tijolos da escola. Empurrei o grande contêiner cinza mais para perto do muro, gesticulando para que Callum ficasse atrás. Meu primeiro instinto foi pular dentro e nos enfiar embaixo do lixo. Mas, se eu fosse um oficial, olharia imediatamente em todos os lugares com tampa ou porta. Não estávamos completamente escondidos atrás da caçamba de lixo — se olhassem pelo ângulo certo, eles poderiam nos ver —, mas era um lugar tão aberto que talvez nem pensassem em procurar ali.

Enfie-me pelo canto e encostei na parede ao lado de Callum, lançando-lhe um olhar preocupado. Nunca me queimei tanto quanto ele — seus braços estavam pretos em alguns lugares —, mas lembrava bem a dor de queimaduras menores. Fora impossível bloquear completamente as ferroadas, que se misturavam à sensação desconfortável de pele nova se esticando por cima da morta.

Ele manteve os braços longe do corpo e franziu o rosto de modo que me fez querer pegá-lo no colo. Mas isso só ia piorar as coisas.

Eu não podia mais olhar para ele, então tapei os olhos com as palmas das mãos, com força, e desejei ter prestado mais atenção no tempo de recuperação dele. Dez minutos? Vinte?

Apertei bem os olhos, mas, quando afastei da mente a imagem do rosto de Callum marcado pela dor, só o que vi foi o antro de drogas.

“Não se mexa.”

Arfei profundamente quando a memória chegou como um raio, tão clara quanto um acontecimento recente.

“Não olhe para ela.”

Era minha mãe falando. Seu hálito pútrido acariciava meu rosto enquanto ela sussurrava no meu ouvido e me abraçava com tanta força que doía.

Não lhe dei ouvidos. Olhei para cima, para além dos outros humanos amontoados, com medo, pelo covil, para o rosto da Reboot no meio do aposento.

Ela me flagrou, os olhos verde-claros brilhando na escuridão.

“Cento e treze”, chamara o outro Reboot, e ele se virou. Apontou para mim.

“O quê?”, perguntara.

“É uma criança.”

“E daí?”

“E daí que ela não deveria estar aqui, deveria? Olhe para este lugar.”

“Isso não é da nossa conta, estamos aqui apenas para pegar o alvo.”

“Mas...”

“Setenta e um”, ele a interrompeu rispidamente.

Ela fechou a boca e virou-se novamente na minha direção ao partir. Eu a fitava mesmo depois que ela se foi, querendo poder segui-la.

Minha mãe deve ter percebido, porque me empurrou do colo, seu rosto zangado e desgostoso.

Meu coração bateu estranhamente com a lembrança, e os rostos dos meus pais inundaram a minha mente. Minha mãe era loura como eu, embora seu cabelo fosse mais escuro por causa da sujeira e da oleosidade. Meu pai tinha sobrancelhas grandes e grossas, constantemente franzidas de tristeza ou pensamentos profundos.

Apertei as mãos no capacete, forçando as imagens a sumir. Eu odiava aquilo. Não queria me lembrar dessas coisas. Não queria ir para Austin. A dor no meu peito era tão intensa que por um momento achei que havia levado um tiro.

— Wren.

A voz de Callum me tirou dos pensamentos, e eu vi seu adorável rosto preocupado.

— Você está bem? — perguntou ele.

Sua pele ainda não havia cicatrizado por completo; as feridas estavam se fechando e se tornando rosadas diante dos meus olhos. Ele parecia tão melhor que fui tomada por um ímpeto louco de abraçá-lo.

— Estou. E você?

Callum virou-se e pressionou o corpo no meu, apoiando a mão aberta no muro atrás de mim. Fiquei imprensada contra o tijolo, surpresa com sua súbita aproximação.

— Como você conseguiu? — indagou ele, os olhos cintilando enquanto sorria para mim.  
— Como fez para que Leb nos ajudasse?

— Saí em uma missão solo com Leb e capturei esse humano que dizia ajudar Reboots a fugir. Mandava-os para alguma reserva Reboot. Eu fiz um trato.

— Algo a ver com a filha dele?

— Tive que prometer resgatá-la. Ela é uma Reboot em Austin. — As palavras saíram forçadas, sem fôlego. Eu não conseguia falar direito com o corpo dele tão perto do meu.

— O que é essa reserva Reboot? Há mesmo Reboots vivendo lá? Livres?

— Não sei. Duvido muito, para ser sincera.

— Então nós pegamos Adina, encontramos esses humanos e vamos para a reserva?

— É.

— Para onde iremos, se não for para lá?

— Sei lá — falei, o pânico tomando conta novamente. — Não pensei a respeito. Eu estava só... — hesitei, esperando não ter que terminar a frase. Mas ele ergueu as sobrancelhas interrogativamente. — Eu não queria que você morresse.

Ele acariciou minha bochecha e virou meu rosto para cima de tal maneira que eu não tinha opção a não ser encarar seus olhos escuros.

Achei que não fosse possível Callum se aproximar mais, mas ele se inclinou para a frente, e meu corpo se dobrou dentro do dele. Seu peito subia e descia contra o meu, e eu deixei minhas mãos relaxarem.

— Obrigado.

Pisquei, não esperava gratidão. Não sabia se a merecia. Não sabia o que responder, mas ele não me olhava como se esperasse isso.

Ele teve que dar um empurrãozinho no capacete e abaixar a cabeça para me beijar, mas não acreditei que ele realmente o faria até sentir seus lábios pressionando suavemente os meus. Meu corpo deu um salto de surpresa, e eu o senti sorrir contra os meus lábios.

Eu não estava mais ali.

Meus pés não precisaram de estímulo dessa vez. Estiquei-me o mais alto que podia e passei os braços em volta de seu pescoço. Ele levou as mãos até a minha cintura e me apertou contra seu corpo.

Não foi como eu achava que seria. Beijar meio que havia me intrigado. Quando humana, eu pensava que parecia perigoso — uma forma fácil de disseminar germes. Como Reboot, isso me deixava confusa. Não sabia direito por que as pessoas gostavam de fazê-lo.

Naquele momento eu só pensava em como alguém poderia querer beijar outra pessoa que não fosse Callum.

Quando ele se afastou, quase o puxei de volta, mas ele sorriu e eu não queria perder isso.

— Eu disse que você gostava de mim.

Eu ri, e um deleite absoluto dançou pelo rosto dele, como se não tivesse certeza de que aquela declaração era verdadeira.

Ele chegou para trás e puxou o que havia sobrado de sua camisa por cima da cabeça. Desafivelou o capacete, colocou-o cuidadosamente no chão e olhou para suas calças, que estavam mais para shorts com algumas tiras de tecido penduradas. Podia ver a cueca preta um

pouco para fora. Ele se sentou no chão, e eu escorreguei pela parede ao lado dele. Meu cérebro dizia para continuar correndo, mas minhas pernas, de repente, estavam moles e trêmulas.

— Isso dói muito, aliás — disse ele, esticando o braço para ver sua pele nova. — Já foi queimada?

— Não desse jeito — respondi baixinho, a voz tremendo.

— Qual é o problema? — perguntou ele, chegando mais perto de mim. — Estava preocupada comigo?

Cruzei os braços e franzi o cenho de brincadeira como resposta, o que o fez abrir um sorriso mais largo. Ele esticou a mão para mim e senti o rubor cruzar meu rosto.

— Callum, você está de cueca.

— Estou de calça. Mais ou menos. — Ele estendeu o braço para mim de novo, suas sobrancelhas enrugadas quando pegou uma das minhas mãos nas suas. — Você está com frio. Venha cá.

— Você não está com frio? — perguntei, enquanto ele me puxava para seu colo e eu passava os braços por seus ombros nus.

— Não. Não está frio.

Achei que ele fosse me beijar, mas se inclinou para a frente e enterrou a cabeça no meu pescoço. Seus lábios pressionaram de leve um ponto que fez meu estômago fazer uma dancinha de felicidade.

— Você tem um cheiro tão bom — murmurou, beijando meu pescoço novamente.

— Não tenho, não — falei, tentando me afastar envergonhada. — Tenho cheiro de morte.

— Você é louca — disse ele com uma risadinha, me abraçando mais forte. — Você não está morta. Não tem cheiro de morte.

— Fiquei morta por muito tempo.

— E agora não está mais. Daí o cheiro de vida. — Ele ergueu a cabeça e apertou os lábios nos meus.

Eu queria empurrá-lo para longe com mais força, mas meu corpo não queria que ele fosse a lugar nenhum. Os lábios dele só se afastaram uns dois centímetros dos meus.

— É melhor não ficarmos muito tempo aqui — falei.

— Por que não? Está tão aconchegante. O ar fresco da noite, misturado com o perfume de lixo podre. É lindo.

— Eles vão... — hesitei ao escutar o som de passos se aproximando.

— Nenhuma identificação visual — ouvi um oficial dizer. — Nove mortos, não pode ter sido há muito tempo.

Callum olhou para mim, surpreso com o número, e eu olhei para o chão, com medo de ver o nojo em seus olhos.

— Prepare-se para correr — sussurrei em seu ouvido.

— Verifiquem ali dentro — gritou um oficial.

Passos esmigalharam o cascalho na nossa direção, e eu prendi a respiração, com medo de me mover até mesmo um milímetro. A tampa da caçamba de lixo se abriu com um baque, batendo acima de nossas cabeças. O lixo farfalhou enquanto os oficiais o reviravam.

— Ninguém — berrou ele. Os passos foram sumindo, os gritos dos outros oficiais desaparecendo ao longe.

Callum deu um sorriso largo, me sacudindo até eu sorrir.

— Por que não estou surpreso por você ter escolhido um bom esconderijo?

— Nós demos sorte — respondi, soltando meu capacete e colocando-o no chão.

— Eu não procuraria muito por nós, se fosse eles. Não se estivesse ciente de que é você que vão enfrentar.

— Eu... hmm... aqueles nove guardas... — Limpei a garganta. Queria perguntar se ele estava horrorizado por eu ter matado todos aqueles humanos, mas não parecia. Não queria chamar a atenção dele para o fato de que talvez eu fosse um monstro, não alguém que ele deveria estar beijando.

— Eu sei — disse ele, baixinho. — Você tinha que nos salvar.

Abri um sorriso de alívio, soltando um suspiro lento. Talvez, se tivesse tentado mais, eu pudesse apenas ter ferido alguns. Decidi não salientar isso.

— Quero fazer uma coisa enquanto estivermos em Austin — falou ele, exibindo seus olhos grandes. — Quero ver minha família.

Balancei imediatamente a cabeça.

— Não, isso não é uma boa ideia.

— Mas temos que ir de qualquer modo, certo? Para pegar Adina?

— Sim, mas...

— Só quero vê-los. Dizer a eles que estou bem.

— Eles não vão... — Eu não podia dizer. Não podia dizer que eles não iam querer vê-lo. Que iam considerar seu filho morto, e o garoto diante deles apenas uma ilusão que se parecia com ele.

— Eles vão querer me ver — disse Callum em resposta às minhas palavras não ditas. — Sei que a CRAH diz que não podemos ter contato com nossas famílias, mas eles não conhecem meus pais. E meu irmão David... — Ele passou a mão pelo cabelo curto e escuro. — Nós na verdade éramos meio próximos. Acho que ele ia querer me ver.

Eu também não conhecia os pais dele, mas podia adivinhar a reação se um monstro que parecia seu filho aparecesse nos degraus da frente.

— Quantos anos tem seu irmão? — perguntei.

— Treze.

— Ele não ficou doente junto com você?

Ele balançou a cabeça.

— Não, ele estava bem quando eu morri.

Um garoto de 13 anos provavelmente aceitaria um Reboot mais do que um adulto, visto que ainda podia acontecer com ele a qualquer momento. Ainda assim, com os pais dele lá, eu não esperava que fosse correr bem.

— Não acho que você deva ir.

— Tenho que ir — falou ele, empurrando uma mecha solta de cabelo atrás da minha orelha. — E preferiria que você fosse comigo.

Suspirei. Ele iria quer eu fosse ou não.

— Você sabe que provavelmente vou morrer em menos de uma hora sem você — disse ele.

— Do jeito que as coisas vão, eu ficaria chocada se conseguíssemos ao menos sair de Rosa.

— Você acabou de abater nove oficiais sozinha. Acho que vamos ficar bem. — Ele chegou mais perto da parede, passando os braços com força em volta da minha cintura quando tentei sair do seu colo. — Vamos tentar sair de Rosa esta noite?

— Acho que amanhã à noite é melhor, não? Estão todos em alerta máximo e vão esperar que a gente tente fugir agora.

Ele concordou.

— É melhor ficarmos aqui por algum tempo. Eles provavelmente não vão checar esta área de novo.

— Espero que não — falei, saindo de seu colo e me acomodando ao seu lado. Ele escorregou a mão para dentro da minha e inclinou-se para dar um beijo de leve na minha bochecha. Cheguei um pouco mais perto, até seu braço quente encostar-se ao meu, e baixei o olhar para esconder o sorriso bobo que se espalhava pelo meu rosto.

# VINTE E UM

— Wren.

A voz suave fez com que eu me mexesse, e estremeci com a dor que subiu pelo meu pescoço. Estava encostada em algo, minha bochecha pressionada contra um objeto adoravelmente quente e sólido e forcei minhas pálpebras a se abrirem.

Minha cabeça estava no ombro de Callum. Eu havia pegado no sono. Respirei, surpresa, e empurrei o corpo para cima para me sentar, girando ao redor para ver se estávamos a salvo. As ruas estavam desertas, claras com a luz do começo da manhã.

— Achei que você poderia querer ir embora antes que todo mundo comece a acordar — disse Callum, um sorriso puxando o canto de sua boca.

— Eu adormeci? — perguntei, estupidamente.

— É.

— Sinto muito. — Não podia acreditar que havia apagado. Durante horas. Qualquer um poderia ter nos pegado de surpresa.

— Tudo bem — falou Callum, se espreguiçando. — Fiquei acordado, vigiando. Além do mais, você fica toda bonitinha e não letal quando dorme.

Um rubor subiu pelas minhas bochechas, e ele se inclinou para a frente para me beijar, me fazendo corar ainda mais.

— Hmm, é — falei quando ele chegou para trás. — Provavelmente é melhor irmos antes que as ruas fiquem cheias demais. — Eu não tinha certeza sobre o melhor lugar para nos escondermos, mas precisávamos chegar ao outro lado da cidade, mais perto da cerca nos seus limites.

— Devemos tentar arrumar algumas roupas? — perguntou Callum, pegando seu capacete para afivelá-lo. — Não me incomodo de ficar de cuecas e shorts, mas pode atrair atenção indesejada.



— Talvez — respondi, contendo um sorriso. Olhei em volta e me levantei para espiar dentro da caçamba de lixo aberta.

— Está realmente procurando roupas no lixo?

Ergui um saco sujo de papel.

— Podemos fazer buracos nisso.

— Acho que se eu usar um vestido de saco de papel na verdade vai atrair mais olhares — disse ele, sério.

Eu o joguei de volta e estiquei a mão para pegar meu capacete, olhando ao redor. Não conseguia enxergar nenhum humano, mas podia ouvir alguns se arrastando por ali. Em algum momento íamos precisar de comida — meu estômago estava parecendo um pouco vazio —, mas minha prioridade era atravessar a cidade antes que ela ficasse lotada.

— Ninguém veio até aqui recentemente? — perguntei.

— Não. Ouvi oficiais de vez em quando, mas já faz algumas horas.

— Obrigada — falei, encostando de novo na parede e sorrindo para ele. — Por ter ficado de vigília.

Ele passou os dedos no meu cabelo, até o meu rabo de cavalo.

— É claro. Você pode dormir em cima de mim quando quiser.

Os olhos dele estavam suaves, diferentes, e eu quis rastejar imediatamente para o colo dele e aceitar a oferta. Quando ele se inclinou para me beijar, eu deixei, só por um instante.

Afastei-me e dei uma olhada rápida em volta, afivelando meu capacete enquanto ficava de pé em um pulo.

— Está na hora da nossa corrida matinal — comuniquei. — Talvez a gente consiga chegar ao outro lado da cidade sem sermos vistos.

Ele assentiu e se levantou, e eu passei os dedos em volta de seu pulso enquanto disparávamos de detrás da caçamba de lixo e corríamos beco abaixo. Chegamos à estrada de terra, e eu larguei Callum para impulsionar meus braços e nos afastarmos do centro da cidade, rumo aos barracos e a pior parte da favela. Meus pés chutavam a terra, e virei-me para Callum para ver se ele estava bem.

Ele havia sumido.

Derrapei até parar, minha respiração saindo em longos arquejos enquanto eu girava a cabeça freneticamente. Corri de volta para a caçamba.

Não havia nada. Nem mesmo um humano. Roupas esvoaçavam no varal do quintal de uma casa ao lado, e eu corri para longe do barulho, esforçando-me para escutar algum sinal dele.

Pânico subiu pelo meu peito com tanta força que tive que sufocar um grito. Entregar minha localização não era uma coisa inteligente a fazer.

Fechei os olhos e escutei. Podia ouvir pessoas correndo, alguns gritos, mas nada que parecesse Callum.

Mas humanos gritando e correndo não podia ser bom, especialmente com um Reboot à solta. Disparei no sentido dos gritos, parando rapidamente na esquina de um prédio quando percebi que eram oficiais da CRAH gritando ordens uns para os outros. Eu não podia vê-los, mas eles estavam perto, não mais do que um ou dois quarteirões de distância.

E se já o tivessem encontrado?

O que eu faria se não conseguisse encontrá-lo? Iria simplesmente para Austin e esperaria que Callum chegasse sozinho?

A ideia era tão ridícula que eu quase ri. Entrei em uma rua aleatória e comecei a correr. Nunca teria fugido sem ele. Teria ficado na minha celinha branca, feliz, entorpecida, até morrer.

Eu não ia a lugar nenhum sem Callum.

Parei de repente, todos os pensamentos que envolviam ficar escondida e segura longe da minha mente. Gritei o nome dele tão alto que minha garganta doeu em protesto. Gritei de novo, tentando desesperadamente escutar uma resposta.

— Wren!

O grito veio da escola, e eu parti em velocidade máxima, ignorando os humanos de queixo caído saindo de suas casas.

Reconheci os sons ao passar pela escola e me dirigir ao centro da cidade. A histeria, os berros raivosos. Eu já os ouvira antes, quando humanos capturavam um Reboot.

Dobrei uma esquina e vi Callum correndo na minha direção o mais rápido que conseguia. Suas calças surradas esvoaçavam, os joelhos e coxas expostos e ensanguentados.

Atrás dele, uma horda de cidadãos irados. Havia cerca de 15 deles, a maioria desarmados, mas se juntavam de todos os lados conforme humanos saíam correndo de suas casas para ver o motivo da comoção. Não era sempre que conseguiam ver um Reboot sem a proteção da CRAH e queriam claramente tirar vantagem disso. Eles chutavam terra enquanto corriam, e o ar estava cheio de poeira, obscurecendo seus rostos e fazendo alguns deles tossir.

Callum já havia levado uma surra. Seu rosto estava machucado, um braço dobrado em um ângulo estranho, e eu corri até ele.

Um garoto mais ou menos da nossa idade pegou seu braço não machucado e o puxou para baixo, mas Callum o chutou no peito com tanta força que ele voou para o outro lado da estrada. Se não estivesse concentrada em protegê-lo, poderia ter dado um sorriso de orgulho com a velocidade com que ele reagiu.

Ele se levantou rapidamente, defendendo-se de uma mulher que tentava esmagar sua

cabeça com um bastão de beisebol. O alívio inundou seus olhos quando me lancei para a frente e peguei o bastão, arrancando-o da mão dela e jogando-o o mais longe que podia. Uma mão se fechou no meu ombro, e ouvi arquejos de vários humanos enquanto caía estatelada de costas.

Todos tentaram me pegar, berrando coisas que eu não conseguia entender. Uma mão veio em direção ao meu pescoço e eu a abocanhei, meus olhos queimando nos do homem. Chutei e peguei a arma das minhas calças, as mãozinhas ávidas tentando alcançá-la para enfiarem uma bala nos nossos cérebros.

Callum empurrou para o lado um homem que estava na minha frente e me puxou, até que eu ficasse de pé, arrastando-me para fora do alcance deles.

Eu me virei, apontando a arma para eles. Alguns recuaram, as mãos erguidas em sinal de rendição, mas a maioria continuava correndo.

Só me restavam algumas balas, então dei um tiro na perna do humano que parecia ser mais rápido e saí correndo na direção oposta com Callum.

— Vocês são monstros! — gritou uma mulher. — São monstros sem alma!

Os humanos estavam cansando, ficando cada vez mais para trás conforme seus pulmões e pernas se exauriam. Corremos ruas abaixo, pelas estradas de terra, para dentro da parte mais feia da cidade. Ao nos aproximarmos do velho edifício médico, olhei para trás novamente e percebi que havíamos nos livrado de vez deles.

Parei ao lado do prédio de um andar e apoiei as mãos nas coxas enquanto arfava.

— Sinto muito — disse Callum, encostando-se no edifício, seu peito subia e descia. — Eu deveria... — Ele balançou a cabeça, encolhendo os ombros de leve.

Olhei para ele, a ansiedade de antes, apesar de ele estar de pé na minha frente. Tentei esconder meu medo, afastar a sensação de enjoo que continuava emergindo quando eu percebia que havia chegado muito perto de perdê-lo, mas devo ter fracassado, porque ele me deu um olhar questionador, confuso. Desviei o olhar. Eu não sabia como formular a frase, dizer-lhe que tinha ficado apavorada com a possibilidade de algo acontecer a ele. Parecia patético na minha cabeça. Soaria ainda mais patético em voz alta.

Limpei a garganta.

— O que aconteceu?

— Alguns caras me pegaram. Tentei gritar, mas estavam me segurando pela cabeça. Me arrastaram para um beco para... — Ele franziu o cenho para mim. — Para que todos pudessem me bater, eu acho. Eles realmente nos odeiam, não é?

Hesitei e logo depois assenti, porque era verdade. Ele encarou o chão, decepcionado.

— Sinto muito — falei, baixinho. — A culpa é minha. Trabalhei nesta área por muito

tempo. Eles me desprezam. Provavelmente queriam a mim.

Ele deu de ombros.

— Não é culpa sua. — Ele esticou o braço, esfregando a mão na cabeça. — Mas ficaram com meu capacete.

Eu nem havia percebido; estava tão distraída pelos meus sentimentos ridículos. Não havia sentido em disfarçar o meu horror.

— É, não é nada bom — falou ele com um suspiro.

Definitivamente não era nada bom. Os oficiais iriam mirar em sua cabeça e não haveria nada para bloquear as balas.

— Você sabe onde eles o tiraram? — perguntei.

— Quando chegamos ao centro da cidade, eu acho.

Olhei para trás, como se fosse realmente capaz de vê-lo daqui.

— Você não pode voltar — protestou ele.

O alarme soou, provando que ele estava certo. O rugido de aeronaves se aproximando preencheu o ar. Enfiei a arma no bolso e me encostei na lateral do prédio com Callum.

— O que devemos fazer? — perguntou ele, olhando para o céu.

— Shhh.

O barulho veio de dentro do prédio, seguido de uma fungada, e Callum e eu nos viramos para trás. A madeira era velha, a tinta branca descascava em todos os lugares, e eu vi movimento do lado de dentro através das fendas. Inclinei-me mais para perto e alguém arfou.

A porta ao meu lado se abriu, e eu me afastei da menininha que apareceu. Ela piscou para mim com olhos cansados, apertando-os por causa da luz do sol.

— Grace! — chamou uma voz aterrorizada, mas a menininha continuou parada, olhando para mim.

Uma adolescente com o cabelo desgrenhado correu para a porta e pegou Grace nos braços.

— Nós não fizemos nada — disse ela, chegando para trás enquanto abraçava a criança junto ao peito.

— Não estamos aqui para pegá-las — falou Callum, a voz beirando a irritação.

Os olhos dela se ergueram para as aeronaves no céu, aí voltaram para nós.

— Vocês não podem ficar aqui.

Olhei para o espaço aberto à nossa frente. A grama irregular levava a um pequeno agrupamento de árvores a vários metros de distância, mas elas eram finas e não tinham metade das folhas; não nos dariam nenhuma cobertura, e certamente seríamos vistos se passássemos muito tempo a céu aberto.

— Vocês fugiram? — perguntou ela.

Não respondemos, e eu senti uma pontada de orgulho por Callum não confiar na humana.

— Não podem ficar aqui — repetiu ela. — Sinto muito. Eu sei que vocês... não podem evitar isso — gesticulou para nós —, mas vocês têm que ir. — Ela apontou para a esquerda. — Há uma vala ali. É meio coberta por algumas árvores. Podem tentar se esconder lá.

Olhei surpresa para ela enquanto Callum puxava o meu braço.

— Vamos — falou ele, analisando o céu. — Temos uma brecha.

Deixei que ele me puxasse, olhando para a adolescente.

— Obrigada.

— Tudo bem. Boa sorte.

Comecei a correr lentamente atrás de Callum, de olho nas aeronaves. Elas estavam espalhadas por outras áreas, mas uma estava parcialmente voltada na nossa direção.

Corri pela grama para o trecho de árvores, rezando para que eles não tivessem nos visto. O pequeno buraco dava a impressão de que alguém começara a cavar uma cova, mas mudara de ideia. Não era muito fundo, mas talvez servisse.

Callum pulou para dentro, e eu o segui, escorregando pela terra. A vala não era grande o bastante para nos esticarmos, então puxei as pernas para junto do peito.

Apertei o rosto contra os joelhos conforme uma aeronave zumbiu mais perto, fazendo força mental para que continuassem em frente. Se eles nos vissem, estaríamos mortos. Um capacete, espaço aberto e uma arma com apenas algumas balas sobrando.

A aeronave aterrissou com um baque, e eu tentei afastar o pavor crescente.

— Eu disse obrigado? — sussurrou Callum. — Por me tirar de lá? Se nós morrermos, eu só queria dizer obrigado.

Apertei os lábios e olhei para o chão. *De nada* parecia uma coisa idiota a dizer, já que podíamos estar a segundos da morte. *Sinto muito* podia ser mais apropriado.

Botas esmigalharam a grama, livrando-me de ter que falar qualquer coisa.

— Aquele prédio está abandonado — disse um oficial da CRAH. — Verifique se estão escondidos lá dentro.

Soltei um longo suspiro quando percebi que eles não nos viram correr para a vala.

— Há só algumas crianças lá — respondeu outra voz. — Disseram que não viram nada.

— O que estão fazendo lá?

— Morando, ao que parece.

— Está bem, pegue-os. Vamos deixá-los no orfanato no caminho de volta.

Fechei os olhos, um peso se instalando no meu peito. Havia poucos lugares piores na favela do que o orfanato. Quando criança, eu havia feito planos elaborados para evitá-lo a todo custo caso meus pais morressem.

— Não! — ouvi o grito estridente. — Nós estamos bem! Vocês não podem!

Fechei a mão em volta de um punhado de terra, sufocando o estranho ímpeto de sair do buraco e ajudá-las.

Os gritos continuaram por muito tempo, enquanto os oficiais vasculhavam a área. Eu queria tapar os ouvidos com as mãos como fazia quando era pequena, mas tive medo de que parecesse esquisito e patético para Callum.

Quando eles se amontoaram na aeronave e decolaram, dei um suspiro de alívio, mais pelo fim dos gritos do que pela minha própria segurança.

Callum apoiou a cabeça na terra e me deu um sorriso hesitante.

— Você está bem? Ficou com uma expressão tensa por algum tempo.

— Estou ótima.

Levantei e espiei para fora do buraco. Estava silencioso e deserto, a porta do prédio médico aberta e balançando com o vento. Só uma aeronave permanecia no céu, a uns oitocentos metros de distância. As outras deviam ter aterrissado em Rosa.

— Preciso arrumar um capacete para você — constatei.

— O quê? Não. Temos que ficar aqui. Provavelmente estaremos seguros até a noite.

— E aí teremos que correr pelos limites da cidade, onde vai haver guardas armados. As chances de conseguirmos atravessar são bem baixas com capacetes. Sem...

— O que você vai fazer? Voltar para a cidade e procurá-lo? — perguntou ele.

— Acho que tenho mais chance de pegar um de um dos oficiais.

Ele gemeu.

— Esse plano parece pior.

— É melhor você ficar aqui — acrescentei. Não queria me arriscar a perdê-lo novamente, e ele tinha razão. Havíamos encontrado um lugar bem seguro.

— Acho que você não está realmente me escutando — disse ele com uma ponta de divertimento.

— Estou ouvindo, só não estou respondendo.

Ele balançou a cabeça, um sorriso torcendo seus lábios.

— Está bem. Vou ficar aqui. Tente não morrer.

— Se tiver que sair por qualquer motivo, volte assim que puder. Esperarei por você aqui.

— E se você não voltar?

Hesitei, sem ter certeza.

— Eu vou voltar.

— Excelente plano B. — Ele riu, passando a mão trêmula pelo rosto. Franzi o cenho, e ele olhou curioso para mim. — O que foi?

— Por que você está tremendo?

— Ah. — Ele baixou os olhos. — Sei lá. Talvez esteja com fome.

Olhei para sua outra mão, tremendo no colo. O pânico me envolveu tão de repente que virei o rosto para que ele não pudesse vê-lo.

Tremendo.

Como Ever.

Respirei fundo, determinada a não apavorá-lo. Podia ser só fome. Ele só estava na CRAH havia algumas semanas. Provavelmente ainda não haviam começado a lhe dar as injeções.

Não podiam ter começado.

— Vou tentar arrumar comida — falei, enterrando meus dedos na terra para me içar para fora do buraco.

— Não se preocupe com isso. Eu estou bem.

Passsei as pernas por cima e me levantei, virando-me para encará-lo. Ele parecia pequeno, seu peito nu sujo e ensanguentado, a pele de suas pernas compridas aparecendo em lugares estranhos através de suas calças rasgadas.

— Talvez eu também possa lhe arrumar algumas roupas.

— Claro. Traga um livro também enquanto está fora. Alguma coisa engraçada.

Achei que ele estava falando sério, até um sorriso largo se espalhar por seu rosto.

— Só volte, está bem? Não preciso de mais nada.

Sorri e assenti. Suspirei ao voltar meus olhos na direção da qual viéramos.

Todos os humanos estariam à procura de Reboots naquele momento. Olhei para minhas roupas. Mesmo aqueles que não tivessem me visto iriam reconhecer as roupas pretas de um Reboot.

Puxei a blusa pela cabeça, virando de costas para Callum, assegurando-me de que minha camiseta branca cobria meu peito. Cobria. Passei a blusa para ele, tirei meu capacete e removi o elástico, jogando o cabelo para frente e sacudindo-o.

— Vai fazer um strip-tease antes? Estou dentro. — Callum sorriu para mim.

— Estou tentando me misturar. Pareço humana?

— Só mantenha os olhos cobertos. É realmente a única diferença entre nós e eles.

Não era, mas concordei mesmo assim e puxei a arma das calças, inclinando-me para baixo para entregá-la para ele.

— Só use isto se precisar. Não restam muitas balas.

— Talvez você deva ficar com ela.

Balancei a cabeça, afastando-me enquanto ele tentava entregá-la para mim.

— Pelo menos atire se estiver em perigo, está bem?

— Está bem.

— E coloque meu capacete — falei, jogando-o para ele.

— Não, é melhor você levá-lo. De qualquer modo, é pequeno demais.

— Tudo bem. Não posso usá-lo sem chamar atenção — admiti enquanto ele o afivelava.

Ficava alto demais em sua cabeça, mas funcionaria bem o suficiente.

Dei alguns passos, esforçando-me para ir mais devagar e acrescentar um molejo ao meu andar. Os humanos eram mais desajeitados, desarticulados e casuais, mas eu tinha que fazer um esforço para esconder meu andar. Olhei por cima do ombro para Callum e tentei retribuir o sorriso dele. Respirando fundo, fui em frente, a cabeça abaixada.

Virei na rua pavimentada que separava a favela, abaixando ainda mais a cabeça apesar de não ter visto nenhum humano. As casas ficavam maiores e mais robustas à medida que eu voltava para o centro da cidade.

Eu havia pegado alvos de várias casas daquela rua. Era ligeiramente menos deprimente durante o dia. Sempre pensei em todas as casas de Rosa como um monte de porcaria feia, mas elas pareciam quase bonitinhas à luz do sol. Eram, na maioria, idênticas, casas pequenas de dois quartos com uma janelinha na frente, mas algumas tinham flores no jardim ou uma horta ao lado.

Eu nunca havia notado os jardins antes.

Passos soaram no asfalto atrás de mim, e dei uma olhada rápida para trás. Era só um idoso, balançando uma sacola enquanto andava.

Apressei o passo, meus pés mal roçando na calçada, até me lembrar de que isso iria atrair mais atenção. Diminuí a velocidade e enfiei as mãos nos bolsos, deixando meus ombros subirem até as orelhas.

“Você parece um macaco quando faz isso”, a voz risonha da minha mãe encheu minhas lembranças.

“Fique reta, Wren. Levante esse rosto bonito. Não sei de onde você puxou esse rosto, querida, mas não precisa escondê-lo.”

Fechei os olhos e deixei o velho passar por mim, o rosto da minha mãe enchendo a escuridão. Ela tinha razão: não era bonita. Era esquelética mesmo antes de cair no vício, nunca tivera as bochechas cheias ou os quadris redondos que eram admirados em outras mulheres.

Cheguei a uma transversal e olhei para a esquerda. Humanos passavam apressados, provavelmente indo para suas casas. Dois soldados apareceram por trás de um prédio, as armas prontas.

Disparei pelo outro lado do prédio de tijolos, espiando ao redor para ver os oficiais



examinando cuidadosamente a rua.

Minha mão foi instintivamente para a minha cabeça, para me assegurar de que meu capacete estava reto, mas tocou o meu cabelo. *Certo. Eu o deixara com Callum.*

Um tiro bem dado dos oficiais, e ele ia esperar para sempre.

Deveria ter dito a ele que fosse sem mim caso eu não voltasse. Talvez ele devesse ir de qualquer maneira.

Uma palpitação estranha de nervosismo se espalhou pelo meu peito e tentei afastá-la respirando fundo. Então eu não tinha capacete. Ainda era mais forte e mais rápida do que aqueles humanos. Podia derrotá-los antes que eles atirassem.

Ouvi alguém se aproximando e respirei fundo ao me virar para olhar bem nos olhos da mulher.

Sua boca formou um O enquanto ela recuava, e, por um momento, achei que ela não fosse gritar.

Mas é claro que ela gritou.

Corri para o outro lado do prédio, parando por tempo suficiente para deixar os oficiais verem aonde eu estava indo. A mulher foi embora enquanto eles me perseguiam.

Ataquei no momento em que eles dobravam a esquina, mirando meu pé no pescoço do soldado mais baixo. O outro ergueu a arma, e eu dei dois socos em seu rosto antes que ele pudesse apertar o gatilho. O homem caiu no chão com um grunhido ao lado do outro humano.

Inclinei-me para baixo, os dedos posicionados para quebrar o pescoço dele, quando ele ergueu as mãos em rendição e sacudiu freneticamente a cabeça.

Hesitei, olhando para o outro oficial respirando ruidosamente, de joelhos. Eu deveria matá-los mesmo assim. Rendição não significava nada. Estiquei as mãos para seu pescoço novamente, mas parei quando ele apertou os olhos e virou para o outro lado. Não parecia certo com ele caído daquele jeito.

Em vez disso, agarrei a faixa em seu queixo e soltei seu capacete, arrancando-o de sua cabeça. Enfiei-o debaixo do braço e peguei suas armas do chão.

— Por favor — pediu, baixinho.

Franzi a testa e me aprumei, enfiando as armas no cóis traseiro das calças.

— Tire sua camisa.

Ele olhou para mim de um modo estranho, mas desabotoou a camisa preta e a entregou para mim. Afastei-me devagar, encarando-os, mas nenhum dos dois fez nenhum movimento para me seguir.

Eu me arrependi da decisão assim que desapareci atrás do prédio e comecei a correr. Deveria tê-los matado. Eles provavelmente estavam falando em seus comunicadores, contando

aos outros oficiais minha localização exata.

Corri outro quarteirão e me agachei na lateral de uma casa, tentando ouvir os sons de oficiais chegando.

Nada. Estava tão silencioso, como se os humanos tivessem se trancado em suas casas.

Endireitei as pernas e ergui o nariz, procurando por mais uma coisa antes de voltar para Callum.

Comida.

Não queria me arriscar a voltar para as lojas no centro da cidade. Roubar de uma das casas provavelmente era a melhor opção.

Pressionei a orelha na casa bem ao meu lado, mas podia ouvir vozes lá dentro. Corri pelo gramado até a casa seguinte, e a próxima, tentando ouvir silêncio.

A quarta casa estava silenciosa. Fui até os fundos e me inclinei para escutar de novo, mas nada ainda. Puxei a porta traseira até a tranca quebrar e ela se abriu. A cozinha minúscula estava deserta, mas havia um pão na bancada de madeira. Peguei-o e olhei na geladeira, mas não tinha carne. Deveria ter esperado isso. A maioria das pessoas em Rosa a considerava uma despesa frívola.

— Procurando alguma coisa?

Pulei, empurrando a porta para fechá-la e mirando a minha arma para a moça na minha frente. Os olhos dela me fitaram calmamente enquanto eu recuava para a porta.

— Não grite — falei. — Só vou pegar isso e vou embora. — Abracei o pão junto ao peito.

Ela levantou as mãos.

— Não estou gritando. Mas...

Fiz um gesto para ela ficar calada no momento em que os sons de gritos e correria passavam do lado de fora. Oficiais berravam ordens uns para os outros, e eu segurei a arma com mais força, meus olhos vasculhando o rosto dela à procura de um sinal de que deveria colocar as mãos ao redor de seu pescoço para sufocar um grito.

Ela só ficou olhando para mim.

As vozes foram sumindo, e eu espiei pela porta para vê-los se dispersando em todas as direções. Voltei-me para a mulher.

— Vai ficar quieta por alguns minutos? — perguntei.

— Pode me deixar metade desse pão? Meu filho vai estar com fome quando chegar da escola. Não temos muito mais, como você deve ter percebido.

Abaixei a arma, constrangida diante do olhar dela. Não estava acostumada com humanos me olhando nos olhos, e os dela estavam fixos nos meus.

A culpa que apertou meu peito foi a pior que eu já havia sentido, e soltei um suspiro,

colocando o pão na bancada. Eu teria ficado felicíssima de voltar da escola e encontrar um pão na bancada. Apesar de achar que ficava felicíssima com qualquer comida quando criança.

A mulher pegou uma faca da gaveta e a segurou em cima do pão, até eu balançar a cabeça.

— Não precisa — falei, empurrando a porta para abri-la. — Mande consertar sua tranca; eu a quebrei.

Ela ficou olhando para mim de novo, o rosto impossível de decifrar. Não havia nenhum traço de medo ou hostilidade, ou de qualquer coisa, na verdade. Ela só olhava.

Virei-me para ir embora, enfiando a arma nas calças.

— Garota, espere — disse a mulher.

Ela cortou uma fatia generosa de pão, enrolou-a em um pano e a entregou para mim. Eu a peguei lentamente, segurando-a com os braços esticados por um momento para lhe dar a oportunidade de mudar de ideia, mas ela não mudou.

— Obrigada — falei.

— De nada.

# VINTE E DOIS

Callum olhou para mim do buraco, alívio e felicidade em seu rosto. Ele estava com um braço em volta dos joelhos, meu capacete descansando na terra ao lado dele. Fiquei tão feliz em vê-lo que nem me dei ao trabalho de observar que ele deveria estar usando-o.

— Você conseguiu — falou, olhando para o capacete enfiado debaixo do meu braço com surpresa genuína.

— É. — Pulei para dentro do buraco e o entreguei a ele. — Também peguei a camisa dele. Tomara que não esteja fedendo demais como um humano.

Ele a levou ao nariz.

— Não, está bom.

Estendi o pão para ele.

— Isto também é para você.

Ele o desembrulhou e olhou surpreso para mim.

— Sério? Você é assustadoramente boa às vezes.

— Pode comer tudo, não estou com fome — menti.

Ele franziu o cenho ao colocar o pão no chão.

— Não seja ridícula. Não comemos desde ontem à noite. — Ele enfiou os braços na camisa, deixando-a desabotoada enquanto dividia o pão ao meio e oferecia uma parte para mim.

— Fique com ele, estou bem por ora — falei, escorregando para o chão.

— Wren. Coma. Na verdade, sou meio durão, sabe. Não precisa tomar conta de mim.

O tom cortante em sua voz me fez parar.

— Eu não quis dizer...

Ele me interrompeu com um beijo, que eu retribuí, aliviada por não ter que concluir a frase. Ele pressionou o pão na minha palma, e eu o peguei, sorrindo para ele.

— Onde o conseguiu? — perguntou, dando uma mordida.  
— Em uma casa — balbuciei. — Quer dormir um pouco? Fico de vigia.  
— Não, não estou cansado — disse ele, terminando seu pão.  
— Mas você não dormiu nada na noite passada.  
— Eu não durmo sempre. Simplesmente não consigo.  
— Ever não dormia muito — falei, passando os dedos pela terra. — Isso é comum entre os  
-60?

— É, foi o que ouvi dizer. Estava dormindo mais nas últimas semanas, mas me sinto acordado de novo.

— Está se sentindo bem? — perguntei.

— Estou ótimo. Eles deram as injeções na Ever, não deram? As que nos deixam malucos.  
Assenti, mantendo meu olhar na terra.

— E se...

Ergui os olhos e vi seu rosto preocupado, ansioso.

— E se eles as aplicaram em você? — sugeri.

— É.

— Não deram, que você saiba?

— Não. Mas meu colega de quarto e eu não conversávamos muito. Não acho que ele teria me contado.

— Mas você se sente bem?

— É, a não ser... — Ele olhou para as mãos trêmulas.

— Provavelmente só está com fome. Você nunca comeu o suficiente. E cansado. Deveria tentar dormir.

— Acho que sim. Mas e se não for só isso? Então o quê?

— Você está fora agora — continuei, com uma confiança que não sentia. — Eles não poderiam ter lhe dado muitas injeções. Provavelmente os efeitos vão passar.

Ele assentiu, recostando-se na terra.

— É. Tenho certeza de que está tudo bem. Não estive lá por tanto tempo.

Ele estava tentando convencer a si mesmo mais do que a mim, mas eu sorri e concordei.

— Exatamente.

— Vou tentar dormir — disse ele, fechando os olhos. Abriu um novamente e esticou os braços para mim. — Quer chegar mais perto?

— Não posso. Um de nós tem que ficar acordado e vigiar.

— Um abraço. Talvez dois. Quinze, no máximo.

— Callum — falei com uma gargalhada. — Vá dormir.

— Está bem — falou com um suspiro exagerado, um sorriso contorcendo seus lábios.

Quando estiquei a cabeça para fora do buraco horas depois, a noite parecia ilusoriamente calma. Uma brisa suave soprava pelo terreno, farfalhando as poucas folhas que restavam nas árvores. Era tão gostoso que tive a ideia rápida e louca de só ficar deitada debaixo das árvores com Callum.

Ele se levantou ao meu lado, olhando ao redor. Havia tentado dormir, ou fingido tentar, durante bastante tempo, até que finalmente desistiu e ficou olhando para a lateral da vala. Isso me fez lembrar tanto de Ever que ficou difícil respirar. Parecia que havia alguém pisando no meu peito.

Segurei o mapa esticado na nossa frente, apontando a área para onde Leb havia indicado que deveríamos fugir.

— Vamos correr por aqui — falei, traçando a rota com meu dedo. — Espero que possamos chegar bem perto da cerca antes que os guardas nos vejam. De lá, vamos nos dirigir para as árvores e seguimos para o norte até despistarmos os humanos. Aí viramos e vamos para o sul.

Callum assentiu.

— Entendi.

Icei-me para fora do buraco, e Callum fez o mesmo. As luzes da favela estavam acesas e os oficiais continuavam a vasculhar atrás de nós, mas estava escuro no campo.

Comecei a andar na direção dos limites da cidade e Callum me seguiu. Ele pegou minha mão enquanto andávamos, entrelaçando os dedos nos meus. Estávamos um pouco mais lentos do que o normal. Meus pés pareciam pesados e meu estômago roncava por comida. Fiquei quase tentada a parar e encontrar alguma coisa, mas não queria me arriscar a atrair os oficiais da CRAH naquela direção de novo. Precisávamos chegar o mais perto possível dos limites da cidade sem sermos notados.

Callum parecia estar melhor. Ele não havia mencionado que estava com fome, e, quando olhou para mim, parecia firme e calmo.

— Sabe quem atirou em você e nos seus pais? — perguntou.

— Não. Não tem importância, de qualquer forma.

Ele hesitou, olhando para mim.

— Sente saudades da sua mãe e do seu pai?

— Não sei. — Era a única maneira de responder sinceramente à pergunta.

— Não sabe?

— Não. Não sei. Não me lembro muito deles e o que lembro não é bom. Mas às vezes me

sinto... estranha.

— Estranha tipo triste?

— Acho que sim.

— Não gostaria de vê-los de novo, se pudesse?

— Callum, nunca vai conseguir me convencer de que isso é uma boa ideia. E não, eu não ia querer vê-los novamente.

Ele ficou calado por alguns minutos enquanto atravessávamos o bairro, mantendo-nos perto dos fundos das casas conforme nos aproximávamos dos limites da cidade.

— O que você fazia? — perguntou ele. — Como humana?

— Eu tinha 12 anos. Eu ia à escola e trabalhava.

— Onde você trabalhava?

— Em um pub. Lavando pratos. Muitas crianças queriam o emprego, mas eles gostavam de como eu era pequena. Não ocupava muito espaço.

— Então não havia regras de idade para trabalhar na favela? — perguntou ele.

— Não. Se você pudesse fazer o trabalho, podia se inscrever. Eles têm regras de idade no *rico*?

— Dezesseis. Depois da formatura. Os que têm dinheiro vão para a escola técnica; os outros começam a trabalhar.

Olhei surpresa para ele.

— Achei que todos vocês iam para a escola técnica.

— Não. Caro demais.

— O que você fazia, então? — perguntei.

— Eu trabalhava na lavoura. — Ele riu quando notou a expressão assustada no meu rosto.

— O que foi? Alguém tem que fazer isso.

— Bem, é, mas... não achei que fosse o pessoal do *rico*.

— Quem mais? — indagou ele, dando de ombros. — Eles não trazem trabalhadores da favela por causa do risco de doenças. Não querem Reboots tocando na comida. A CRAH tentou trazê-los algum tempo atrás e as pessoas protestaram. Eles têm pavor de nós.

— É para ter mesmo.

Quando as luzes nos limites da cidade se acenderam, eu parei e puxei o mapa. A quantidade de casas havia diminuído e logo depois elas desapareceram completamente. Não havia muita coisa no lado sul de Rosa. A CRAH ficava a oeste, a pior parte da favela para o leste. As árvores também eram mais escassas e não deixavam nada além de terra plana salpicada de grama à nossa frente. A corporação sem dúvida a havia limpado para que não houvesse como se esgueirar para fora da cidade. A área inteira estava mais clara do que a luz

do dia.

— Leb não nos deu uma área com muita cobertura — falei, abaixando-me atrás de uma árvore e fazendo um gesto para que Callum me seguisse.

— Duvido que alguma seção tenha cobertura — disse Callum. Ele chegou mais perto de mim até nossos corpos estarem escondidos atrás do tronco da árvore.

Talvez ele estivesse certo, infelizmente. Leb havia desenhado a estrela entre duas altas torres de vigilância, de metal, o que ele devia ter considerado a rota mais segura. Cada torre tinha mais ou menos cem metros de distância uma da outra. Do esconderijo, vi um oficial andando de um lado para o outro da cerca, com uma arma enorme na cintura.

— Vamos só correr — disse ele. — O que temos a perder? — Ele deu um passo para a frente, como se fosse sair em disparada naquele instante.

— Nossas cabeças — falei com irritação, puxando-o de volta pelo braço. — Eles terão atiradores de elite lá em cima.

— E o que vamos fazer, então? — Ele bateu em seu capacete. — Além do mais, temos isto.

Ele estava certo, mas eu ainda tive um surto de irritação pelo seu descaso com a própria vida. De novo.

— Esses capacetes não aguentam para sempre — argumentei. — Eu não o salvei de levar um tiro lá dentro para que você morresse um dia depois aqui fora. Pelo menos finja que se importa de morrer. — Olhei o mapa novamente. — Este não pode ser o melhor lugar. Parece tão idiota.

Ele olhou surpreso para mim.

— Eu me importo de morrer.

— Não parece.

— Já morri uma vez. Acabou dando certo. — Sorriu para mim.

— Isso não é engraçado. Vai morrer de verdade dessa vez. E depois? Vou sozinha para essa reserva Reboot idiota? Eu nunca teria fugido se não fosse por você.

— Não pedi que fizesse isso — disse ele. — E o que você quer dizer com “nunca teria fugido”? Achava que estava tudo bem? Ser uma prisioneira?

— Estava. Era melhor do que minha vida humana.

— Mas eles a fizeram matar gente.

— Eu não... — Passei os braços em volta da cintura e parei. Eu não podia dizer aquilo para ele.

— Você não se importa? — adivinhou. — Não sente culpa? Tristeza?

— Não — admiti, olhando para o chão. — No começo, eu sentia. Mas depois... não mais.



Olhei de soslaio e vi um olhar desoladoramente abatido em seu rosto.

— Não sei por que você continua falando isso — observou ele.

— Porque é verdade.

— Não é, não. Vi o seu rosto quando eles levaram aquelas crianças embora. Você sente tudo, como o restante de nós.

Ele fez uma pausa, avaliando-me antes de um brilho malicioso cintilar em seus olhos.

— E você sente o maior tesão por mim.

Uma gargalhada escapou sem querer da minha boca.

— O que foi? Você sente, sim.

Eu não podia discordar, então apenas sorri. Ele pegou minha mão e me puxou, plantando um beijo suave nos meus lábios.

— Leb queria que nós fugíssemos — falou. — Não podemos resgatar sua filha se estivermos mortos. Ele deve ter pensado que este era o melhor caminho.

— É — admiti, enfiando o mapa no bolso. — Eu só preferiria que as nossas cabeças não explodissem.

— Vamos correr bem rápido, então. — Ele levantou as sobrancelhas e olhou para mim, esperando aprovação.

Eu assenti.

— Comece a ziguezaguear quando eles nos virem. Deve dificultar que nos acertem.

— Entendi.

Dei mais uma olhada ao redor antes de sair do esconderijo e me encaminhar para o campo aberto.

Demos só alguns passos quando a sirene soou. Era mais alta ali, gritando de uma das torres. Senti as balas antes de ouvi-las.

Elas crivaram meus ombros e bateram no capacete. Meus pés voaram sobre a terra; Callum me acompanhou mesmo quando aumentei a velocidade e comecei a correr tortuosamente.

O mundo de repente ficou branco, o chão ressoando enquanto eu caía. Uma segunda explosão, mais perto, me mandou pelos ares e provocou uma dor lancinante na minha perna.

Eu não conseguia ouvir. Não conseguia enxergar. Fiquei de pé atabalhoadamente só para o mundo sacudir de novo, a explosão tão intensa que aterrissei a vários metros de distância.

Uma bala perfurou a minha orelha e eu me atrapalhei para levantar. Elas passavam voando, batendo no chão como gotas pesadas.

Callum. Eu não conseguia vê-lo.

— Callum! — Corri para dentro da fumaça e dei de cara com um peitoral duro.

Não consegui distinguir o rosto, mas ele ergueu uma arma até a minha cabeça. Eu me abaixei, socando sua barriga e derrubando suas pernas. Arranquei a arma de sua mão e bati com o cano em sua cabeça.

— Wren. — Ouvi a voz de Callum, baixa, mas, quando olhei para cima, ele estava ao meu lado, berrando. Seu capacete estava pela metade, o lado esquerdo da cabeça completamente exposto. Peguei a mão dele e disparamos para a cerca.

Seus olhos se arregalaram de medo quando ele se voltou para espiar lá atrás. Virei-me rapidamente também e vi um grupo enorme de oficiais da corporação bem na nossa cola.

Encostei o queixo no peito enquanto eles atiravam e larguei a mão de Callum para correr mais depressa.

A cerca estava tão perto que eu podia vê-la claramente. Não era terrivelmente alta — uns quatro metros e meio aproximadamente.

No entanto, era eletrificada.

Eu conseguia ouvir o zumbido à medida que nos aproximávamos. Teríamos que nos segurar nela por vários segundos até subir e pular, mas a força do choque poderia nos nocautear de imediato.

Callum chegou à cerca um segundo antes de mim. Vi a descarga atravessar seu corpo, seus dedos se enroscando em volta do arame, mas ele continuou segurando, o rosto determinado.

Segurei no arame e arfei quando minhas entranhas começaram a pegar fogo. O choque foi tão intenso que quase gritei, quase quebrei minha própria regra.

Escalei a cerca o mais rápido que consegui. Minhas mãos estavam pretas quando finalmente alcancei o topo e me joguei para o outro lado.

O tremor era tão intenso que era difícil ficar de pé, que dirá correr. Mas ouvi o zumbido parar quando a cerca foi desligada para os oficiais da CRAH. Eles nos pegariam se nós não nos mexêssemos. O corpo de Callum se contorcia tanto quanto o meu, então, eu o agarrei pela cintura e o virei na direção das árvores.

Precisávamos ir para o norte. O pânico me dominou enquanto eu me esforçava para lembrar a direção. Austin era para o sul, mas eu não queria que a corporação nos visse indo para lá. Se soubessem para onde estávamos indo, iriam esperar por nós.

Uma aeronave rugiu pelo céu, mandando uma nova saraivada de balas. Ouvi o ruído e logo senti a bala na minha cabeça.

Os restos do meu capacete caíram no chão.

Direita. Norte era para a direita.

Meu cérebro não queria correr, mas minhas pernas me carregaram mesmo assim, flutuando sobre a terra e a grama, mais rápido do que um humano podia acompanhar.

Estávamos nas árvores, nas lindas árvores, batendo nos galhos, e nossos pés martelavam no chão. Minhas entranhas se reviraram, inquietas, mas eu continuei correndo até as vozes dos oficiais ficarem distantes.

Parei abruptamente, olhando para cima enquanto a aeronave passava apressadamente. Fiz um gesto para Callum me seguir e disparei mais para o meio das árvores e me escondi atrás de uma árvore grossa. Não dava mais para vê-los, mas conseguia ouvir oficiais correndo e gritando de várias direções.

Olhei para Callum e vi que o tremor havia parado. Ele agarrava o tronco da árvore ao examinar a área. O capacete também havia sumido, provavelmente perdido e destroçado em algum lugar, como o meu.

— Você está bem? — perguntei, respirando pesadamente.

— Estou. Posso continuar correndo.

Olhei para o céu, e outra aeronave passava lá em cima. Hesitante, dei um passo adiante, saindo detrás da árvore. Botas esmagaram folhas, e eu franzi o cenho para a escuridão. Não estavam usando lanternas, o que foi perspicaz da parte deles. Era mais fácil chegar até nós sorrateiramente.

Balancei a cabeça para Callum e levei um dedo aos lábios, pedindo silêncio. Dei um passo cuidadoso para oeste. Ele seguiu a minha dica, e eu senti vontade de abraçá-lo por seus passos silenciosos. Abri caminho por um galho de árvore caído e olhei por cima do ombro.

Nós nos esgueiramos pelas árvores até não conseguirmos mais ouvir nossos perseguidores. Estava silencioso, os únicos sons eram a brisa farfalhando as folhas e o zumbido distante do motor de uma aeronave.

— Vamos correr? — sussurrei para Callum, virando-me para o sul.

Ele assentiu. Seus olhos estavam sérios quando encontraram os meus, mas um sorriso começava a se formar nos lábios.

Eu também tentei sorrir, mas só por um instante. E então nós corremos.

# VINTE E TRÊS

O Silêncio me cercava. Nunca havia vivenciado tanta quietude. Conhecia os sons da cidade, das aeronaves ou da respiração de Ever tentando dormir, mas esse tipo de silêncio me era completamente estranho. Eu me sentia uma intrusa naquele mundo. Ainda estávamos bem na periferia de Rosa, mas eu estava em um novo planeta, um no qual não havia nada além de Callum e uma brisa soprando de leve contra a minha pele.

As árvores davam uma cobertura sólida, mas o chão era irregular, cheio de folhas, buracos e galhos caídos. Eu pulava, me desviava e tropeçava. Minha respiração ficou mais regular durante a cicatrização, equiparando-se à de Callum, enquanto nossos pés batiam no chão.

A recuperação nos aliviou apenas por um momento, logo, diminuí a velocidade quando meu estômago se revirou em protesto. Só havíamos corrido uns seis quilômetros, mas meu rosto estava quente e minhas pernas, trêmulas. Callum olhou para mim, franzindo as sobrancelhas. Andou mais devagar, puxando minha mão para que eu parasse.

— Você está bem? — perguntou.

Eu assenti.

— Estou. Só estou com fome, acho.

Eu não havia comido uma refeição de verdade há mais de 24 horas e meu corpo não gostou de correr tanto com tão pouco combustível. Meu corpo não gostava nada de tão pouco combustível, na verdade. Estava acostumado a ser bem alimentado, e regularmente, nos últimos cinco anos.

Eu me sentia pior quando parada e estremei quando estiquei a mão para meu ombro esquerdo. Podia sentir o caroço duro de uma bala alojada ali. Minha pele havia se fechado por cima dela.

Tentei ignorar a dor latejante, mas era mais difícil quando eu estava fraca. Franzi o cenho. Era irritante.

— O que foi? — perguntou Callum, esticando a mão para meu ombro.

Eu o afastei com um gesto, virando o rosto para o outro lado. Era constrangedor que alguém pudesse ler as emoções no meu rosto. Eu achava que ninguém jamais fosse capaz de fazer isso, mesmo quando eu era humana.

— Não é nada — resmunguei. — Tem uma bala aí dentro.

Ele esticou a mão novamente, e eu deixei que pressionasse o local.

— Quer que eu tire para você?

Hesitei, olhando em volta. Estava escuro, deserto. Ainda estávamos bem longe de Austin e havíamos saído de Rosa o suficiente para despistar quaisquer aeronaves ou oficiais. Uma brisa levou algumas mechas soltas de cabelo do meu rabo de cavalo para meu rosto, e eu as afastei.

— Talvez seja melhor só irmos em frente.

Callum sorriu afetadamente ao estender a mão.

— Só me dê a faca.

Eu a puxei da calça e a entreguei. Senti uma pequena onda de alívio por ele não ter concordado em continuar correndo. Era a última coisa que eu queria fazer.

— Provavelmente vai ser mais fácil se você se sentar — disse ele enquanto eu tirava minha jaqueta.

Olhei em volta uma última vez antes de escorregar devagar para a terra e cruzar as pernas. Fechei os olhos brevemente e tudo em mim desabou em uma pilha de exaustão. Os dedos de Callum roçaram meus braços quando ele se sentou atrás de mim, e estremeci com seu toque. Seus dedos encontraram o buraco que a bala havia feito na minha blusa e, quando ele falou, pude sentir sua respiração no meu pescoço.

— Você precisa tirar isso.

Puxei meus braços pelas mangas da camisa e a deixei pendurada em volta do pescoço por cima da camiseta.

— Hmm, só enfio a faca ali? — perguntou ele, segurando meu ombro firmemente com uma das mãos.

— É. Não precisa ser cuidadoso. Rápido é melhor.

— Está bem. — Ele soltou a respiração, e eu senti a ponta da faca cutucar minha pele. Fechei os olhos quando ele apertou com mais força. Era mais fácil bloquear a dor com a respiração dele no meu pescoço e seu calor atrás de mim.

A bala bateu no chão com um baque, e Callum colocou a faca de lado, as mãos escorregando pelos meus braços.

Ele se inclinou para a frente até sua bochecha roçar meu rosto, a barba rala fazendo

cócegas na minha pele. Entrelaçou os dedos, virando a cabeça de tal forma que seus lábios roçaram minha têmpora.

— Isso foi a coisa mais nojenta que já fiz — sussurrou, uma ponta de divertimento em sua voz.

Eu ri e ele apertou minha mão, seus lábios formando um sorriso contra minha pele. Eu me virei e nossos olhares se encontraram, e depois nossos lábios, por um breve momento. Foi ele quem chegou para trás, a expressão preocupada de volta.

— Quer procurar comida? — perguntou. — Você parece exausta.

Afastei-me dele, enfiando os braços na blusa.

— Estou bem. Vamos continuar.

Callum parecia querer discutir, mas, quando vesti minha jaqueta e comecei a andar, ele seguiu sem dar uma palavra. Considerei tentar pegar um animal, mas não vi nenhum, e não podíamos fazer fogueira para cozinhá-lo mesmo. A corporação poderia ver a fumaça.

Era diferente ficar sem comida como Reboot. Como humana, fora desconfortável, doloroso, desgastante. A fome tomava conta até eu não conseguir pensar em mais nada.

Minha mente estava mais clara como Reboot. Eu podia me concentrar em outras coisas, mas a corrosão no meu estômago era pior. Era como se um monstro estivesse me comendo por dentro.

Não havia pensado na comida quando estava planejando nossa fuga. Não havia pensado em muitas coisas, como onde iríamos dormir ou encontrar água e roupas limpas. No desespero de tirar Callum de lá, eu não havia pensado que talvez estivéssemos em pior situação do lado de fora. Possivelmente a CRAH tinha razão e eles estavam nos fazendo uma gentileza ao nos dar abrigo e nos alimentar. Sim, tecnicamente, éramos seus escravos, mas talvez isso fosse melhor do que o que iríamos enfrentar ali fora.

*Sinto muito.* A voz de Ever soou em meus ouvidos, tão clara quanto no dia em que ela morreu. Ela não estaria em pior situação do lado de fora. Na verdade, se eu tivesse prestado mais atenção, se tivesse me esforçado mais para fugir quando fiquei sabendo que era possível, ela ainda poderia estar viva.

Fechei os olhos para a culpa que esmagava meu peito. Ever teria gostado dali de fora, com fome ou não.

— A reserva é naquela direção, certo? — perguntou Callum, puxando-me para fora dos meus pensamentos. Ele olhava para o céu preto e apontava para o norte.

— É.

— Então todas as aeronaves da corporação foram naquela direção. Acha que eles sabem onde ela fica?

— Acho. Isso parece lógico.

— Não acredita mesmo que haja uma reserva, não é? — perguntou ele.

— Não, nunca acreditei. Se houver alguma coisa, provavelmente são só alguns Reboots fugindo de um lugar para o outro, escondendo-se da CRAH. — Suspirei quando o rosto dele desabou de decepção. — Sinto muito. Isso é o tipo de coisa sobre a qual eu deveria mentir para fazê-lo sentir-se melhor?

Ele riu.

— Não. Eu gosto de você sempre dizer a verdade.

— De fato, não vejo vantagem em mentir.

— Isso é muito legal.

— Obrigada — falei, e um calor começou a se espalhar pelo meu peito e pelo meu rosto.

Ao menos ele não parecia alarmado por não termos ideia do que estávamos fazendo. Seu otimismo era reconfortante, e estiquei o braço para pegar sua mão enquanto andávamos.

Quando o sol começou a nascer, as árvores densas deram lugar a um terreno aberto, a grama verde e marrom se espalhou à nossa frente. Ainda estávamos a uns bons quinze quilômetros de Austin, e seríamos facilmente vistos de qualquer aeronave da corporação.

Passei a mão no rosto ao parar. Deveríamos ter corrido. Se tivéssemos corrido, já estaríamos lá e poderíamos ter encontrado comida com mais facilidade em Austin.

— Devemos descansar um pouco? — perguntou Callum.

— Acho que somos obrigados a parar até o sol se pôr — falei, e me arrastei de volta para uma área mais densa de árvores. Caí sentada contra uma, esticando as pernas na frente do corpo. Callum ficou onde estava, virando a cabeça para examinar a área.

— A que distância de Austin nós estamos? — perguntou ele.

— Mais ou menos na metade do caminho. Uns quinze quilômetros.

— Vou procurar comida — disse ele, encarando-me. — Quer esperar aqui? Não vou muito longe.

— Procurar comida onde? — perguntei, olhando perplexa para as árvores ao nosso redor.

— Vou naquela direção — falou ele, apontando. — Hmm... — Ele se virou algumas vezes.

— Leste. Certo? Para lá é leste?

Confirmei.

— O que espera encontrar lá?

Ele arqueou uma sobrancelha para mim.

— Existe comida fora de um refeitório, Wren.

Tentei conter um sorriso, mas ele repuxou os cantos da minha boca de qualquer modo.

— Já ouvi falar nisso. Acha mesmo que vai encontrar comida lá?

— Eu trabalhei no campo. Sei o que procurar. Eu e alguns dos outros costumávamos pilhar no caminho de volta para a cidade quando os fazendeiros da corporação não estavam olhando.

Comecei a me levantar, mas ele balançou a cabeça.

— Pode descansar — falou. — Não vou muito longe. Não há mais ninguém por aqui mesmo.

Ergui o olhar para o céu. Ele tinha razão: estava azul e claro e não havia nenhuma aeronave à vista. Para ser sincera, meu corpo não tinha mesmo a menor condição de andar.

— Só não se perca — recomendei, recostando minha cabeça na árvore. — Grite, se estiver em perigo.

Ele assentiu e virou-se para partir, lançando um sorriso para mim, apesar de seus passos estarem lentos e pesados. Ele também devia estar cansado e com tanta fome quanto eu, mas disfarçava melhor. Eu admirava sua habilidade de manter aquele sorriso no rosto, mesmo quando as coisas estavam péssimas.

Franzi os olhos quando o sol apareceu por trás das folhas, e minha cabeça começou a tombar para o lado. Queria manter os olhos abertos, mas eles não paravam de se fechar, e acabei me deixando levar.

Acordei com um sobressalto, minhas pernas estremecendo na terra enquanto meus olhos se abriam de repente. Uma folha fazia cócegas no meu braço, e eu a empurrei para longe, virando-me rapidamente para olhar o sol. Ele estava mais alto, bem acima das árvores.

— Callum? — chamei, baixinho, me levantando. Andei em círculos, mas estava sozinha. O único som era o bater de asas de um pássaro que saiu voando sobre mim.

Apertei mais a jaqueta no corpo, olhando para o sol novamente. Onde ele estava antes? Eu não podia ter dormido tanto tempo. Talvez uma hora. Menos, provavelmente. Tinha sido burrice deixá-lo ir sozinho. Ficar separado era a pior coisa que podia acontecer naquele momento. E eu havia permitido que ele saísse para o meio da selva assim.

Um pássaro guinchou, e eu pulei de susto, enfiando as mãos frias nos bolsos. Fugir da CRAH no verão teria sido um plano muito mais inteligente. Na verdade, qualquer plano teria sido mais inteligente do que aquele.

Engoli em seco, tentando não entrar em pânico com os minutos que se passavam sem sinal de Callum. Transferei o peso de um pé para o outro, enquanto reprimia o ímpeto de correr pelas árvores e ir ao encontro dele. Ele estava bem. Se eu continuasse repetindo isso para mim mesma, acabaria acreditando.

Algo farfalhou atrás de mim, e fiquei tensa, colocando logo a mão na arma. O rosto triunfante de Callum apareceu um segundo depois, e eu soltei o ar, retribuindo seu sorriso



largo.

— Desculpe ter levado tanto tempo — disse ele. — Fui um pouco mais longe do que tinha planejado.

Callum segurava a camisa na frente do corpo; franzi o rosto quando ele caiu de joelhos e esvaziou o conteúdo da camisa na minha frente. Eu me ajoelhei e peguei um objeto pequeno, preto e redondo.

— Um negocinho preto molinho? — perguntei, com as sobrancelhas levantadas. Olhei para as bolas duras e marrons misturadas. — Isso são nozes?

— Wren — falou ele com uma risada, chegando mais perto e pegando a noz. — É uma noz-pecã. Nunca viu?

— Ah. Nunca com casca, eu acho.

Ele olhou em volta, pegou uma pedra e colocou a pecã no chão.

— Vamos ter que ser um pouco criativos, já que não temos um quebra-nozes. — Ele bateu com a pedra e a casca se partiu. Pegou os pedaços da noz e os jogou na minha mão livre.

— E isso é um caqui — disse ele, apontando para a fruta vermelha. — Você meio que o espreme na boca. Não é o meu preferido, mas vai servir.

Comi alguns pedaços de pecã enquanto Callum continuava a quebrá-las no chão, então espremi o caqui com os dedos e o segurei acima da minha boca. Era doce e melado, e minhas mãos ficaram vermelhas com o sumo quando eu joguei a casca de lado.

Comemos em silêncio, e enxuguei as mãos nas calças quando demos cabo de tudo. Callum se recostou em uma árvore, abriu os braços, e eu rastejei feliz para o lado dele.

— Obrigada — falei, descansando minha cabeça em seu peito.

— De nada. — Ele descansou o queixo no topo da minha cabeça ao acariciar meu braço. Ficou calado por um bom tempo, e eu fechei os olhos; minha cabeça subia e descia com sua respiração.

— Você sempre teve intenção de ir para Austin?

— Como assim? — Abri os olhos de súbito, sobressaltada com o som de sua voz.

— Quando prometeu ao Leb que iria resgatar a filha dele. Estava falando sério? Ou estava pensando só em fugir?

— Eu não sabia para onde iria — respondi. — Se a reserva existe mesmo, eu gostaria de saber onde fica. Obviamente não estou muito preparada para sobreviver na floresta.

Ele deu uma risadinha.

— Acho que você vai se sair bem.

— E não quero provar que ele estava certo — falei, baixinho. — Sei que Leb espera que a gente fuja. Eles não confiam em nós e não quero provar que estão certos.

Ele esticou o braço e pressionou a mão na minha bochecha. Senti-o beijar o topo da minha cabeça de leve.

— Bom argumento — sussurrou ele.

# VINTE E QUATRO

Saímos do esconderijo depois do pôr do sol. Duas aeronaves da CRAH haviam passado durante o dia, mas eu não via nenhuma há horas.

Adormecera de novo por algum tempo, mas Callum estava acordado e alerta. Ele ainda não tinha dormido desde que havíamos deixado as instalações, e eu podia ver suas mãos tremendo de novo. Apesar de ele ter visto que eu havia percebido, ninguém disse nada. Mas ele não demonstrava nenhum sinal de insanidade e eu me recusava a falar sobre algo que muito provavelmente não iria acontecer.

Que não *podia* acontecer.

Andamos até o limite do bosque, e eu respirei fundo olhando para o céu. Caminho livre.

Saímos correndo, as botas batendo no chão enquanto disparávamos pela grama. O vento passava pelos buracos de bala na minha jaqueta, e eu franzi o rosto contra o frio. Meu peito estava apertado e minha garganta queimava com a corrida, mas mantivemos um ritmo veloz, olhando, nervosos, para o céu.

Corremos cerca de oito quilômetros antes que outro bosque aparecesse e diminuímos o passo para uma caminhada ao nos embrenharmos no meio das árvores. Respirei fundo e cruzei os braços para me aquecer um pouco.

— Quanto tempo vamos levar para passar por esse negócio de túnel? — perguntou Callum depois que recuperamos o fôlego.

— Não faço ideia. No mapa só diz *túnel*. Podemos sempre pular a cerca de novo, se ele não estiver lá.

— Maravilha. Isso não foi nem um pouco difícil da última vez. — Ele passou o braço em volta do meu ombro e me puxou para perto.

As árvores eram mais finas ali, mais esparsas e davam menos cobertura do que as de Rosa, mas andamos mesmo assim, ambos cansados demais para correr.

Austin começou a ficar visível, e um leve sorriso cruzou os lábios de Callum.

— É mais bonito do que Rosa.

— Estamos entrando pelo lado *rico*.

Os topos dos edifícios pareciam vagamente familiares. Havia três estruturas altas de vidro, cercadas por algumas mais baixas que eu mal podia ver acima das árvores. O prédio mais alto ficava no lado leste da cidade e o topo era de um branco brilhante, como se guiasse as pessoas para casa. Era divertido, considerando-se que esse lado da cidade de Austin não tinha o menor interesse em deixar qualquer um entrar.

— Já viu esse lado da cidade antes? — perguntou Callum.

— Não. Passamos por ele a caminho da carceragem depois que morri, mas acho que eu ainda estava em choque. Não lembro direito.

— Você se lembra de morrer? — indagou ele. — Ou acordar?

— Eu me lembro de acordar.

— Você sabia que estava morta? Eu não sabia.

— Mais ou menos — respondi. — Eu estava histérica, então foi tudo confuso. Só me lembro de acordar na Sala dos Mortos e gritar.

— Eles a tiraram da Sala do Despertar? Isso é terrível.

— É. Eles acharam que eu estava morta de verdade.

O hospital colocava todos os jovens que poderiam reinicializar na Sala do Despertar, onde eram amarrados a camas. Se reinicializassem, iam para as instalações; se não, iam para a Sala dos Mortos.

Ninguém deveria ter que acordar na Sala dos Mortos, cercado por humanos mortos que esperavam pela cremação. A sala estava cheia no dia em que eu acordei.

Olhei para Callum, afastando a lembrança.

— Você não sabia que estava morto?

— Não. Achei que tinha ido dormir. Não parava de perguntar pelos meus pais. Achei que me sentiria diferente como Reboot. Mas me sinto igual. Nunca pareceu real até eu chegar a Rosa.

— É — concordei.

As árvores ficaram mais densas quando nos aproximamos da cidade. Empurrei um galho baixo para longe do meu rosto e consegui enxergar a cerca de arame cinza e as luzes vermelhas, piscando. Parei e puxei o mapa. A cerca fazia um zumbido baixo, indicando que também era eletrificada.

Recuamos mais para o meio do bosque, até a cerca não estar mais visível. Se o mapa do Leb estava correto, o túnel devia ficar bem nessa área.

— É aqui? — perguntou Callum, espiando o mapa por cima do meu ombro.

— Supostamente — falei, piscando os olhos para o chão. Estava escuro demais para ver qualquer coisa. Virei o mapa na direção dele. — Estamos na área certa? Parece que o túnel deveria sair não muito longe do centro.

Callum olhou para o mapa e para a escuridão que nos cercava.

— Vamos tentar um pouco mais para oeste — disse ele, apontando. — Acho que não estamos perto do centro o bastante.

Assenti e o segui, chutando a terra e cada pedra suspeita. Não tinha muita certeza do que estava procurando. Deveria ter perguntado ao Leb como era o túnel. Ou a sua finalidade. Ou se ele tinha certeza de que ainda existia.

Enfiei o mapa no bolso e soltei um suspiro. Callum e eu andamos para oeste, de volta para leste, oeste de novo, esquadrihando a área e procurando debaixo de folhas e galhos caídos.

— Vamos ter que ser eletrocutados novamente, não é? — perguntou Callum, apertando os olhos para o céu. Os primeiros sinais da luz da manhã estavam aparecendo.

— Talvez.

— Que maravilha. Acho que as minhas entranhas derreteram da última vez. Ficou tudo remexido lá dentro.

Dei um sorriso divertido para ele.

— Vamos tentar um pouco mais perto da cerca.

Ele me seguiu enquanto eu andava até ela, e hesitei ao ouvir o zumbido da eletricidade. Parei quando Callum caiu de joelhos e empurrou uma pilha de galhos para o lado. Ele apontou para um buraco pequeno e abriu um sorriso largo, apoiando-se nas beiradas espiar lá dentro.

— Parece muito pequeno.

— Eu vou primeiro — falei.

Ajoelhei-me ao lado dele e olhei dentro do que parecia não ser mais do que um buraco mal construído no chão. Fiz uma pausa, olhando de volta para Callum. Rastejar por um buraquinho minúsculo e escuro no chão me deixava um pouco nervosa. Eu não fazia ideia do que havia ali, mas tinha que acreditar que Leb não nos colocaria em perigo, colocando sua filha em risco.

— Ainda podemos ser eletrocutados, se você quiser — disse Callum, apontando de volta para a cerca.

— Acho que devemos fazer a abordagem mais silenciosa. — Ignorei meus nervos e rastejei para dentro do buraco. Ouvei Callum me seguir um instante depois.

Mal cabíamos de quatro ali. Eu tinha um pouco de espaço, mas, quando virei para olhar para Callum, só consegui ver o contorno das costas dele raspando o topo do túnel.

O teto era suportado por vigas brancas de madeira que não pareciam nada firmes. Tirando isso, não havia nada além de terra debaixo dos meus dedos.

— O que acontece se isso desmoronar? — perguntou Callum. — Vamos simplesmente ficar presos aqui, enterrados para sempre?

— Sim, é possível.

— Ah, que bom. Obrigado por me fazer sentir melhor sobre isso.

Eu queria me virar e sorrir para ele, mas a ideia de o túnel desabar e nos prender não era tão absurda. Talvez o modo mais seguro de atravessar era nos mexendo o mínimo possível. Além disso, estava escuro demais para que ele pudesse enxergar mesmo.

Eu me arrastei de quatro para a frente, respirando fundo em um esforço para diminuir as rajadas de ar saindo dos meus pulmões. Apesar de suas palavras, a respiração de Callum estava lenta e regular e, quando fechei os olhos e escutei, ela também me acalmou.

Rastejei até minha cabeça bater contra algo sólido. Estiquei a mão para tocá-lo.

O túnel estava lacrado?

Callum atropelou os meus pés e parou também.

— O que foi?

— Está bloqueado — falei, empurrando o objeto sólido. Era áspero. — Talvez devêssemos...

O bloqueio se moveu antes que eu pudesse expressar minha ideia covarde de que devíamos esquecer o plano e Leb e Adina. Eu o empurrei novamente, e um feixe de luz entrou. Eram toras de madeira, provavelmente para esconder a entrada.

Investi o corpo contra elas até a de cima cair no chão com um baque e empurrei a outra para longe. Eu me espremi para fora do túnel, a grama úmida de orvalho por entre os meus dedos, mas, pela primeira vez, não me importei com o frio. Inspirei uma quantidade generosa de ar fresco para dentro dos meus pulmões.

Não houve tiros, nem bombas, nem gritos, só o ar frio da manhã e os sons das folhas farfalhando e de grilos trilando. Fugir de Rosa era um pesadelo distante comparado à facilidade de nossa entrada em Austin.

Callum sacudiu as roupas, esticou a mão e bagunçou meu cabelo de brincadeira, fazendo voar terra. Sorriu brevemente para mim, mas fitava algo ao longe.

Virei-me. O túnel nos levava a uma colina com uma vista clara de Austin *rico*. Não me lembro de jamais tê-la visto assim quando vivia na favela.

Era pequena, provavelmente algo entre 25 e 40 quilômetros quadrados. Era a segunda Austin. A original ficava muitos quilômetros ao sul e, pelo que me disseram, não passava de um monte de destroços. Os Reboots destruíram a maior parte das cidades humanas na guerra.

Eu ouvira Austin ser chamada de “a melhor cidade no Texas”. A julgar pelas outras que eu já visitara, parecia ser uma afirmação verdadeira. Ficava aninhada perto de um lago, cintilante à luz da manhã. Os prédios no centro eram mais altos do que os de Rosa, alguns com dez ou quinze andares.

Uma rua larga corria pelo centro da cidade, começando não muito longe das árvores que cercavam o lago e terminando em um prédio redondo bonitinho. Ele fora planejado para replicar o capitólio original de Austin. O Texas não tinha Congresso, portanto, eu não sabia o que eles faziam no prédio naquele momento. Talvez estivesse vazio.

— Para que lado fica a casa dos seus pais? — perguntei enquanto empilhava as toras na frente do buraco.

— Passando o capitólio, pelo bulevar Lake Travis — disse ele, apontando para a rua larga. Baixou as sobrancelhas quando cruzou os braços por cima do estômago.

— O que foi? — indaguei, ficando de pé e limpando as mãos nas calças.

— Eu estou com muita... — Ele respirou fundo ao apertar o estômago com a mão. — Estou com muita fome, eu acho.

Callum estava pálido e suas mãos tremiam mais do que antes. Engoli em seco, esticando-me para pegar sua mão.

— Seus pais vão ter comida, certo? — Minha voz estava firme, apesar de eu mesma estar começando a tremer. Ever estivera esfomeada no refeitório, enfiando carne na boca o mais rápido possível.

Callum assentiu.

— Vão ter um pouco, provavelmente.

— Vamos, talvez a gente consiga encontrar alguma outra coisa pelo caminho também — falei. O sol estava ficando mais alto no céu e não tínhamos muito tempo até os humanos estarem por todos os lugares.

Ele deixou que eu o puxasse colina abaixo e pela grama. O barulho dos grilos ficou mais baixo ao nos aproximarmos dos prédios.

A única maneira de chegar ao outro lado do capitólio era atravessando a cidade, já que a cerca da corporação não ficava muito longe dos limites dela, e eu não queria correr o risco de chegar muito perto deles.

Nós nos esgueiramos por um beco atrás dos prédios de tijolo e madeira. Vislumbrei alguns humanos na rua seguinte e apertei o passo, puxando a mão de Callum. Ele olhava para baixo e tinha o outro punho pressionado contra a boca.

— O que é isso? — Sua voz estava abafada por trás dos dedos.

— O quê?

— Esse cheiro. — Callum parou e inclinou-se para a frente, apoiando as mãos nas coxas. Respirou fundo, e eu me aproximei dele, tocando seu ombro. — Tem cheiro de carne ou algo assim?

Levantei o nariz, mas só conseguia sentir o cheiro do ar fresco da manhã e talvez da grama ou mato.

*Ele tem um cheiro tão bom. Como... carne.*

As palavras de Ever atravessaram meu cérebro, e eu me virei para os humanos, o pavor escorrendo pelo meu estômago.

Ele sentia o cheiro dos humanos.

Agarrei o braço de Callum, e ele se ergueu com um sobressalto, piscando para mim.

— Vamos arrumar carne para você, então — falei. — Onde fica o restaurante mais próximo?

Ele não respondeu. Em vez disso, virou-se para olhar os humanos, com uma expressão indecifrável.

— Lembra quando aquele garoto tentou me comer? — perguntou, baixinho.

— Ou um açougue — sugeri, ignorando-o. — Ou um mercado. Há algum por aqui?

— E aí Ever agiu como se também fosse me comer. Lembra? Ela estava toda esquisita e louca? — Ele baixou os olhos para suas mãos.

Meu coração estava batendo depressa demais. Eu me recusava a responder àquelas perguntas, pois teria que admitir que deveríamos ter medo do que a CRAH fizera com Callum, e ele já parecia amedrontado demais.

— Você não vai me deixar fazer isso, não é? — As palavras saíram baixas, os olhos dele passando de mim para os humanos.

Balancei a cabeça vigorosamente.

— Não. Não vou deixar.

Ele assentiu, enfiando as mãos nos bolsos.

— Há um restaurante a mais ou menos um quarteirão. Eles têm carne, eu acho.

Passei meu braço pelo dele, e nos apressamos pelo quarteirão. Callum encostou o queixo no peito e não parava de inspirar grandes golfadas de ar, tentando segurar a respiração o máximo possível.

— Aquele ali — indicou, apontando para uma porta de madeira ligeiramente rachada atrás de uma caçamba fedorenta de lixo.

O som de pratos batendo e comida chiando saía pela abertura. Deslizei a arma para fora das calças e abri a porta de supetão.

Dois humanos estavam trabalhando na cozinha. Um homem e uma mulher, provavelmente



de trinta e poucos anos, e agradavelmente gorduchos, daquela maneira *rico* bem alimentada. O homem nos viu primeiro e deu um grito, agarrando a mulher.

Talvez nossa aparência fosse pior do que o comum, ou talvez o povo *rico* não estivesse acostumado a ver Reboots, mas o terror foi o maior que eu jamais havia presenciado. A mulher logo começou a chorar enquanto tentava arrastar o homem na direção da outra porta.

— Parem — falei, apontando a arma para o homem. — Não vamos machucá-los; só queremos comida.

Os dois congelaram. Agarraram-se e começaram a soluçar.

— Podem parar com o choro e pegar comida para nós? — vociferei, irritada. *Por que as pessoas têm que chorar?*

A mulher arquejou e se soltou do homem, correndo para a geladeira. Callum pressionou o rosto contra o topo da minha cabeça, um gemido escapando de sua boca.

— Carne — esclareci.

Ela se virou com dois pacotes grandes de carne crua nas mãos, estendendo-os com um temor.

— Carne cozida, sua... — Respirei fundo. — Não somos animais. — Fiz um gesto para o filé na grelha, e o homem o empilhou em um recipiente. — O pão também.

Ele colocou o pão inteiro em uma sacola, junto com o recipiente de carne. Aproximou-se para entregá-la para mim, mas a mulher a pegou e puxou o homem para trás de si. Ela deixou a sacola pendurada em um dedo ao dar um passo cauteloso na nossa direção.

Não percebi que o vulto no canto do meu olho era Callum até ele estar em cima dela.

Dentes à mostra.

Rosnando.

Os humanos gritaram.

Não fiquei irritada dessa vez. Meus olhos voaram para os de Callum. Olhos vidrados.

Meus pés recusavam-se a se mexer enquanto ele empurrava para longe as mãos frenéticas dela e tentava levar o rosto ao seu pescoço.

*Você não vai me deixar fazer isso, não é?*

As palavras dele me tiraram do meu estado vegetativo com um sobressalto. Lancei-me sobre ele, empurrando o homem para fora do caminho. Agarrei o colarinho de Callum e o tirei com tanta força de cima da humana, que estava aos prantos, que ele bateu na parede, piscou e sacudiu a cabeça, mas ainda não era Callum.

Ele não era Callum.

Os humanos se amontoaram no chão; eu agarrei a sacola e corri até ele.

— Callum — falei, a voz tremendo ligeiramente.

Ele piscou mais uma vez e a confusão coloriu seu rosto ao olhar para mim. Empurrei-o rapidamente para a porta antes que ele percebesse o estado dos humanos.

— O quê...?

— Vá — interrompi. Peguei sua mão e saí correndo.

Puxei-o com força quando ele diminuiu a velocidade, arrancando-o para longe da porta e pelo beco abaixo. Corremos toda a cidade até uma rua larga e pavimentada, com casas ao longe. Ela tinha uma bifurcação, e eu me virei para olhar Callum.

— Para que lado? — Espiei atrás de mim, procurando sinais da corporação, mas ainda não havia nada. O céu estava limpo, e a manhã, silenciosa.

Ele apontou para a direita, e nós partimos. Callum me puxou para parar quando nos aproximamos das casas, fazendo um gesto para uma fileira de arbustos.

— Tenho que comer algo antes de nos aproximarmos deles de novo — disse ele, acenando com a cabeça para a carne. — Não posso ver minha família desse jeito.

Olhei para trás novamente. Nada ainda.

— Talvez a gente deva continuar andando. Aqueles humanos vão alertar a CRAH a qualquer minuto e...

Callum fungou.

— Não vão, não. Acha que eles querem que todo mundo saiba que havia dois Reboots naquele restaurante? Ninguém nunca mais ia entrar lá. — Apontou o céu vazio. — Eles não contaram a ninguém.

Examinei a área. Ele tinha razão. Não havia nenhuma aeronave ou guarda à vista.

Segui Callum e sentei-me ao lado dele na grama atrás dos arbustos. Abri o recipiente de carne e o ofereci para ele. Callum pegou um pedaço e imediatamente o mordeu, comendo com um fervor que eu nunca vira nele. Peguei um pedacinho para mim e empurrei o restante para ele, que comeu sem protestar. Fiquei mordiscando o pão enquanto o observava.

Quando terminou, passou a mão pela boca, voltando seu olhar para a grama. Ficou brincando com ela, os dedos quase firmes novamente.

— Acabei de atacar aquela mulher, não foi? Eu meio que apaguei, mas me lembro... — Sua voz estava tensa, baixa.

Não respondi, mas não era necessário. Ele sabia o que havia acontecido. Ficamos sentados ali, em silêncio, por longos segundos antes que eu tivesse a ideia de que talvez fosse o momento para dizer algo reconfortante.

— Talvez passe — falei. — Ou podemos pedir ajuda quando chegarmos à reserva. Eles já devem ter visto isso.

Ele concordou.

— É verdade.

Fiquei de pé em um pulo e estendi minha mão para ele. O sol estava alto no céu e não tínhamos tempo a perder. O casal poderia mudar de ideia.

— Até lá, vamos só mantê-lo bem alimentado. Tenho certeza de que vai ficar tudo bem.

Callum pegou minha mão ao se levantar, uma ponta de alívio em seu rosto. Ele acreditava em mim.

Tentei sorrir como se eu também acreditasse.

# VINTE E CINCO

Andamos pela rua pavimentada e viramos para uma rua mais estreita. As casas eram menores do que eu pensava, mas limpas e bem cuidadas, sem nada do lixo que entulhava os gramados na favela de Rosa.

— Estamos perto? — perguntei. Apontei para o bosque denso perto dos limites da cidade.  
— Posso esperar ali. Talvez eu vá checar a segurança em volta do muro da favela.

— Não, você tem que vir comigo — disse Callum, olhando para mim com surpresa.

— Não acho que isso seja boa ideia — falei. — Mas vou ficar por perto.

— Não, você tem que vir. Eles vão querer conhecê-la.

— Eles definitivamente não vão querer me conhecer.

— Vão, sim. Você me salvou.

Suspirei.

— Eu vou, mas vou ficar para trás. Vou apavorá-los.

— Não vai, não. Você não é assustadora até começar a atacar pessoas.

— Vou, sim. E você também.

— Eu, com certeza, não sou aterrorizante. Não chego nem perto.

Soltei um suspiro de derrota, e ele sorriu.

Esperava mesmo que ele estivesse certo.

Olhei para trás, para os topos das casas maiores que apareciam acima das árvores. Não conseguia enxergar muito além dos telhados, mas só o tamanho já sugeria riqueza.

— O que tem ali? — perguntei.

— As pessoas ricas.

— Achei que vocês todos eram ricos aqui.

Ele me lançou um olhar divertido. A cor havia voltado ao seu rosto depois de comer a carne, e ele quase parecia dono de si mesmo outra vez.

— Só estamos aqui porque a propriedade é herança de família. Meus pais nunca tiveram dinheiro. Nem meus avós.

— O que eles fazem? — indaguei.

Pensava que gente rica não fazia nada, mas, se Callum trabalhava na lavoura, os pais deviam ter empregos.

— Minha mãe é professora e meu pai trabalha na fábrica de processamento de alimentos. Mas eles a demitiram quando fiquei doente, então não sei se ela ainda dá aulas.

— Por quê? — perguntei.

— Risco de contágio — falou Callum. — Ela pegou uma das formas mais leves de KDH quando fiquei doente. Eles não arriscam infectar crianças com nada aqui.

— Talvez tenham devolvido o emprego depois que ela sarou. — As casinhas tinham quintais com cercas de madeira e vislumbrei jardins e flores. Tudo parecia mais alegre aqui.

Viramos a esquina, e Callum parou de repente, com uma expressão triste.

Segui seu olhar até uma casinha branca com venezianas azuis. Um caminho de pedra levava à porta da frente, e as janelinhas para a rua lhe davam um ar fofo, singular.

Mas, diante dela, em uma placa de madeira com letras grandes e pretas, estavam as palavras: *Em quarentena até 24 de novembro. Leilão em 1º de dezembro.*

Olhei rapidamente para ele.

— Leilão? Isso quer dizer...

— Eles a perderam — disse ele, a voz embargada.

— Perderam? Como?

— Eles tinham muitas dívidas. Gastaram tudo o que tinham tentando me salvar e devem ter... — Ele engoliu em seco e eu peguei sua mão.

— Eles tinham amigos?

— Tinham, mas ninguém teria espaço. E não estariam dispostos a assumir três bocas a mais quando todo mundo já está em má situação.

— Para onde eles iriam? — perguntei.

— Não sei. Para lá, eu acho. — Ele olhou para o leste, para a favela. — A corporação leva os sem-teto para lá. Não querem esse tipo de coisa aqui.

De uma casa mais abaixo saiu um homem, batendo a porta de tela ao passar e caminhando até as flores.

— É melhor não ficarmos a céu aberto desse jeito — falei.

Callum ainda fitava a favela. O pânico tomou conta de mim diante da perspectiva de ir para lá naquele momento. Achei que haveria mais tempo.

— Vamos entrar — pedi, puxando a mão dele. — Pelo menos até o sol se pôr. Ninguém

vai botar o pé dentro de uma casa em quarentena.

— Podemos simplesmente ir para a favela agora.

— Vai ser mais seguro à noite. — Puxei sua mão de novo, e ele finalmente olhou para mim. A expressão se suavizou. Talvez o pânico tivesse se esparramado pelo meu rosto.

— É, está bem.

Subimos os degraus de pedra até a portinha branca da frente. Estava trancada, mas um chute forte de Callum a abriu.

À primeira vista, a casa parecia maior do que era. Os aposentos eram parcamente mobiliados e abertos, o chão de uma madeira brilhante que eu nunca tinha visto. Não havia mesa na cozinha, nada além de um sofá encardido e uma televisão na sala de estar. Era como se o lugar tivesse sido esvaziado por ladrões.

A luz do sol entrava por uma janela lateral, batendo no chão e dançando pelas paredes nuas cor de creme. O que quer que houvesse ali antes sumira, restando apenas os buraquinhos de pregos.

— Acho que puderam levar as fotos — falou Callum, andando na direção do corredor dos fundos.

— E alguns móveis?

— Não, isso era tudo o que tínhamos.

Desviei meu olhar do dele, constrangida, apesar de seus pais terem muito mais do que o que os meus jamais haviam tido.

— Venha — disse ele.

Eu o segui pelo corredor escuro; o carpete cinza parecia de pelúcia. Callum deu uma olhada na primeira porta à nossa esquerda, um quarto pequeno e vazio, exceto por alguns pôsteres de personagens de histórias em quadrinhos na parede. Depois andou até a segunda porta.

Era o quarto dele. Parecia não ter sido tocado desde o dia em que ele morrera: a cama desarrumada, papéis e livros espalhados na escrivaninha, fotos e aparelhos eletrônicos que eu não conseguia identificar entulhados na estante.

Os móveis de madeira eram velhos e lascados, mas o quarto era razoavelmente arrumado. Aconchegante, até. O edredom azul, grosso, ao pé da cama parecia melhor do que o cobertor fino que eu tinha na CRAH, e o sol que entrava pelas cortinas brancas translúcidas tornava o quarto caloroso e aberto.

— Eles deviam ter vendido isso ou dado para o David — comentou, passando os dedos por cima de seu *reader* escolar.

Usávamos livros velhos de papel na escola da favela, mas eu já tinha visto alguns

dispositivos de leitura por aí.

— Eles não podiam. Quando você morre e reinicializa, todos os seus pertences se tornam propriedade da CRAH. — O custo da segurança, era o que diziam.

— Ah.

Ele se sentou na cama e ligou o rádio na mesinha de cabeceira. Um violino e a voz de um homem encheram o quarto.

— Senti falta de música — falou ele, olhando para baixo.

— Eu também, no começo.

— Não deveria tê-los deixado pagar os tratamentos — disse, esfregando as mãos no rosto. — Conhecia os índices de sobrevivência. No fundo, eu sabia que era inútil. Só estava com medo de me tornar um Reboot. Estava tão apavorado que passei mal na carceragem. — Ele ergueu os olhos e sorriu para mim. — Até ver você. Eu me lembro de estar deitado no chão olhando para você quando pensei: “Se há garotas tão bonitas assim aqui, não pode ser tão ruim.”

Virei para o outro lado, tentando esconder o sorriso enquanto o calor se espalhava pelo meu rosto. A cama rangeu quando ele se levantou e deu um beijo suave na minha cabeça.

— Vou ver se a água ainda funciona. Talvez a gente possa tomar banho. — Virou-se, abrindo um sorriso largo para mim ao sair do quarto. — Separados, é claro.

Meu corpo inteiro corou, e o rubor ainda não havia diminuído nem um pouco quando ele finalmente voltou. Foi até o armário e puxou uma toalha, calças pretas de algodão e uma camiseta verde.

— Funciona — falou, estendendo as roupas para mim. — Deve ficar grande demais, mas achei que você iria querer se trocar.

— Valeu.

— É a porta ao lado.

O banheiro de azulejos brancos era limpo e privado. Eu havia esquecido como era usar um banheiro privado. Tirei as roupas e entrei cuidadosamente debaixo do chuveiro. A ducha estava quente e gloriosa; a água vermelha circundava o ralo. Eu estava coberta de sangue, resquícios dos inúmeros ferimentos de bala que havia sofrido.

Saí do banho limpa e com a pele suave; meu peito mutilado era a única mácula em meu corpo. Vesti as roupas de Callum e passei um pente pelo cabelo. Juntei minhas próprias roupas nos braços e as larguei em um canto do quarto de Callum.

Ele trocava a roupa de cama, cinza e com uma aparência tão macia que eu quis imediatamente rastejar para lá.

— Achei que você poderia querer dormir — disse ele, colocando a última fronha. —

Fique à vontade. Vou tomar um banho.

Assenti, mas sentei-me à mesa quando ele saiu do quarto. Peguei um visualizador de fotos digital e apertei o botão ao lado para começar a apresentação de imagens.

Era Callum.

Mais ou menos.

O Callum humano tinha cabelo desganhado, olhos castanho-claros e um sorriso tranquilo no rosto. Seu braço passava em volta de outro menino humano, mas eu só conseguia olhar para ele. Para sua pele imperfeita, para o sorriso bobo, para a inocência que irradiava dele.

A pele era mais escura quando era humano. Reboots eram mais pálidos, prova de que a morte os havia tocado, mas eu não notava mais isso. Os humanos tinham um brilho, uma incandescência que só a morte extinguiu.

Apertei o botão e passei por dúzias de fotos de Callum com os amigos. Mal pude reconhecê-lo.

Ergui a cabeça quando Callum veio por trás de mim e quase fiquei aliviada por ver que ele estava do mesmo jeito que eu lembrava.

Seu rosto era duro e forte, nada como o do garoto na foto. Seus olhos escuros examinaram o quarto de uma forma que provavelmente era instintiva agora — procurava por ameaças. Olhou a foto por cima do meu ombro e esticou o braço para tirá-la das minhas mãos. Tinha uma expressão fechada no rosto.

— Não tenho mais essa aparência — assegurou.

— Não.

— Eu não achava que tinha mudado. Faz apenas algumas semanas.

— Você mudou — afirmei, tocando seus dedos. — Gosto mais de você assim.

Ele ergueu os olhos da foto para mim, depois para a parede atrás. Virei-me para saber o que ele estava olhando e vi nossos reflexos no espelho.

— Eu não pareço mais humano — continuou ele.

— Não. Você não é mais.

Callum baixou os olhos tristemente para a foto.

— Quando acordei, depois de morrer, achei que continuaria basicamente o mesmo.

— Bem, você parece, de certo modo — admiti, tirando a foto de sua mão. — Suas lembranças humanas começam a ficar turvas de imediato. Ainda mais as coisas de que você não quer se lembrar.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Você sabe um pouco sobre isso.

Dei de ombros, e ele colocou o visualizador na mesa, pegando a minha mão e me puxando



para fora da cadeira.

— Quer dançar? — Ele me pegou nos braços antes que eu pudesse responder. — Temos música desta vez. E não sou obrigado a socá-la quando terminarmos.

— Você não é obrigado. Mas, se eu pisar demais nos seus pés, esteja à vontade.

— Dispensando a oferta, mas obrigado.

Ele me girou uma, duas, três vezes, até eu desabar às gargalhadas em seu peito. Levantei-me nas pontas dos pés para um beijo, e ele me agarrou por baixo dos braços e me levantou até eu conseguir passar as pernas em volta de sua cintura.

— Assim é melhor — disse ele, roçando os lábios nos meus.

Fechei meus olhos e me deixei sumir dentro do beijo. Gostava de não ter que me preocupar com ataques de surpresa ou com humanos passando. Gostava de me render completamente ao beijo, aos braços dele e ao calor de seu corpo.

— Não está acontecendo nenhuma dança aqui — falei finalmente com um sorriso.

— Claro que está — disse ele, movendo-se em um círculo lento. — E esta é a minha dança favorita, por falar nisso.

— A minha também. — Encostei minha testa na dele, deixando a felicidade tilintar pelo meu corpo.

Quando a canção terminou, ele se sentou na cama comigo no colo, passando as mãos pelo meu cabelo úmido e me beijando do maxilar até o pescoço.

Querida enfiar a mão por debaixo de sua camisa e tocar a pele quente de suas costas com a ponta dos dedos, mas hesitei — minha mente tentava avaliar quantas pessoas ou câmeras podiam estar nos observando.

Mas não havia ninguém. Éramos só nós dois.

Então, passei meus dedos por suas costas, fechei os olhos e me concentrei somente nele.

Sua respiração contra a minha boca.

Seus braços apertando a minha cintura.

Meus lábios contra sua bochecha.

Meus olhos encontrando os dele, meu sorriso para o desejo em seu olhar.

Os dedos dele nas minhas costas, o ar frio fazendo cócegas na minha pele enquanto ele empurrava minha blusa um pouquinho para cima.

Enrijeci, pulando para longe dele tão rápido que quase caí da cama. Senti falta do calor dele, mas meu estômago se contorcera de nervoso, e eu não conseguia nem olhar para ele.

Quando sugeri que ficássemos em sua casa, não pensei que poderia haver uma cama. Não pensei que poderíamos ficar sozinhos.

E não pensei no que essas duas coisas juntas poderiam significar.

— Desculpe — disse Callum. A voz dele estava baixa, ligeiramente confusa. — Não pode?

— Hmm. — Foi a única coisa que consegui murmurar.

Será que podia? Eu nunca havia pensado se queria transar, com qualquer um.

E certamente nunca havia pensado que alguém iria querer transar comigo.

— Eu, hmm, nunca... — Olhei para ele e vi uma surpresa genuína atravessar seu rosto.

— Você está brincando — falou ele. — Ficou lá durante cinco anos e nunca transou com ninguém?

— É claro que não. Ninguém queria tocar em mim. Você foi a primeira pessoa a me beijar.

Ele inclinou a cabeça e me estudou com curiosidade.

— Isso é ridículo, Wren.

— É verdade.

Ele chegou mais perto até sua perna roçar na minha.

— Ninguém a tocou porque você não queria que tocassem.

Talvez ele estivesse certo quanto a isso. Apoiei as mãos nas coxas, mas elas estavam tremendo, então rapidamente as juntei.

— Eu também nunca fiz isso — disse ele.

Um alívio inesperado inundou meu peito.

— Sério? Sexo normalmente é a primeira coisa que os novatos fazem.

— Acho que as pessoas devem ter presumido que eu era seu, então se afastaram. — Ele me olhou nos olhos e sorriu. — Eu era. Eu sou. — Inclinou-se para a frente e roçou os lábios nos meus. — Seu.

Engoli em seco, um peso estranho caindo no meu estômago. Eu me senti esquisita, quente e nervosa e queria puxá-lo para mim e não largar nunca mais. Entrelacei meus dedos nos dele. Era eu a trêmula dessa vez. Ele estava firme.

— Nós... nós podemos — gaguejei. — Mas não posso tirar minha blusa.

Ele olhou brevemente para a camisa.

— Por quê?

— É nojento. Melhor eu continuar com ela.

— Nojento? — repetiu ele, confuso.

Como eu não disse nada, a compreensão atravessou o rosto dele.

— Ah. Foi aí que você foi atingida?

— Foi.

— Não me importo que você tenha uma cicatriz, Wren.

— É feia. E é mais de uma.

— Alguém atirou em você mais de uma vez?

— Sim. Três vezes.

— Quem faria isso com uma criança de 12 anos?

— Sei lá — retruquei, com a voz tensa e baixa. — Não lembro direito.

— Consegue lembrar alguma coisa?

Os gritos — os meus gritos — ecoaram no meu cérebro e me transformariam em uma mentirosa se eu respondesse àquela pergunta com um não.

— De uma parte — admiti. — Foi um homem, eu acho. Morávamos em um apartamento, e ele entrou gritando com meus pais. Não me lembro por que, mas talvez fossem as drogas. Os dois estavam muito alucinados, como sempre. — Franzi as sobrancelhas enquanto eu me lembrava das imagens. — Minha mãe me levou de volta para o quarto, e acho que estávamos tentando escapar pela janela. Lembro-me de olhar para a grama pensando que ficava muito alto. Ouvi tiros e gritei, então minha mãe tapou a minha boca e...

“Está tentando nos matar?”

Engoli em seco ao ouvir a voz da minha mãe no ouvido.

— Isso é realmente tudo o que consigo lembrar.

Callum respirou fundo, trêmulo.

— Sinto muito. — O horror estava estampado em todos os seus traços.

— Sente muito por ter perguntado? — questionei com uma risadinha.

— É claro que não.

— Então podemos transar, se você quiser, mas isso fica aqui — falei, cruzando os braços por cima do peito.

Ele riu. Viu minha confusão e tentou parar, mas outra risada escapou, e ele balançou a cabeça.

— Não — disse, enfiando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e beijando suavemente a minha bochecha. — Acho que vou esperar que você se sinta um pouco mais entusiasmada do que “podemos transar, se você quiser”. — Ele riu mais uma vez.

Minhas bochechas coraram, e fitei o chão.

— Ah. Eu não queria, isso não foi...

— Está tudo bem. — Pressionou os lábios na minha testa e escorregou para fora da cama.

— Eu não estava esperando por isso, só para você saber.

Eu queria derreter para dentro do chão. Queria me tornar uma grande pilha de Reboot mole e vermelho-berrante.

— Posso dormir no quarto dos meus pais — disse ele.

Agarrei rapidamente sua mão.

— Não, você pode ficar? — Eu ainda o queria por perto, mesmo que não *tão* perto.

— É claro. — Ficou feliz por eu ter pedido; eu podia ver em seus olhos enquanto ele voltava para a cama.

Escorreguei para o lado dele e cheguei mais perto até ele passar os braços em volta de mim. Apertei o rosto em seu peito, e ele se aproximou até seus lábios roçarem minha orelha.

— Quando a gente transar, não vai ter nada dessa bobagem de continuar vestindo a blusa.

— Mas...

— Não, sinto muito. Não me importo com as cicatrizes e você também não deveria. É tudo ou nada.

— Então talvez você não leve nada.

— Ah, por favor. Você não vai conseguir resistir por muito mais tempo.

Eu ri e inclinei minha cabeça para beijá-lo. Ele me apertou mais em seu peito quando nossos lábios se encontraram e, por um momento, achei que ele podia ter razão.

# VINTE E SEIS

— Wren. — O hálito de uma Callum fez cócegas na minha orelha, e eu me remexi, esfregando a testa no peito dele. — O sol está se pondo.

Espiei com os olhos entreabertos para ver o quarto banhado em uma luz alaranjada. A pele de Callum estava resplandecente e quase humana sob o brilho.

Estiquei as pernas na maciez dos lençóis. Segurava o edredom felpudo agarrado debaixo do queixo. Estava dentro de uma nuvem — uma nuvem luxuosa e borbulhante onde meu corpo afundava em uma cama mais macia do que qualquer coisa que eu já tivesse sentido. A nuvem tinha o cheiro de Callum. Como uma mistura de sabonete e tempero e calor e uma inconfundível pitada de Reboot.

Ele afastou o cabelo da minha testa e pressionou os lábios na pele, acendendo uma trilha de fogo até meu pescoço.

— Deveríamos partir logo. — Seus olhos escuros encontraram os meus, e não vi sentido em fingir que não estava com medo. Ele já podia ver isso. Esfregou o polegar na minha bochecha, e seu olhar firme sugeria que ele não se incomodava com meu medo.

Aceitei, mas não me mexi. Preferia ficar nessa cama com ele a noite toda, o dia todo, a semana toda. Esquecer Adina, esquecer a reserva inexistente, esquecer tudo a não ser os braços e o sorriso de Callum.

Mas ele estava tremendo. Seus dedos estremeceram ao me acariciar, e ele rolou para o outro lado, passando as pernas pela beirada da cama. Deu uma espiada furtiva em suas mãos trêmulas antes de se esticar para pegar suas roupas.

O pânico que rasgou meu peito tirou meu fôlego, e eu enfiei o rosto na cama com medo de gritar.

— Talvez eu tenha uma camisa menor para você — disse Callum, pulando para fora da cama e caminhando até o armário, do outro lado do quarto. — Algo de quando eu tinha uns

quatro anos.

Eu ri contra o colchão, sentando-me e afastando o medo. Apoiei-me no peito, insistente, zombeteira.

— Pelo menos sete — rebati. — Não sou tão pequena assim.

— Tome — falou ele, jogando uma camisa azul-clara para mim. — Ainda vai ser grande demais, mas talvez você possa amarrar a parte de baixo.

Ele saiu do quarto para trocar de roupa, e eu vesti minha calça e a blusa dele, que chegava até o meio das minhas coxas. Tentei dar um nó, mas desisti e enfiei a camisa para dentro das calças. Peguei o moletom preto que ele havia jogado na cadeira da escrivaninha e sorri quando senti a maciez ao vesti-lo.

Callum voltou e colocou o visualizador de fotos e uma câmera pequena em uma mochila, junto com algumas peças de roupa.

— Podemos ver se meus pais deixaram alguma comida, mas eu duvido muito — disse ele, fechando o zíper da mochila e jogando-a nas costas.

A cozinha estava vazia a não ser por alguns pratos lascados deixados para trás. Callum encolheu os ombros e me estendeu a mão.

— Pronta?

*Nunca.*

— Pronta — falei, pegando a mão dele.

Dei uma última olhada em volta enquanto saíamos pelo corredor e entrávamos na sala de estar. Callum parecia se esforçar para não olhar, focando o chão e abrindo a porta da frente para mim. A temperatura havia caído muito desde a noite anterior, e o ar estava frio. Até Callum estremeceu.

— Uma parada antes de atravessarmos — disse ele, apontando para a casa ao lado. — Tenho que descobrir para onde minha família foi.

— O que vamos fazer? Ir até lá e perguntar?

— Isso mesmo — respondeu ele, puxando-me para os fundos da casa. Ele bateu em uma janela dos fundos antes que eu pudesse protestar.

As cortinas se abriram, e um garoto humano não muito mais novo do que nós espiou, soltou um grito e fechou-as quando nos viu.

— Eduardo! — gritou Callum. — Só preciso saber aonde meus pais e David foram!

Eduardo deu outra espiada, os olhos arregalados e a testa pressionada no vidro.

— Callum?

— Sim.

— É ruim?

A pergunta podia significar várias coisas, mas Callum assentiu.

— Sim, é ruim.

A respiração de Eduardo embaçou a janela enquanto ele piscava de horror.

— Você fugiu?

— Fugi. Sabe para onde minha família foi?

— Minha mãe disse que foram para o Tower Apartments.

— Obrigado — disse Callum, dando um passo para trás.

— Espere — pediu Eduardo, abrindo a janela. Callum deu mais um passo para trás. —

Qual é o seu número?

— Vinte e dois — disse ele, erguendo o pulso.

Eduardo sufocou uma gargalhada.

— Ah, que fofo.

Eu ri e Callum sorriu para mim.

— Quem é ela? — perguntou Eduardo.

— Wren. Cento e setenta e oito. Não a chame de fofa.

— Cento e setenta e oito! — exclamou Eduardo alto demais. — Pelo amor do Texas!

— Obrigado — disse Callum, puxando-me para o seu lado e começando a nos virar.

— Esperem, esperem — chamou Eduardo outra vez. Ficamos de frente para ele de novo enquanto ele mordida o lábio nervosamente. — Depois que você morreu, minha mãe me perguntou o que eu iria querer fazer se ficasse doente.

— O que você iria querer? — repetiu Callum.

— É, você sabe. Se ela deveria garantir... — Fez uma arma com os dedos e a segurou na têmpera.

Eu ouvira falar nisso. Ninguém jamais pedira a minha opinião sobre o assunto e descobri que não saberia bem o que dizer. Olhei para Callum e vi uma expressão similar em seu rosto. Ele ergueu as sobrancelhas para mim inquisitivamente.

— Não — falei.

Eduardo olhou para Callum para confirmar e, por um tempo, achei que ele talvez discordasse.

— Não — respondeu ele, finalmente. — Arrisque a reinicialização.

— Está dizendo isso só porque o seu cérebro está todo bagunçado agora? — perguntou Eduardo.

— Talvez. — Callum balançou a cabeça, brincando, e Eduardo deu um sorriso largo.

Dei uma olhada perplexa para Callum enquanto ele ria e se virava de costas. Nunca havia presenciado uma troca tão amigável entre um humano e um Reboot.

— Você sabe onde ficam os Tower Apartments? — perguntou ele, passando um braço por cima dos meus ombros.

— Provavelmente posso nos levar até a área. — Virei-me para olhar a janela fechada de Eduardo. — Ele era seu amigo?

— Era.

— Não estava com muito medo de nós.

— A maioria dos garotos tem mais medo de virar Reboot do que dos Reboots em si.

— Isso faz sentido, eu acho.

Andamos pela parte de trás do bairro, em silêncio. A cada passo, o meu pavor aumentava, a favela que eu conhecera começava a tomar forma na minha cabeça.

Quando nos aproximamos do muro, parei e fiquei olhando. Alguém o pintara, um mural lindo de crianças brincando e pessoas correndo sob a luz do sol. Tive vontade de estrangular o artista.

Não havia oficiais desse lado do muro. Quem iria querer entrar escondido na favela?

— Wren — disse Callum, fazendo um gesto para que eu o seguisse.

— Estou com medo. — A confissão saiu da minha boca antes que eu pudesse impedir.

Ele olhou para o alto do muro.

— De voltar?

— É.

— Talvez seja melhor do que o que você se lembra.

Eu me aprumei o máximo que pude e respirei fundo. Não era como se eu tivesse opção. Eu tinha que ir.

— Deixe-me verificar antes — falei. Icei-me para o alto e espiei do outro lado. Não vi nada além de grama, até olhar para a esquerda e avistar um oficial posicionado a alguns metros de distância. — Em silêncio — sussurrei para Callum.

Pulei para baixo, e meus pés fizeram um barulho. O oficial se virou. Callum aterrissou ao meu lado, e saímos correndo. O silêncio nos seguiu. Ou o oficial era um rebelde ou não estava nem aí para dois garotos malucos do *rico* invadindo a favela.

Parecia familiar. O centro da favela ao longe, o centro médico à minha direita, as fileiras de barracos à esquerda.

Tinha cheiro de morte. O ar puro do *rico* havia sumido, o aroma de flores e de grama tornou-se apenas uma lembrança.

Parecia a minha casa. Estávamos na pior área da favela, na parte em que um dia eu havia morado, e apertei os olhos bem fechados quando reconheci um prédio grande cheio de apartamentos pequenos.



“Está tentando nos matar?”

Meu pé ficou preso em alguma coisa e meu rosto bateu na terra. Arfei, afastando as imagens dos meus pais da cabeça.

— Wren — disse Callum, abaixando-se ao meu lado.

Minha respiração escapou em arfadas curtas, como se eu fosse uma humana. Fiz esforço para ficar de pé e apoiei as mãos nas coxas.

Por que concordei em vir aqui? Por que fiz isso comigo mesma?

Callum me pegou do chão e me carregou nos braços. Afundei meu rosto em seu peito e tentei diminuir a velocidade da minha respiração, mas ela ainda vinha em arfadas que sacudiam meu corpo.

Ele se abaixou atrás do centro médico e me colocou gentilmente no chão. Agarrei as pernas junto ao peito e ele se agachou na minha frente, passando os dedos pelo meu cabelo.

— Não quero estar aqui — sussurrei, enterrando a cabeça nos joelhos de vergonha.

— Eu sei. — Ele continuou acariciando meu cabelo e isso me acalmou. Minha respiração começou a ficar mais lenta até meu corpo parar de tremer. — Conte-me uma lembrança boa — pediu ele.

— Não há nenhuma.

— Tem que haver pelo menos uma coisa boa.

— Se tem, não lembro — respondi.

— Pense melhor.

Parecia inútil, mas fechei os olhos e pensei mesmo assim. Nada me veio à mente, a não ser gritos e tiros.

— Minha mãe dizia que eu parecia um macaco — falei finalmente.

Ele olhou confuso para mim.

— Como?

— Ela dizia que, quando eu me encurvava, parecia um macaco, e que eu tinha um rosto bonito e não deveria escondê-lo.

— Você tem mesmo um rosto bonito — disse ele com um sorrisinho.

— Então isso é meio feliz, eu acho. De qualquer modo, não me faz sentir mal.

— Como ela era? — perguntou Callum.

— Não sei. Só me lembro de poucas coisas sobre ela.

— Mais agora? — adivinhou ele.

— Sim.

— Talvez isso signifique que você sente saudades dela.

— Talvez isso signifique que meu subconsciente é mau.

Ele riu, inclinando-se para beijar minha testa de leve.

— Você sente saudades dos seus pais — afirmei. Não era uma pergunta.

— Sinto. — Ele parecia quase envergonhado.

— Vamos encontrá-los, então — falei com um suspiro, levantando-me devagar. — Preciso chegar à Rua Guadalupe em breve para ver se há aeronaves. Adina deve estar em missão esta noite.

— Você está bem? Podemos descansar mais, se quiser.

— Nós descansamos o dia inteiro.

— Bem, não foi tudo descanso — falou ele com um sorriso provocador que me fez corar. Ele me agarrou pela cintura e me beijou. Era verdade que passamos boa parte do dia nos beijando mais do que dormindo. — Obrigado — acrescentou ele quando me soltou — por vir comigo. Por não encher meu saco por eu querer ver meus pais.

— Eu definitivamente enchi seu saco.

— Então, obrigado por encher meu saco só um pouquinho.

— De nada.

— Por ali? — perguntou ele, apontando.

Assenti e entrelacei meus dedos nos dele ao descer a rua. Não havia humanos fora de casa esta noite. Nem unzinho. Isso só confirmava a minha lembrança — o toque de recolher era rígido na favela de Austin.

Chutei a terra com minha bota, e o vento a soprava de volta nas minhas calças. A brisa gelada me esbofeteava. Passei um braço em volta da minha barriga e franzi o rosto para enfrentá-la.

Meus pés se arrastavam; o som das botas arranhando o chão era reconfortante e familiar.

— Quer parar? — indagou Callum, dando uma olhada divertida para meus pés.

— Não. Isso me lembra...

Ergui os olhos e vi a escola à minha direita. Os três prédios brancos pareciam iguais. Era maior do que a escola em Rosa, e definitivamente mais alegre. Eles os pintaram com os materiais que tinham. Alguém havia desenhado grandes flores pingando com alguma espécie de líquido preto grosso.

A lateral do prédio maior estava coberta de alguma coisa, e eu respirei fundo quando me lembrei do que era.

— Podemos fazer uma pausa por um minuto? — perguntei, soltando a mão de Callum.

— Claro. O que foi? — indagou ele, me seguindo.

— Eles fazem uma colagem de fotos. De todas as crianças que morreram.

O rosto dele se iluminou.

— Você está lá? Você humana? — Ele saiu pulando na minha frente.

— Provavelmente não. Acho que os pais que dão as fotos. Mas achei que talvez...

Parei na frente da parede. Centenas de fotos estavam coladas no prédio, protegidas por um plástico grosso. Todo mês, mais ou menos, os professores retiravam o plástico e colocavam as fotos novas, e nós nos reuníamos em volta e contávamos histórias sobre os garotos que havíamos perdido.

— Que tal esta aqui? — perguntou Callum.

Olhei para a garota loura e esguia.

— Não.

Meus olhos percorreram as fotos, mas não vi minha imagem humana em nenhuma delas. Duvidava de que meus pais tivessem muitas fotos minhas e achava difícil acreditar que alguém as tivesse procurado depois da minha morte.

Aí eu a vi.

A menininha não fizera uma careta para a câmera, mas estava visivelmente contrariada. Seu cabelo louro estava sujo e suas roupas eram grandes demais, mas ela parecia durona. Tão durona quanto uma humana de 11 anos podia parecer. Seus olhos eram azuis, a única parte bonita do seu rosto.

Era eu.

Coloquei meu dedo no plástico, tocando o rostinho feio da humana.

— É você? — indagou Callum, aparecendo ao meu lado. — Ah, não é, não.

— É, sim — falei, baixinho.

Ele apertou os olhos para a fotografia na escuridão. Talvez estivesse observando as bochechas cavadas, o queixo pontudo ou a forma como ela olhava para além da câmera.

— Tem certeza? — perguntou ele.

— Tenho. Uma professora tirou, eu me lembro.

— Você está diferente agora.

— Ela era tão feia.

— Você não era feia — disse ele. — Olhe só para você. Você era bonitinha. Não especialmente feliz, mas bonitinha.

— Ela nunca estava feliz.

— A forma como você não para de se referir a si mesma na terceira pessoa está me assustando.

Abri um sorriso.

— Desculpe. Eu não me sinto mais como aquela pessoa.

— Você não é. — Ele olhou para a foto de novo. — Nunca pensei nisso antes, mas fico

feliz por você não ser humana. Isso é uma coisa esquisita de se dizer?

— Não. Também fico feliz por você não ser humano. — Estendi a mão para ele. — Vamos.

— Espere — disse ele, tirando a câmera da mochila. Ele a ergueu perto da fotografia e tirou uma foto. — Você precisa de pelo menos uma foto dela.

Guardou a câmera e segurou minha mão enquanto nos dirigíamos para a cidade. A rua ficou mais larga quando passamos pelo mercado e pelas lojas. O centro da cidade era uma rua comprida e reta, uma rua que eu substituíra na minha cabeça por uma de Rosa.

Não era igual. Os prédios de madeira eram todos pintados, como se fossem de gente rica com dinheiro sobrando. Mas não eram pintados de cores normais, como branco ou cinza. Eram pintados com desenhos elaborados — flores cor-de-rosa enormes, labaredas laranja e vermelho jorrando pelas portas, estilosos esqueletos coloridos dançando na lateral dos edifícios.

— É mais bonito aqui do que em Rosa — disse Callum, surpreso.

— Aqueles são os Tower Apartments — falei, apontando para o complexo de três andares no fim da rua.

Ele apertou minha mão. Havíamos chegado aos Tower Apartments mais rápido do que eu esperava. Fiquei surpresa por ter ido na direção certa, e mais ainda por ir diretamente para lá.

— Eles... podiam ser piores — disse Callum, olhando para eles.

Podiam ser piores. Pintaram um sol no topo do edifício e pequenas árvores e um céu entre as janelas dos apartamentos. Eu não me lembrava de nada disso, só que era o prédio mais alto na favela de Austin, com três andares.

Nós nos aproximamos da porta, e Callum estudou o Registro de Ocupação Humana afixado à parede.

— Apartamento 203 — falou, apontando para o nome Reyes.

Puxou a porta principal, mas estava trancada. Puxou com mais força, até o trinco ceder, e nós passamos.

Fui me arrastando pela escada até o segundo andar. As paredes eram de um branco comum, encardido, o piso de cimento sujo. Dava para ouvir sons abafados de humanos conversando, e Callum pressionou a orelha na porta com o número 203.

Ele gesticulou para que eu me aproximasse, mas só me movi alguns centímetros, com o pavor começando a subir. Eu deveria ter brigado mais com ele em relação a isso.

Callum bateu de leve, e eu ouvi as vozes se calarem.

— Mamãe? Papai? — sussurrou ele.

Um baque irrompeu do apartamento, e Callum pulou. Eu queria cobrir meus olhos com as mãos, me esconder até estar tudo acabado, mas me mantive firme.

Uma fresta foi aberta. Eu não conseguia ver ninguém, mas Callum sorriu. A porta se abriu mais um pouco.

O homem que a segurava entreaberta era muito parecido com Callum. Alto e esguio, com cabelo escuro desgrenhado como nas fotos antigas do filho.

Ele ficou boquiaberto com o choque, e seu corpo começou a tremer. Olhava Callum dos pés à cabeça, como se procurasse alguma coisa.

Uma mulher apareceu atrás dele, o cabelo escuro preso para trás em um coque desarrumado. Tinha a mesma pele morena de Callum, apesar da sua pele humana ser um pouco mais escura. Embora tivessem olhos escuros parecidos, os dela eram arregalados e enlouquecidos. Colocou a mão na boca, pronunciando estranhos sons guturais.

— Está tudo bem, sou eu — disse Callum, o sorriso sumindo.

Respirei fundo e, por um instante, torci pelo melhor.

As lágrimas podiam ser porque estavam muito felizes em vê-lo.

O choque podia ser porque não esperavam vê-lo novamente.

Eles iam abraçá-lo e dizer que haviam sentido saudades.

O pai soltou um soluço engasgado e apertou bem os olhos.

Ele não conseguia olhar.

— Ainda sou eu — continuou Callum, desesperadamente.

A mãe gemeu, e eu dei uma olhada rápida em volta. O humano no apartamento do outro lado do corredor espiava pela porta entreaberta.

Dei um passo para a frente e toquei no braço de Callum. Seus pais ficaram ainda mais histéricos quando me viram.

— Vamos — falei, baixinho.

— Mamãe! — exclamou Callum. Ela estava à beira das lágrimas. — Você não... — Ele pegou a mão dela. — Ainda sou eu, está vendo?

A mãe colocou a mão no rosto para chorar mais enquanto tentava arrancar a outra dele. Ela deve ter achado ele muito frio. Morto.

— Pai, olhe para mim — pediu ele, desistindo da mãe e tentando desesperadamente fazer com que seu pai o encarasse. — Apenas olhe!

Eles não olharam, nenhum dos dois. O pai começou a fazer acenos desesperados com as mãos. Seus olhos esquadriharam o corredor ao tentar enxotar o filho.

— Vá. — A voz saiu baixa, estrangulada, enquanto ele empurrava sua esposa para trás. — Se eles o virem aqui...

A corporação podia prendê-los se encontrassem Callum ali.

— Mas... — Callum tomou fôlego, trêmulo, quando viu algo atrás deles.

Fiquei na ponta dos pés para ver além de sua mãe. Um garoto de cabelo escuro estava em pé ao lado do sofá. David, presumi. Ele fitava Callum, mas não fez nenhum movimento na direção do irmão.

— Vá — repetiu o pai, entrando no apartamento.

Ele bateu a porta.

# VINTE E SETE

A decepção inflava dentro de mim enquanto Callum piscava para o lugar onde seus pais estiveram. Talvez eu tivesse pensado que ele estava certo sobre eles.

Estendi-lhe a mão, mas ele estava sozinho em outro mundo e esqueceram que eu existia. Coloquei minha mão dentro da dele, e ele pulou.

— Vamos — falei, puxando de leve seu braço.

Ele me deixou guiá-lo pelo corredor e escada abaixo, mas continuou olhando para trás, mesmo depois que a porta não era mais visível. Fiquei com medo de que saísse correndo para longe de mim e tentasse falar com eles de novo, por isso agarrei seus dedos com mais força e corremos para o ar frio da noite.

Callum parou na frente do prédio, e sua jaqueta se abriu com o vento quando ele se virou para olhar para mim. Estava tão imóvel, tão calmo, que fiquei com medo de me mexer, temendo quebrá-lo.

Mas estávamos do lado de fora, cercados por prédios de apartamentos com humanos curiosos pressionando os rostos nas janelas. Eu podia ver David dois andares acima, suas mãos contra o vidro encardido, a boca bem aberta.

Puxei suavemente a mão de Callum, e ele me seguiu quando comecei a correr. Descemos outra vez a rua comprida e passamos pelas casas coloridas mais uma vez. Eu não sabia para onde estava indo, mas, quando nos aproximamos do mercado, Callum virou na rua. Apertou a nuca enquanto andava até a lateral da construção de madeira, e eu silenciosamente o segui.

Callum estendeu a mão e tocou a parede com as pontas dos dedos, soltando um suspiro profundo.

— Preciso de um minuto.

Ele havia fechado os olhos, mas eu assenti de qualquer modo, porque não sabia mais o que fazer. Já deveria ter pensado em maneiras de reconfortá-lo. Eu esperava por isso. Por que não

refletira a respeito?

Ficar parada ali, encarando-o, sem dúvida não era a coisa certa a fazer. Passei um braço em volta de sua cintura e pressionei minha bochecha em seu ombro.

— Sinto muito — sussurrei.

Algumas lágrimas caíram quando ele abriu os olhos e plantou um beijo de leve na minha testa. Limpou a garganta ao se afastar de mim e enxugou os olhos com os dedos, um pouco constrangido, tentando remover os indícios de choro.

Eu achava mais constrangedor ser incapaz de chorar.

— Precisamos pegar Adina, certo? — perguntou ele.

Entendi isso como um sinal de que ele não queria falar a respeito. Não podia culpá-lo.

Sua mão estava tremendo violentamente quando eu a toquei. Respirei fundo. Podia ser porque ele estava arrasado por causa dos pais.

Ou porque estava prestes a ficar louco.

De qualquer modo, eu me recusava a deixar que ele visse o meu medo. Apertei sua mão com mais força enquanto nos esgueirávamos para fora do beco e andávamos rápido pela rua. As casinhas minúsculas estavam alinhadas lado a lado naquela parte da cidade, um complexo de apartamentos no fim de uma rua. Eles também eram pintados com desenhos coloridos ou com palavras. Palavras de ordem. Palavras que resultariam em prisão imediata em Rosa.

*Retomem o Texas.*

*Texanos pela Liberdade.*

Callum franziu o cenho ao passarmos por elas.

— É esquisito aqui — balbuciou.

Ele estava certo. Eu não me lembrava de nada limpo, colorido ou rebelde sobre a Austin na qual crescera. Algo havia mudado.

O rugido da aeronave me fez virar. Ela aterrissou no fim da Rua Guadalupe, e nós nos escondemos na lateral de uma casa enquanto cinco Reboots saltavam. Pareciam todos iguais, com suas roupas pretas e capacetes, mas eu vi um rabo de cavalo escuro e comprido.

— Acho que aquela pode ser Adina — falei, espiando pelo canto da casa conforme os Reboots se separavam.

A garota de cabelo escuro se dirigiu para a First Street e desapareceu de vista.

Fomos atrás dela em ritmo lento, correndo por trás das casas para sair do campo de visão dos outros Reboots. Atravessamos para a First Street, e vi Adina de pé na frente de uma casa, olhando a ficha da missão.

Callum desabou contra uma cerca de arame, respirando pesado e passando os braços sobre o estômago.



— Acho melhor não entrar lá com um humano.

Hesitei, olhando dele para ela. Talvez ele tivesse razão.

— Tudo bem. Não saia daí, está bem? Grite se começar a se sentir... esquisito. E esteja pronto para correr quando voltarmos.

Ele assentiu, gesticulando para que eu fosse. Adina ainda estava na frente da casa, batendo, e eu corri silenciosamente pelo gramado. Ela ergueu o pé e derrubou a porta.

Não houve gritos humanos enquanto eu me esgueirava pela escada atrás dela. Ela ficou no meio da pequena sala de estar, as mãos nos quadris, examinando o aposento da esquerda para a direita. A casa parecia estar vazia.

Agarrei-a pela cintura, e um arquejo escapou de sua boca. Encontrei a câmara do capacete e arranquei-a, jogando-a na parede.

Ela se desvencilhou do meu braço e tentou me dar um soco, errando por pouco o meu rosto. Tentei fazê-la olhar para mim, mas ela me atacou de novo, ágil e com força. Eu me abaixei e lhe dei uma rasteira. Ela pulou e bateu com o punho direito na minha bochecha.

Pisquei, surpresa. Adina era boa para uma 39.

Desviei-me do soco seguinte, agarrando o braço dela e torcendo-o nas costas. Eu a puxei mais para perto de mim, até seu rosto estar a centímetros do meu. Não queria falar enquanto seu comunicador ainda estivesse no ouvido, então olhei firme em seus olhos.

Seu rosto demonstrou confusão, e ela me empurrou para longe, erguendo os braços como se fosse continuar lutando comigo. Ergui as mãos, me rendendo, apontando com um dedo para o meu código de barras.

Hesitante, Adina deu um passo à frente, empurrando o capacete mais para cima e revelando mechas de cabelo castanho comprido. Arregalou os olhos castanho-dourados cheios de suspeita e curiosidade.

Levei a mão ao bolso e ela agarrou o meu pulso, afundando os dedos na minha pele. Lancei-lhe um olhar irritado e a afastei com um safanão, puxando o bilhete de Leb. Estendi-o na direção dela, que o observou, o cenho franzido, por vários segundos antes de arrancá-lo dos meus dedos.

Seus olhos passaram rapidamente pelas palavras, com uma expressão indecifrável. Quando olhou para mim novamente, estiquei a mão para o comunicador em seu ouvido. Ela me deixou retirá-lo, e eu o segurei com o punho fechado.

— Você quer vir comigo? — sussurrei.

— Para esse negócio da reserva? — perguntou ela, olhando para o bilhete.

— É. — Dei uma olhada breve para trás, pela porta da frente. Callum ainda estava caído na cerca, o rosto virado para o céu.

Ela ficou calada por um tempo. Apertou os lábios e franziu as sobrancelhas, pensando. Quando os ergueu, tive quase certeza de que ela ia recusar. Algumas semanas antes, antes de Callum, eu teria recusado.

Ela mal assentiu.

— Quer? — perguntei.

— Quero — respondeu, dobrando cuidadosamente o bilhete e enfiando-o no bolso.

Quebrei o comunicador na minha mão e joguei os pedaços no chão. Puxei o localizador do bolso e o passei pelo corpo dela, até que ele se acendeu, acima da clavícula esquerda.

— O seu rastreador — sussurrei ao tirar a fâca do bolso e cortar sua pele logo abaixo do pescoço. Ela não se retraiu enquanto eu puxava o rastreador para fora e o colocava cuidadosamente no chão.

— Wren — falei.

— Addie — disse ela. — Você conhece meu pai?

— Conheço, mas temos que correr. Eles...

Um grito cortou a noite, estrangulado e apavorado. Corri para a frente da casa, procurando por Callum.

Ele havia sumido.

Disparei porta afora. Addie me seguia enquanto eu voava pelos degraus até a grama.

O portão da casa ao lado estava aberto.

A porta da frente, arrombada.

Corri pelo jardim e pelo que restava da entrada. A cozinha estava totalmente bagunçada, cadeiras espalhadas pelo aposento, a mesa virada.

— Callum? — berrei.

Um grunhido veio do cômodo dos fundos, e eu corri até lá. Parei subitamente à porta do quarto.

O humano estava esparramado no chão, as mãos de Callum em volta de seu pescoço. O homem olhava inexpressivamente para trás.

Estava morto.

Callum afrouxou sua pegada e abriu bem a boca, posicionado para tirar um grande naco do pescoço do humano.

Atravessei o quarto e empurrei Callum para longe antes que ele pudesse enterrar os dentes. Caímos juntos no chão, e ele arranhou meu braço, rosnando e se debatendo. Empurrei-o contra a madeira e fiquei em cima dele.

— Callum — gritei, com os dentes cerrados, batendo seus braços no chão ao lutar contra mim.

Olhei do homem morto para Callum. Não podia deixar que ele visse aquilo. Se conseguisse tirá-lo do quarto, não teria que lhe contar. Ele não precisava saber.

— Pegue os pés dele — falei para Addie, pegando Callum por baixo dos braços.

Ela fez o que eu mandei, puxando os pés de Callum juntos quando ele tentou chutá-la.

— Ele é um -60? — indagou ela, ao mesmo tempo em que o levantávamos do chão.

— É. Vinte e dois.

— *Ela fugiu! A 39 fugiu!*

O grito do homem na casa ao lado fez nossas cabeças se erguerem. Tínhamos que nos apressar. Addie correu de costas pelo quarto até a porta traseira da casa, girando a cabeça para enxergar o caminho enquanto carregávamos Callum.

A porta da frente foi aberta com um estrondo no minuto em que saímos pela porta dos fundos. Procurei desesperadamente um esconderijo. Não havia como correr com Callum naquele estado e com os outros bem atrás de nós.

O quintal era cercado por uma madeira podre, e eu disparei pelo gramado, com Callum balançando. Ele não estava mais se debatendo tanto. Piscava e sacudia a cabeça, como se tentasse clarear seus pensamentos.

Addie abriu o portão, e corremos para o beco, gritos e passos muito perto de nós. Enterrei meus dedos nos ombros de Callum ao correr. Eu não podia vir tão longe e ser capturada.

Addie fez uma curva fechada quando nos aproximamos de uma rua mal pavimentada, salpicada de casas caindo aos pedaços e algumas lojas. Deixei-a guiar, já que ela conhecia melhor a cidade e eu não tinha nenhuma outra ideia brilhante.

Os gritos ficaram mais altos à medida que ela disparava por um jardim e contornava uma casa. Uma luz fraca cintilava lá dentro, e tentei correr o mais silenciosamente possível.

Estávamos indo em direção a um barraco, um barraco minúsculo em formato retangular que mal parecia caber nós três. Addie largou as pernas de Callum, que escorregaram na terra até ele conseguir se equilibrar. Ele se sacudi suavemente para longe de mim quando Addie abriu a porta do barraco.

Entramos correndo, e eu tropecei em um ancinho e uma caixa de ferramentas antes de encontrar um lugar junto à parede. Callum deslizou para o chão ao meu lado. Eu quis lhe dizer que não se sentasse, que estivesse preparado para correr, mas ele parecia tão apavorado que não consegui encontrar as palavras.

Addie tentou fechar a porta, mas aparentemente ela havia quebrado o trinco, então desistiu e ficou segurando a maçaneta, mantendo-a fechada enquanto se inclinava para a frente para ouvir. Havia gritos próximos e logo posicionei a mão na arma no meu quadril.

— Essa é Adina? O que aconteceu? — sussurrou Callum, virando-se para mim. Arregalara

os olhos e tinha uma expressão preocupada, como se já suspeitasse de alguma coisa.

— Você surtou por um minuto lá — sussurrei, quando as vozes do lado de fora começaram a ficar mais distantes.

— E sim, eu sou Addie — disse ela.

Callum olhou para ela, mas Adina continuou concentrada no lado de fora. A cabeça dele balançou de volta para mim, e eu tive que baixar os olhos porque não queria que ele visse o medo ali.

— Wren. — A voz dele estava firme, controlada. — O que acabou de acontecer?

Eu deveria ter inventado uma mentira. Uma história que preenchesse as lacunas. Talvez pudesse lhe dizer apenas que ele atacara alguém e que eu o puxara a tempo.

Mas a mentira me deixava doente. Ele iria me agradecer, e sua gratidão me faria vomitar.

Esperei tempo demais para responder, e ele me olhava como se já soubesse que algo terrível havia acontecido. Eu estava tremendo um pouco quando cruzei os braços na frente do peito.

— Desculpe — murmurei. — Eu não deveria ter deixado você.

— Machuquei alguém?

Assenti. Minha garganta ardia de novo e tentei engolir. Não ajudou.

— Matei alguém?

— Sim — falei, engasgando. Ele se calou, e eu olhei para cima. Callum ficou imóvel, o horror cruzando seu rosto.

— Não é culpa sua — disse Addie. — Já vi o que as injeções fazem, eu mesma já passei por isso e...

Callum levantou a mão, e ela calou a boca, dando de ombros para mim como se não soubesse mais o que dizer.

Eu também não sabia. Os passos nas imediações haviam sumido, portanto escorreguei pela parede ao lado dele. Seus olhos estavam fechados, as mãos unidas na nuca.

— Sinto muito — sussurrei. — A culpa é minha. Eu disse que não ia deixar você machucar ninguém, mas deixei.

O que era mais um corpo para acrescentar à minha conta? Queria que ele observasse isso, queria que ele lembrasse que eu já havia matado mais gente do que ele jamais mataria. Mas duvidei de que isso fosse reconfortá-lo.

Ele balançou a cabeça, tirando as mãos do pescoço e me encarando bem nos olhos. Achei que estaria triste, mas sua expressão estava severa, zangada. Preparei-me, pensando que ele ia gritar comigo, mas Callum só deslizou a mão para dentro da minha e a apertou.

— Não é sua culpa — disse. — É culpa da CRAH.

Addie resmungou algo, parecendo concordar. Levantei a cabeça rapidamente quando me ocorreu que ela podia estar na mesma situação que Callum.

— Você está bem? — perguntei. — Eles lhe deram injeções?

— Deram. Mas estou bem por enquanto. Estou entre séries.

— O que quer dizer? — indagou Callum.

— Eles dão várias séries — respondeu Addie. — Você deve estar na primeira.

— Acho que sim. Só fiquei lá algumas semanas.

— É, então, provavelmente, está na primeira. Você começa a enlouquecer e eles lhe dão algo para que você se sinta normal novamente. Um tipo de cura ou antídoto, sei lá. Aí começam de novo.

Callum arregalou os olhos de esperança ao mesmo tempo que eu.

— Não tenho certeza disso — disse Addie depressa. — Mas meus amigos disseram que eu estava um caos semana passada. Agora estou ótima. Boa hora, por falar nisso. Obrigada.

— Seu pai devia saber — acrescentei.

Talvez por isso ele tenha conseguido arrumar o localizador da corporação tão rápido. Fechei o punho e enterrei os dedos na palma da mão. Leb não se dera ao trabalho de verificar a condição de Callum.

— Se existe um antídoto, talvez os rebeldes tenham — disse Callum, esperançoso. — Ou o consigam para nós.

Olhei para ele, cética. Mal conseguira persuadir Leb a nos ajudar, e só em troca de alguma coisa.

— Não posso continuar assim — continuou ele, diante da minha expressão. Engoliu em seco, virando-se para Addie. — Só vai piorar, certo?

— É bem provável — disse ela baixinho. — Aqueles que não fizeram várias séries, os que eles deixaram seguir até o fim... É, eles nunca melhoraram.

O caroço na minha garganta era inesperado e tive que engolir várias vezes antes de conseguir falar.

— Temos pelo menos que perguntar aos rebeldes — falou ele.

Concordei.

— Vamos sim. E, quando eles se recusarem, vamos arrumá-lo nós mesmos.

Addie ergueu as sobrancelhas.

— Sério? Vocês sabem que vão ter que entrar na corporação para pegá-lo.

— Sabemos.

Ela apertou os lábios e deu um passo na minha direção.

— Acabaram de me tirar de lá e agora querem...

Um barulho do lado de fora nos fez virar. A porta se abriu de supetão.

Era um oficial da CRAH.

Apontando uma arma para nós.

# VINTE E OITO

Levantei-me em um pulo e ataquei o oficial, dolorosamente consciente de que não estava de capacete. Addie tinha chegado lá primeiro e agarrou o braço do oficial no momento que ele apertou o gatilho. A bala passou por ela e pela parede do barraco.

Ele atirou de novo, e Addie cambaleou quando a bala atingiu seu peito. O oficial se virou para mim quando me choquei com ele, derrubando-o na terra. Callum arrastou-se rapidamente pelo chão e arrancou a arma da mão do homem.

Os gritos do lado de fora significavam que outros oficiais na área tinham ouvido a comoção. Pisei com força na perna do humano, até ouvir um estalido. Ele gritou e agarrou a terra para se afastar de mim.

Pulei sobre ele e corri pela porta, estendendo a mão para Callum. Ele a pegou, e Addie disparou porta afora atrás de nós.

Atravessamos correndo o jardim e voltamos para a rua precariamente pavimentada. Olhei em volta e vi um grupo de cinco oficiais nos perseguindo. Eu me abaixei quando um deles atirou, colocando as mãos na parte de trás da minha cabeça como se isso pudesse deter uma bala.

As pernas compridas de Addie faziam dela uma corredora veloz, ultrapassando-nos e virando à esquerda ao nos aproximarmos de um cruzamento. Balas passavam raspando por mim. Vimos Addie virar novamente à esquerda atrás de um edifício de dois andares. Contornei o prédio, e ela estava esperando na outra extremidade, encostada na lateral enquanto observava a rua pela qual acabáramos de vir. Os oficiais passaram correndo e esperamos meio segundo antes de dispararmos pela rua e corrermos na direção oposta.

Chegamos ao limite da cidade, onde as árvores eram densas antes de serem substituídas pelo descampado na frente da cerca da corporação. Paramos na escuridão, e eu me virei para olhar as casas ao longe. Os oficiais não estavam à vista, mas as aeronaves pairavam acima da

cidade, os holofotes varrendo as ruas.

— Este... era o seu plano inteiro... não era? — perguntou Addie, arfando. Apoiou uma das mãos em uma árvore, tentando recuperar o fôlego. — Só me pegar e sair correndo?

— Você tem um melhor? — perguntou Callum, franzindo o cenho.

— Posso apostar que poderia pensar em alguma coisa.

Revirei os olhos enquanto puxava o mapa de Austin do bolso. Não estávamos longe dos rebeldes. Podíamos chegar à casa deles em cerca de dez minutos depois de ter certeza de que despistamos os oficiais da corporação.

— Está se sentindo bem? — perguntei a Callum.

Ele assentiu.

— Tudo bem. Ainda assim... — Ele esticou a mão para me mostrar o quanto estava tremendo.

— Você deveria comer um pouco de carne — disse Addie. — Ajuda. Principalmente com toda a história de “querer comer humanos”. Meio que engana o corpo por algum tempo, sei lá.

— Vamos arrumar um pouco para você assim que chegarmos aos rebeldes — falei, dando mais uma olhada ao redor antes de desabar na grama. Callum sentou-se ao meu lado e entrelaçou seus dedos trêmulos nos meus. Queria ir para seu colo e apertá-lo até convencê-lo — e a mim mesma — de que tudo estava bem. Eu me contive, já que Addie provavelmente não ia gostar.

Ela ainda estava de pé, lendo o bilhete do pai.

— Por que ele a mandou? — perguntou ela sem erguer os olhos.

— Porque eu queria fugir e fizemos um acordo.

— Ele a ajudaria se você me ajudasse — disse ela.

— É.

— Você podia ter quebrado o acordo. Podia ter simplesmente ido embora.

— Não vamos receber a localização da reserva até eu levá-la aos rebeldes.

Ela mordeu o lábio e suspirou.

— Eles não confiam nem um pouco em nós.

— Leb foi muito bom comigo — assegurei, a culpa invadindo o meu peito à medida que eu percebia que a decepção no rosto dela era pelo pai. — O melhor oficial com quem trabalhei. Ele disse que tinha outros filhos, então fazia sentido não querer arriscar tudo.

— Acho que sim. — Ela olhou de relance para Callum. — Você foi embora porque estava ficando louco?

— Não, isso aconteceu depois. — Ele soltou uma risada sem graça e esfregou o rosto com uma das mãos. — Eles iam me eliminar porque eu não queria matar ninguém.



Addie desviou o olhar, obviamente desconfortável, e eu apertei a mão dele. Callum encontrara algo distante em que fixar os olhos, e eu quis desesperadamente mudar de assunto.

Addie deslizou para o chão e ficamos sentados em silêncio por um longo tempo, ouvindo o barulho distante de oficiais e aeronaves. A mão de Callum estava quente na minha, mas eu ainda tremia. Achei que era mais de medo do que pelo vento batendo no meu rosto.

Callum olhava para o chão e tentei não fitá-lo, mas sua expressão desnorteada era como um ímã. Abri e fechei a boca tentando pensar em algo reconfortante para dizer, mas não havia nada.

Tinha aberto a boca pela centésima vez quando Addie se levantou, sacudindo as calças.

— Não estou ouvindo nada — disse, inclinando a cabeça na direção da cidade silenciosa.  
— Querem dar uma corrida?

Eu concordei, oferecendo a mão para Callum enquanto ficava de pé. Ele se levantou e cruzou os braços em cima do peito, soltando uma respiração longa ao examinar a área à nossa frente. Estava livre; os oficiais e as aeronaves tinham ido embora.

— Você está bem? — perguntei, tocando seu braço de leve.

Ele assentiu sem me olhar nos olhos.

— Estou bem. Vamos encontrar esses rebeldes.

## VINTE E NOVE

O endereço dos rebeldes que Leb nos dera ficava depois da escola, em uma área da cidade que eu conhecia bem quando criança. A rua fazia uma curva e as casas eram tristes e malcuidadas, algumas caindo aos pedaços. Aquela parte da favela de Austin era mais parecida com Rosa, embora muitas casas tivessem sido pintadas de cores vibrantes, alegres.

Meio trotando, meio correndo pela cidade, disparávamos para trás de prédios e árvores a cada barulho. Estava completamente escuro, mas o sol ia começar a nascer a qualquer minuto, e eu queria chegar aos rebeldes antes que ficasse claro.

— Aquela ali — falei, apontando quando nos aproximamos de uma estrada de terra.

Diminuí a velocidade para uma caminhada à medida que entrávamos nela, olhando a fileira de casas marrons. De acordo com o mapa, era a última casa à direita.

No fim da rua, nos arrastamos pela grama marrom e irregular até a porta da frente. A casa não era pintada. Era de madeira, sem janelas na frente e mais estreita do que as outras casas, mas era mais comprida para os fundos. Se a intenção era não se destacar, eles haviam conseguido.

Olhei a lateral da casa e vi uma cerca baixa de madeira. Fiz um gesto para Addie e Callum me seguirem.

— Porta dos fundos — sussurrei, contornando rapidamente. Pulamos a cerca e aterrissamos em um quintalzinho minúsculo. Esgueirei-me até a porta traseira da casa e bati de leve na madeira com os nós dos dedos.

Nada.

Bati de novo, um pouco mais forte, lançando um olhar nervoso para Callum. Lidar com humanos me deixava inquieta. Odiava depender deles para qualquer coisa e conseguia ver nos olhos dele a esperança de que aquelas pessoas tivessem as respostas.

— O que é? — Ouvimos um homem murmurar do outro lado da porta.

— Somos nós — respondi, baixinho. — Hmm, Leb nos mandou.

Silêncio se seguiu às minhas palavras, e então um burburinho. Eles sussurravam uns com os outros e corriam.

Larguei a mão de Callum e toquei a arma no quadril. Ainda não ia sacá-la. Eu lhes daria uma chance.

Levou pelo menos um minuto, mas a porta finalmente se abriu, revelando um menino de olhos turvos e cachos escuros e despenteados apontando uma arma para a minha cabeça.

Dar uma chance aos humanos era uma ideia idiota.

Agarrei a arma, mas o humano logo estendeu a mão para eu parar. Ele estava tremendo.

— Não quero usá-la — disse. — Só somos cautelosos aqui. Se quiserem entrar, vamos precisar de todas as suas armas.

— Mas vocês podem continuar com as suas? — perguntou Callum.

O tom tranquilo e relaxado de Callum abalou o humano. Dava para perceber isso na maneira como os olhos dele se moviam de um Reboot para outro, engolindo em seco ao analisar Callum de cima a baixo. Ele era muito menor do que Callum — quase tão pequeno quanto eu, na verdade — e parecia ridículo apontando a arma para ele. Talvez tivéssemos a mesma idade, embora ele parecesse um pouco mais novo.

— Se quiserem entrar, vão ter que entregar suas armas — repetiu.

— Tudo bem — cedi, estendendo a minha.

Eu não precisava dela mesmo. Do jeito que o cara tremia, em dois segundos exatos, eu podia tomar a dele, quebrar seu pescoço e dançar em cima do seu corpo.

Sorri enquanto a entregava.

— Mais alguma? — indagou ele, abaixando a pistola. Olhou diretamente para Addie.

— Eu não tenho nada — falou ela, erguendo as mãos.

Tirei a faca do bolso e também a entreguei. Ele a pegou, olhando por cima do ombro. Transferiu o peso do corpo de um pé para o outro, obviamente inseguro sobre o que fazer em seguida.

Um homem apareceu atrás dele. Era muito mais alto do que o menino e segurava a beirada da porta com uma mão enorme. Também parecia ter acabado de acordar e passou a mão pelo cabelo grisalho, franzindo o cenho para nós.

— Quem é Wren? — perguntou.

— Eu.

— Adina, então? — indagou ele, e ela assentiu. Ele se concentrou em Callum. — E você é o 22.

— Callum.

— Tony — disse ele, e botou a mão no ombro do menino. — Este é Gabe. Leb nos garantiu que vocês não nos matariam. Esse plano ainda está valendo?

A pergunta foi dirigida a mim.

Callum chegou a rir um pouco e um sorriso retorceu os cantos da minha boca.

— Está.

Tony balançou a cabeça, e Gabe deu um passo para trás, mantendo a arma em punho enquanto eu atravessava o vão da porta.

O piso de madeira rangeu, e eu franzi o cenho na escuridão. Tony nos guiou por um corredor até a sala de estar, com algumas pequenas luminárias. A única janela, na cozinha à esquerda, estava coberta por cortinas escuras.

Havia outro humano, esguio, e cujo cabelo castanho e grosso ia até os ombros, sentado no sofá marrom felpudo, as sobrancelhas franzidas. Parecia ser mais ou menos da mesma idade de Tony, e me observou cuidadosamente quando entrei.

Percorri a cozinha com o olhar, mas parecia que eles eram os únicos humanos na casa.

Tony atravessou a sala a passos largos e parou à mesa da cozinha, pegando um pedaço de papel. Voltou até mim e o estendeu.

— Como prometido.

Era um mapa. Peguei-o e olhei o desenho do Texas e as instruções escritas embaixo. A reserva Reboot ficava centenas de quilômetros ao norte, não muito longe do que costumava ser a fronteira do Texas.

— Podemos ajudá-los em uma parte do caminho — disse ele. — Vocês ficam aqui até amanhã à noite, aí...

Ele parou, encarando Callum intensamente. Eu me virei e o vi encostado na parede, a mão cobrindo o nariz e a boca. Seu corpo inteiro estava tremendo.

— Ah, Deus. Ele recebeu injeções, não foi? — perguntou Tony.

— Sim. Vocês...

— Desmond, vá pegar a corda — ordenou ele.

O cara esguio se levantou em um pulo e entrou no corredor apressadamente. Apareceu um instante depois com dois pedaços de corda e se dirigiu até Callum.

— O que estão fazendo? — indaguei, pulando na frente dele.

— Sente-se — falou Tony para Callum. — Mãos atrás das costas.

Callum deu um passo à frente como se fosse obedecer, e eu agarrei seu braço, puxando-o mais para perto de mim.

Desmond continuou se aproximando como se fosse passar por cima de mim, e eu lhe lancei um olhar desafiador. Tony esticou o braço para detê-lo.

— É para nossa segurança — explicou Tony. — Os -60 não podem ser controlados sob o efeito dessas drogas malucas que a CRAH dá pra eles.

— Está tudo bem, Wren — disse Callum, passando a mão pelo meu braço antes de se aproximar de Desmond e Tony.

Desmond gesticulou para que ele se sentasse, e Callum escorregou para o chão atrás do sofá com as mãos nas costas. O humano começou a amarrá-las.

— Você ainda está entre uma série e outra, não é? — perguntou Tony para Addie.

— Estou. — Ela olhou para mim. — Eu disse a eles que talvez haja um antídoto. Ou algo para fazê-lo melhorar.

Desmond amarrou bem firme os pulsos de Callum e passou para os tornozelos.

— Existe, sim. Mas nós não o temos.

— Quem tem? — indaguei. — Está na corporação?

— Querem se sentar? — perguntou Tony, fazendo um gesto para a mesa da cozinha. — Querem água, café, alguma coisa?

Hesitei. Qual era o problema desses humanos? Eles queriam mesmo tomar água e café com um bando de Reboots?

Addie começou a andar na direção da mesa, mas eu não ia deixar Callum amarrado sozinho no chão enquanto tomava uma xícara de café. Sentei-me ao lado dele, que deu um sorrisinho para mim.

— Só quero saber como arrumar o antídoto. — Cruzei as pernas e olhei nos olhos do Tony.

Ele chegou a parecer triste por um instante, e sua solidariedade me deixou desconfortável. Eu não sabia como lidar com aquele sentimento na maioria dos casos, muito menos quando em um humano.

— Está nos laboratórios médicos na CRAH. É... impossível. Sinto muito.

Era impossível para ele.

— Vocês não têm gente infiltrada? — perguntou Addie. — Como meu pai?

— Eu estou infiltrado — disse Tony, apoiando-se na parede. — Sou guarda da corporação há anos.

Adina lhe lançou um olhar confuso.

— Onde? Nunca vi você lá.

— Trabalho nos andares humanos, nas salas de controle. — Ele se virou para mim. — Posso afirmar que é impossível que um dos nossos consiga tirar o antídoto de lá. Não temos ninguém na parte médica, e eles revistam todo mundo antes de ir embora. — Ele me deu aquele olhar solidário outra vez. — Sinto muito.

Se ele dissesse isso mais uma vez, eu ia quebrar seu pescoço.

— Tudo bem — declarei. — Só vou ter que entrar lá e pegá-lo eu mesma.

Gabe riu, mas logo parou quando olhei para ele, e engoliu em seco.

— Ah. Você está falando sério.

Tony e Desmond se entreolharam, confusos. Tony virou-se para mim e pareceu pesar as palavras cuidadosamente.

— Querida, você passou cinco anos na corporação, não?

— Sim. Não me chame de querida.

— Desculpe. Então, se você acabou de sair, conhece a segurança. Você *pode* conseguir entrar. E este é um *pode* muito grande. Mas nunca conseguiria sair.

— E no meio da noite? — indagou Addie. — Equipe reduzida.

— Mesmo assim ela está em número muito menor. E eles simplesmente trancariam as portas. Câmeras a veriam.

— Vamos encontrar uma maneira de cortar a energia elétrica — garanti.

— Geradores de emergência — disse Tony. — São acionados em aproximadamente um minuto. Você não vai conseguir a tempo.

Entrelacei as mãos enquanto uma pedra começava a se formar no fundo do meu estômago. Não me importava o que eles diziam. Eu ia encontrar um jeito de pegar aquele antídoto.

— Uma bomba — sugeri. — E se explodíssemos uma parte do lugar? Ninguém deixaria de ver.

Desmond fungou.

— Eu gosto dessa ideia.

— Eu não — disse Addie, franzindo o cenho. — Você pode acabar matando os Reboots.

— Sem falar que estamos meio sem bombas aqui — continuou Tony. — Ouça, querida... Desculpe... Wren... Se eu achasse que há um modo de conseguir, eu lhe diria. Mas não há nada que você possa fazer. — Ele soltou um longo suspiro. — Quero dizer, talvez, se você tivesse um exército de Reboots. Mas, tirando isso, não tenho ideia.

Congelei, e olhei diretamente para Addie. Nós havíamos pensado a mesma coisa.

— Quantos há lá dentro? — perguntei.

— Uns cento e pouco. — Ela olhou para Tony, seus olhos cintilando de entusiasmo. — Certo? Um pouco mais de cem?

— Vocês querem dizer nas instalações de Austin? É, há mais ou menos uns cem Reboots lá. Mas eles não são um exército; são prisioneiros.

Olhei para Callum, que tinha a sobrancelha erguida, descrente. Pousei minha mão em seu joelho e apertei de leve antes de encarar Tony.

— Então vamos soltar todos eles.

# TRINTA

Virei-me para a porta da frente quando outro humano entrou. Eles vinham chegando em um fluxo constante durante a última hora, e a cozinha estava começando a ficar cheia. Todos se reuniram em volta de Tony e eu conseguia ouvir partes da conversa enquanto debatiam se deveriam ou não me ajudar. Pareciam divididos a respeito do plano ser “idiota” ou “genial”.

Tony e Desmond se afastaram assim que levantei a ideia de libertar todos os Reboots em Austin. Discutiram calorosamente no quarto nos fundos, e a discussão terminou com Desmond saindo como um furacão, só para voltar com o primeiro dos rebeldes.

A maioria dos rebeldes era homem, mas variava de idade. Alguns pareciam ter 16 ou 17 anos, como Gabe; outros já passavam da meia-idade. Pensei que Gabe era filho do Tony, mas ele não o chamava de pai, e depois o ouvi contar a Addie que havia crescido em um orfanato. Não tinha certeza do que aquelas pessoas tinham em comum, além de um óbvio ódio pela CRAH e um desejo estranho de ajudar Reboots.

Formavam um grupo esquisito.

Desmond me pegou olhando para eles e franziu as sobrancelhas. Encostou-se na parede da cozinha, cruzando as pernas, e não se intimidou quando o encarei. Ele foi o mais firme em oposição à proposta — “Não vou morrer por eles” foram exatamente suas palavras. Eu entendia o ponto de vista dele. Ainda assim, era um dos poucos humanos no aposento que não parecia ter medo de nós, e eu não sabia o que pensar disso.

Um homem baixo parou em frente a mim e a Addie, com as mãos nos quadris.

— Eles a resgataram enquanto você estava em missão ontem à noite? — perguntou para Addie com um meio sorriso.

— Sim — disse ela, olhando cautelosamente para mim.

— Você estava na First Street? Ou era alguém do seu grupo?

— Eu estava — respondeu ela, surpresa. — Fui mandada para lá, mas o alvo não foi

localizado.

O homem deu uma risadinha.

— É, era eu. — Ele ergueu os braços em sinal de vitória. — Consegui escapar de novo!

— Você é o Henry? — indagou Addie, com uma gargalhada.

— Com certeza. — Ele sorriu antes de voltar à cozinha para se juntar aos outros rebeldes.

Addie o observou partir.

— Esses humanos são esquisitos. — Pousou o cotovelo no joelho e apoiou a cabeça na mão. — Mas nós não podemos fazer isso sem eles, você sabe.

— Nós? — perguntei, erguendo as sobrancelhas. Ainda estávamos sentadas no chão atrás do sofá, com Callum calado e imóvel ao meu lado.

— Por favor, não me diga que você acha que pode entrar na corporação sozinha — protestou ela.

— Só não sabia que você queria ajudar.

— Meus amigos estão todos lá dentro. É claro que quero ajudar. — Ela franziu o cenho para os rebeldes na cozinha. — Queria que meu pai estivesse aqui hoje. Eu teria gostado de conversar com ele.

— Duvido que ele possa sair de Rosa.

— É. — Ela fez uma careta. — Não consigo acreditar que ele trabalha para a CRAH. Quero dizer, sei que está com os rebeldes, mas ainda assim... É estranho.

— Ele não trabalhava lá na última vez em que o viu? — perguntei.

Ela fungou.

— Definitivamente não. Não o vejo desde que morri há seis anos; acho que as coisas mudam, pois ele odiava a corporação. Eu morri de KDH em casa e, depois que reiniciei, ele me manteve lá. Disse que não ia deixar a CRAH me pegar.

— Está brincando. Por quanto tempo? — Eram poucos e raros os pais que queriam ficar com os filhos Reboot, embora eu não tenha me surpreendido por Leb ser um deles.

— Só algumas semanas. Acabei adquirindo toda essa clareza e percebi que ele não podia me manter escondida para sempre. Eles o teriam pegado. Então, um dia, ele saiu para o trabalho e eu parti. Fui para o centro médico e disse que era órfã.

Isso explicava como Leb podia trabalhar na corporação mesmo tendo uma filha Reboot. Eles não sabiam.

Um grunhido de Callum me fez virar. Ele estava encostado na parte de trás do sofá, olhando inexpressivamente para a parede. Passei os dedos pelo braço dele, e Callum levou vários segundos para piscar e olhar para mim.

Seus olhos não focalizavam direito.



— Você está bem? — indaguei. — Quer um pouco de comida?

Ele não respondeu. Seus olhos se voltaram para os humanos, e ele estalou os dentes, soltando um rosnado baixo. Puxei rapidamente a mão para trás e me afastei quando ele começou a lutar contra as cordas. Os humanos se viraram comovidos, e Tony saiu do meio do grupo, as mãos nos quadris.

— Por que não o levam para o quarto? — sugeri. — Ele não deveria estar aqui conosco.

Addie agarrou os pés amarrados de Callum, e eu passei os braços por seus ombros. Ele se contorceu, e Addie se apressou em direção ao corredor nos fundos da casa, abrindo a segunda porta à direita.

O quarto não tinha nada além de uma cama e uma cômoda. Havia uma pequena pilha de roupas no canto e alguns livros em cima do móvel, mas não vi muita coisa que Callum pudesse danificar caso se debatesse com muita força para se livrar das cordas.

Nós o colocamos na cama, e Callum parou de se contorcer quando passei minha mão por sua testa e cabelos. Ele me deu um sorriso fraco antes de fechar os olhos; desejei me enfiar na cama com ele.

Addie saiu do quarto, e Tony apareceu no vão da porta, fazendo um gesto para que eu o seguisse. Cheguei ao corredor e fechei a porta atrás de nós.

— O negócio é o seguinte — disse ele, baixinho, olhando de soslaio para os humanos na cozinha. — Tem muita gente ali querendo ajudá-los.

Eu não teria adivinhado isso pelas conversas que ouvira, sem mencionar o modo como todo mundo estava olhando para mim.

— Mas esse tipo de coisa seria mais eficaz se tivéssemos algumas semanas para planejar — continuou ele. — Poderíamos encontrar a melhor maneira de entrar e sair, talvez infiltrar alguns dos nossos em posições-chave na noite do evento. Mas... — Ele espiou o quarto. — Eles não querem lhe contar, mas não acho justo.

— Contar o quê? — perguntei, meu estômago se revirando.

— O antídoto tem uma janela de tempo. Se esperar demais e ele estiver muito enlouquecido, será inútil.

Engoli o bolo na minha garganta e, quando falei, minha voz soou estranha.

— Qual é a janela? Quanto tempo eu tenho?

— Com certeza não algumas semanas — admitiu ele. — Por isso eles não queriam que eu lhe contasse. Acho que vocês provavelmente estão dentro da margem aceitável, mas não por muito tempo. Há quanto tempo ele está assim?

— Ele começou a se sentir esquisito e trêmulo há três dias, eu acho. Mas só teve apagões e perdeu a cabeça ontem.

Tony estremeceu, passando uma das mãos pelos cabelos.

— É. Você não tem muito tempo.

— Quanto?

— Não sei. É um programa novo; a equipe médica ainda está tentando descobrir. Estão deixando alguns irem até o fim para ver o que acontece, e as notícias não são boas. Mas eu diria... talvez não mais do que um dia. Pode ter mais, porém é arriscado.

Apoiei uma das mãos na parede porque o mundo havia começado a balançar um pouco e fiquei com medo de cair.

— Então, precisaríamos ir esta noite.

— Sim.

Fechei meus olhos brevemente.

— Qual é o objetivo disso? A CRAH está tentando se livrar de nós?

— Ah, não. Eles precisam de vocês. Mas precisam de vocês como soldados agressivos e sem consciência. Não estão conseguindo isso, principalmente com os -60. A solução é essa. Ou vai ser, se algum dia funcionar bem.

Eles precisavam de mais Reboots iguais a mim, basicamente. Eu, com muito menos livre-arbítrio. Respirei fundo e assenti para Tony.

— Está bem. Eu vou esta noite, quer vocês me ajudem ou não. Pode dizer isso a eles.

O canto da boca dele se retorceu em um sorriso.

— É, eu achei que iria.

Ele se virou para sair, e eu agarrei sua camisa, fazendo-o parar. Cruzei os braços e tentei olhar para ele sem desconfiança, mas tenho quase certeza de que fracassei.

— Por que está libertando Reboots? — perguntei. — O que há de errado com você?

Ele riu, esfregando uma das mãos na boca.

— O que há de errado comigo?

— É. Vocês tiram Reboots de lá e simplesmente os deixam ir embora, certo?

— Estamos fazendo isso, sim. Era realmente a única solução.

— Solução para quê?

— Para nos livrarmos da CRAH. Para termos uma chance real de receber a mesma quantidade de comida e remédios e tudo o que a corporação dá para o pessoal do outro lado do muro porque acham que somos uma causa perdida. Não temos chance contra a corporação com todos vocês do lado deles.

— Mas ela os mantém seguros — argumentei, o mantra que eu ouvira centenas de vezes durante meus cinco anos lá dentro. — De nós, dos vírus, dos criminosos...

— Discutível — disse Tony, erguendo uma sobrancelha. — Podem ter começado assim,

mas certamente não fazem mais isso. A maioria desses criminosos — ele revirou os olhos quando disse a palavra — que vocês perseguiram era um de nós. Ou eram apenas pessoas que queriam fazer algo louco como, sei lá, ficar com o filho de oito anos que morreu e ressuscitou. Todo mundo comprou a história que a corporação contou sobre vocês serem essas criaturas desalmadas. A maioria dos humanos nunca nem conversou com um Reboot.

Ele tinha razão. A maioria dos humanos só nos via quando estávamos em missão, quando os perseguíamos. Raramente tínhamos permissão de trocar uma palavra com eles.

— Venha — falou Tony, sacudindo a cabeça em direção à cozinha. — Se vamos fazer isso hoje à noite, precisamos começar a planejar.

Abri uma fresta na porta do quarto, mas Callum estava imóvel, com os olhos fechados. Queria ficar com ele, mas Tony estava certo. Eu não podia simplesmente entrar na CRAH e esperar pelo melhor. Precisávamos de um plano.

Segui-o até a cozinha, gesticulando para que Addie se juntasse a nós. Os humanos estavam à mesa, sentados na bancada ou de pé, e todos se calaram quando entramos.

— Hoje à noite ou nunca — disse Tony. Ele colocou a mão no meu ombro e eu pulei, esbarrando em Addie. — Essa é a proposta da Wren.

— Ótimo — falou Desmond. — Sem acordo. É uma ideia idiota, de qualquer modo; vamos todos para casa.

Tony lançou um olhar para ele, que suspirou, recostando-se na parede e resmungando para si mesmo. Todos começaram a falar ao mesmo tempo de novo, e Tony ergueu as mãos.

— Ei! — berrou. — Tenham calma por um segundo. Que coisas são absolutamente essenciais? O que precisa acontecer para fazermos isso?

— A energia elétrica deve ser cortada para que eles possam entrar sem serem vistos — sugeriu um homem baixo e careca.

— Mas você disse que havia geradores de emergência — disse Addie.

— Sim — replicou o humano. — Mas eles levam um minuto, e vocês têm muito mais chances de entrarem enquanto a energia está cortada.

— Certo — falou Tony. — Vocês talvez consigam entrar no prédio antes de a luz voltar.

— Precisamos destravar os quartos dos Reboots primeiro, certo? — perguntou Addie. — Vão estar todos trancados a essa hora da noite.

— Sim — disse Desmond. — A sala de controle é no quarto andar e vai haver guardas armados lá. Acho melhor irem juntas para destrancá-los. Aí Addie pode correr para o oitavo andar para soltar os Reboots enquanto Wren vai aos laboratórios médicos no sétimo.

— E aonde vamos depois que escaparmos? — indaguei. — Vamos só correr e esperar pelo melhor?

Desmond soltou um suspiro longo e exagerado para nos informar como se sentia a respeito da ideia.

— Alguma sugestão, Des? — perguntou Tony com um meio sorriso.

— Eles não podem só sair correndo — exclamou ele, jogando os braços para cima com irritação. — Mesmo que alguns consigam fugir, os oficiais vão pegar as aeronaves e matar metade deles do céu.

— Bom argumento — disse Addie, mastigando o lábio. — Podemos desabilitar as aeronaves?

— Se tivermos alguns voluntários dispostos a fazer isso, sim — falou Tony. — Podemos entrar escondidos na garagem e mexer o suficiente nos motores para ganhar tempo. Teríamos que agir rápido, mas acho que conseguiríamos mexer na maioria.

As aeronaves. A CRAH tinha aeronaves grandes, naves de transporte que normalmente usavam para levar grupos numerosos de humanos de um lado para o outro. Eram centenas de quilômetros até a reserva Reboot, mas se puséssemos as mãos em algumas delas estaríamos lá em questão de horas.

— E se só pegássemos as aeronaves? — indaguei.

— Perdão? — perguntou Tony.

— São muito difíceis de dirigir? Se pegássemos algumas grandes, como as de transporte, e voássemos para fora de lá?

— Hmm.. bem, vocês poderiam, eu acho — disse Tony. — Não são difíceis de pilotar. Posso desenhar um diagrama para vocês e dar uma aula rápida. Imagino que vão cair na aterrissagem, mas isso não é uma grande preocupação para Reboots.

— Elas têm um sistema de rastreamento por GPS? — indagou Addie.

— Sim. Mas não é difícil de removê-lo. Posso fazê-lo a tempo de vocês partirem. — Os olhos dele percorreram o aposento. — Mas vou precisar de ajuda.

Um silêncio se instalou. Desmond cruzou os braços com uma carranca. Os outros humanos pareciam concentrados em evitar o meu olhar, exceto Gabe, que estava recostado na parede ao lado de um cara louro que parecia ter mais ou menos a nossa idade.

— Eu ajudo — disse Gabe.

Tony franziu o cenho como se fosse fazer objeção, mas o garoto louro o interrompeu antes que ele tivesse uma oportunidade.

— Qual é! Você disse que não podíamos entrar no prédio. Nunca falou nada sobre a garagem.

Desmond fungou.

— Você realmente disse isso.

Tony revirou os olhos e lançou um olhar divertido para os caras.

— Está bem. Gabe e Zeke, vocês vão comigo. — Ele se virou para Desmond. — Você topa cortar a energia elétrica? Pode fazer isso de vários quarteirões de distância.

— Está bem. Eu faço. — Mas ele não estava feliz com aquilo.

— Muito bem. — Tony juntou as mãos. — Ótimo. Tenho um cara que vai nos trazer a planta do edifício, então veremos isso quando ele chegar aqui. Querem descansar, sei lá? Comida, talvez?

Meu estômago roncou à simples menção de comida.

— Comida seria ótimo, se tiverem alguma.

— Com certeza — falou ele, apontando para a mesa. — Sentem-se.

Addie e eu nos sentamos à mesa da cozinha, e a maioria dos humanos saiu — sentaram-se na sala de estar ou desapareceram pela porta dos fundos para cumprir tarefas. Fiquei de olho na porta de Callum, mas ninguém chegou perto.

Tony colocou sanduíches diante de nós. O pão estava macio e fresco, a pasta de feijão e as verduras, deliciosas. Ele pareceu satisfeito quando dei uma mordida enorme e consegui agradecer enquanto mastigava.

— De nada. Aquele ali na bancada é para o Callum, se quiserem levar para ele depois. — Colocou dois copos d'água na mesa e se dirigiu até os humanos na sala de estar. — Avisem se precisarem de alguma coisa.

— Esquisito — resmungou Addie, olhando para mim, confusa.

— Não é? *Avisar se precisarmos de alguma coisa?* Bizarro. Não acha que eles estão tramando algo, acha?

Ela balançou a cabeça.

— Não. Meu pai não nos levaria para uma armadilha. — Ela se virou e olhou para os humanos, a testa franzida. — Acho que eles querem mesmo nos ajudar.

Virei-me e segui o olhar dela para onde Tony e Desmond estavam, as cabeças próximas enquanto conversavam.

— Acho que eles querem principalmente ajudar a si próprios — falei, baixinho. — Mas eu aceito.

# TRINTA E UM

Addie decidiu descansar depois do almoço, por isso Tony a deixou ficar com seu quarto e sugeri que eu também tirasse um cochilo. Recusei. Não conseguiria dormir de jeito nenhum, não com Callum amarrado no outro quarto e o meu estômago revirado.

Em vez disso, atravessei o corredor com o sanduíche dele e espiei o quarto. Callum estava de lado, os olhos vidrados na parede à sua frente. Seus braços e pernas ainda estavam amarrados.

— Está desconfortável? — perguntei. Entrei no quarto e coloquei o sanduíche na mesinha de cabeceira. — Posso desamarrá-lo enquanto você come, se quiser.

Ele não respondeu. Ajoelhei-me ao lado da cama e passei os dedos por seu cabelo.

— Callum.

Ele não se moveu, nem um centímetro. Seus olhos estavam vazios e, quando acenei na frente de seu rosto, ele nem piscou.

E se já fosse tarde demais? E se já tivéssemos perdido a janela?

Meu coração batia alto naquele momento, martelava em meus ouvidos, o único som no aposento silencioso.

— Callum. — Minha voz saiu desesperada quando sacudi o ombro dele. Tentei mudá-lo de posição, o que fez a cama ranger com o peso.

Nada.

Aquele olhar que não enxergava era horrível demais. Sacudi-o com mais força, chamando-o repetidamente conforme a dor no meu peito crescia. Lágrimas rolavam pelas minhas bochechas antes que eu percebesse que estava prestes a chorar, e tapei a boca para sufocar um soluço. Ele veio mesmo assim, ecoando pelo quarto, rapidamente seguido por outro. Pensei que chorar fosse um alívio, mas as lágrimas quase doíam. Queria enfiá-las de volta. Meu corpo se recusava a escutar. Soltei os ombros de Callum e me afundei no chão. Talvez devesse

ter chamado Tony ou Addie e perguntado se ele estava bem, mas estava assustada demais. Não queria que me olhassem com aquela solidariedade de novo.

— Wren?

Ergui a cabeça imediatamente ao som da voz de Callum. Ele piscou para mim, com as sobrelhas franzidas, contorcendo as mãos contra as cordas.

— Qual é o problema?

Pulei na cama e desamarrei suas mãos em segundos, pressionando minha cabeça em seu pescoço enquanto ele me envolvia com os braços. Callum roçou a bochecha na minha pele, e seu hálito quente me fez cócegas.

— Desculpe — falei, respirando fundo.

— Você não tem que pedir desculpas por chorar.

— Não, por tudo isso. Por deixá-lo atacar aquele humano e por ajudá-lo a fugir em um momento muito ruim. Eu deveria ter verificado primeiro. Sabia que eles estavam fazendo isso com os -60, mas nem pensei em verificar.

— É — disse ele, a voz com um tom divertido —, na próxima vez em que se arriscar para me salvar, poderia, por favor, planejar direito antes? É simplesmente inaceitável.

Eu ri, abraçando-o com força com um dos braços.

— Você não precisa pedir desculpas — disse ele, beijando minha orelha. — Eu é que deveria pedir desculpas a você.

— Por favor, não faça isso. Vou me sentir péssima.

Callum deu uma risadinha e passou os dedos no meu queixo até que eu virasse o rosto para ele. Ele me beijou, talvez em agradecimento, mas um tipo de agradecimento com o qual eu não me importava. Quando ele se afastou, deu um sorrisinho triste para mim.

— Só não me deixe assim, está bem?

Funguei e baixei os olhos para não ter que olhar para ele.

— Não quero que eles me transformem nesse... — Olhou para si mesmo. — Nesse negócio louco. — Beijou de leve a minha bochecha. — É como se tivessem ganhado, sabe?

Era exatamente como se tivessem ganhado.

— Não quero matar mais gente. — Ele franziu o rosto. — Ou, pior, comer alguém. Então, se não der certo, não me deixe continuar assim, está bem?

Assenti, apertando os lábios para conter as lágrimas.

— Está bem.

Callum ficou calado por um instante, os olhos baixos, pensando.

— E, mesmo que a gente não consiga o antídoto, você deveria ajudá-los. — Ele acenou com a cabeça para a porta. — Vá até a reserva e faça com que os outros Reboots os ajudem

também.

— Os humanos?

— É. Você não pode deixar a CRAH ganhar. Não depois de tudo o que fizeram. Então, mesmo que eu não... mesmo que eu não consiga, acho que você deve ajudá-los.

Ele sabia que eu não tinha lá muito interesse em ajudar os humanos. Só queria que ele ficasse bom para podermos nos afastar deles e não voltar nunca mais. Eu não queria pensar no que faria se Callum não sobrevivesse, mas ficar ali para me juntar aos humanos não estava no topo da lista.

— Isso não vai ser problema. Você vai ficar bem.

— Wren, pelo menos pense a respeito. Não deve deixar o fato de você ser casca-grossa ser desperdiçado.

Consegui dar uma risada.

— Vou pensar no assunto.

Mentira. Eu não ia pensar em nenhuma situação que não o incluísse.

Callum acabou apagando de novo, apesar de tentar lutar contra aquilo. Fiquei sentada no chão por um bom tempo, até não aguentar mais aqueles olhos vazios. Recusei-me a entrar em pânico por causa disso novamente, portanto o amarrei e fui para a sala, onde passei a tarde e o começo da noite andando de um lado para o outro.

O sol havia acabado de se pôr, e eu estava ansiosa para ir até as instalações, mas Tony insistiu que a melhor hora era de madrugada. As instalações tinham o menor número de guardas de serviço entre as quatro e as seis da manhã, e era melhor ir mais perto das seis, já que poucos funcionários do laboratório estariam de serviço a essa hora. Ninguém sabia me dizer como era o antídoto; eu teria que pedir a um humano que o identificasse.

Tony estava à mesa da cozinha com cerca de outros dez humanos, analisando a planta das instalações da CRAH em Austin. Um grupo maior do que o que concordara em nos ajudar. Alguns tinham ido embora, afirmando que estaríamos todos mortos pela manhã, mas os outros estavam entusiasmados por terem um plano tão ambicioso depois de anos tentando derrotar a corporação.

Gabe entrou pela porta da frente com Zeke, o garoto louro de antes. Ele segurava uma sacola de lona preta contra o peito e balançou a cabeça para Tony.

— Consegui — disse ele, largando a sacola no sofá e enfiando a mão dentro.

Tirou um monte de armas pretas e despejou balas amarelas de formato estranho na mesa. Franzi a testa e me inclinei para pegar uma delas.

— O que é isso? — perguntei, analisando a bala amarela de plástico. Havia uma agulha minúscula projetada para fora.



— Dardos tranquilizantes — explicou Gabe. — Tony não quer que você mate humanos enquanto estiver lá.

Virei-me para Tony com as sobrancelhas erguidas. Ele se recostou na cadeira e me encarou. Levantei o dardo amarelo.

— Isso funciona mesmo? Rápido?

— Em poucos segundos. Mire no peito, no braço ou na perna.

— Por quanto tempo eles vão ficar apagados? — perguntei.

— Horas. Não precisa se preocupar com isso. Vou devolver sua arma de verdade, mas não quero que a use lá dentro. A maioria daqueles caras só está fazendo o trabalho deles. E alguns estão do nosso lado.

Assenti, deixando o dardo na mesa.

— Está bem.

— Encontrou capacetes? — indagou Tony.

— Encontrei, o Henry vai chegar aqui daqui a pouco com eles — respondeu Gabe.

Addie pegou uma das pistolas e enfiou um dardo nela, estudando a arma com curiosidade. Gabe disparou para trás do sofá, e ela fungou.

— Ah, relaxe, humano. Eu sei usar uma arma.

— Gabe — corrigiu ele, retraindo-se quando ela a apontou para a parede atrás de Zeke.

— Saia de trás do sofá, *Gabe*. Não vou atirar em você. A não ser que você mereça.

Ele saiu do esconderijo, esticando cautelosamente a mão para a arma.

— Vou só ficar com isso.

Addie revirou os olhos enquanto a entregava, e eu a olhei divertidamente.

— Ei. — Virei ao som da voz de Desmond. Ele jogou uma concha de alguma coisa dentro de uma tigela. — Você quer jantar?

— Quero, obrigada.

— Então, venha e coma.

Eu me apressei para a cozinha, espiando dentro da tigela. Era uma espécie de ensopado. Olhei para ele, agradecida, ao enfiar uma colherada na boca. Não esperava ser alimentada de novo.

— Achei que os números mais baixos eram mais gentis! — exclamou Gabe da sala. Olhei para lá e vi Addie segurando uma arma de tranquilizador contra o peito dele.

— Adina, pare de torturar Gabe — gritou Tony com uma risadinha.

Eu quase ri, mas Desmond me olhava como se estivesse planejando a minha morte. Engoli a comida e limpei a boca. Ele estivera calado e mal-humorado a noite inteira, obviamente contra o plano.

— Por que está ajudando, se não quer? — perguntei.

— Falei que ia ajudar, não falei? — disse ele.

Desmond puxou o cabelo castanho para trás em um rabo de cavalo, e os ângulos agudos de seu rosto pareceram duros. Não era um homem atraente, mesmo quando estava feliz.

— E parece muito satisfeito com isso.

Só o que recebi em resposta foi um olhar penetrante. Pensei em comer em outro lugar, mas eu tinha perguntas demais a fazer. Apesar de ele não demonstrar sentir medo de mim, parecia me odiar apenas um pouco menos do que um humano normal.

— Mas por que nos ajudar se você nos odeia? — pressionei.

Desmond soltou um longo suspiro e se apoiou na bancada.

— Eu não odeio vocês. Só não confio que não vão voltar e matar todos nós.

Uma preocupação válida, na minha opinião.

— Então decidiu nos libertar e arriscar?

Ele fez uma pausa, deslizando as mãos para dentro dos bolsos do jeans.

— Houve uma discussão há alguns anos. Quando decidimos que precisávamos que os Reboots sumissem para termos o mínimo de sucesso contra a CRAH, algumas pessoas acharam que deveríamos matar todos vocês.

— Ah. Aí você compreendeu o ponto de vista delas.

Ele pigarreou.

— Talvez um pouco. Mas aí o Tony falou: “Vamos só conhecer um. Vamos resgatar um e conversar com ele sem a supervisão da corporação e ver o que ele pensa.” Nós fizemos isso.

— E o Reboot era... o quê? Legal?

— Não. Quero dizer, droga, sei lá. Ela ficou sentada na sala de estar e chorou. Não quis falar nada.

— Provavelmente achou que vocês iam matá-la.

— É. Mas ninguém esperava aquela reação. Achávamos que ela lutaria, que iria nos atacar. Quando não fez isso e chegou a hora, não conseguimos matá-la. Tínhamos ouvido boatos sobre Reboots no norte, por isso a levamos para o mais longe possível e a deixamos ir embora. Pedimos que ela falasse com qualquer Reboot que encontrasse sobre a possibilidade de acolherem quaisquer outros que resgatássemos. Sabe, ver se estavam dispostos a trabalhar conosco. E eles estavam.

— Por que não conseguiram matá-la? — perguntei. — A CRAH mata Reboots o tempo todo. Tony deve ter visto.

— Tenho certeza disso. Mas é diferente quando se está sentado com uma garota de 15 anos que não parece muito diferente de você. — Ele deu de ombros. — Sempre achei que isso

fosse um risco enorme, libertar vocês, mas era a melhor entre duas soluções péssimas. Então aqui estou. Esperando que todos vocês sejam gratos o bastante para não voltarem e nos matarem.

— Se ajuda, não tenho a menor intenção de fazer isso.

A sombra de um sorriso cruzou o rosto dele.

— Eu agradeço.

— Des, pare com isso; eles não são assassinos. — Tony pousou as mãos nos meus ombros, e eu me assustei, quase deixando a colher cair. Era estranho ele não se incomodar de me tocar.

Mas eu me incomodava, então dei um passo para o lado, para fugir de suas mãos, e franzi o cenho para ele. Ou ele não percebeu ou não se importou, porque só sorriu para mim. Olhei para Desmond de novo. Talvez ele fosse o único são aqui.

— Wren, quer analisar o mapa comigo de novo? — perguntou Tony. — Quero ter certeza de que meus homens sabem aonde estão indo, mas eles estarão seguindo vocês.

Concordei e me juntei a ele à mesa, ficando atrás dos humanos enquanto Tony traçava mais uma vez a rota que seguiríamos para entrar. Estava escuro lá fora, e ele colocou uma luminária mais perto da mesa para que enxergássemos.

— E aí vocês vão sair aqui — encerrou Tony, passando o dedo pelo saguão da CRAH. — Ou onde quiserem, eu acho. Depois que soltarem cem Reboots, acho que podem escolher a saída mais adequada.

Um sorriso repuxou os cantos da minha boca.

Ele não fazia ideia.

# TRINTA E DOIS

Passei os braços sobre o peito, tremendo no ar frio da noite enquanto observava a CRAH do abrigo de árvores que cercava o prédio. Era alto e preto, nos limites da favela de Austin — 15 ou vinte andares. Quando criança, eu não saía tanto da favela para vê-lo.

Um grupo de cerca de dez rebeldes permanecia alguns metros à minha esquerda, vestindo os uniformes pretos da corporação. Eram falsos, mas esperávamos que ninguém percebesse isso durante o caos; assim, os rebeldes poderiam subir para roubar as armas e os medicamentos que a CRAH armazenava. Era um risco enorme, e eu podia ver o medo nos rostos tensos e pálidos deles.

Callum grunhiu atrás de mim quando Tony e Addie o amarraram com cordas em volta de uma pedra. Cavamos um buraco ao lado, de apenas alguns centímetros de profundidade, o suficiente para mantê-lo escondido enquanto estivéssemos lá dentro. Suas pernas estavam bem amarradas, o pano em volta da boca abafava ocasionais rosnados, e ele mal podia se mover.

Addie recolocou alguns galhos de árvore em cima do buraco e ela e Tony se arrastaram para fora. Não dava muito para perceber através dos arbustos densos, mas eu conseguia ver os olhos inexpressivos de Callum brilhando ao nos fitar. Ele não tinha voltado ao normal.

Eu estava apavorada que já fosse tarde demais.

Virei e andei alguns metros até enxergar o céu. O sol começava a nascer e o horizonte estava banhado de vermelho, laranja e azul.

“Fui para o norte uma vez quando criança, logo antes de a epidemia acontecer.” Fechei os olhos e a voz da minha mãe encheu a minha cabeça. “Dirigimos durante três dias, de Austin, e, quando chegamos lá, eu me lembro de olhar para o céu, imaginando para onde tinha ido o resto. Há mais céu no Texas, querida. Você nunca vai conhecer mais nada, mas olhe para cima e aprecie de vez em quando.”

— Wren.

Abri os olhos e segui os raios de cor até desaparecerem ao longe.

— Wren, vamos. Desmond deve desligar a energia elétrica em alguns minutos — disse Addie.

Peguei o capacete que ela estendia para mim. Prendi-o no queixo enquanto Tony observava Callum.

— Ele deve ficar bem até vocês voltarem — falou, balançando a cabeça. — Não vai haver ninguém por aqui. Vão perseguir vocês na direção oposta.

— Sabe quanto tempo vai levar para o antídoto funcionar? — perguntei. — Ele vai conseguir sair correndo na hora?

— Deve ser muito rápido. Quanto mais baixo o número, mais rápido funciona, até onde sei. — Ele fez uma pausa e pigarreou. — O que quer que eu faça com ele se você não voltar?

Evitei olhar para Callum. Precisava me manter concentrada, e toda vez que olhava para ele começava a entrar em pânico.

— Eu vou voltar.

Não havia outra opção.

Tony abriu a boca, pareceu pensar melhor e revelou um sorriso triste. Não era a expressão mais encorajadora.

— Está bem, querida. — Ele se virou para se juntar a Gabe e Zeke e os outros humanos.

Addie e eu andamos mais para perto da cerca que limitava as terras da corporação. Não era eletrificada, mas tínhamos que esperar a energia elétrica ser desligada para que as câmeras não nos pegassem.

Ficamos nas sombras, ouvindo apenas o trilar dos grilos e a brisa soprando por entre as árvores. Meu coração batia tão alto que com certeza Addie podia ouvir, mas ela só ficou ali, firme, observando o edifício e o único segurança à vista. Afastei o medo que gritava em meu peito, afastei a vizinha incômoda que me lembrava que esta era minha única chance de salvar Callum. Eu não precisava de medo ou dúvida naquele momento.

Só precisava me concentrar.

As luzes se apagaram e eu corri, o som de botas batendo na grama à minha volta. Agarrei o metal da cerca e pulei, voando por cima dela e aterrissando alguns segundos antes de Addie. Os humanos seguiram atrás de nós.

Estendi a mão ao nos aproximarmos do prédio e todo mundo atrás de mim parou. Puxei a pistola de tranquilizante das calças e me esgueirei pela grama até a laje de concreto. Minha bota rangeu quando dei um passo para a frente; o oficial de serviço se virou, a boca escancarada, enquanto eu apertava o gatilho.

O dardo se alojou em seu peito. Ele ainda deu um passo antes de sua cabeça começar a

tombar, e eu o peguei, levantando-o contra o edifício na esperança de que a câmera não o gravasse.

Peguei a chave e o cartão de acesso o cinto do guarda e a enfiei na fechadura, abrindo a porta de supetão e gesticulando para que Addie se apressasse. Ela disparou e eu a segui, deixando a porta aberta para os rebeldes.

O saguão estava escuro e deserto, a mesa redonda no meio do aposento, vazia. Nunca tinha visto um saguão da CRAH antes. Os Reboots eram sempre deixados no terraço pela aeronave.

Eles tinham pôsteres nas paredes. Propagandas de seu brilhantismo.

*Contem com a CRAH para a cura!* A mulher no cartaz sorria, aparentemente curada do que quer que a tivesse afligido.

*A CRAH protege!* Este mostrava alguns Reboots, embora estivessem distantes e desfocados, ao lado de uma aeronave.

Addie virou-se e lançou um olhar perplexo para os pôsteres ao passarmos.

— Eles estão falando sério? — resmungou ela.

O ladrilho preto parecia um rio escuro enquanto andávamos apressadamente por ele até as escadas. Demos um passo para o lado e deixamos os humanos subirem primeiro, pois se dirigiam aos andares superiores, onde ficavam alimentos, medicamentos humanos e armamentos. Fiquei quase triste ao observá-los subindo as escadas. Era uma missão suicida para pelo menos metade deles, senão todos, e eles sabiam disso.

Deixei que a porta se fechasse devagar atrás de mim. Subimos rapidamente a escada escura como piche, de dois em dois degraus, até o quarto andar. Uma luz fraca foi acesa na escada. Os geradores tinham sido ligados.

Addie olhou para mim ao segurar a maçaneta da porta. Assenti.

Ela a abriu, o suficiente para dar uma espiada.

— Dois guardas no fim do corredor — sussurrou. — Pelo menos dois no aposento, até onde eu posso ver. — Abriu um pouco mais. — Está vendo aonde vamos?

O corredor branco se estendia à minha frente. Os guardas nos fundos estavam entediados, recostados na parede e conversando baixinho, apesar do blecaute momentâneo.

À esquerda ficava a sala de controle. As portas estavam abertas e um oficial se sentou diante de um grande computador enquanto outro espiava por cima de seu ombro. A julgar pelas expressões relaxadas — e pelo fato de nenhum deles ter sacado a arma —, eles ainda não tinham nos visto pelas câmeras.

Que bom.

Acenei para Addie com a cabeça.

— Fico com os dois na sala.

Ela abriu a porta. Agachei-me e disparei em direção à sala de controle; tiros explodiram do outro lado do corredor. Os guardas se viraram do computador e estenderam as mãos para pegar as armas. Mas foram lentos demais.

Atirei duas vezes, atingindo o peito de um e o pescoço do outro. Caíram no chão em segundos, um pouco antes de eu ouvir os baques dos dois humanos no corredor.

Soltei lentamente a respiração. Passo um: feito!

Virei-me para dar a Addie um sorriso vitorioso, mas esmoreci diante de sua expressão atordoada. Ela piscou e ergueu os dedos até a têmpora.

Havia sangue.

Pulei por cima de um dos oficiais e empurrei o capacete dela para trás. O sangue ensopava seu cabelo e cobriu meus dedos enquanto eu procurava pelo buraco de bala.

— Não, está tudo bem — disse ela. Ela tremia ao empurrar minha mão para longe e puxar o capacete de volta para o lugar. — Só passou de raspão.

Assenti, embora meu estômago tenha se revirado. A bala parecia tê-la atingido mais do que de raspão.

Addie limpou a testa ensanguentada e passou por mim para entrar na sala de controle, empurrando o humano mais próximo para longe com o pé. Sentou-se ao computador. Tocou o monitor algumas vezes, e eu fiquei andando de um lado para o outro atrás dela, checando com nervosismo o corredor. Esperava que mais guardas entrassem correndo pelas portas.

Eu tinha muita sorte por aquela bala não tê-la atingido mais diretamente. Tinha dúvidas de que conseguiria chegar ao laboratório médico e livrar os Reboots. Ficaria presa ali sem ela, e Callum ficaria preso naquele buraco até a corporação encontrá-lo.

Agarrei o batente da porta e observei enquanto Addie tocava na tela de novo. Ela parou de repente, recostando-se, e eu já ia perguntar qual era o problema.

*Portas destrancadas* piscou na tela em letras vermelhas, brilhantes.

— Consegui — disse ela, pulando da cadeira.

Corremos de volta para a escada — uma onda de energia atravessou meu corpo quando comecei a perceber que talvez conseguíssemos.

— Quanto tempo você quer que eu espere? — gritou Addie, voando escada acima. — Devo chegar primeiro às aeronaves.

— O máximo que você puder — falei ao passar pelo sexto andar. — Mas, se a corporação apertar o cerco, decole. Encontre outra pessoa para pilotar a segunda aeronave.

— Está bem.

Parei na frente da porta do sétimo andar e olhei para Addie enquanto ela subia até o oitavo. Ela retribuiu o sorriso encorajador, mas eu podia ver o sangue ainda escorrendo de seu

capacete. Ela o enxugou de novo e disparou degraus acima.

— Boa sorte — gritei.

Ela riu.

— Acho que você vai precisar mais do que eu. Estou prestes a conseguir o reforço de cem Reboots.

Ela desapareceu. Segurei a pistola de tranquilizante com mais força enquanto me virava para ficar de frente para a porta de novo. Estava na hora. Se eu não conseguisse chegar ao laboratório médico, não havia esperança para Callum.

Estendi a mão para a maçaneta e passei meus dedos em volta do metal frio.

A porta se abriu pelo outro lado, e eu dei um pulo para trás, agarrando o corrimão antes de despencar escada abaixo.

Três oficiais irromperam na escada, as armas levantadas.

Eu me abaixei assim que o primeiro oficial puxou o gatilho. Mirei na perna e enfiei um dardo nela, pulando novamente para trás quando ele caiu de cabeça pela escada.

Disparei outro tiro, atingindo o segundo oficial na barriga, ao mesmo tempo em que uma bala do terceiro oficial entrava no meu ombro. Agarrei seu braço enquanto ele tentava atirar outra vez e o torci para trás. Pressionei a pistola de tranquilizante diretamente em suas costas e ele desabou para a frente.

A expectativa pela luta suplantou meu medo, e quase sorri ao passar pelos corpos dos oficiais e estender a mão para a porta. Abri-a para um corredor branco e comprido, deserto, a não ser por um único humano correndo para longe de mim. Um humano de jaleco branco.

Arregalei os olhos quando peguei a arma de verdade no meu quadril. Eu precisava daquele humano.

— Pare! — gritei, apontando a arma bem para a esquerda, de propósito, e disparando.

Mas ele continuou correndo. Seus sapatos rangiam no ladrilho à medida que ele se dirigia para a porta de saída do outro lado do corredor. Disparei atrás dele e mirei seu ombro direito. Puxei o gatilho.

Ele soltou um grito e cambaleou, grunhindo quando seus joelhos bateram no chão. Enxugou a testa e arregalou os olhos ao me ver na sua direção.

Ele pressionou a mão ensanguentada no chão, tentando ficar de pé, mas eu cheguei lá primeiro. Levantei-o pelas costas de seu jaleco e passei o braço em volta do pescoço dele. Olhei o nome costurado no bolso. Bishop.

— Bishop — disse, apertando mais o braço em seu pescoço enquanto ele se contorcia. — Vou fazer um acordo com você. Você me ajuda a entrar naquela sala — aponte para o laboratório médico, atrás de um vidro transparente à nossa esquerda — e eu não o mato.



Bishop não disse nada. Continuou a se contorcer e a engasgar, com lágrimas correndo pelo rosto. Era jovem, vinte e poucos anos, talvez, e tinha um rosto redondo e bonito. Era meio baixo para um homem, mas eu ainda precisava ficar na ponta dos pés para segurá-lo.

— Ei — continuei, afrouxando um pouco o aperto. — Fechado?

Ele assentiu. Um soluço estrangulado escapou de sua boca, e ele a abriu mais. Estava se preparando para gritar.

Pressionei a arma em sua têmpora enquanto o arrastava pelo corredor branco e deserto.

— Gritaria é a coisa que mais odeio.

Sua boca se fechou na hora.

Parei na frente do laboratório e estendi a mão para pegar a chave eletrônica de Bishop. Passei-a pela tranca e a porta se abriu. Bishop cambaleou e eu o arrastei para dentro do aposento.

O espaço estreito abrangia quase todo o comprimento do corredor. Monitores de computador cobriam as paredes e mesas de laboratório ficavam no centro. Tinha cheiro de desinfetante e Reboot. Alguém havia tentado amenizar o cheiro de morte, mas fracassou.

Tony dissera que o antídoto estaria nos fundos do laboratório, trancado em uma grande sala de vidro. Arrastei o humano pelo centro do laboratório, passando por computadores, mesas compridas e livros grossos.

Os frascos estavam enfileirados, organizados em caixas, exatamente como Tony dissera. Também estavam rotulados, como ele suspeitava, com letras e números aleatórios que eu não entendia. Não havia como saber de qual precisava.

Passei o cartão de Bishop pela tranca e as portas se abriram. Entrei no aposento frio e soltei meu braço do pescoço do humano, cutucando seu ombro bom com a minha arma.

— Qual deles é o antídoto?

Ele piscou para mim. Havia lágrimas em seus cílios enquanto ele franzia os olhos para meu código de barras.

— Cento e setenta e oito — confirmei. — Não é para mim.

Ele hesitou, olhando dos frascos para mim. Devia saber que podia mentir. Ele podia apontar uma droga horrenda que faria coisas terríveis com Callum. Eu estava contando muito com o medo que esse humano tinha de mim.

— Acabei de lhe dizer que sou 178 — continuei, apertando a arma com mais força em seu ombro. — Não me incomode nem um pouco em matá-lo.

Bishop respirou fundo e apontou para as caixas na prateleira de baixo. Havia três, com cerca de cinquenta frascos por caixa. O líquido dentro era opaco, quase cinza.

— Tire elas daí — ordenei. — Todas elas.

Um som vindo de cima me fez parar e olhar para o teto. Corrida. O som de cem Reboots correndo. O teto tremia, com risos e gritos preenchendo o ar.

Addie havia conseguido.

Sorri, antes de me concentrar novamente no humano, que ainda estava ali, de pé, olhando para mim. Balancei a cabeça, e ele ficou de joelhos, puxando a primeira caixa da prateleira e olhando de soslaio na minha direção.

— Vocês mataram todos nós — sussurrou.

— Por que acha isso? — Fiz um gesto para todos aqueles frascos ao redor de mim. — Eu diria que os culpados são vocês, injetando essa merda na gente.

— Estamos tentando nos proteger de vocês — disse ele, passando a mão pelo nariz e colocando a segunda caixa em cima da primeira. — Agora vocês... — Ele apontou para o teto, para o oitavo andar, também reconhecendo o som de Reboots correndo. — Vocês soltaram todos eles.

— Nós os salvamos.

Bishop grunhiu, discordando, e colocou a terceira caixa no topo da pilha.

— Pronto. Aí está.

— Tem certeza de que são os frascos corretos? Porque vou sair e testá-los imediatamente. Vou vir atrás de você se estiver errado. Acredite, você não quer que eu volte.

Ele assentiu.

— São estes.

Eu queria sorrir e gritar e pular, mas me contive. Estava tão perto. Só o que precisava fazer era sair do edifício.

Inclinei-me para pegar os frascos.

Percebi o erro assim que tirei os olhos de Bishop.

Ele saiu correndo da sala de vidro. Girei e cambaleei atrás dele.

Tarde demais. Minhas mãos bateram no vidro.

Eu estava trancada do lado de dentro.

# TRINTA E TRÊS

Bishop abriu um sorriso largo ao olhar para mim do outro lado do vidro. Ele remexeu no bolso e tirou um comunicador. Quase o deixou cair enquanto o segurava na frente da boca.

— Bishop — falou. — Laboratório médico no sétimo andar. Diga ao oficial Mayer e a Sra. Palm que venham a Austin imediatamente. Estou com a 178.

*Estou com a 178.* As palavras ressoaram nos meus ouvidos, e minha garganta se fechou. Eles não podiam me pegar. Eu estava fracassando por causa desse humano idiota.

Puxei minha arma do bolso. O vidro não podia ser à prova de balas.

Não podia.

Dei um tiro. A bala passou direto, deixando uma teia de rachaduras em volta do buraco. Bishop arregalou os olhos e deu vários passos para trás, trombando com uma mesa do laboratório.

Sorri e ergui a arma novamente.

Nada.

Estava sem balas. Estendi a mão para pegar a pistola de tranquilizantes, que ainda continha muitos dardos, mas seria inútil com o humano do outro lado do vidro.

Bishop soltou um suspiro de alívio e falou no comunicador.

— Não, está tudo bem. Mas venham rápido.

— *Não saia daí* — ouvi a voz do outro lado. — *Fique de olho nela.*

Bishop engoliu em seco e assentiu, dando mais alguns passos para longe do vidro.

Baixei os olhos para os frascos aos meus pés. Não. Eu não ia deixar que Callum morresse como um robô inexpressivo e frio da corporação.

Eu ia escapar.

Levantei a perna e chutei o vidro com o máximo de força possível.

Uma rachadura serpenteou do buraco de bala até o teto.

Chutei novamente. Outra rachadura.

Bishop tropeçou enquanto corria para chegar ao outro lado do laboratório.

— Ei! — gritou no comunicador. — Rápido! Ela está...

O vidro estilhaçou. Soltei um grito e corri pelo laboratório, deixando os frascos de lado. Bishop andava em direção à porta, e eu não ia cometer o mesmo erro duas vezes.

Agarrei-o pelo cabelo, e ele berrou quando puxei sua cabeça para trás. Ele arfou, emitindo sons estrangulados.

— Por favor, não me mate — soluçou.

Eu não queria provar que ele tinha razão; em vez disso, lhe dei um soco. Bati nele com tanta força que ouvi um estalido. Bishop desabou no chão. Disparei um dardo em seu pescoço, para garantir, e seu corpo caiu.

Corri de volta para pegar os frascos, coloquei-os nos braços e disparei para fora do laboratório, pelo corredor. Ainda estava vazio, e eu abri com força a porta da escada.

Reboots desciam correndo, pulando e rindo. Todos tinham seus capacetes e equipamentos de campo, e eu não vi um único guarda em meio à multidão.

Misturei-me a eles e deixei que me carregassem junto escada abaixo. Explosões e tiros balançavam o edifício, mas o entusiasmo e a alegria não se abalaram. Não podia deixar de sorrir.

Estávamos quase livres.

Quando saí pela porta do térreo, vi que o saguão estava cheio de fumaça, com oficiais mortos ou inconscientes. Segurei as caixas junto de mim enquanto irrompíamos pela porta dos fundos.

O sol do início da manhã queimou meus olhos, mas disparei pela grama em direção ao abrigo de árvores onde estava Callum.

Duas aeronaves grandes da CRAH estavam estacionadas logo à minha esquerda. Addie se encontrava na frente de uma, direcionando Reboots.

Ela sorriu quando me viu. O sangue sumira da sua testa, e senti uma pequena onda de alívio por ela estar bem.

— Eu levo isso! — gritou ela, correndo até mim. Larguei as caixas em seus braços esticados e tirei um frasco para Callum. — Traga-o rápido. Temos que ir!

Addie se virou para as aeronaves outra vez, e eu corri para a cerca, agarrando o metal e passando o corpo por cima. Corri rumo ao bosque, pulei por cima de uma tora caída, ainda segurando firme o antídoto. O buraco estava logo à frente, e eu rapidamente joguei as folhas e os galhos que o cobriam para o lado.

Callum estava deitado, embolado, na terra, os olhos semiabertos. Ele não se mexeu ou deu

qualquer indicação de que tinha me ouvido.

Entrei no buraco e o coloquei sentado. Ele estava mole, como uma casca vazia.

Enfiei a agulha no braço dele e injetei o líquido.

Nada aconteceu.

Ia levar um minuto. Era só isso. Rejeitei as alternativas ao desamarrá-lo e me sentar em seu colo. Coloquei as mãos em suas bochechas, minhas tentativas de respirar preenchendo o silêncio. A cabeça de Callum balançava para a frente e para trás enquanto ele olhava para o nada ao longe.

— Callum — sussurrei, passando meus dedos devagar pelo cabelo dele.

E se fosse tarde demais? E se não fosse o antídoto certo? Minha garganta se fechou, apertei os lábios para conter um grito. E se aquele humano tivesse me dado outra coisa? E se...

Callum respirou fundo e ergueu a cabeça de repente. Piscou algumas vezes, a cor voltando ao seu rosto.

A risada escapou da minha boca como um arquejo estranho; passei meus braços em volta do pescoço e pressionei meus lábios contra os dele. Fiz uma trilha de beijos por suas bochechas até ele rir também.

Levei as mãos à sua nuca e olhei em seus olhos.

— Está se sentindo bem? Está se sentindo normal de novo?

Um sorriso se espalhou pelo rosto dele. O sorriso grande, feliz e esperançoso que eu amava. Ele assentiu e se inclinou até seus lábios roçarem a minha bochecha.

— Você é surpreendentemente boa às vezes, sabia?

Eu ri e lhe dei outro beijo rápido antes de me levantar.

— Temos que sair daqui. — Enfiei meus dedos na terra e pulei para fora do buraco, virando-me para ajudar Callum.

Ele já havia escalado o buraco e estava de pé, vendo a cena diante de si com olhos arregalados.

Reboots corriam pelo gramado e oficiais estavam inconscientes no chão. Os fundos do prédio da CRAH estavam crivados de buracos de bala. Fumaça saía de várias janelas nos andares mais altos.

Estiquei o braço para pegar a mão de Callum. Saímos do bosque, pulamos a cerca e corremos pela grama.

— Para dentro! Para dentro! — berrou Addie. — Todo mundo, agora!

Não vi Tony nem os outros rebeldes em lugar nenhum. Parei perto de Addie a caminho da segunda aeronave.

— Tony? — gritei.

— Já foi. Eles conseguiram sair. — Ela bateu a porta traseira da aeronave e jogou o localizador da corporação para mim.

— Tenho outro aqui dentro para a minha aeronave.

— Obrigada. — Entreguei o localizador para Callum enquanto abria a porta do piloto da segunda aeronave. Fiz um gesto para que ele entrasse. Ele ergueu uma sobrancelha.

— Você vai pilotar?

— Só entre — respondi, com uma gargalhada. Ele subiu para o assento do carona, e eu entrei em seguida, fechando a porta com um clique. O painel à minha frente se parecia muito com o diagrama que Tony havia desenhado. A alavanca no meio nos fazia subir ou descer; os botões de ambos os lados serviam para a aterrissagem e a comunicação. Alguém já havia ligado a aeronave, portanto, tudo na minha frente estava iluminado, pronto para a decolagem.

Balas ricochetearam na porta, e eu olhei pela janela. Alguns oficiais perdidos cambaleavam pelo gramado. Agarrei rapidamente a alavanca do meio, como Tony havia ensinado, e a empurrei para cima.

Decolamos. Eu a empurrei mais e demos uma guinada. Ouvi os Reboots atrás, gritando e se chocando uns contra os outros, e Callum se agarrava ao painel à frente, mas me concentrei em voar, empurrando a alavanca para a frente para aumentar a velocidade.

— Tome — falei, puxando minha faca. — Dê o localizador para eles. Todos precisam tirar seus rastreadores o mais depressa possível.

Ele assentiu e desapareceu na parte de trás da aeronave. Empurrei a alavanca para a direita até poder ver a outra aeronave pairando não muito longe de nós. Segui sua liderança conforme ela virava para o norte.

Alguém tocou meu queixo, e eu pulei, virando-me para ver Callum. Ele sorriu ao desafivelar meu capacete e beijou minha bochecha.

— Estou pilotando — falei com uma risada enquanto ele me beijava de novo.

— Eu percebi. Que exibida — disse ele, com uma risadinha. — Só me salvar não era o bastante para você?

Dei um sorriso largo e ele me beijou. Callum se jogou no assento ao meu lado, nossos dois capacetes em seu colo. Atrás de mim, eu podia ouvir os tinidos à medida que os rastreadores caíam no chão da aeronave e os Reboots comemoravam.

— Nós sabemos para onde estamos indo? — indagou Callum, inclinando-se para olhar lá fora. A favela estava embaixo de nós, e alguns humanos já começavam a perambular.

— Addie está com o mapa; nós vamos segui-la — falei. — Mas sei mais ou menos a direção, caso a gente se separe.

A porta lateral da aeronave de Addie se abriu e pecinhas prateadas refletiram a luz do sol

enquanto caíam. Rastreadores.

— Ei! — berrei, virando-me na cadeira. — Joguem seus rastreadores pela porta! — Alguns Reboots assentiram e eu me ajeitei.

Passamos por cima da cerca da corporação nos limites de Austin, e eu me virei para olhar pela janela, à direita. O céu estava claro, e o prédio da CRAH ficava cada vez menor.

Soltei um longo suspiro ao observar Callum. Um sorriso começou a aparecer no meu rosto diante do entusiasmo dele. Concentrei-me no céu à minha frente de novo, agarrei a alavanca e empurrei-a só mais um pouco para a frente. Estávamos a certa distância de Addie, e eu apertei o botão *cruzeiro*. A nave seguiu avançando, e eu larguei a alavanca.

— Entããõooo...

Virei-me e vi uma garota mais ou menos da minha idade segurando os dois lados da porta do piloto, sorrindo. Ela inclinou a cabeça, seu rabo de cavalo escuro balançando.

— Estávamos meio que imaginando para onde iríamos. — Ela olhou de mim para Callum. — E quem são vocês.

Um Reboot mais jovem ficou na ponta dos pés para espiar por cima do ombro dela.

— Ouvi Addie dizer que ela era a 178.

— Sim — falei, estendendo a mão. — Wren 178.

Ela ergueu as sobrancelhas ao apertar a minha mão.

— Beth 142.

— Callum — disse ele. Não revelou seu número, mas eu percebi que ela olhou o pulso dele e franziu o cenho, confusa.

— Estamos indo para o norte — expliquei. — Na direção da antiga fronteira do Texas. Supostamente existe uma reserva Reboot lá.

Os Reboots atrás dela ficaram quietos, alguns se aproximaram para escutar.

— Onde os Reboots estão vivendo sozinhos? — perguntou Beth.

— É. Pelo menos foi o que ficamos sabendo. Nós temos um mapa.

Beth percorreu a aeronave com os olhos.

— Não acha que vai assustá-los, chegando, assim, em duas aeronaves da corporação?

— Vamos aterrissar a alguns quilômetros da reserva e andar até lá. — Omiti que foram os rebeldes humanos que sugeriram isso, para evitar que fôssemos abatidos a tiros. Podia lhes contar sobre eles mais tarde.

Beth olhou para mim e para Callum. O modo como todos ficavam em silêncio atrás dela me fez pensar que ela era um dos números mais altos nas instalações de Austin, se não o maior.

Ela soltou uma risadinha, recuando alguns passos.

— É um plano interessante. Espero que dê certo. — Ela balançou a cabeça na direção da janela da frente. — Vocês deveriam dar uma olhada.

Voltei minha atenção para a dianteira enquanto alguns Reboots entraram na área do piloto. As aeronaves não eram projetadas para voar muito alto, portanto, não estávamos muito acima das árvores. O terreno aberto se estendia à nossa frente, um lago cintilando ao longe. Podia ver trechos de velhas estradas desertas, onde folhagens invadiam o asfalto preto.

Callum inclinou-se, piscando para a cena à sua volta. Ele ainda estava um pouco pálido, mas, tirando isso, parecia normal.

— Está se sentindo bem? — perguntei, baixinho, aproximando-me até pousar a mão na perna dele.

Ele se virou, pegou minha mão e a beijou.

— Estou ótimo.

Callum deslizou uma das mãos pelo meu pescoço e se acercou até pressionar seus lábios contra os meus. Peguei sua mão, me derretendo com o beijo. Atrás de mim, alguém pigarreou.

— Vamos beijar ou voar? — indagou Beth, sua irritação com uma pitada de divertimento.

Eu me afastei de Callum com um sorriso largo.

— Certo. Voar.

A aeronave ficou um pouco mais silenciosa enquanto nos dirigíamos para o norte. Às vezes, um Reboot ia até mim para dar uma olhada na vista. A paisagem era quase toda de árvores e grama, mas, de vez em quando, havia um ou dois animais. Em certo momento, voamos por cima de um grupo grande de vacas e fiquei imaginando como os Reboots da reserva conseguiam comida. Caçavam? Cultivavam?

Os Reboots de Austin não ficaram muito tempo comigo e com Callum. Na maior parte do tempo sussurravam e lançavam olhares desconfiados na nossa direção. Eu, realmente, não podia culpá-los.

Muitos deles me fitavam, mas não se aproximavam para conversar. Passei o dedo por cima do 178 impresso no meu pulso.

— Você acha que os números vão ter importância lá? — indaguei, baixinho.

— Espero que não — disse Callum, recostando-se com um suspiro. — Quero dizer, acho que não. Foi a corporação que começou tudo isso.

Mas nós aceitamos. Nós nos separamos em grupos e agimos de acordo. Olhei para Beth, que estava de pé com duas garotas e um cara. Nem precisava perguntar para saber que eles faziam parte dos +120 das instalações de Austin. Seus rostos estavam sérios, as sobrancelhas franzidas ao escutar Beth. Os outros Reboots perambulavam ao redor, mas ninguém se aproximava muito.



Eu não fazia ideia de como os Reboots se dividiriam por conta própria. Talvez não o fizessem. Talvez Callum tivesse razão, e os números não importassem sem a CRAH por perto.

Ergui os olhos para ele e sorri, virando meu pulso para baixo para não ver meu número. Eu esperava que sim.

Callum se apurou de repente, apontando para a frente.

— Olhe.

Virei-me para sua janela e vi os restos de uma cidade. Era maior do que qualquer uma que eu tivesse conhecido e ficava bem no meio de um círculo de rodovias. De longe, partes da cidade pareciam intocadas, mas, ao chegar mais perto, vi os prédios destruídos.

— Que cidade era esta? — perguntei.

— Não sei. Acho que estamos muito a oeste para que seja a Dallas ou Fort Worth originais. — Ele me olhou com um sorriso. — Talvez vejamos uma delas a qualquer momento. Ouvi dizer que são gigantescas.

Nunca havia pensado em ir a nenhuma das velhas cidades. Não pensei que fossem atraentes, mas senti uma faísca de entusiasmo com a perspectiva.

— Talvez.

A aeronave de Addie começou a descer cerca de vinte minutos depois, e eu estendi a mão para Callum.

— Capacete. Coloque o seu também. — Olhei para os Reboots na parte de trás. — Coloquem os capacetes e se segurem!

— Mas não estou vendo nada — disse Callum em tom preocupado enquanto me entregava o meu capacete e afivelava o dele.

Percorri com os olhos a área à nossa frente. O terreno era bem plano, mas eu não conseguia enxergar tão longe.

— Vamos aterrissar a alguns quilômetros de distância — falei. — Ainda temos que andar uma boa parte.

Ele assentiu, dando mais uma olhada em volta ao nos dirigirmos para a terra.

— Vamos cair com certeza, não vamos?

Abri um sorriso largo para ele.

— Provavelmente.

Empurrei a alavanca para baixo e tentei descer a aeronave suavemente, mas o chão apareceu de repente, e batemos nele. Abracei o painel ao capotarmos uma, duas, três vezes. Acabamos de lado; Callum ficou amassado contra a janela. Quando soltei meu cinto de segurança, caí em cima dele.

— Desculpe — falei, com uma risada, agarrando as beiradas do assento do piloto para me

impulsionar até a porta. Empurrei-a para abrir e rastejei para fora, aterrissando na terra vermelho-alaranjada. A aeronave de Addie escorregou alguns metros adiante, e eu apertei os olhos para ela, contra o sol. Ela também fizera uma aterrissagem forçada, mas, pelo menos, não capotaram. O terreno era plano e seco, e o céu se estendia infinitamente acima da terra vermelha.

Um vento forte bateu no meu rosto. Estendi a mão para Callum e ele pulou para fora. Quando abri a porta traseira da aeronave, os Reboots estavam todos uns em cima dos outros, mas sorrindo e arregalando os olhos, tentando absorver a cena atrás de mim. Conversavam alegremente ao saírem.

— Ei, bela aterrissagem! — gritou Addie. Eu me virei e a vi de pé, ao lado de sua aeronave, sorrindo.

Ri e encolhi os ombros.

— Ainda estão todos vivos!

— É uma meta meio baixa para si mesma, não é? — perguntou Beth, socando meu ombro de brincadeira quando eu a ajudei a sair da nave.

Eu ri novamente, e o som ecoou no silêncio. As conversas e as risadas cessaram de uma só vez. Todo mundo ficou em silêncio.

Callum tocou meu braço; eu me virei e o vi sorrindo.

Ele apontou para a frente, para uma grande placa de madeira.

## **TERRITÓRIO REBOOT HUMANOS, VÃO EMBORA**

# AGRADECIMENTO

Tantas pessoas ajudaram a levar *reboot* às mãos dos leitores e sou eternamente grata a todos vocês. Obrigada a:

Minha agente, Emmanuelle Morgen, que teve uma fé inacreditável em *Reboot* e trabalhou muito para que Wren e Callum achassem um bom lar editorial. E obrigada a Alison, Ellen, Judy e Sarah, da Stonesong, por seu entusiasmo e apoio!

Minha editora, Kari Sutherland, por sua visão editorial e impressionante atenção aos detalhes. Este livro realmente ficou muito melhor nas suas mãos. E obrigada a Farrin Jacobs, Alice Jerman e toda a equipe da Harper, por tomarem conta de mim e de *Reboot* tão bem.

Lucy Stille e Lane Shefter-Bishop, pelo trabalho incrível que fizeram com os direitos do livro para o cinema, e todo mundo na Paradigm, dos meus amigos da sala de correspondência ao diretor, que veio comemorar comigo. E obrigada, Lindsey e Peggy, por me proporcionarem dias felizes no trabalho, deixando-me revigorada e pronta para escrever esta história à noite.

A todos os outros escritores que fizeram esta viagem comigo: aos Lucky 13s, por responderem a todas as minhas perguntas (mesmo as idiotas) e me apoiarem maravilhosamente. Natalie, Kim, Michelle, Amy, Ruth, Corinne, L.J., Deborah, Gemma, Lorri e Stephanie — obrigada por compartilharem suas histórias comigo e ouvirem a minha.

John T., Sara e Sean, por se oferecerem para ler e criticar não apenas *Reboot*, mas o último livro; Vong e Hannah R., por seus comentários sobre a primeira parte do manuscrito; e Hannah P., por ser a primeira fã de *Reboot* e observar que eu estava usando o possessivo errado (você tinha razão). A todos os meus amigos que leram o meu trabalho, comemoraram comigo e não ficaram zangados quando eu não saía aos domingos — Michelle e Josh, Sara e Sean, Mely e JP. Obrigada por aturarem a minha esquisitice!

A minha família, por sempre me encorajar a escrever, mesmo quando eu rascunhava romances à mão. Agradeço à minha mãe e ao meu pai, por compartilharem comigo o amor

pela leitura e permitirem que eu fosse atrás dos meus sonhos.

Mike, obrigada por seu otimismo e entusiasmo inabaláveis e por nunca ficar zangado quando eu o ignorava para passar o tempo com pessoas imaginárias.

E minha irmã, Laura, a primeira pessoa a me dizer que amava *Reboot* e a única pessoa que leu cada livro ruim que veio antes. Obrigada por ser minha primeira e melhor parceira de críticas.

# Reboot

<http://www.skoob.com.br/livro/272576>

*Good reads da autora*

[http://www.goodreads.com/author/show/5768611.Amy\\_Tintera](http://www.goodreads.com/author/show/5768611.Amy_Tintera)

*Twitter da autora*

<https://twitter.com/amytintera>

*Facebook da autora*

<https://www.facebook.com/amytinterabooks>

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub  
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

# SUMÁRIO

CAPA
ROSTO
CRÉDITOS
DEDICATÓRIA
UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
CATORZE
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
VINTE E UM
VINTE E DOIS
VINTE E TRÊS
VINTE E QUATRO
VINTE E CINCO
VINTE E SEIS
VINTE E SETE
VINTE E OITO

VINTE E NOVE  
TRINTA  
TRINTA E UM  
TRINTA E DOIS  
TRINTA E TRÊS  
AGRADECIMENTO  
SAIBA MAIS  
COLOFON